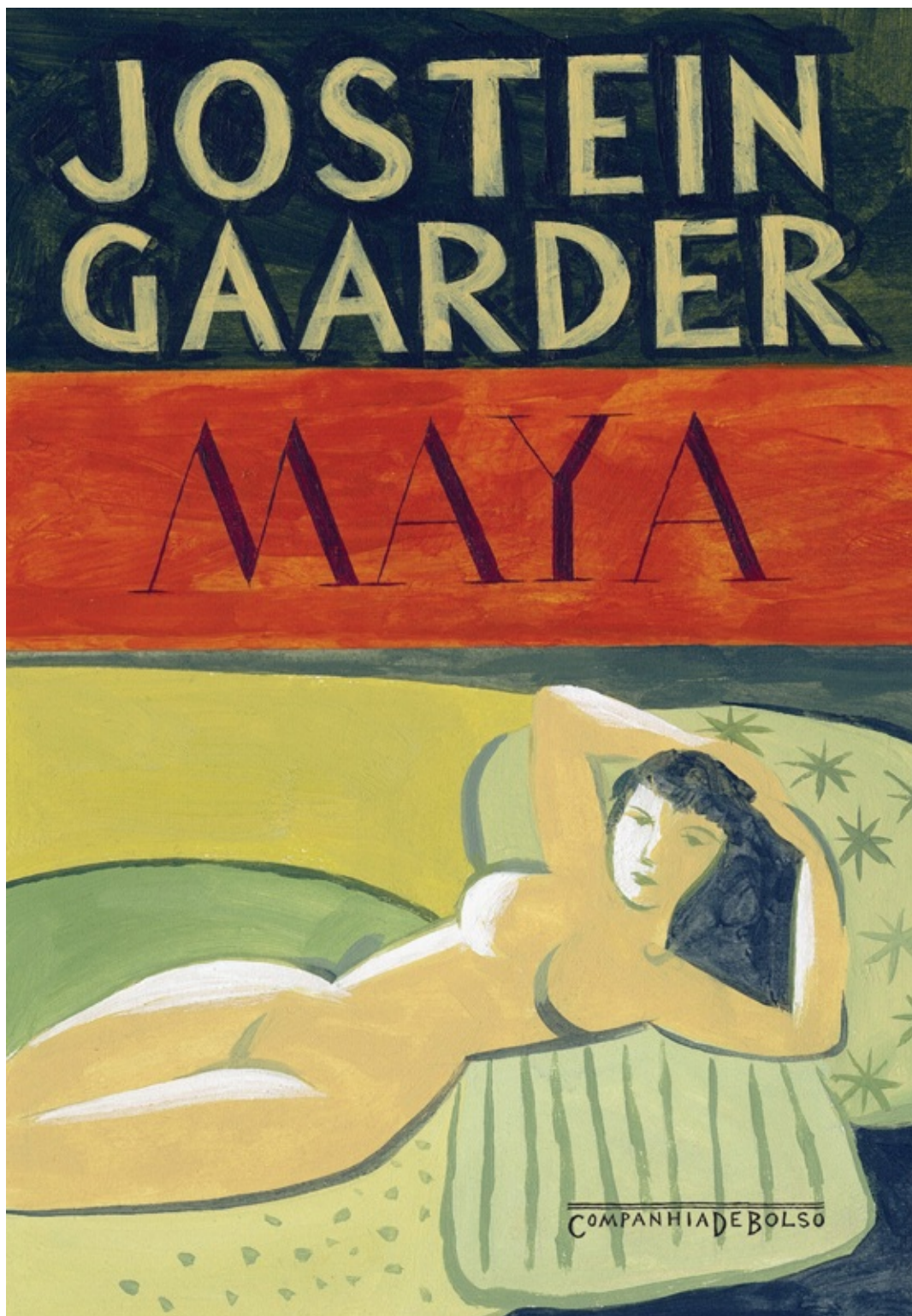






JOSTEIN GAARDER

MAYA

Romance

Tradução

Eduardo Brandão



Copyright © 2000 by Jostein Gaarder e H. Aschehoug & Co.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

Maya

Tradução, autorizada pelo autor, a partir da versão espanhola de Kirsti Baggethun e Assunción Lorenzo, Editora Siruela

Capa

Jeff Fisher

Preparação

Márcia Copola

Revisão

Gabriela Morandini

Juliane Kaori

ISBN 978-85-8086-189-1

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Para Siri

SUMARIO

Prólogo

A CARTA A VERA

Vê melhor quem vê por último

A falta de espanto de Adão

Anfíbios de vanguarda

Homem-mosquito para um geco

O enfastiado meio-irmão do neandertal

Cúpula no trópico

A pomba cor de laranja

Você optou por dividir a dor em duas

Bellis perennis

O anão e o retrato mágico

A lógica é pobre demais em ambivalência

Epílogo de John Spooke

Manifesto

Sobre o autor

PROLOGO

JAMAIS VOU ESQUECER aquela úmida e tempestuosa manhã de janeiro de 1998 em que Frank aterrissou em Taveuni, uma pequena ilha do arquipélago Fiji. Trovejara a noite inteira, e, antes do café da manhã, os donos do Maravu Plantation Resort tiveram de cuidar do conserto de um problema na instalação elétrica. Como a câmara frigorífica corria perigo, ofereci-me para ir de carro a Matei buscar os novos hóspedes, que chegariam à linha de mudança de data no voo da manhã, vindos de Nadi. Angela e Jochen Kiess aceitaram agradecidos minha ajuda, e Jochen me elogiou dizendo que numa situação crítica sempre se podia contar com um britânico.

O sério norueguês chamou minha atenção assim que entrou no jipe em companhia de um casal de americanos. Tinha cerca de quarenta anos, estatura mediana e cabelos louros, como a maioria dos escandinavos, mas olhos castanhos e um semblante um tanto abatido. Apresentou-se como Frank Andersen, e lembro que cheguei a pensar que talvez pertencesse àquela rara categoria de seres humanos que a vida toda se sentem oprimidos na Terra pela brevidade da existência e pela falta de espírito. Essa suposição se dissipou quando, naquela mesma noite, soube que ele era biólogo evolutivo. Para quem já tem certa predisposição à melancolia, a biologia evolutiva deve ser uma ciência bem pouco reconfortante.

Sentado à escrivaninha na minha casa de Croydon, olho para um cartão-postal amassado, datado de Barcelona, 26 de maio de 1992. O postal mostra uma foto da Sagrada Família, a catedral inacabada de Gaudí, e traz no verso:

Meu querido Frank,

chegarei a Oslo terça, mas não vou sozinha. Tudo vai ser diferente a partir de agora, você tem que estar preparado. Não me chame! Quero sentir seu corpo antes que haja palavras entre nós. Lembra da bebida mágica? Logo você vai tomar algumas gotas. Às vezes tenho medo. Será que eu e você podemos fazer alguma coisa para aceitar que a vida seja tão breve?

Sempre sua,
Vera.

Frank me mostrou de repente o postal com aquelas torres altas uma tarde em que tomávamos cerveja no bar do Maravu. Eu tinha lhe contado que perdera Sheila alguns anos antes, e Frank continuou ali, sentado, por um bom momento, até que com um gesto brusco tirou a carteira do bolso e puxou um cartão-postal dobrado, que imediatamente desdobrou e pôs em cima da mesa. O texto estava escrito em espanhol, mas o norueguês traduziu palavra por palavra. Parecia precisar da minha ajuda para assimilar o que acabava de traduzir.

— Quem é Vera? — perguntei. — Vocês eram casados?

Aquiesceu com um movimento de cabeça.

— A gente se conheceu na Espanha, no fim dos anos 80. Passados alguns meses, já vivíamos juntos em Oslo.

— E o relacionamento terminou?

Negou com a cabeça, mas disse:

— Ela voltou a Barcelona dez anos depois. Foi no outono passado.

— Vera não é um nome tipicamente espanhol — objetei. — Nem catalão.

— É o nome de um povoado da Andaluzia — explicou. — Segundo sua família, ela foi concebida lá.

Examinei o postal.

— Ela foi a Barcelona visitar a família?

De novo negou com a cabeça.

— Foi apresentar sua tese de doutorado.

— Não diga.

— Sobre as migrações da espécie humana a partir da África. Vera é paleontóloga.

— E quem ela levou a Oslo?

Frank olhou para o fundo do copo.

— Sonja — disse sem mais nem menos.

— Sonja?

— Nossa filha, Sonja.

— Quer dizer que vocês têm uma filha?

Apontou para o postal.

— Foi assim que fiquei sabendo que Vera estava grávida.

— De você?

Estremeceu.

— A menina era minha filha, sim.

Compreendi que alguma coisa devia ter ido mal e tentei adivinhar o que poderia ter acontecido. Mas eu tinha outro ponto de referência e falei:

— E a tal “bebida mágica”, da qual você ia provar algumas gotas? Soa bastante tentador.

Hesitou. Depois sorriu com certa timidez antes de negar a importância daquilo.

— Nada, bobagem, coisas da Vera.

Chamei o garçom e pedi outra cerveja. Frank mal havia tocado na dele.

— Conte — pedi.

E Frank contou:

— Tínhamos em comum a mesma sede intransigente de vida. Ou será que devo chamar isso de “ânsia de eternidade”? Não sei se compreende o que quero dizer.

Claro que compreendia. Senti o coração bater no peito e pensei que devia me acalmar. Ergui a palma da mão para lhe dar a entender que não precisava me explicar o que era a ânsia de eternidade. Ele entendeu. Aparentemente, não era a primeira vez que Frank tentava explicar o que queria dizer com aquela história de ânsia de eternidade. Acrescentou:

— Nunca tinha encontrado numa mulher essa necessidade irresistível. Vera era uma pessoa calorosa e realista. Mas também vivia metida no seu mundo, melhor dizendo, no mundo da paleontologia. Era das que se orientam mais verticalmente do que horizontalmente.

— Como?

— Não lhe interessava o que acontece na rua ou no espelho. Era bonita, muito bonita. Mas nunca a vi folheando uma revista feminina.

Ele continuava sentado, mexendo a cerveja com o dedo.

— Contou-me que, quando jovem, tinha tido muitas fantasias sobre uma bebida mágica que lhe concederia a vida eterna quando tivesse bebido a metade da dose. Assim, disporia de um tempo ilimitado para encontrar o homem a quem daria a outra metade e poderia ter certeza que um dia encontraria esse homem da sua vida, se não na semana seguinte, pelo menos depois de cem ou mil anos.

Aponte para o postal.

Frank sorriu com resignação:

— Quando voltou de Barcelona, naquele verão de 92, declarou solenemente que, de uma maneira ou de outra, tínhamos tomado algumas gotas da bebida mágica com que sonhava desde pequena. Pensava no filho que ia nascer. Algo de nós dois já tinha começado a viver sua própria vida, dizia ela. Algo que talvez desse frutos durante milhares de anos.

— A posteridade, você quer dizer?

— Sim, era nisso que ela pensava. De fato, todos os seres humanos da Terra descendem de uma mulher que viveu na África faz algumas centenas de milhares de anos.

Tomou um gole de cerveja, e como não disse mais nada por um bom tempo, tentei fazê-lo prosseguir.

— Continue, se quiser — falei.

Olhou-me nos olhos. Foi como se, por um instante, avaliasse se eu era ou não um homem em quem poderia confiar. Continuou:

— Quando chegou a Oslo, me garantiu que não teria hesitado em compartilhar comigo a bebida mágica, se a tivesse. Obviamente não me deu nenhuma “bebida mágica”, mas, de todo modo, eu vivi aquilo como um grande momento. Considerei uma coisa sublime o fato de que ousasse fazer uma escolha irreversível.

Com um gesto de cabeça, declarei-me de acordo.

— Já não é comum as pessoas se prometerem fidelidade eterna. Ficam juntas no que é bom, mas logo que vem o que é ruim, muitas simplesmente se separam.

Pareceu de repente um pouco irritadiço:

— Creio que me lembro literalmente do que ela disse: “Para mim só existe um homem e uma Terra, e se sinto isso tão intensamente, é porque só vivo uma vida”.

— Que declaração mais singular — disse eu. — E o que aconteceu em seguida?

Foi bem seco. Depois de esvaziar o copo de cerveja, contou-me que tinham perdido Sonja quando ela estava com quatro anos e meio, e que, desde então, a convivência dos dois se tornara impossível. Era muita dor sob o mesmo teto, explicou Frank. E ficou contemplando o coqueiral.

Não falou mais no assunto, apesar de eu ter feito algumas tentativas discretas para retomá-lo.

A conversa também foi interrompida de certo modo por um sapo enorme que pulou para o deck em que estávamos. Ouviu-se um “chap!”, e o contrariado sapo sentou debaixo da mesa, entre as nossas pernas.

— Um sapo-cururu — esclareceu o norueguês.

— Sapo-cururu?

— Ou *Bufo marinus*. Foram importados do Havaí faz pouco tempo, em 1936, para combater a grande quantidade de insetos nas plantações de cana-de-açúcar, e se deram muito bem aqui.

Apontou para o coqueiral, onde descobrimos outros quatro ou cinco exemplares. Minutos depois, pude contar até dez ou doze sapos na relva úmida. Já estava na ilha fazia muitos dias, mas nunca tinha visto tantos sapos juntos. Tive a sensação de que era Frank quem os atraía, e não passou muito tempo até eu poder contar mais de vinte exemplares. Senti uma espécie de aversão ao ver tantos sapos juntos.

Acendi um cigarro.

— Continuo pensando nessa bebida de que você falou — disse. — Nem todo mundo ousaria prová-la. Acho que a maioria não provaria.

Pus o isqueiro na mesa, apontei para ele e sussurrei:

— Esse é um isqueiro mágico. Se você o acender agora, viverá eternamente na Terra.

Ele me encarou fixamente, sem sorrir. Suas pupilas pareceram se iluminar.

— Mas tem que pensar muito bem nisso — precisei —, porque só vai ter uma oportunidade e nunca poderá voltar atrás na decisão que tomar.

— Não tem importância — replicou com altivez, e não tive certeza da escolha que ele faria.

— Quer viver até a idade normal do ser humano? — perguntei solenemente. — Ou quer ficar na Terra por todos os séculos dos séculos?

Frank ergueu o isqueiro lenta mas decididamente e o acendeu.

Aquilo me impressionou. Fazia quase uma semana que eu estava na ilha, e finalmente não me sentia tão só.

— Não somos muitos — comentei.

Afinal sorriu, um sorriso largo. Creio que nosso encontro o surpreendeu tanto quanto a mim.

— Não, parece que não somos tantos assim — admitiu.

Endireitou-se e me estendeu a mão por cima do copo de cerveja.

Foi como se tivéssemos confiado um ao outro que pertencíamos à mesma ordem seleta. Nem a Frank nem a mim metia medo a ideia de viver eternamente. O que nos aterrorizava era o contrário.

Faltava pouco para o jantar, e insinuei que devíamos celebrar a confraternização com um drinque. Sugeriu um gim puro, e ele concordou.

Os sapos continuaram se multiplicando no coqueiral, e voltei a sentir nojo. Confessei a Frank que ainda não tinha me acostumado com os gecos no quarto.

Chegaram os copos de gim, e enquanto o pessoal começava a arrumar as mesas para o jantar, continuávamos sentados, brindando aos anjos do céu. Também brindamos àquele pequeno grupo de pessoas que não era capaz de reprimir sua inveja dos anjos por viverem eternamente. Por fim, Frank apontou para os sapos do coqueiral. Julgou que, por educação, também deveríamos fazer um brinde a eles.

— Afinal de contas, são nossos irmãos de sangue — comentou. — Somos mais aparentados a eles do que aos anjos do céu.

Frank era assim. Um sujeito excepcional mas que tinha os pés solidamente plantados no chão. No dia anterior tinha me confessado que não se sentira nada à vontade no táxi aéreo que o levava de Nadi a Matei. Os ventos estavam extremamente desfavoráveis, disse, e ainda por cima não gostara nem um pouco de saber que não havia copiloto no avião.

Enquanto bebíamos, o norueguês me contou que em fins de abril participaria de um congresso na velha cidade universitária de Salamanca e que na véspera tomara conhecimento, por um telefonema à secretaria do congresso, de que Vera também tinha se inscrito. Mas não sabia se ela estava a par de que iriam se encontrar em Salamanca.

— E você, espera que isso aconteça? — perguntei. — Espera poder se encontrar com Vera em abril?

Ele não respondeu. Também pude notar se assentiu com um gesto de cabeça.

Naquela noite, todas as mesas do restaurante do Maravu se juntaram,

formando uma comprida e única mesa. A ideia fora minha, pois muitos dos hóspedes eram pessoas sozinhas. Quando Ana e José entraram, lancei um derradeiro olhar para o cartão-postal com as oito torres antes de devolvê-lo a Frank.

— Pode ficar com ele! — exclamou. — Eu me lembro de cada palavra.

Não me passou despercebido o tom amargo da sua voz, e tentei fazê-lo mudar de ideia. Mas ele não se deixou convencer. Soou como se tivesse tomado uma decisão importante quando disse:

— Se eu o guardar, em algum momento poderia picá-lo em pedacinhos; por isso é melhor você ficar com ele. E, depois, quem sabe não voltamos a nos ver em algum lugar?

Apesar disso, decidi que o devolveria no dia em que Frank fosse embora. Mas na manhã em que ele deixou o Maravu, muitas coisas aconteceram.

Encontrar-me novamente com o norueguês quase um ano depois foi um desses acasos estranhos que condimentam a existência e criam a esperança de que, apesar dos pesares, existem forças ocultas que conduzem nossas vidas fora de cena e de vez em quando dão uma puxadinha nos fios do destino.

O acaso quis que eu já não tenha diante dos meus olhos apenas um velho cartão-postal. Desde hoje conto também com uma longa carta que Frank escreveu a Vera depois de encontrá-la em abril. Considero uma vitória pessoal o fato de esse documento escrupuloso estar enfim em minhas mãos, o que com certeza não teria acontecido se uma coincidência extraordinária não tivesse me levado a topar com Frank em Madri. Aliás, encontrei-o no mesmo hotel em que ele havia escrito a carta a Vera em maio. Nosso encontro ocorreu no Hotel Palace, no mês de novembro de 1998.

Na carta a Vera, Frank descreve vários episódios que nós dois tínhamos vivido naquela ilha do arquipélago Fiji. Centralizava a carta, logicamente, em Ana e José, mas também fazia referência a algumas conversas que ele e eu tivemos a sós.

Já que resolvi trazer a lume essa longa carta, poderia me sentir tentado a interromper o relato de Frank com comentários adicionais meus. Mas optei por apresentar a carta a Vera em sua totalidade e

acrescentar um amplo epílogo.

Naturalmente, estou muito contente por possuir essa missiva, sobretudo porque ela me permitiu estudar as cinquenta e duas máximas do manifesto. Permito-me precisar que não me apoderei de uma carta pessoal. Não é o caso, de maneira nenhuma. Mas também sobre essa questão falarei no epílogo.

Faltam apenas alguns meses para entrarmos no século xxi. Parece-me que o tempo passa depressa demais. Parece-me que o tempo passa cada vez mais depressa.

Desde que eu era pequeno — o que não faz tanto tempo assim —, sabia que teria sessenta e sete anos se chegasse a viver a mudança de milênio. Esse sempre foi para mim um pensamento fascinante e aterrador ao mesmo tempo. Tive de me despedir de Sheila neste século. Ela só chegou a fazer cinquenta e nove anos.

Talvez volte a visitar a ilha da linha de mudança de data antes da passagem de século. Estou pensando em encerrar a carta a Vera numa cápsula do tempo, para que aí permaneça selada por mil anos. Quem sabe não se deva publicá-la até então, e o mesmo se pode dizer do manifesto. De qualquer modo, mil anos não são nada se comparados aos enormes períodos de tempo esboçados pelo manifesto. No entanto, mil anos são mais que suficientes para que se tenha apagado grande parte dos vestígios do que agora vivemos na Terra, e a história de Ana María Maya parecerá, na melhor das hipóteses, uma saga de um passado remoto.

Sou velho o bastante para não me incomodar com o momento em que virá à luz o que quero contar. O mais importante é que seja contado, mais cedo ou mais tarde, e tampouco é necessário que seja eu a contar. Talvez por isso mesmo eu tenha começado a ruminar a ideia de uma cápsula do tempo. Espero que daqui a mil anos haja um pouco menos de barulho no mundo.

Depois de ter lido mais uma vez a carta a Vera, sinto-me por fim capaz de organizar as roupas de Sheila. Já chegou a hora. Amanhã de manhã virão algumas pessoas do Exército da Salvação buscar tudo. Vão levar também os vestidos velhos, embora eu não acredite que consigam vendê-los. É uma sensação parecida com a de remover um ninho de

andorinhas em que faz anos não há nenhum passarinho.

Logo terei me acostumado à vida de viúvo. Também é uma forma de existir. Ao olhar para a grande foto em cores de Sheila, já não estremeço tanto quanto antes.

Apesar de toda essa retrospectão que preencheu minha vida nos últimos tempos, pode parecer um paradoxo o fato de que nem mesmo agora eu teria hesitado em tomar a bebida mágica de Vera. Teria tomado sem pestanejar, mesmo sem ter certeza de encontrar uma pessoa a quem pudesse dar a outra metade. Para Sheila é tarde demais. Ela não recebeu muito mais do que quimioterapia no último ano de vida.

Amanhã tenho um encontro. Convidei Chris Batt para jantar. Chris é o bibliotecário-chefe da nova biblioteca aqui de Croydon. Sou um dos seus frequentadores mais assíduos. Parece-me ser uma grande honra para este bairro contar com uma biblioteca moderna, com escadas rolantes ligando os andares. Chris é um homem muito ativo. Não creio que ele tivesse acendido aquele isqueiro no bar do Maravu. Também não teria sentido nojo ao ver todos aqueles sapos.

Resolvi perguntar a Chris se ele acha que o prólogo de um livro deve ser escrito antes ou depois de se escrever o livro. Minha teoria é que o prólogo deve ser escrito no fim de todo o processo. Isso estaria em consonância com outra coisa em que tenho pensado, sobretudo depois de ler a carta de Frank.

Transcorreriam centenas de milhares de anos desde o momento em que os primeiros anfíbios saíram da água até aquele em que um ser vivo deste planeta fosse capaz de descrever o que aconteceu então. Hoje por fim podemos escrever o prólogo da história da humanidade, isto é, muitíssimo tempo depois de a história, em si, ter acabado. Dessa maneira, a essência das coisas morde o próprio rabo. Talvez isso seja válido para todos os processos de criação, inclusive o das composições musicais. Imagino que a última coisa que se compõe numa sinfonia é o seu compasso inicial. Vou perguntar a Chris o que ele acha disso. Ele tem muito senso de humor, e também acho que é um homem sábio. Duvido que Chris Batt seja capaz de mencionar uma só opereta cuja abertura tenha sido composta antes de a opereta estar terminada em sua versão derradeira e final. Só se tem uma visão global de uma sucessão de fatos quando estes deixam de ter utilidade.

Quem tiver a pretensão de entender o destino tem de sobreviver a ele.

Não sei se Chris Batt entende muito de astronomia, mas vou lhe perguntar o que acha do seguinte breve resumo da história deste nosso Universo:

O aplauso à grande explosão só chegou quinze bilhões de anos depois de a explosão ocorrer.

Em seguida, a carta a Vera está reproduzida em sua totalidade.

Croydon, junho de 1999
John Spooke

A CARTA A VERA

Querida Vera,

já se passaram algumas semanas desde que nos vimos, e levando em conta o que aconteceu na última noite, talvez você ache que já é hora de saber algo de mim. O que acontece é que tive de esperar todos os fios estarem atados.

Como sabe, fiquei em Salamanca depois do congresso porque tinha certeza, certeza total, de que eram eles que eu tinha visto debaixo da ponte que cruza o Tormes. Você achava que eu estava brincando, pensava que eu estava inventando histórias para entretê-la antes de voltarmos ao hotel. Mas foram Ana e José que eu vi, e não podia deixar a cidade sem reservar um ou dois dias para tentar encontrá-los de novo. Já na manhã seguinte topei com eles na plaza Mayor, mas não vou adiantar os acontecimentos: calculei expor tudo a você na ordem cronológica.

Encontrei José cerca de dez dias depois no Museu do Prado, em Madri, e era como se ele estivesse me procurando pelas salas enormes. No dia seguinte, quer dizer, nessa mesma manhã, voltamos a nos encontrar. Eu estava sentado no Parque del Retiro repassando mentalmente tudo o que ele tinha me contado, embora ainda faltassem algumas peças do quebra-cabeça, quando ele de repente apareceu diante de mim — como se alguém o tivesse avisado dos meus passeios diários —, sentou-se a meu lado e ficamos horas no banco, até que o acompanhei, atravessando o parque, até a estação de Atocha. Justo ao sair correndo para pegar o trem, ele me deu uma porção de fotos, e, de volta ao hotel, descobri que havia algo escrito no verso de cada uma delas. Era o manifesto, Vera! Eu tinha todo o baralho cabalístico nas mãos.

Por causa do que José me contou no Parque del Retiro e, sobretudo, do que me entregou antes de desaparecer tão apressadamente, não posso deixar esta cidade sem antes contar a você toda a história. São duas horas da tarde, e sei que não vou conseguir dormir muito esta noite. Servem-me o café e algo de comer no quarto, e não tenho outro plano além de mandar esta carta para você antes de arrumar as malas e ir para Sevilha, sexta de manhã.

Preocupa-me um pouco o fato de que talvez você só entre na internet mais tarde, e fico tentado a ir enviando este relatório por partes. Mas você vai receber tudo de uma vez só: ou tudo ou nada. Ocorreu-me que eu poderia lhe mandar um e-mail dizendo que amanhã pela manhã você receberia uma mensagem. Mas não sei se você deseja continuar tendo notícias minhas. Além do mais, terei de me esforçar bastante para que acredite nesta história e, como sabe, ainda não a escrevi.

Fui envolvido nesta teia de aranha em Fiji e não me lembro mais do que contei a você, pois só nos vimos alguns dias, e creio que nos pareceu, tanto a mim como a você, mais adequado manter certa distância, por razões de decoro. Lembro que, quando julguei ter avistado aquele estranho casal em Fiji, tudo começou a se mover como uma avalanche, mas sou incapaz de me lembrar do que contei ou deixei de contar a você, porque você me interrompia o tempo todo com suas gargalhadas, já que pensava que tudo era uma invenção minha, que eu estava improvisando, como numa espécie de espetáculo noturno, com o único fim de retê-la a meu lado junto do rio.

Você vai se perguntar o que Ana e José têm a ver comigo, ou conosco, se preferir. E eu vou lembrar-lhe um postal que certa vez você me mandou de Barcelona. “Será que eu e você podemos fazer alguma coisa para aceitar que a vida seja tão breve?”, você escreveu. Agora sou eu que faço a pergunta, mas para respondê-la tenho de falar primeiro de Ana e José. Para compreender o alcance da minha tarefa, você terá inclusive de retroceder comigo um pouco mais no tempo, talvez até o Devoniano, período em que entraram em cena os primeiros anfíbios. Na minha opinião, é aí que começa esta história.

Independentemente do que venha a acontecer conosco, vou pedir um favor a você. Instale-se bem confortavelmente e leia, leia!

VE MELHOR QUEM VE POR ULTIMO

A ÚLTIMA ETAPA DA EXPEDIÇÃO de dois meses pelo Pacífico era Taveuni, uma das ilhas Fiji. Minha missão consistia em estudar como as espécies vegetais e animais importadas intervieram no equilíbrio ecológico. Trata-se de passageiros clandestinos como ratos e camundongos, insetos e lagartixas, assim como de uma importação mais ou menos planejada de espécies como o opossum e o mangusto, feita para pôr em xeque outras espécies, em particular os bichos relacionados a novas formas de agricultura. Um terceiro grupo é constituído de animais domésticos extraviados, como gatos, cabras, porcos, não esquecendo as descuidadas fontes de carne — ou presas de fácil acesso — representadas por animais herbívoros como coelhos e corços. No que se refere às plantas, tanto decorativas como alimentícias, a lista das espécies importadas é tão longa e, além disso, varia tanto de ilha a ilha, que não vale a pena citar nomes.

A parte sul do Pacífico é um paraíso para a realização desse tipo de estudo, pois essas ilhas isoladas mantinham cada uma, até bem pouco tempo atrás, seu antiquíssimo equilíbrio ecológico com uma rica variedade de espécies vegetais e animais endêmicas. Hoje em dia, proporcionalmente à sua superfície e a seu número de habitantes, a Oceania tem a maior porcentagem de espécies animais em perigo de extinção. Esse fato não se deve unicamente à importação de novas espécies, mas também ao desflorestamento e à exploração imprudente de plantações, que causaram uma erosão fatal da terra, o que em última instância arruinou os habitats tradicionais.

Várias das ilhas que visitei não haviam praticamente estado em contato com a cultura europeia até há pouco mais de cem anos. Estamos diante da última grande vaga de colonização ocidental. É óbvio que cada ilha, cada novo assentamento e cada pequeno porto têm sua própria história. Apesar disso, as consequências ecológicas tiveram o mesmo e triste denominador comum: os clandestinos dos navios — ratos, camundongos e insetos — foram como uma praga ecológica que chegou com as primeiras embarcações. Para sanear os efeitos daninhos dessas espécies importadas, procedia-se à importação

de uma nova espécie, por exemplo, sapos, que manteriam sob controle certos insetos, sobretudo nas plantações de cana, ou se importavam felinos a fim de combater os ratos. Essas espécies se transformariam mais tarde numa peste pior ainda do que tinham sido os ratos e os insetos, levando à importação de uma nova espécie de animais predadores, com a função de manter sob controle sapos, cobras e ratos. Esses animais logo se tornavam uma catástrofe ecológica para muitas espécies de aves, entre outras, mas também para muitos dos répteis autóctones, o que trazia consigo a necessidade de uma espécie de predador ainda maior, e assim por diante, Vera. Hoje em dia, tem-se mais fé em venenos, vírus e formas distintas de esterilização; em outras palavras, na guerra química e biológica. Mas não se compõe uma nova cadeia trófica num abrir e fechar de olhos, e até se pode perguntar se isso é factível. Por outro lado, é triste verificar como é fácil acabar com o equilíbrio ecológico construído pela natureza durante muitos milhões de anos. Mas a insensatez do mundo não tem mais limites nem fronteiras. Penso nessa arrogante insensatez dos sabichões, uma espécie de miopia do engenho, tão maravilhosamente subdesenvolvida entre aborígenes, maoris e melanésios, antes de eles se transformarem em apêndices do homem branco. Penso na insensatez da cobiça e do lucro. Hoje em dia se empregam eufemismos como “globalização” e “acordos comerciais”. Isso implica que a comida já não se define como alimento, e sim como mercadoria. Onde outrora as pessoas podiam comer o que colhiam em seus campos, hoje se cultivam cada vez mais produtos inúteis, a que somente os países mais ricos do mundo podem ter acesso. Não vivemos mais da natureza. Foi-se o tempo dos paraísos.

De resto, você conhece de sobra meu velho interesse pelos répteis. Foi um fascínio pueril pela vida neste planeta há cem ou duzentos milhões de anos que me tornou biólogo, e isso muito antes da moda dos dinossauros, que surgiu por volta de dez ou quinze anos atrás. Eu queria compreender por que todos esses répteis altamente especializados se extinguíram de repente. Além disso, obcecava-me uma pergunta que desde então nunca me saiu da cabeça: o que teria acontecido se os dinossauros não tivessem se extinguido? O que teria acontecido nesse caso com todos esses mamíferos parecidos com os musaranhos, dos quais você e eu descendemos? Mas sobretudo: o que teria acontecido

com os dinossauros?

Na Oceania, tive a oportunidade de estudar várias espécies antigas de répteis. Muito especial foi o arcaico tuatara, encontrado em algumas ilhas isoladas da Nova Zelândia. Embora me arriscando a ofendê-la um pouco, atrevo-me a confessar que experimentei um sentimento quase religioso ao contemplar um dos vertebrados vivos mais antigos se desenvolver nos restos dos velhos bosques do antigo continente da Gonduana. Esses répteis de idade avançada vivem em tocas subterrâneas, muitas vezes compartilhadas com algum petrel. Podem medir até setenta centímetros de comprimento, têm uma temperatura corporal singularmente baixa — nove graus — e podem viver mais de cem anos. Quando você o vê de noite, é como se retrocedesse ao Jurássico, na época em que a Laurásia se separou da Gonduana, e os grandes dinossauros mal haviam começado a se desenvolver. Era então que os rincocéfalos se distinguiam das outras famílias de sáurios como uma família de répteis pouco numerosa, mas sumamente resistente. Seu único representante vivo, o tuatara, conservou-se espetacularmente inalterado por cerca de duzentos milhões de anos.

Preciso tomar fôlego, Vera. O tuatara não é um fato menos notável do que se, de repente, alguém encontrasse um arqueópterix vivo numa dessas ilhas isoladas. É certo que algo parecido ocorreu no Leste da África do Sul, no dia 22 de dezembro de 1938, quando um barco pesqueiro pegou em suas redes um crossopterígio, o chamado latimeriídeo. O grupo de peixes com aletas em forma de ramalhete, tão importante para a evolução, simplesmente porque deles descendemos, você e eu, e todos os outros vertebrados terrestres, só estava documentado por achados fósseis até o Natal de 1938, e se acreditava que havia se extinguido fazia quase cem milhões de anos. Tanto o peixe azul como o tuatara merecem a denominação de “fósseis vivos”, e eu talvez deva acrescentar um “por enquanto”. Não faz muitos anos, o tuatara se espalhava por amplas zonas da Nova Zelândia.

Nunca me pareceu muito estimulante ter de me contentar com a descrição de uma espécie animal fornecida por um colega. O interesse sempre se concentrou na origem da espécie, sua evolução e taxionomia, e não se teve acesso a muito mais material do que o representado pelos fósseis. O mais espetacular no campo dos fósseis durante os últimos cem anos é sem dúvida o achado dos dinossauros com penas.

Quase poderíamos dizer que as aves são dinossauros!

Como pode ver, não estou dizendo que os velhos ossos e os fósseis não me interessam. No entanto, no que diz respeito às espécies vivas, prefiro levar a cabo meus próprios estudos de campo antes de tirar proveito, mais adiante, das monografias de outros cientistas, e me aprofundar numa análise mais sistemática. Quanto ao tuatara e a uma série de espécies endêmicas de certa era, foi precisamente o próprio biótopo que se conservou intacto de maneira tão assombrosa durante muitos milhões de anos. Confesso que quando voava de ilha em ilha por cima dos recifes coralinos de cor turquesa, às vezes me sentia como um Darwin moderno.

Em Fiji, dediquei-me especialmente a estudar a rara camiguana, que só é encontrada em algumas das ilhas Fiji e que só foi descrita em 1979 (por John Gibbons). Há duas espécies de iguanas em Fiji, o que é em si notável, já que não há iguanas em outros lugares da Ásia, apenas em Fiji — uma das duas espécies também ocorre em Tonga. Antes se dizia que esses animais teriam chegado milagrosamente da América do Sul sobre restos flutuantes de plantas! É uma possibilidade, porque pode ser que não sejam os primatas os únicos capazes de passar de um continente a outro em troncos de jangada e coisas semelhantes. O professor Peter Newell, da Universidade do Pacífico Sul, sugeriu, contudo, que as iguanas das ilhas Fiji podem ter uma história geológica muito mais antiga do que inicialmente se imaginou. Escreve ele: “Recentes descobertas de subfósseis de crocodilos — que podem nadar milhares de quilômetros — indicariam que as iguanas estão aqui há muito mais tempo do que supúnhamos a princípio. São consideradas relíquias da Gondwana, de quando Fiji, com outros países como Nova Zelândia, Austrália e Índia, fazia parte dessa grande plataforma continental que depois se fragmentou”. As iguanas também eram encontradas em Madagascar, que há mais de cento e cinquenta milhões de anos fazia parte da Gondwana.

Não vou cansá-la com meus estudos. Logo terá a oportunidade de conhecê-los, quando o relatório for publicado, perto da virada do milênio. Mas me prometa que só vai lê-lo se a interessar.

Eu voltava para casa vindo de Auckland. A Air New Zealand tem duas vezes por semana um cómodo voo de Los Angeles com escalas

em Nadi e Honolulu e conexão com Frankfurt. Como não tinha ninguém me esperando em casa, decidi tirar alguns dias de descanso em Fiji, em parte com a finalidade de digerir todas as impressões ainda no arquipélago tropical, em parte para descansar e esticar um pouco as pernas antes de empreender a longa viagem de volta para casa. Já havia passado uma semana em Fiji ao chegar à Oceania no começo de novembro, mas não tivera tempo de visitar a verdadeira joia das ilhas. Refiro-me a Taveuni, a que chamam “the Garden Island of Fiji”,* porque oferece uma arborização inigualável, já que se mantém relativamente intacta.

Naquela manhã, o voo regular da Sunflower Airlines de Nadi a Taveuni estava lotado; minha bagagem seguiu nesse voo, enquanto eu e outros quatro passageiros fomos metidos numa coisa que chamavam de “avião caixa de fósforos”. Garanto que o nome era mais que apropriado. Entramos quase de gatinhas num aviãozinho de seis lugares, e um piloto de cabelos brancos nos recebeu, informando-nos com um largo sorriso que infelizmente não se serviria nada durante o voo e que era proibida a circulação desnecessária pelo corredor. Consegui transmitir assim aos passageiros a ideia de um ambiente adequadamente macabro, e o fato de que lhe faltassem dois dedos na mão com que nos cumprimentou não fez mais que reforçar tal impressão. O “corredor central” tinha em torno de quinze centímetros de largura, e ninguém a bordo teria podido nem sequer pensar em comer, porque, quando o avião levantou voo, começou a sacudir de um lado para outro por causa dos ventos fortes, enquanto o motor fazia um tremendo esforço para sobrevoar a alta montanha Tomanivi, a ilha Viti Levu.

O homem de cabelos brancos era provavelmente um piloto aposentado que fora viver nas ilhas Fiji apenas porque não queria largar o manche nem o altímetro, e se contentou com um aviãozinho velho com o para-brisa rachado e alguns instrumentos que não funcionavam, pelo menos temporariamente. Vai ver que o avião era dele. Não teria custado muito caro. Mas era um homem afável, eu ia sentado com os joelhos pressionando suas costas e ele se virava constantemente para nós, perguntou-nos sorridente de onde cada um vinha e ia nos mostrando a todo instante no mapa o local onde estávamos, apontando com entusiasmo para os recifes de coral

enquanto falava sem parar.

Como decerto você terá adivinhado, eu ia com o coração na mão. Estava acostumado com os teco-tecos, porque durante as últimas semanas não fizera outra coisa a não ser ir de uma ilha para outra, mas confesso que me sentia muito pouco à vontade num avião que só tinha um piloto. Você pode objetar dizendo que esse sentimento é irracional, que se trata de uma espécie de idiossincrasia, tudo bem, dentro de mim ouço-a dizer exatamente isso, porque também um carro é dirigido por uma só pessoa, e ocorrem mais acidentes mortais nas rodovias do que no ar. É possível, mas não se pode tachar de irracional o fato de se ter uma indisposição súbita a uma altura de cinco mil pés quando a vítima do mal é um piloto de sessenta e tantos anos. Um desmaio no calor do trópico não é em absoluto improvável, muito pelo contrário, é muito humano, e são coisas que acontecem.

Depois de ter viajado tanto, eu não temia uma falha técnica, ao contrário, temia era uma falha orgânica. Tinha a sensação vertiginosa de não passar de um ser humano, um vertebrado carnoso que, por enquanto, estava preso ao assento de um táxi aéreo, e de que a mesma coisa acontecia com aquele sujeito que estava sentado tão contente ao manche, diante de mim. Além do mais, ele era cerca de trinta anos mais velho. Reflexo irrefutável dessa sensação era um pulso de quem havia acabado de correr a maratona, e pensei que, se eu estava com duzentas pulsações por minuto, como estaria então o piloto, como estaria seu colesterol e suas coronárias? Eu não conhecia aquele amável senhor, não lhe fizera um exame médico e tampouco averiguara o que ele tinha comido e bebido durante o dia, muito menos em que bar estivera, quem sabe até o amanhecer. Mais preocupante ainda me parecia o fato de eu não ter a menor ideia do interior existencial daquele piloto de idade avançada. Talvez ele acreditasse na vida eterna, um jogo de azar que deveria ser proibido a esse grupo de profissionais, isto é, a pilotos que voam sem copilotos e com passageiros que pagam sua passagem, embora não haja muitos destes. Talvez uma mulher o houvesse abandonado recentemente. Ou ele poderia ter suspeitas fundadas de que, mais tarde, naquele mesmo dia, seria forçado a confessar um grave desvio de fundos. Não me deleitei com a montanha Tomaniivi, nem com os golfinhos, nem com os recifes de

coral. Havia uma distância horrível até lá embaixo, eu estava trancado e não podia sair nem escapar. Fazia-me falta minha garrafa de gim: eu não teria tido a menor vergonha de tomar um gole, se a tivesse comigo. O terrível era que esse sedativo se encontrava na minha mala, a qual seguia no voo regular.

Isso não tem nada a ver com o “medo de voar”, Vera, e você deve saber que este relato não pretende ser um relato de viagens, apenas tento dizer alguma coisa sobre meu sentimento vital. De certo modo, levo-o sempre comigo, mas não costuma emergir à superfície, salvo em duas situações: quando acordo de manhã e quando vez por outra estou bêbado. *In vino veritas*, dizem, e não me incomoda afirmar que a embriaguez pode ser acompanhada de um estado de espírito mais nu, mais exposto e, na realidade, muito mais sincero do que essa presença mental diária mais velada, pelo menos quando se trata das grandes questões, como é o caso aqui e agora. Cheguei a esse estado mental agora de uma maneira mais abrupta, mais nítida e mais imediata ao ter delegado a responsabilidade do meu ser ou não ser a um piloto aposentado num teco-teco caixa de fósforos com o para-brisa rachado e os instrumentos avariados. A única diferença era que meus sentidos estavam ainda mais aguçados do que nas duas situações citadas, já que eu não me encontrava semiadormecido, nem as sinapses do cérebro se achavam anestesiadas pelo álcool.

De fato, era a primeira vez que eu decolava num avião pilotado por um homem de idade avançada com três dedos inteiros e dois meios dedos ao manche, mas até então havia acordado todos os dias, e não muito espaçadamente bebia para me elevar àquele estado de espírito mais verdadeiro e mais nobre, e, no fundo, mais sóbrio. Portanto, sinto a necessidade de aprofundar um pouco mais o que pensei e vivi lá em cima, em meio às nuvens, durante aqueles cinco quartos de hora entre Nadi e Taveuni. Além do mais, é conveniente agora, que estou a ponto de focalizar meu encontro com Ana e José, sem esquecer Gordon, a quem creio ainda não ter mencionado, apesar de minhas conversas com ele constituírem uma parte importante da minha estada na ilha.

Tem uma coisa sobre a qual sempre resisto a falar com você a fundo, embora suponha que devo ter tocado superficialmente no tema uma ou duas vezes. Refiro-me a essa vivência da minha infância, perto

da minha casa na província de Vestfold. Eu devia ter sete ou oito anos, de todo modo foi antes dos oito, porque então mudei com minha família para Madri, onde moramos durante quatro anos. Lembro-me que ia correndo por uma trilha através do bosque com os bolsos cheios de avelãs, que tinha encontrado e queria mostrar à minha mãe o quanto antes. De repente, no chão úmido do bosque, parcialmente coberto pelas folhas de outono, descobri um pequeno corço caído. As folhas ficaram gravadas em minha memória porque me lembro que também havia algumas sobre o animalzinho. Pensei que estivesse dormindo e me aproximei, não sei se para acariciá-lo ou para tirar de cima dele todas aquelas folhas amarelas e vermelhas, mas o bichinho não estava dormindo, estava morto.

O fato de o corço estar morto, ou antes, de ter sido eu a descobri-lo morto, pareceu-me vergonhoso, algo que jamais poderia contar a meus pais, nem mesmo a meus avós. Se aquele animalzinho podia estar deitado morto no chão do bosque, também poderia ser eu quem da próxima vez cairia morto, e essa descoberta, que em si é mais que evidente mas contra a qual quase todas as crianças estão protegidas de modo natural, essa descoberta está dentro do meu corpo desde então, quase como uma sensação física. Sempre me identifiquei profundamente com as dores da alma e com o auxílio espiritual ou psiquiátrico, porque o que transformou num trauma o episódio foi, está claro, a autoimposta ocultação deste. Se eu tivesse ido chorando para casa contar à minha mãe o que vira, tenho certeza de que teria recebido a ajuda necessária para superar essa experiência ruim, mas aquela era uma coisa que não se podia contar a ninguém, porque era humilhante e ignominiosa demais. Num instante de clarividência entendi que eu também era um ser vivo de carne e osso, isto é, um animal que tinha meu tempo na Terra e que, um dia, não estaria mais aqui.

Não vou negar que o encontro com o corço morto foi decisivo para meu grande interesse pela natureza. A perspectiva que se abriu diante de mim no bosque influenciou na direção que meus estudos tomaram. Sempre me atraiu a contemplação dos períodos de tempo realmente longos, por isso eu já sabia do big bang e das enormes distâncias no espaço quando era um menino de doze anos ávido de conhecimentos. Com uma compreensão cada vez maior, sempre fez parte da minha identidade saber que o planeta em que vivo tem cerca de cinco bilhões

de anos e que o Universo é três ou quatro vezes mais antigo.

Sempre me pareceu terrível pensar que posso desaparecer a qualquer momento, que só me cabe esta vez e que nunca mais vou voltar. Assim, de certa forma, reconciliei-me com essa ideia, situando a mim e a minha breve vida dentro de um contexto maior. Treinei para aceitar que não passo de uma peça ínfima da grande aventura da vida, um pedacinho fugaz de algo que é bem maior e mais poderoso do que eu. Dessa maneira, tentei ampliar minha identidade, meu próprio eu, sempre à custa do pequeno eu, esse eu que a qualquer momento pode ter o mesmo destino de um pequeno corço, esse ungulado morto que ainda me pesa em algum lugar do subconsciente e nunca se levanta nem se move. Treinei e treino continuamente, embora não possa me gabar de ter feito grandes progressos. Continua me ocorrendo todas as manhãs que só eu sou eu, e que só estou aqui agora, que só agora você e eu somos os que trazemos dentro de nós a consciência que este Universo tem de si mesmo.

Contemplar a própria vida sob o aspecto do eterno talvez possa ser considerado um respeitável êxito moral ou intelectual, mas não proporciona necessariamente paz e tranquilidade mental. Não é um consolo o fato de que eu — um primata monstruosamente autossuficiente — seja capaz de trazer na minha memória todo o passado deste Universo, desde o big bang até Bill Clinton e Monica Lewinsky, só para citar dois dos primatas mais famosos da nossa época. Não proporciona nenhuma paz espiritual abraçar períodos de tempo cada vez mais longos, devo confessar que é exatamente o contrário, as coisas pioraram, e talvez eu devesse ter procurado um cirurgião da alma para que tirasse esse animal morto do meu subconsciente infeccionado. Agora é tarde demais, acho.

Dito isso, podemos voltar à estreita cabine do avião, onde não apenas se tratava de uma dessas fugazes vidências matutinas durante as quais minhas células nervosas me dizem que sou um vertebrado racional demais, condenado a entender de vez em quando que só me restam alguns anos de vida. Agora se tratava de cinco quartos de hora de intensa revisão das minhas perspectivas, e agora a situação era extrema, porque poderia se tratar dos segundos precedentes ao momento em que minha vida chegaria ao fim. O primata que empunhava o manche se virou com frivolidade e abriu com seus dedos

incompletos um grande mapa que pôs no colo de um primata fêmea da Austrália, sentado à minha direita, que tinha se apresentado como Laura. Eu não estava gostando nem um pouco do rumo relaxado e quase lascivo que a situação tomava, mas não quero que julgue que me sentia em má companhia ao lado dos outros passageiros, ao contrário, gostava de todos, e poderia ter encostado a cabeça no ombro de cada um deles a fim de solicitar consolo e proteção. Sentia-me como uma miserável lagartixa, como um animal terrestre assustadiço que deveria ter ficado em terra, uma convicção que por sua vez estava intimamente relacionada ao fato de que o avião era pilotado por um velho, enrugado e, além disso, arrogante descendente de uma lagartixa. Como você está lendo estas linhas e além disso me viu em Salamanca alguns meses depois daquilo, deve ter compreendido que o teco-teco aterrisou por fim sem problemas. A precariedade desse voo é que provocou em mim a sensação iniludível de não ser nada mais que um frágil vertebrado no zênite da vida, e essa sensação não se apagou nos dias seguintes.

O aeroporto de Taveuni se chama Matei e parece projetado especialmente para esse tipo de caixa de fósforos. A pista de aterrissagem era uma faixa estreita de relva numa alameda de coqueiros inclinados pelo vento, e o edifício do aeroporto se assemelhava a um ponto de ônibus, com um par de bancos pintados de azul debaixo de um telheiro e um minúsculo quiosque, gerido pela encantadora Margaret Peterson. Naquele dia também estava lá Audrey Brown, com seus bolinhos recém-assados numa cesta trançada de folhas de palmeira. Eu não tivera tempo de tomar o café da manhã e, ainda por cima, precisara esperar uma hora para que minha bagagem chegasse no voo regular, que fizera escala em outra ilha, assim me deixei servir pelas duas senhoras. Junto com o voo regular, chegou o carro do Maravu Plantation Resort, onde eu iria ficar por cerca de três dias.

Não vou abandonar minha intenção de lhe contar tudo na ordem cronológica. Se tento desenhar com algumas pinceladas uma imagem de “the Garden Island”, não é para fazer rodeios, mas unicamente para situar Ana e José num contexto geográfico, do qual serão sempre inseparáveis na minha memória.

Quanto à denominação “the Garden Island”, também poderia ser “the Last Paradise”. Teria sido preferível por motivos práticos, porque

nesse caso *last* poderia ser facilmente substituído por *lost* dentro de algumas décadas.** Garanto que muitos visitantes nem notariam essa pequena troca de vogal.

Nossa estirpe sente uma estranha atração pelo “último” ou pelo “perdido”. O valor que se dá a viver uma coisa que poderá ser aproveitada pelas gerações vindouras não é nada em comparação com o valor de ver algo que mais tarde ruirá. Vê melhor quem vê por último. Do mesmo modo, é bastante comum que os familiares disputem a honra de ter sido o último a falar com o falecido.

À medida que o planeta vai se tornando menor e que a indústria turística, mais e mais, ganha novos espaços e subespaços, prevejo um fantástico futuro para o turismo necrológico: “Visitem o extinto lago Baikal!”, “Falta pouco para as Maldivas ficarem debaixo d’água” ou “Você poderá ser o último a ver um tigre vivo!”. Os exemplos serão incontáveis, porque haverá cada vez menos paraísos, já que eles se sujam e se reduzem, mas isso não vai frear o turismo, muito pelo contrário.

São vários os motivos por que Taveuni até agora se saiu melhor de seu encontro com o mundo ocidental do que muitas outras ilhas que visitei. Acima de tudo, a paisagem acidentada dessa ilha vulcânica impõe suas limitações tanto ao turismo como à exploração de plantações. As praias de lava negra de certa forma também restringem o turismo, se bem que na parte nordeste da ilha haja várias praias de areia coralina branca. Mas aí há o problema das precipitações frequentes. Foi precisamente essa combinação de terra vulcânica e chuvas abundantes que, em meados do século passado, animou os colonos europeus a iniciarem a exploração de algumas plantações. No começo predominava a produção de algodão de qualidade, e quando os preços deste passaram a cair vertiginosamente, as plantações de cana na parte sul da ilha foram adquirindo certa relevância. Hoje em dia, o coco é o produto mais importante, além do turismo em constante crescimento. Digo “turismo”, mas na verdade me refiro ao chamado ecoturismo, porque aqui não há nada com que se entreter exceto a natureza luxuriante. Não há centros comerciais, nem vida noturna, nem modernos complexos hoteleiros de quatro andares, a ilha não possui televisão, e a eletricidade é escassa.

Esses dois últimos fatores contribuíram para manter viva a tradição

do contador de histórias. Quando cai a noite, por volta das seis da tarde, a palavra viva passa a ser a protagonista. Talvez uma pessoa tenha estado pescando, talvez outra tenha tido uma experiência nos bosques profundos, uma terceira pode ter topado com um americano perdido na foz de algum rio: todos têm algo a contar. Também se mantém viva uma antiga tradição de mitos e lendas, porque em Taveuni não há outra diversão além daquela que cada um cria. Ali chegam mergulhadores do mundo todo para conhecer os corais e os peixes, um verdadeiro espetáculo de cores. A ilha oferece ainda uma grande variedade das aves mais exóticas do mundo, espécies raras de morcegos, excursões a bosques e montanhas, e, naturalmente, banhos tanto nas praias como nas exuberantes cachoeiras.

No que se refere à grande variedade de aves, que abarca mais de cem espécies, muitas das quais autóctones — como a famosa pomba de peito cor de laranja —, foi decisivo o fato de o mangusto asiático nunca ter chegado à ilha. Por outro lado, importaram-se pegas e sapos a fim de controlar os insetos nas plantações de coco. As pegas ocuparam espaço, claro, e os sapos deslocaram as rãs nativas para o interior dos bosques, mas a enorme riqueza ornitológica de Taveuni continua maravilhosamente intacta. O mesmo acontece com o morcego, inclusive o grande morcego frugívoro, que atinge até um metro e meio de envergadura. São também chamados de “raposas voadoras” ou *beka*. O *beka* fervido é considerado um verdadeiro manjar pelos anciãos da ilha.

A flora de Taveuni conta mais de mil espécies identificadas, das quais boa parte é endêmica. Ao longo do litoral encontramos densas extensões de mangues e coqueirais, enquanto uma frondosa selva tropical de fetos e um sem-fim de espécies de árvores autóctones constituem o interior da ilha. Hoje existe também uma grande variedade de plantas tropicais, como orquídeas e hibiscos. A flor nacional das ilhas Fiji, a tagimaucia, é uma espécie que só existe lá e na ilha vizinha de Vanua Levu.

Em Taveuni, como em toda essa parte do mundo, a fauna mais variada é a que se encontra debaixo d'água. Nem é preciso equipamento de mergulho para contemplar uma pululante vida de peixes, equinodermos, moluscos, fungos e corais. É difícil evitar expressões como “todas as cores do arco-íris” ao falar da vida marítima

do Pacífico Sul. Além disso, tive a sensação de que muitos dos exemplares eram pintados com pincéis especialmente finos.

Nos vertebrados terrestres originais da ilha estão representadas todas as classes, mas, salvo a enorme variedade de aves, com poucas espécies. Antes de se importarem os sapos do Havaí em 1936 para combater os insetos nas plantações de cana, as rãs eram os mais numerosos representantes dos anfíbios. Quanto aos répteis, existiam, afora a iguana, algumas espécies de gecos e cobras. O réptil mais chamativo hoje é o divertido gecko doméstico *Hemidactylus frenatus*, embora só tenha chegado a Fiji na década de 70. Os morcegos, únicos mamíferos que existiam originariamente na ilha, dispuseram de um ecossistema único para uma adaptação excepcionalmente variada. Com os primeiros assentamentos humanos, há três mil e quinhentos anos, deve ter chegado o rato polinésio, importado talvez para servir de alimento.

Os vertebrados primitivos de Taveuni estão, pois, representados por peixes, rãs, sáurios, aves, morcegos e fijianos. Estes últimos são na atualidade cerca de doze mil indivíduos. Portanto, a ilha pode oferecer uma imagem sumamente simplificada — quase transparente — da evolução dos vertebrados. Quando se sabe disso de antemão, não fica tão difícil entender como os vertebrados deste planeta evoluíram, a passos claramente definidos, de peixe para anfíbio, de anfíbio para réptil e, por fim, de répteis para aves, morcegos e fijianos.

Alguma vez você já pensou como é corriqueira a anatomia humana de um ponto de vista puramente evolucionista? Melhor dizendo, em muitos sentidos, quão arcaicos somos como vertebrados? Sem dúvida você já refletiu sobre a grande semelhança entre o físico de um ser humano e o dos sáurios e das salamandras. E deve ter notado que os elefantes e os camelos, por exemplo, em comparação, parecem uma espécie de frutas exóticas que se afastaram muito mais do seu tronco, se por tronco entendermos a matriz primitiva com a coluna vertebral, a clavícula e as quatro extremidades com cinco dedos. A rodovia que vai da vida fervilhante do Devoniano à conquista da Lua pelos humanos foi percorrida por anfíbios parecidos com as salamandras, por répteis parecidos com os mamíferos e, na última fase, por primatas. E também houve, naturalmente, uma fascinante rede de saídas e estradas laterais.

Ouço neste momento, dentro de mim, seus protestos, você deve estar

dizendo que sou um antropocêntrico, que a evolução não é linear nem sistemática e que se assemelha mais a arbustos ou couves-flores do que a linhas ou troncos. E, além disso, com que direito posso eu proclamar representantes mais típicos ou mais importantes uma ou duas espécies dentro de uma classe inteira de animais? Mas não é o que estou dizendo. Só digo que, de alguma maneira, sinto-me mais aparentado a uma lagartixa do que a um mamífero como o morcego frugívoro ou a baleia-azul. Eu não descendo nem do morcego nem da baleia-azul, tampouco da girafa ou do orangotango; o que é certo é que sou um descendente direto de um crossopterígio, de um anfíbio e, em suma, de um réptil parecido com os mamíferos.

A escassa seleção de vertebrados da ilha me levou a considerá-la uma ilustração viva da evolução da vida na Terra. Eu me encontrava numa autêntica sala de exposição do darwinismo. Aí pude comprovar a estrutura pentadáctila que têm em comum o sapo, o sáurio, o morcego e os fijianos, cujos pés e falanges, diga-se de passagem, são proporcionalmente tão espetaculares quanto as extremidades dos sáurios.

Quanto aos fijianos, pode-se acrescentar que não tiveram acesso a outra carne além da do seu próximo, com exceção da dos ratos e morcegos. O canibalismo foi muito difundido antigamente, sendo praticado até fins do século XIX, se bem que um solitário soldado japonês tenha sido devorado pelo fijiano Vilame Lamasalato no final da Segunda Guerra. Isso pode ter contribuído para que a ilha tenha se mantido tão intacta no que se refere à selva tropical e ao meio ambiente. O número de habitantes permaneceu baixo em virtude do que podemos chamar de comilanças recíprocas, porém o mais importante é que o canibalismo agiu como uma espécie de profilaxia ecológica contra as incursões do homem branco. Tanto Abel Tasman (1643) como James Cook (1774) navegaram diante das ilhas Fiji, mas os rumores sobre os perigos existentes nas “ilhas canibais” impediram que se atrevessem a desembarcar ali. Depois do motim do *Bounty* (1789), o faminto e esgotado capitão Bligh e seus oficiais passaram diante de várias ilhas do arquipélago num barco, mas não ousaram nem mesmo apanhar um coco. No século IX, chegaram por fim os primeiros europeus. Conta-se de alguns missionários que foram muito bem recebidos e a quem serviram banquetes realmente senhoriais (escolhi com esmero o adjetivo), porque depois de terem digerido a

comida, os visitantes foram solenemente informados de que o primeiro prato havia sido peito de mulher, o segundo, coxa de homem, e a sobremesa, para a qual os fijianos tinham inventado um prático garfo de quatro dentes, massa cerebral. Um dos missionários — que, ironicamente, se chamava Baker (padeiro) — transformou-se ele próprio em comida de humanos em 1867. Mais tarde vieram as canoas, as balas e a pólvora, e o resto é história de colonização. A primeira coisa que os europeus fizeram ao chegar a Fiji foi erradicar os valiosos sândalos. Depois importaram da Índia sessenta mil trabalhadores para as plantações, razão pela qual mais da metade da população do arquipélago é hoje em dia indiana. Com a imigração chegou também uma série de epidemias e doenças, primeiro o cólera, que deixou desertas várias ilhas, e a seguir o sarampo, que em 1890 matou um terço da população de Fiji.

Vejo em tudo isso um paradoxo que me faz pensar: o motivo por que o equilíbrio ecológico se manteve relativamente intacto em algumas das ilhas Fiji é que o homem branco não se atrevia a desembarcar por medo do canibalismo. É um paradoxo, mas encaro com certa simpatia o fato de uma espécie animal ser capaz, em tempos de penúria, de comer a si mesma, em vez de competir para erradicar o resto das espécies. Aceito que o canibalismo seja considerado uma violação do que chamamos de “direitos naturais do homem”, mas a insensatez ecológica do mundo ocidental também é uma infração às obrigações do homem. O conceito de “direitos naturais” tem uma história de mais de dois mil anos, e agora pergunto: “Quando estaremos dispostos a assumir o conceito de ‘obrigações naturais’?”.

Já que fiz alusão aos tais dois mil anos, assinalarei finalmente que ainda existe outro paradoxo relacionado com “the Garden Island of Fiji”. Quis o destino que a ilha ficasse situada na linha de mudança de data, graças à casualidade de ela se localizar exatamente a cento e oitenta graus do Royal Observatory de Greenwich. Isso significa que metade da ilha pertence ao dia de hoje e a outra ao dia de ontem. Ou o contrário, é claro: metade pertence ao dia de hoje, a outra metade ao dia de amanhã. Se caracterizo isso como obra do destino, é porque Taveuni será o primeiro lugar habitado do mundo a entrar no terceiro milênio. É um fato que não passará despercebido.

Não fui o único que o jipe buscou: no carro havia outros dois

hóspedes que iam para o mesmo lugar que eu. Tínhamos trocado algumas palavras no aeroporto, enquanto esperávamos a bagagem e o carro que nos levaria no último trecho da viagem. Uma dessas pessoas era Laura, que tinha flertado com o piloto de idade avançada, mostrando um grande interesse pelos aviões em geral, ao mesmo tempo que eu folheava — cena após cena — o álbum familiar deste planeta, desde as primeiras divisões celulares num arcaico Pré-Cambriano até minha breve estada na Terra.

Laura vinha de Adelaide e era uma mulher vistosa, de aproximadamente trinta anos. Com sua pele dourada e suas compridas tranças negras parecia uma índia. Tinha uma característica muito especial: um dos seus olhos era verde, e o outro, castanho. Talvez tivesse uma ponta de castanho no olho verde e uma pitada de verde no castanho, mas tinha, repito, um olho verde e outro castanho, uma raridade genética que eu não lembrava de ter visto antes. Notei também um button do World Wildlife Fund em sua preciosa mochila de lona. Laura era atraente e excêntrica o bastante para me fazer sentir certo desejo de estabelecer contato com ela, mas, por sua vez, não se mostrou nada interessada num encontro superficial de aeroporto, estava ocupada demais em ler um guia de viagens, o *Lonely Planet* [Planeta Solitário], que tratava da ilha a que acabava de chegar.

O outro passageiro era Bill, creio que também revelou o sobrenome, mas faz tempo que esqueci. Tinha cinquenta e tantos anos, vinha de Monterey, na Califórnia, e era obviamente um desses jovens aposentados de situação econômica folgada, ávidos de experiências novas. Tive imediatamente a impressão de que ele era um típico expoente de uma característica bem americana: esse prazer desenfreado de descobrir o mundo por conta própria, sem relações sociais entorpecedoras, como cônjuges, filhos ou amigos íntimos. Bill era um sujeito alegre. Lembro de ter pensado que há certas pessoas que nunca ficam adultas, só ficam muito ricas e, às vezes, muito velhas.

O homem que veio nos buscar era um britânico chamado John. Um homem forte, de sessenta e tantos anos, que media pelo menos um metro e noventa, era grisalho e tinha costeletas brancas. Só bem mais tarde, naquele mesmo dia, é que soube que ele não fazia parte do pessoal fixo do Maravu, mas que estava hospedado lá, como nós. Num momento de crise se oferecera para percorrer os dois quilômetros até

o aeroporto e ir nos pegar. Parecia ter um estranho interesse em formar o quanto antes uma impressão sobre os novos hóspedes.

Quando o carro saiu da estrada principal e subiu a encosta até o Maravu Plantation Resort, fiquei pasmo com a beleza do lugar. As instalações constavam de dez chalés e um edifício principal espalhados por uma velha plantação de coqueiros. Os chalés, ou “the bures”, como se chamam nas ilhas, se erguiam numa colina com vista para o mar entre densos arbustos e coqueiros ondeantes. Dessa maneira, de um chalé não dava para ver nada do outro, pelo menos não da porta. O edifício principal era construído como as casas de reunião tradicionais da ilha, diáfano, com altos frontões e telhado de folha de palmeira. No chão de tábuas, confundiam-se os limites entre a recepção, o bar, o restaurante — que tinha o sonoro nome de Wananavu — e uma grande pista de dança.

Fomos recebidos no bar e nos serviram um coco artisticamente decorado com flores de hibisco e palha, enquanto eram cumpridas as formalidades de registro na recepção. Ficamos conversando durante alguns minutos, quando todos os empregados do hotel se aproximaram para nos cumprimentar, um a um. “Bula!”, diziam, “bula!” Essa saudação indígena é tão repetida em Fiji que quase adquire o caráter de um mantra, tendo um significado mais flexível do que as palavras correspondentes em outras línguas. “Bula” serve para tudo, de “olá”, “salve” e “bom dia” a “como vai?”, “tenha um bom dia” e “até logo”.

Todos sabiam que eu era “Frank”, que Bill era “Bill” e que Laura era “Laura”. Era como se, naquele lugar, ninguém tivesse tido outra coisa para fazer nas últimas semanas se não preparar nossa estada. A ideia era que nos sentíssemos personalidades muito especiais e seletas; havíamos chegado a Maravu precisamente para nos purificar e renascer como indivíduos. Bill se inteirou de que a palavra fijiana *maravu* significava “tranquilo e pacífico”, e Laura quis saber onde podia ver melhor os célebres papagaios da ilha.

Fui conduzido através do coqueiral, passando pela piscina, até a *bure* 3, onde me limitei a fazer o estrito necessário antes de sentar na varanda. Contemplei o mar e desfrutei com veneração de um recurso natural dos pouquíssimos que restam no mundo. Falo do silêncio, também erradicado pelos homens.

Eu estava de novo em terra, mas não posso dizer que havia

aterrissado, menos ainda que me esquecera da viagem no táxi aéreo, nem mesmo depois de ter garantido um lugar no voo regular de volta para Nadi. Encontrava-me num estado de pânico, num estado de espírito cuja saída — eu tinha certeza — jamais acharia. Era como se aproveitasse a alegre embriaguez clarividente do álcool, ao mesmo tempo que sabia ter bebido, dessa vez, um vinho que nunca mais abandonaria meu corpo.

Tinha ouvido falar de médicos que ficam hipocondríacos, de alpinistas que sofrem de vertigem e de padres que perdem a fé. O mesmo acontecia comigo. Eu era o paleontólogo acometido pelo medo dos ossos. O zoólogo que tinha problemas para aceitar o fato de que era um animal. O biólogo evolutivo que custava a entender que seu tempo na Terra era limitado. Passara a vida toda estudando os restos dos ossos dos vertebrados; com insaciável curiosidade, havia me dedicado a analisar os vestígios de animais mortos e agora eu, precisamente eu, entrava em pânico ante o fato de que eu também, um dia, contribuiria com minha modesta parte dessa mesma matéria com que me deleitara nas minhas análises. Estava no buraco, e não vivi isso como uma situação compulsiva, mas tão só como uma clarividência inevitável. Buda tinha visto um homem doente, um ancião e um cadáver. Eu, em criança, tinha topado com um corço morto no bosque, e agora — após o arriscado voo de Nadi a Matei — a velha ferida voltara a se abrir.

Rebobinei o comprido filme até a origem da vida na Terra há cerca de quatro bilhões de anos. Tratava-se de minha própria história, de meus antepassados, e com isso não quero dizer apenas que descendo em linha direta de pequenos répteis semelhantes aos mamíferos que habitaram a Terra faz duzentos milhões de anos, e depois de um réptil primitivo, de um anfíbio, de um crossopterígio, de um animal invertebrado e, finalmente, da primeira célula viva deste planeta. Não apenas descendia de formas de vida primárias com origens remotíssimas — até quatro bilhões de anos atrás —, como também cada célula do corpo tinha de fato genes dessa mesma idade. Eu era o último elo de uma única e ininterrupta cadeia de divisões celulares, de processos químicos mais ou menos estudados e de biologia molecular. Ocorreu-me que eu não era muito diferente desses simples organismos unicelulares dos quais, no fim das contas, descendia. Rigorosamente, eu

não passava de uma colônia celular, com a única e importante diferença de que minhas células viviam numa interação muito estreita e mais integrada que as células de um cultivo de bactérias, eram mais diferenciadas e, por isso, capazes de uma divisão mais radical de responsabilidades. Mas eu era construído também por células individuais em torno de um mínimo múltiplo comum: a chave genética, o próprio plano geral gravado em cada célula do corpo. Em si, a chave do DNA representa a acumulação do frívolo jogo com ácidos nucleicos praticado há muitos milhões de anos. E, no entanto, num sentido genético, continuava sendo apenas uma acumulação monstruosa de células gêmeas. Um dos maiores enigmas da biosfera era como esses hiperclones foram capazes de se comunicar entre si e, além disso, ativar e desativar seus genes conforme conviesse à totalidade.

A força motriz da evolução era o simples fato de que somente uma pequena parte de cada geração tinha sido capaz de crescer e se multiplicar, senão também não teria havido seleção natural, e, sem a seleção, também não teria havido nenhuma evolução. A pedra angular da evolução estava numa sucessão permanente de morte de crias e numa luta também permanente pela vida. Mas ali estava eu. Numa pequena ilha da Oceania, como uma exceção raríssima dessa regra que diz que não dá para ganhar na loteria mil vezes seguidas. Eu — ou, melhor dizendo, minha estirpe, minha árvore genealógica, minha cadeia ininterrupta de zigotos e divisões celulares — tinha sobrevivido durante muitos milhões de gerações. Em cada geração eu havia me dado tempo, primeiro, de me dividir celularmente, depois, de me reproduzir, fertilizar ou botar ovos e, em última instância, parir crias vivas. Se um só dos meus muitos milhões de predecessores, por exemplo, um anfíbio cuja existência transcorreu no Devoniano, ou um réptil determinado que deslizava entre as plantas criptogâmicas vasculares no Permiano, se apenas um indivíduo tivesse falhado antes da puberdade — como aquele pobre corço em Vestfold —, eu não estaria sentado aqui e agora nesta varanda. E não me diga que estou ampliando demais as perspectivas, pois eu poderia ter retrocedido mais ainda. Se tivesse se produzido uma só mutação fatal na divisão celular de uma determinada bactéria há dois ou três bilhões de anos, eu nunca teria nascido. Pois eu descendia dessa bactéria particular, quer dizer, exclusivamente dessa determinadíssima célula, vamos chamá-la de ZIG

31.514.718.120.211.212.091.514 na colônia de células VASC 251.521.118.512.391.414.518, no meridiano de cento e oitenta graus, alguns graus ao norte do Trópico de Capricórnio. Eu não havia tido nenhuma outra oportunidade, nem teria outra, não eu. Assim, já tinha sobrevivido muitos milhares de vezes aos mais graves perigos; mas, bom, meus antecessores sempre tinham se salvado, sempre tiveram tempo de entregar o bastão da corrida genética de revezamento ao seguinte, ileso, Vera, sempre ileso, muito embora, em determinados intervalos, também com alguns ajustes minúsculos, mas muito adequados, da massa genética. Dessa maneira, sempre houve uma nova etapa, porque ainda restavam muitos milhões de etapas até que, contra todos os prognósticos, chegasse por fim a minha vez; e, sim, houve uma nova etapa, e mais outra, e talvez também haverá uma nova geração que crescerá, apesar de que a acharemos muito estranha, mas assim foi, assim foi muitas e muitas vezes, porque ninguém se deixou pegar, e o bastão genético da corrida de revezamento havia passado de geração a geração. Porque ali estava eu.

Estava pensando nisso, e de certa forma foi por culpa da Sunflower Airlines, pois as ditas linhas aéreas haviam brincado ainda mais com o acaso no que se referia à minha antiquíssima bagagem genética. Pensei que eu já estava preparando esta reflexão matutina quando os crossopterígios Biiisavóóó e Biiisavôôô — que por acaso eram vizinhos — ainda deslizavam nos pântanos do Devoniano, para não se afogarem por falta de oxigênio. Mas — e é este o ponto mais doloroso — essa corrida de revezamento longuíssima e, todavia, tão transparente e previsível chegara ao fim. O infinito jogo de dominó que tinha sido jogado peça após peça, sem sequer um segundo de descanso, por mais de três bilhões de anos, já havia se encerrado. Eu já começara a recolher as peças.

Senti-me altamente qualificado. Quantas gerações tinha havido desde o primeiro anfíbio? Quantas divisões celulares eu podia pôr na conta desde o primeiro zigoto? Senti-me incomodamente rico de passado. Mas não tinha nenhum futuro. Em breve não seria nada.

Como vê, foi nessas coisas que pensei, e devo acrescentar que pensei por nós dois, por você também. Naturalmente, também pensei no fato de que já não tinha filhos. Veio-me à mente como uma bofetada que até agora eu era a primeira geração sem filhos de uma só e

longuíssima estirpe que contava centenas de milhões de gerações antes de mim. Porque, como é bem sabido, não ter filhos é coisa que não se herda, é uma das leis da biologia: não ter filhos é uma qualidade tão desfavorável que se elimina imediatamente por si mesma. Só os que têm filhos podem sonhar ter netos, e sem netos você nunca será bisavô ou bisavó.

Logo agora, que tudo estava indo tão bem..., pensei. Logo agora, que eu estava admirando os velhos tesouros da família. De certo modo, era riquíssimo, tinha milhões de velhos tesouros familiares no fundo do baú. Mas me encontrava no fim da viagem. Tinha quase quarenta anos e não vislumbrava a mais ínfima possibilidade de descendência. Sentia-me muito sozinho no mundo, imensamente entregue à minha própria sorte.

* “A Ilha-Jardim de Fiji”. (N. T.)

** *The Last Paradise*, “o Último Paraíso”; *the Lost Paradise*, “o Paraíso Perdido”. (N. T.)

A FALTA DE ESPANTO DE ADAO

TENTAVA DAR UMA OLHADA nas últimas anotações que tinha feito em Auckland depois das numerosas reuniões com o pessoal da administração dos espaços naturais, quando ouvi alguns estampidos surdos; a primeira vez pensei se tratar de uma trovoada distante, mas de repente compreendi que deviam ser cocos caindo das copas altas dos coqueiros.

Depois de cair o terceiro coco, ouvi de repente vozes que se aproximavam e vi um homem e uma mulher passarem em frente ao meu chalé, para depois continuarem através do coqueiral por uma trilha estreita que descia até o mar e a estrada. O homem envolvia com um braço os ombros da mulher de uma forma tão carinhosa que me deixou um pouco inquieto. Cheguei a pensar como é que Deus havia caminhado pelo Paraíso vigiando suas criaturas. Agora eu desempenhava esse papel, se bem que depois da queda, porque os dois estavam muito abraçados e, ainda por cima, vestidos. Deus tinha ataviado a mulher com um vestido vermelho-amapola e o homem com um terno de linho preto. Percebi que falavam espanhol e aguicei os ouvidos.

De repente, o homem parou na trilha. Ergueu o braço direito e apontou para o jardim e para o mar. Depois disse em voz alta e clara:

— *Não é de estranhar que o Criador, segundo dizem, tenha retrocedido um passo ou dois quando modelou o homem, com terra que pegou no chão, soprando-lhe vida pelo nariz para transformá-lo numa criatura viva. O mais surpreendente desse acontecimento foi a falta de espanto de Adão.*

Fazia calor, porque por fim o céu estava limpo, depois dos intensos aguaceiros matutinos, mas notei que um calafrio percorria meu corpo. Não era como se ele tivesse lido meus pensamentos?

A mulher riu, olhou para o homem e replicou com uma dicção muito clara:

— *Criar um mundo inteiro tem necessariamente de ser considerada uma façanha louvabilíssima, mesmo que tivesse causado ainda maior admiração se um mundo inteiro tivesse sido capaz de criar a si mesmo. E vice-versa: a experiência de ter sido criado não é nada em comparação com a incrível*

sensação de quem criou a si mesmo do nada e pode ficar de pé sem a ajuda de ninguém.

Agora era o homem que ria. Assentiu meditativo com a cabeça e voltou a envolver com um braço os ombros da mulher. Recomeçaram a andar, e quando já estavam se aproximando dos coqueiros, ouvi-o dizer:

— *As perspectivas são tão complicadas que é preciso manter em aberto várias possibilidades. Se existe um Criador, quem é? E se não existe Criador, o que é então este mundo?*

Eu não sabia dizer quem poderiam ser aqueles dois oráculos. Senti-me paralisado.

Teria eu acabado de testemunhar um ensaiado ritual matutino? Ou só havia captado fragmentos casuais de uma conversa mais longa? Nesse caso, teria gostado de ouvi-la em sua totalidade. Peguei meu pequeno diário e tentei anotar o que tinham dito.

Quando, pouco depois, saí para dar um longo passeio a fim de me familiarizar com o lugar, voltei a vê-los, dessa vez de frente. Desci até a estrada que acompanha o litoral da ilha, salvo nas partes mais escarpadas, a sudeste. Segui a estrada por um quilômetro ou dois e cheguei ao que, segundo o mapa, teria de ser Prince Charles Beach. Parece-me um nome pomposo demais para uma pequena laguna que mal devia receber banhistas, mas talvez o herdeiro do Império tenha sido levado até ali alguma vez porque os habitantes da ilha desejassem lhe mostrar a praia mais idílica de Taveuni. Não poderiam ter escolhido melhor.

Através dos mangues, pude vislumbrar Adão e Eva andando descalços pela beira d'água. Pareciam estar colhendo conchas. Senti-me atraído por eles e resolvi descer, como que casualmente, até a praia. Na hora de sair dentre as árvores, ocorreu-me uma ideia: não revelaria meus conhecimentos do espanhol. Seria uma vantagem conveniente, pelo menos por ora.

Ouviram-me chegar e me observaram com grande atenção. Julguei ter ouvido a mulher dizer alguma coisa como “não estamos mais sozinhos”.

Ela era tão bonita quanto a mulher do velho mito, tinha longos cabelos negros cacheados, que caíam sobre o vestido vermelho, dentes branquíssimos e olhos negros. Seu corpo bronzeado era alto, elegante e

orgulhoso, e dava a sensação de se mover com extrema graça. Ele era mais baixo do que ela e parecia mais reservado, como se estivesse em guarda, pensei, ainda que quando me aproximei deles, seu rosto estreito tenha se iluminado com um sorriso quase travesso. Tinha uma pele muito pálida, cabelos louros e olhos azuis. Devia ter mais ou menos a minha idade, e ela, uns dez anos menos.

Já nesse primeiro encontro, tive a sensação de conhecer a moça. Embora nunca tenha acreditado nessas coisas, era como se a tivesse conhecido numa vida anterior ou numa existência totalmente diferente. Percorri com um rápido olhar minha vida e as relações sociais que tivera nos últimos anos, e não fui capaz de situar a moça em lugar nenhum. Mas eu a vira antes, e levando em conta sua juventude, não podia fazer muito tempo.

Cumprimentei-os em inglês, falei do bom tempo e disse que acabava de chegar à ilha. Eles se apresentaram como Ana e José, e eu disse que me chamava Frank. Ficamos sabendo rapidamente que estávamos todos hospedados no Maravu, pois não havia outra possibilidade de hospedagem em muitos quilômetros. Falavam inglês muito bem.

— Em férias? — perguntou José.

Respirei fundo. Aquela conversa não tinha por que durar muito. Mas respondi que voltava para casa depois de muitas semanas de estudos de campo no Sul do Pacífico. Acrescentei algumas palavras sobre as ameaças contra a antiquíssima flora e fauna daquela parte do mundo, e os dois apuraram os ouvidos. Trocaram olhares de cumplicidade e estavam tão compenetrados que me fizeram sentir-me inquieto. Ocorreu-me que era uma enorme vantagem ser dois numa situação como aquela.

— E vocês? — perguntei. — Lua de mel?

Ana negou com a cabeça.

— Trabalhamos com cinema — explicou.

— Cinema? — repeti.

Tentei empregar a palavra-chave numa derradeira tentativa de descobrir de onde conhecia aquela mulher elegante. Seria por acaso uma famosa estrela de cinema em férias no Pacífico com um marido mais velho do que ela, o célebre diretor ou fotógrafo de cinema José de tal? Eu não teria por que tê-la conhecido na vida real, poderia ter visto Ana na tela. Não, também não devia ser isso, porque nunca fui

muito de ir ao cinema, pelo menos desde que ela chegara à idade adulta.

Ana olhou para o homem e hesitou um instante antes de voltar a me encarar. Assentiu, desafiadora:

— Trabalhamos para um canal de tevê espanhol.

Como para evidenciar que estava falando sério, ergueu uma pequena máquina compacta e começou a tirar fotos da praia, de José e minhas. Sorria com astúcia, e desconfiei que estava caçoando de mim. Se assim era, não seria difícil perdoá-la, porque o que me ofuscava não era apenas a branca areia coralina e o sol, que ainda não havia chegado à altura zenital.

O homem perguntou as horas à mulher, e lembro que achei esquisito, porque eu já havia percebido que nenhum dos dois usava relógio. Respondi que era meio-dia e quinze, antes de me despedir com um gesto e dizer que ia explorar a ilha. Quando dei as costas para eles e comecei a andar para a estrada, ouvi a mulher sussurrar com ênfase litúrgica:

— *Ao morrer, como quando a cena está fixada no rolo do filme e os cenários foram derrubados e queimados, somos fantasmas na lembrança que nossos descendentes guardam de nós. Então somos fantasmas, querido, somos mito. Mas ainda estamos juntos, ainda somos um passado comum, um passado distante, é o que somos. Debaixo de um relógio de passado mítico ainda ouço a sua voz.*

Procurei seguir meu caminho como se não tivesse ouvido nada, ou pelo menos como se não tivesse entendido nada. Quando dobrei uma curva, peguei meu caderninho e tentei anotar o que ela dissera. “Debaixo de um relógio de passado mítico ainda ouço a sua voz...”

Cisme com a possibilidade de que Ana teria me dado uma pista a seguir. Talvez eu tivesse de buscar a chave que me revelaria por que ela me parecia tão familiar num passado mítico.

Não tinha a menor dúvida de tê-la visto antes. Experimentei a incômoda sensação de que em algum momento alguma coisa teria acontecido a ela.

O encontro com o casal espanhol me alterou de tal forma que resolvi percorrer a pé os cinco quilômetros até o meridiano de cento e oitenta graus, onde, ao que parecia, havia uma espécie de monumento

sobre a linha de mudança de data. Foi um longo passeio, mas assim tive tempo de formar uma ideia da vida popular da ilha. Cruzei com algumas aldeias ruidosas e alegres, onde me cumprimentaram pessoas sorridentes, vestidas com trajes coloridíssimos. Em algumas desembocaduras havia grupos de crianças se banhando, e também se via na água um ou outro adulto. Reparei que em geral eram os homens que levavam as crianças pequenas no colo. As mulheres tinham muito o que fazer.

Não vi nenhuma expressão de preocupação, e tive realmente a oportunidade de estudar diversas expressões aquela tarde. Havia flores e cocos, peixe e verduras em abundância. Quanto ao resto, faltava quase tudo, do ponto de vista ocidental, claro. Mas Adão e Eva não tinham vivido precisamente nessas condições no jardim do Éden, antes de comerem da árvore da ciência e de serem condenados a trabalhar a terra todos os dias e a ganharem o pão de cada dia com o suor do seu rosto? Foi difícil para mim imaginar que as mulheres daquela ilha necessitassem de gás hilariante ou de uma peridural para dar à luz. A vida é um jogo, pensei, tudo é de açúcar.

Doíam-me os pés quando por fim cheguei a um povoado chamado Waiyevo, que fica a apenas um quilômetro da linha de mudança de data. Ali puxei conversa com Libby Lesuma, uma simpática australiana que havia se casado com um fijiano e que era dona de uma loja de comestíveis e de outra de suvenires. Estava cercada de crianças, e quando uma delas foi pegar uma bola debaixo de um coqueiro, apontei para a árvore e perguntei à australiana se não tinha medo de que um coco caísse na cabeça de uma das crianças. Com um sorriso ela respondeu que os tubarões lhe metiam mais medo, e, no entanto, não podia proibir que as crianças tomassem banho de mar. Mas se elas tivessem o menor arranhãozinho, tinham de ficar na praia, porque os tubarões farejavam o sangue a uma grande distância, disse a mulher, e eu entendi o recado. Quando lhe contei que viera a pé de Maravu, ela me perguntou se estava com fome, talvez por associação com a história dos tubarões. Respondi que estava com uma fome feroz e disse, em tom de pilhéria, que não contava encontrar um hambúrguer na estrada. Dirigiu-me um sorriso cálido e maternal, e, como a fada-madrinha dos contos da carochinha, levou-me a uma pequena taverna escondida atrás das duas lojas à beira d'água. Eu era o único cliente e comi um

almoço simples, enquanto me animava a empreender o quilômetro que faltava até a linha de mudança de data. A taverna se chamava Cannibal Café, e um letreiro ostensivo anunciava em letras vermelhas, em inglês: “Adoraríamos ter você para jantar”.

Atentei para a frívola relação que os bisnetos dos canibais tinham com seu passado gastronômico. Porque não deixava de ser inconcebível que aquela gente tão sorridente, alegre e solícita estivesse apenas a uma ou duas gerações de ter me posto num caldeirão. O caso é que havia alguma coisa naquela maneira tão encantadora de nos servir que despertava certas associações nesse sentido. Sempre tive a sensação de que tratavam bem os forasteiros, mas às vezes também tinha a impressão de que gostavam dos turistas do mesmo modo como gosto do cheiro de costeletas de carneiro. Quando os fijianos cumprimentavam com seu inesgotável “bula”, eu me perguntava de vez em quando se, ato contínuo, às vezes não lambiam os beijos. Não sei se de tanto sentir o cheiro de carne humana alguma coisa não acaba ficando nos genes. A questão seria saber se os que tinham uma tendência natural nessa direção é que sobreviveram. Talvez os que sentissem aversão pela carne humana fossem em geral mais malnutridos do que os outros e morressem por falta de proteínas, para não falar dos que foram comidos antes de ter tempo de ser pais — também eles haviam perdido seu direito genético ao voto.

O monumento da linha de mudança de data não era grande coisa. Atrás de uma pedra vermelha haviam posto um painel vertical com um mapa tridimensional de Taveuni. Pelo menos dava uma ideia de como se via “the Garden Island” do céu, pois, como você sabe, eu não tinha aproveitado a ocasião quando estivera sentado na caixa de fósforos. Atravessando a ilha, com suas estradas, lagunas e desembocaduras de rios em relevo, havia uma linha traçada de norte a sul — na realidade uma fração de uma circunferência — da periferia do próprio planeta, a qual continuava pelos dois polos, onde formava o meridiano zero, que passa por Greenwich. À direita da linha, isto é, sobre o hemisfério pelo qual eu tinha chegado, estava o dia de hoje, e, à esquerda, o dia de amanhã. Debaixo do monumento se lia: INTERNATIONAL DATELINE WHERE EACH NEW DAY BEGINS.*

Não direi que me causou uma grande impressão estar com um pé no dia de hoje e outro no de amanhã, mas pensei que naquela praia

começaria o terceiro milênio e que só faltavam dois anos para isso. Ali as antenas parabólicas cresceriam como fungos, ali, um dos pouquíssimos lugares do planeta onde ainda não havia televisão. Mandariam informações do último paraíso para um mundo exterior perdido, e, precisamente por causa dessas notícias da última periferia assustada de um planeta ferido, a inocência paradisíaca da ilha se perderia. Pensei: não se podem mandar informações de um sonho sem ao mesmo tempo dissipá-lo.

Lembrei-me de uma coisa que tinha lido sobre os projetos das ilhas Fiji para a celebração do milênio. Uma frase ficara gravada na minha mente — sempre me considerei habilíssimo em me fixar no mais importante. O presidente do Fiji National Millenium Committee, mr. Sitiveni Yaqona, havia declarado: “Já que Fiji se situa diretamente sobre o meridiano de cento e oitenta graus, celebrará o primeiro momento na Terra no ano 2000, e estamos estudando as possíveis maneiras de celebrar o novo milênio nas ilhas Fiji”. E Fiji era, nesse contexto, Taveuni, “diretamente sobre o meridiano de cento e oitenta graus”. Preocupava-me o fato de que o mundo esmagasse essa ilha vulnerável em sua delirante sinalização de onde e quando começaria o futuro. Ali se travaria a batalha, literalmente na separação entre os milênios segundo e terceiro, “o primeiro segundo na Terra no ano 2000”.

Além de render culto ao “último” e ao “perdido”, essa estirpe tem uma necessidade doentia de ser “a primeira”, pensei, embora, refletindo melhor, tenha chegado à conclusão de que, no fundo, dava exatamente no mesmo. Roald Amundsen, por exemplo, ao ser o primeiro a chegar ao polo sul, seria também o último. Foi a última pessoa deste planeta que teve a oportunidade de conquistar essa parcela intacta da natureza; o que seria uma dolorosa realidade para Scott, pouco mais de um mês depois. Os últimos serão os primeiros. Assim também aconteceu com a Lua. O último que foi o primeiro a pisar na Lua, façanha que ninguém poderá repetir depois dele, foi Neil Armstrong. Não foi então um gesto generoso para sua estirpe ele ter saudado Houston com as célebres palavras de que o primeiro passo na Lua era um pequeno passo para o homem, mas um salto gigantesco para a humanidade?

No ponto em que me encontrava, poderia haver uma grande luta por espaço no dia 1o de janeiro do ano 2000. Os preparativos já estavam em andamento, eu ouvira falar de várias reportagens de

televisão e de vários ensaios gerais na linha de mudança de data. Logo chegariam aos montes os “turistas do ano 2000”, como o último grito de desespero de um turismo já muito enfastiado. Eu tinha visto cartazes com “Comemore o início do novo milênio em três continentes!”. As passagens estavam esgotadas já fazia tempo, e ficariam mais caras. Havia gente demais neste planeta disposta a pagar vários milhares de dólares a mais com a finalidade de evitar a humilhação social de ter de celebrar a mudança de milênio uma só vez e num só continente.

Eu estava disposto a empreender uma longa caminhada de volta a Maravu, mas justamente quando traçava complicadas coordenadas no tempo e no espaço, um grande jipe preto parou junto do monumento. Dele saíram Ana e José. Notei como meu pulso acelerou.

Ana me cumprimentou alegremente. Movia a máquina fotográfica de um lado para o outro e explicou:

— Libby nos disse que talvez o encontrássemos aqui.

Não entendi direito, mas me lembrei de repente da fada-madrinha de Waiyevo.

Ana deu mais detalhes:

— Tínhamos o que fazer no povoado. Ao saber que você tinha passado por lá, pensamos que talvez quisesse voltar conosco de jipe.

Devo ter feito uma expressão de quem não estava entendendo nada, mas agradei a oferta de poder voltar de carro, porque tinha calculado mal o tempo e a distância, e quantos quilômetros meus pés aguentariam na estrada poeirenta. Faltavam apenas duas horas para o jantar.

Ana voltou a usar a câmara. Fotografou o monumento, o jipe, José e a mim.

José explicou que estavam estudando as condições da ilha, marcando encontros e entrevistas para fazer uma grande reportagem sobre a mudança de milênio mais adiante naquele mesmo ano. A reportagem faria parte de uma série de programas sobre os desafios da humanidade em face da mudança de milênio.

Ana apontou para o mapa da ilha.

— Estamos aqui agora — falou —, exatamente onde começará o terceiro milênio, “o único lugar onde você poderá ir de hoje para amanhã sem botas de neve”.

Eu já tinha ouvido esse slogan. Além de duas das ilhas Fiji, o meridiano de cento e oitenta graus só passa pela Antártida e pela parte norte da Sibéria. Indaguei:

— Há muito interesse por esse tipo de reportagem?

José assentiu, resignado:

— Interesse demais.

Depois acrescentou:

— Vamos erguer um dedo admoestador.

Quis entender o que ele quisera dizer e perguntei:

— Contra o quê?

— A mudança de milênio de certa forma concerne a todo o planeta, e todos reclamam o direito de participar desde o primeiro instante, mas pode ser fatal para uma ilha do Pacífico suportar o peso da atenção de um mundo inteiro. Teria sido melhor que a linha de mudança de data passasse por Londres ou Paris. Mas nos tempos coloniais era mais conveniente situar a linha num lugar remoto e distante da civilização, acho que está me entendendo...

Claro que estava. Nunca é difícil entender uma pessoa que nos copia. Eu nunca havia acreditado nessas coisas, mas tive outra vez a sensação de que ele tinha lido meu pensamento. Por isso fiquei mais atrevido, porque, se realmente éramos capazes de ler o pensamento um do outro, seria melhor falar sem rodeios. Repliquei:

— Também não ajuda nada o fato de as televisões, além de cobrirem o acontecimento em si, optarem por produzir cada uma das suas reportagens espetaculares sobre exatamente como e em que medida se destroem a cultura e o meio ambiente. Isso também tem apelo?

Achei que tinha exagerado e emendei:

— Na realidade existe alguma coisa que não tenha apelo?

Falei aquilo com um sorriso resignado, e Ana achou graça. José também esboçou um sorriso. Acho que estávamos numa espécie de onda de alta frequência.

Ana foi correndo para o jipe e voltou com uma pequena videocâmara, tipo doméstica. Focalizou-me e falou:

— O biólogo norueguês Frank Andersen vem estudando as condições naturais em várias ilhas da Oceania. O que você poderia dizer aos espectadores espanhóis?

Fiquei tão surpreso e tão confuso que não soube o que responder.

Como ela sabia que eu era norueguês? E como sabia meu sobrenome? Teria consultado o livro de registro do Maravu? Ou lembrava de onde tínhamos nos encontrado antes?

Era tão espontânea e tão infantil que nem passou pela minha cabeça me recusar a jogar o seu jogo. Acho que falei durante seis ou sete minutos, isto é, demais, mas o caso é que soltei o verbo e me pus a falar dos estragos ecológicos na Oceania, de biodiversidade e de direitos humanos versus obrigações humanas.

Quando acabei, Ana pôs a câmara no chão e aplaudiu.

— Bravo! — exclamou. — Saiu ótimo.

Ao fundo, ouvi o comentário de José:

— Era uma coisa desse tipo que eu queria dizer com o dedo admoestador.

Deixei-me seduzir mais uma vez por aqueles olhos negros.

— Gravou? — perguntei.

Ela fez que sim com um ar misterioso. Não me ocorreu que a pequena videocâmara pudesse ter algo a ver com a reportagem para a televisão. Não levei muito a sério o trabalho televisivo de que falavam. Em primeiro lugar, eu é que havia dito que estava na ilha para pesquisar, e agora eles também tentavam se fazer de interessantes. Ou podia ser que não tivessem acreditado em mim, é isso, era mais provável, devem ter pensado que eu estava mentindo, porque não era tão estranho assim que um homem sozinho em férias no Pacífico sentisse a necessidade de dar a impressão de que sua viagem tinha um objetivo mais importante que o mero descanso.

Havia algo mais. O casal espanhol teria passado por acaso pelo meu chalé disparando algumas sutilezas sobre a existência de Deus e a falta de espanto de Adão? Também fora por simples acaso que apareceram na linha de mudança de data? Ou será que, de algum modo, estavam brincando comigo?

Pelo menos eram brincalhões. Ana brincava de estar fazendo uma reportagem no Pacífico, e não entrei no jogo dela porque ainda não havia descartado a ideia da viagem de lua de mel. “Ainda estamos juntos...” Se soubessem que eu entendera o que eles tinham dito, eu teria me sentido bastante mal, e com certeza eles também.

José havia descido até o mar. De costas para nós, falou alguma coisa em espanhol. O tom da sua voz indicava que ele estava fazendo uma

espécie de balanço, e de novo foi como se tivesse soltado algo que já tinha dito uma porção de vezes ou algo que tinha decorado. Disse:

— *Existe um mundo. Em termos de probabilidade, isso é algo que esbarra no limite do impossível. Teria sido muito mais fidedigno se, por acaso, não existisse nada. Nesse caso, ninguém teria começado a perguntar por que não havia nada.*

Tentei captar tudo o que ele dizia, mas não era fácil, porque ao mesmo tempo a formosa mulher tinha os olhos cravados em mim, como se procurasse alguma reação ao fato de José ter se posto a falar de costas num idioma que, supunha-se, eu não dominava. Não havia dúvida de que eu o ouvia, mas acaso entendia o que ele estava dizendo? E, se não, perguntaria o que ele acabava de dizer?

A verdade é que foi difícil para mim olhar para Ana e seus olhos negros sem revelar que entendia as admoestadoras palavras de José, palavras que ao mesmo tempo eu estava me esforçando para assimilar. Sentia-me muito alterado, mas não podia desviar meu olhar do de Ana.

Acho que saí vitorioso desse confronto, porque no mesmo instante Ana pegou a câmara no chão e a pôs no assento dianteiro do jipe. Apoiou-se por um momento no veículo, como se estivesse enjoada. Não estava um tanto pálida? Isso durou apenas alguns segundos, até ela se endireitar de novo, esquecer-se de suas obrigações comigo, correr os oito passos que a separavam de José e pegar na mão dele. Assim permaneceram alguns segundos, sob a luz do crepúsculo tropical, como uma estátua viva de Amor e Psique. Dessa vez foi Psique que pronunciou algumas palavras de resposta às de Amor:

— *Levamos uma alma que não conhecemos e somos levados por ela. Quando o enigma se ergue sobre duas patas sem ter sido solucionado, é que chegou a nossa vez. Quando as imagens sonhadas beliscam o próprio braço sem acordar, somos nós. Porque somos o enigma que ninguém sabe resolver. Somos o conto encerrado em sua própria imagem. Somos os que andamos sem parar e nunca chegamos à claridade.*

Estando eles ainda de costas, peguei escondido meu caderninho para tentar anotar parte do que tinham formulado de modo tão brincalhão e nostálgico, mas ao mesmo tempo admoestador e programado. “Somos os que andamos sem parar e nunca chegamos à claridade...”

Será que teriam aprendido de cor alguns versos espanhóis que recitavam constantemente? Ainda assim, havia alguma coisa nessa

maneira quase cerimonial de enunciar suas estranhas frases que me convenceu de que o que recitavam tinha a eles mesmos como remetentes e destinatários.

No jipe, de volta a Maravu, falamos um pouco de tudo e bastante a respeito de minhas pesquisas sobre a natureza. O sol já estava baixo no céu e era levado para o mar pela inevitável gravitação da passagem do dia. Eu sabia que depois de uma hora a escuridão seria total. Na poderosa luz dourada vimos mulheres com a trouxa de roupas, crianças que continuavam se refrescando nos rios e garotos jogando rúgbi.

“Somos o enigma que ninguém sabe resolver...”

Pensei como eu sempre fora presa de uma perspectiva reducionista, tanto em relação ao mundo em geral como em relação à minha breve vida na Terra. Ana e José tinham voltado a despertar em mim um sentimento um tanto adormecido de quão maravilhosa é a vida, não apenas neste paraíso do Pacífico, mas a vida na Terra, também a que vivemos nas grandes cidades, embora aí corramos o risco de não ver quão mágico é o mundo dos seres humanos, porque nos deixamos submergir pelas ocupações cotidianas, pelas diversões que nos distraem e pelos desejos sensuais.

Ao passar pelo povoado de Somosomo, José se virou para Ana e apontou um grupo de pessoas na praça, diante da igreja batista. Voltou a dizer algo em espanhol, dessa vez mais ou menos como um contraponto às reflexões que eu fazia sentado no banco de trás do jipe, batendo a cabeça no teto ao compasso das irregularidades da estrada. Disse José:

— *Os elfos de açúcar estão a todo momento mais vivos do que bem-comportados, mais fantásticos do que confiáveis, mais misteriosos do que são capazes de entender com sua pouca razão. Como besouros enjoados zumbem de flor em flor numa sonolenta tarde de agosto, os elfos de açúcar da temporada se aferram a seus habitats urbanos no espaço celeste. Só o Curinga se libertou.*

“Os elfos de açúcar da temporada...” Essa curiosa expressão fez que eu me sobressaltasse. Creio recordar que tapei a boca com uma das mãos para não repetir a frase em voz alta. Talvez você diga: e por que não repetiu? Por que eu era incapaz de pedir a Ana e José um esclarecimento sobre seus estranhos arroubos poéticos? Se houvesse lhes perguntado o que estavam dizendo, teriam traduzido para o inglês,

suponho, e talvez até tivessem me dado uma explicação mais exaustiva. Pois a expressão “os elfos de açúcar da temporada” bem que poderia necessitar de uma aclaração.

Fiz-me essa mesma pergunta várias vezes e não sei se encontrei uma resposta satisfatória, mas creio ter pensado algo assim: aquela comunicação extraordinária entre Ana e José era antes de mais nada algo entre os dois. Eram dois, Vera, talvez seja isso que desejo assinalar o tempo todo, eram tão extraordinariamente dois, tão indissolúvelmente juntos em sua simbiose mental... Interpretei esse estranho contato verbal entre eles sobretudo como um vínculo pessoal muito íntimo entre os dois amantes, e ninguém costuma ler sem mais nem menos as cartas de amor de outras pessoas, pelo menos não na presença delas. Se houvesse revelado que entendia o que diziam, eu teria me privado da possibilidade de escutar mais coisas como aquelas.

Tudo bem, você está pensando, eu não tinha por que revelar que entendia o idioma deles, mas pelo menos poderia ter lhes perguntado de vez em quando do que estavam falando, pois não era estranho eu ouvir tudo sem reagir nem uma vez ao estranho comportamento deles? Não, não tem por que ser estranho que duas pessoas que usam o inglês quando falam com alguém que não entende sua língua, de vez em quando troquem algumas palavras em seu idioma. Intimidade, é assim que se costuma chamar a isso. Supostamente eu não entendia o que diziam, podiam estar falando da dor de barriga de um deles, ou da fome que o outro sentia, ou da vontade que tinham de chegar ao hotel para jantar. Além do mais, eu queria continuar ouvindo, para me inteirar de tudo o que pudesse. Quando a pessoa com quem você divide a cama de repente começa a falar enquanto sonha, o normal é que você não se apresse a despertá-la, embora às vezes fosse o mais correto, mas não, você procura ficar quieto, muito quieto, para que o edredom não faça barulho e você possa ouvir a mensagem do orador adormecido, uma mensagem certamente não maquiada.

Ana se apoiou em José, e ele envolveu os ombros dela com o braço esquerdo, enquanto agarrava com mais força o volante com a mão direita. Ela olhou para ele com os olhos acesos e falou:

— *Os elfos estão agora no conto, mas são aquilo para o que não há palavras. Seria o conto um verdadeiro conto se fosse capaz de ver a si mesmo? Causaria impacto a vida diária se estivesse constantemente se*

explicando a si mesma?

Acomodei-me melhor no banco e procurei pensar nos sapos esmagados na estrada, tinha visto mais de cem no meu passeio até a linha de mudança de data. Ficavam totalmente achatados quando se extraía sua água, comprimindo-os. Na realidade, porém, não pensava nos sapos, mas me perguntava se não tinha me extraviado na minha ciência, perdendo a capacidade de ver a magia de cada segundo na Terra. Indaguei-me até que ponto as ciências naturais tiveram como programa o poder de explicar tudo. Tal projeto trazia implícito o perigo de que você ficasse completamente cego para tudo aquilo que não se pode explicar.

Ao passar pelo último povoado, tivemos de reduzir a velocidade e quase parar o jipe ao encontrar com algumas mulheres e crianças andando no meio da estrada. Cumprimentaram-nos sorridentes, e nós lhes retribuímos sorridentes a saudação. “Bula!”, gritaram através das janelas do jipe, “bula!” Uma das mulheres se achava em estado bem avançado de gestação.

Ana se afastou do braço de José, e ele voltou a pôr as duas mãos no volante. Ao se virar para olhar as mulheres, Ana disse:

— *Na escuridão dos ventres avultados nadam a todo instante vários milhões de casulos de uma flamante consciência do mundo. Desvalidos elfos de açúcar saem por pressão um a um, quando estão maduros e são capazes de respirar. Ainda não podem tomar outro alimento senão um adocicado leite de elfo que sai jorrando de um par de suaves botões de carne de elfo.*

“Carne de elfo”, Vera. O que pressupunha que, nesse universo joseaniano, “os elfos” teriam que ser nós, isto é, os humanos na Terra. Aplicando o termo aos fijianos, parece-me ainda mais cru pensar na naturalidade com que seus antepassados tinham se saciado de carne e sangue de elfo. Não eram esses filés etéreos por demais nobres para serem devorados?

Chegamos a Maravu, e já no meu chalé fiquei alguns minutos na varanda contemplando o pôr do sol. Pareceu-me justo render as últimas homenagens a esse dia, já que, afinal de contas, a arriscada viagem de táxi aéreo tinha terminado bem. Isso fora nas primeiras horas da manhã, logo depois do nascer do sol. Agora acompanhei com o olhar o disco solar vermelho-pálido até ele cair de boca para cima e rodar pelo horizonte do mar. O sol era tão somente uma dos cem

bilhões de estrelas da nossa galáxia, e nem sequer era das maiores. Mas era a minha estrela.

Quantas voltas me restavam como passageiro da passagem deste planeta por sua estrela na Via Láctea? Eu já tinha dado perto de quarenta voltas, quarenta voos ao redor do sol. Com isso havia feito pelo menos metade da viagem.

Desfiz as malas, tomei um banho e vesti a camisa branca que havia comprado em Auckland. Antes de ir jantar, permiti-me um pequeno gole da garrafa de gim que tinha levado, e a deixei na mesinha de cabeceira. Era um ritual que sempre observava com precisão quando estava viajando. Sabia que tomaria o gole mais profundo ao voltar para deitar. Era meu único sedativo.

Lembrei quanta falta me fizera a garrafa no teco-teco de Nadi. Tínhamos estado separados, a garrafa e eu, por alguns quartos de hora dramáticos, e naquela manhã a Sunflower Airlines havia cuidado melhor da garrafa que do dono dela.

Ao sair na direção do coqueiral e fechar a porta às minhas costas, ouvi algo fazendo barulho numa das vigas do teto. Tive uma leve desconfiança do que poderia ser, mas não voltei para averiguar.

* “Linha internacional da data, onde cada novo dia se inicia.” (N. T.)

ANFIBIOS DE VANGUARDA

LÁ FORA TUDO ESTAVA MUITO ESCURO. A única fonte de luz no grande coqueiral eram alguns discretos lampiões de gás já acesos, e, além deles, no alto, acima da copa dos coqueiros, brilhavam milhares de minúsculos pontinhos de luz em densos ramalhetes de meandros estelares. Pensei: ao sair das grandes cidades, você tem a oportunidade de se encontrar no espaço quando a noite cai. Mas uma parcela cada vez maior da humanidade se deixou envolver por um efeito óptico de jardim de inverno que nos faz esquecer quem somos e de onde viemos. A natureza é, para muitos, igual a imagens televisivas, vasos de plantas decorativas e aves engaioladas, e o espaço se transformou numa coisa que se contempla melhor nos planetários.

Não foi fácil achar o caminho para o restaurante, mas rumei às cegas na direção de uma luz tênue procedente do edifício principal, lá longe, abrindo passagem entre densos arbustos junto dos coqueiros, até sair na piscina, cujas luzes já estavam todas acesas. Na piscina havia três ou quatro sapos de açúcar nadando de um lado para outro. Ocorreu-me que nadavam para tirar o diploma de primeiros socorros, porque, acredite você ou não, havia um sapo sentado na beira da piscina controlando tudo. Tudo segue as suas regras, pensei. Durante o dia, os primatas tinham a piscina só para eles, e os sapos nem apareciam. Mas à noite era a vez de os anfíbios utilizarem as instalações.

Subi até o restaurante, onde as velas das dez mesas já estavam acesas. Havia dez chalés, ou *bures*, no Maravu e outras tantas mesas no restaurante.

Ana e José já estavam sentados. Ela ainda usava o vestido vermelho, e reparei que tinha posto sapatos vermelhos de salto alto. José também usava o mesmo terno de linho preto. A única diferença era que tinha posto um lenço vermelho no pescoço. O lenço era do mesmo tom do vestido de Ana, talvez fossem da mesma peça.

Sentei-me à mesa mais próxima da deles, e trocamos movimentos de cabeça à guisa de cumprimento. Como viajante solitário, eu tivera de aprender a arte de não suplicar ofertas bem-intencionadas de dividir a

mesa. Era noite, a excursão da tarde havia terminado, e Ana e José não me pertenciam mais, agora só pertenciam um ao outro.

Também cumprimentei Laura com um movimento de cabeça, ela estava sentada sozinha no outro extremo do restaurante. Em outra mesa havia um senhor moreno de barba negra com fios brancos que devia ter cerca de dez anos mais que eu. Mais tarde eu iria conhecê-lo como Mario, o italiano. Na mesa ao lado da dele havia um jovem casal, sem dúvida em lua de mel, porque não deviam ter mais que vinte e poucos anos, e não apenas se inclinavam sobre a mesa com as mãos entrelaçadas como de vez em quando juntavam as cabeças para se fundirem num beijo apaixonado. Na noite seguinte também trocava algumas palavras com eles, vinham de Seattle e se chamavam Mark e Evelyn.

Numa outra mesa estava John, o inglês que fora nos buscar no aeroporto. Parecia estar tomando notas, lembro-me muito bem disso porque eu também costumava fazê-lo enquanto esperava que me atendessem, no almoço ou no jantar. Nessas situações, nunca tinha o sossego mental necessário para abrir um romance e ler. Mais tarde saberia que o homem das notas era o escritor inglês John Spooke, de Londres, para ser mais preciso, de Croydon, ao sul da cidade. Quando descobri que ele era escritor, dei por certo que pertencia àquele pequeno clã de autores de best-sellers que na temporada de inverno podiam se permitir passar um ou dois meses numa ilha do Pacífico, em busca de inspiração para um novo romance. Mas ele só estava em Taveuni fazia dois dias, e o motivo da sua viagem era uma participação num programa de tevê. Sim, sim, claro, algo sobre a mudança de milênio, a linha de mudança de data, desafios internacionais, coisas assim. Coisas assim, Vera, coisas assim!

Bill, eu não vi. Talvez estivesse no quarto fazendo exercícios de ioga com a esperança de que ainda lhe restassem outros sessenta anos de vida.

O jantar foi servido por dois nativos altos, ataviados com a saia tradicional de Fiji e uma flor vermelha atrás da orelha. Um deles trazia a flor na orelha esquerda, o que significava que não estava preso a nenhuma mulher. O outro, na direita, o que queria dizer que era casado. Se eu vivesse em Taveuni, alguns meses antes teria tido de me expor à humilhação social de mudar a flor da orelha direita para a

esquerda.

Pedi meia garrafa de bordeaux branco e outra de água mineral. Sempre se podia escolher entre dois pratos no Maravu, e ao nos registrar já decidimos o que jantaríamos. Eu estava então com a cabeça tão cheia de ideias pitorescas sobre os costumes culinários tradicionais das ilhas Fiji que escolhi peixe, por via das dúvidas.

Ana e José conversavam em voz tão baixa que no início eu só podia entender fragmentos do que diziam. Apesar disso, mesmo essas frases fragmentadas bastaram para despertar minha curiosidade. Eles pareciam estar negociando algo, ou revendo e corrigindo pela última vez uma declaração comum sobre alguma coisa... sim, sobre alguma coisa.

José disse:

— *Somos obras de arte elaboradas e enobrecidas durante bilhões de anos, mas somos feitos de um material barato demais.*

Depois perdi uma pergunta e uma resposta, e voltei a captar algumas palavras de José:

— *A porta que sai do conto está sempre aberta de par em par* — falou.

Ana aquiesceu solenemente:

— *Somos os diamantes do espírito no relógio de areia.*

Mais ou menos assim transcorreu a conversa ou, melhor dizendo, os breves fragmentos dela que chegaram aos meus ouvidos, com tanta clareza que pude apreender o significado das palavras.

Durante essas deliberações, vi Bill chegar lentamente pelo coqueiral, com sua bermuda amarela e uma florida camisa havaiana azul. Laura deve tê-lo avistado primeiro que eu, porque observei que pouco antes de ele aparecer, pegou seu *Lonely Planet* e se pôs a ler avidamente, suponho que tão avidamente que não entendia uma só sílaba do que lia. Mas não adiantou. Bill ficou alguns segundos de pé observando a colocação das mesas antes de optar por sentar sem nenhum embaraço à mesa de Laura. Ela aproximou o rosto do livro de tal modo que eu já nem conseguia enxergar sua nuca, embora tenha dado para ver que a jovem não olhava para ele. A cena lembrava uma tartaruga assustada que busca refúgio em sua carapaça. Lembro de ter sentido um pouco de pena de Laura, mas também pensei que teria sido melhor para ela se não tivesse se comportado de maneira tão soberba com um zoólogo de campo no aeroporto, naquela manhã. Não me recordo se esta última reflexão vinha temperada com certa malícia.

A conversa na mesa ao lado adquirira um tom mais decidido. Ana disse:

— *Precisa-se de bilhões de anos para criar um ser humano. E ele só precisa de alguns segundos para morrer.*

Tirei discretamente meu caderninho do bolso da camisa. Mas tinha esquecido a esferográfica! Minha irritação cresceu quando José elevou ligeiramente a voz e recitou as seguintes verdades com dicção clara:

— *Ante um olhar imparcial, o mundo não se apresenta apenas como um improvável fato único, mas como uma constante carga para a razão. Quer dizer, se é que existe a razão, se é que existe uma razão neutra. Assim soa a voz de dentro. Assim soa a voz do Curinga.*

Ana assentiu com ar eloquente. Depois acrescentou:

— *O Curinga nota que cresce por si mesmo, nota-o nos braços e nas pernas, nota que não é simplesmente produto da sua imaginação. Nota que está crescendo esmalte e marfim em seu focinho antropomorfo. Nota o leve peso das costelas do primata sob a camiseta, nota o pulso rítmico que bate sem cessar, bombeando o líquido quente por todo o corpo.*

Eu não devia estar regulando muito bem, tanto assim que me levantei e fui direto para a mesa do inglês, que tomava notas enquanto esperava que o servissem. Ele havia terminado o primeiro prato e guardado o papel e a esferográfica. Cumprimentei-o inclinando a cabeça e disse:

— Desculpe... Mas reparei que estava tomando notas. Poderia me emprestar a caneta um instante?

— Com prazer — respondeu ele. — Leve esta.

E tirou do bolso uma hidrográfica Pilot. Brincou com ela alguns segundos, até que afinal a estendeu para mim.

— Eu devolvo — garanti.

Fez um gesto de homem do mundo enquanto dizia que estava bem equipado de hidrográficas pretas, ainda mais em lugares do mundo tão longínquos como aquele. Agradei de todo o coração, e nos apresentamos com maiores detalhes do que quando nos vimos no aeroporto.

Em poucas palavras tentei inteirá-lo de meus estudos de campo, e o homem de grandes costeletas brancas ouvia com atenção, com muita atenção mesmo. Já estou tão vivido que comecei a apreciar a atenção alheia de um modo novo. Estendeu-me a mão e se apresentou:

— John Spooke — disse. — Escritor, de Londres.

— Está escrevendo alguma coisa agora? — perguntei.

Negou com a cabeça e me contou que estava ali porque a BBC o enviara para participar de um programa de televisão sobre a mudança de milênio. Comentou com sarcasmo que se pensava que era justamente ali que começaria o futuro e que o novo milênio só teria início doze horas depois, em Londres. Também mencionou os títulos de alguns romances que havia escrito, um dos quais pelo visto fora traduzido para o norueguês.

Quando agradei mais uma vez pela hidrográfica e me dispunha a voltar à minha mesa, ele disse alegremente:

— Escreva uma coisa bonita...

Virei-me, e ele acrescentou:

— ... e mande lembranças minhas!

Não sei, Vera, mas talvez eu deva lhe mandar os cumprimentos daquele inglês tão afável, embora eu não tenha escrito a você naquela noite. Mas estou escrevendo agora, e escrevo sobre o que aconteceu comigo naquela primeira noite no Maravu Plantation Resort, para que você entenda melhor o que aconteceria em Salamanca meses depois.

Bill fazia o impossível para arrancar Laura do seu *Lonely Planet*. Tive a impressão de que a jovem se limitava a fazer comentários mínimos às tentativas mais ou menos invasoras do seu companheiro de mesa para entabular uma autêntica conversa.

O jovem par de recém-casados estava se beijando vorazmente por cima das tigelas de salada, o que me levou a pensar de novo no canibalismo. Eu pertencia a uma cultura em que era socialmente aceito lambar-se e comer em público, inclusive sentados à mesa. O limite estava nas extirpações culinárias irreparáveis. Imaginei que deveria ter sido ao contrário na antiga cultura das ilhas Fiji. Não devia ser bem-visto bolinar em público, pelo menos não durante uma refeição; no entanto, era permitido devorar em público os intestinos de um ser humano morto.

O italiano tinha seu olhar melancólico cravado na taça de vinho tinto. De todos os presentes, era obviamente o mais solitário. Olhou de soslaio, cheio de pesar, para o jovem casal americano e me fez pensar num cão sem dono.

Sentei-me novamente e ouvi José fazer um comentário sobre “*fatos*

exoticamente cotidianos”. Seguiram-se muitos murmúrios que não consegui entender, mas de repente José pronunciou algumas palavras que devem ter acendido uma luz na mulher vestida de vermelho, porque no mesmo instante ela sorriu abertamente, endireitou-se e recitou as seguintes frases com grande enlevo:

— *Um grande anseio percorre o mundo. Quanto maior e mais poderosa é uma coisa, mais profunda a melancolia após o parto. Quem ouve a melancolia do grão de areia? Quem presta ouvido ao anseio do piolho? Se não existisse nada, ninguém sentiria falta de nada.*

A mulher correu os olhos pelo local algumas vezes, mas tão rapidamente que era impossível ter percebido que eu estava taquigrafando tudo o que ela dizia. Também não sabia que eu entendia espanhol e, além do mais, não podia ter certeza de que eu pudesse ouvir alguma coisa. Imaginaria que eu estava absorto em minhas anotações, por exemplo, sobre todas aquelas espécies de sáurios que havia estudado na Oceania.

Por um bom momento tive de me contentar com os fragmentos escassos que consegui apreender dos suaves murmúrios entre o vermelho e o negro.

— *Quanto mais os elfos se aproximam da extinção eterna, mais insignificantes se tornam suas palavras* — postulou Ana com um olhar interrogativo para seu par.

Ele replicou:

— *Sem a anomalia do bufão inconsolável, o mundo dos elfos teria sido cego como um jardim secreto.*

Intuí que esses fragmentos soltos que ouvia eram peças de um quebra-cabeça maior, de um grande mosaico que sem dúvida seria tanto mais complicado completar quanto mais peças estivessem faltando. Mas logo chegou a comida, e guardei o caderninho. O pouco que consegui assimilar me parecia desconexo demais. Por fim, quando estavam acabando de jantar, José voltou a erguer a voz e disse:

— *O Curinga ronda intranquilo entre os elfos de açúcar como um espião num conto de fadas. Faz suas reflexões, mas não tem nenhuma autoridade a quem informar. Só o Curinga é que vê. Só o Curinga vê o que é.*

Ana refletiu um instante antes de responder:

— *Os elfos tentam pensar alguns pensamentos tão difíceis de pensar que não são capazes de pensá-los. Mas não conseguem. As imagens da tela de*

cinema não saltam para a sala de cinema para atacar o projetor. Só o Curinga acha seu caminho entre as filas de cadeiras.

Não vou jurar que foram exatamente essas as suas palavras, mas eles falavam coisas assim.

Tiraram as mesas, e o italiano se levantou. Cumprimentou desafiador Ana e José enquanto se dirigia à minha mesa; ao chegar, estendeu-me a mão e se apresentou. Como já disse, chamava-se Mario, e nos últimos anos havia se dedicado ao transporte charter em seu iate, construído por ele próprio. Era uma atividade que, na verdade, ele nunca planejara, mas fazia quinze ou vinte anos tinha atravessado o canal de Suez e navegado até a Índia, a Indonésia e a Oceania, e ainda não havia conseguido juntar dinheiro suficiente para voltar à sua Nápoles natal.

Vinha com uma pergunta concreta:

— Joga bridge?

Suponho que eu tenha dado de ombros, porque, embora fosse um jogador de bridge bastante habilidoso, não era exatamente uma partida de bridge o que mais me interessava naquele momento; a noite tropical era mágica demais para isso. Mas quando acrescentou que jogaríamos contra o casal de espanhóis, aceitei sem pestanejar. Explicou-me que nas noites anteriores tinham jogado com um holandês, mas este havia seguido viagem para Vanua Levu com o barco regular, naquele dia mesmo.

Foi assim que nos juntamos aos espanhóis e jogamos algumas mãos. Ana e José sempre conseguiam ficar com a declaração, ou ganhavam do italiano e de mim na última e decisiva vaza. Não só jogavam com precisão invejável, mas o faziam de uma maneira tão elegante e aparentemente se esforçando tão pouco, que algumas vezes durante a partida podiam descansar e prosseguir seu lunático jogo de frases espanholas. Prestei atenção em palavras e expressões como “*o antiquíssimo toque dos tímpanos*”, “*o desavergonhado casulo que não para de crescer e crescer em todas as direções*”, “*o primata chique*”, “*o enfatiado meio-irmão do neandertal*”, “*uma cálida corrente de miragens semidigeridas*”, “*o plasma da alma*”, “*o airbag do festival de proteínas*”, “*um disco rígido orgânico*” ou “*a gelatina do conhecimento*”.

Nas duas vezes que me coube ser o morto, tive a oportunidade de me afastar da mesa para anotar as palavras que captara, porque tudo o

que se ouvia era dessa índole, nada mais que palavras e expressões velhas e para lá de conhecidas como “o plasma da alma”, o “air bag do festival de proteínas” ou “o enfatiado meio-irmão do neandertal”. Eu já havia definido Ana e José como um par de poetas com síndrome de Tourette,* e não descarto que poderia ter jogado muito melhor se ao mesmo tempo não tivesse de dedicar parte da minha atenção ao que se murmurava entre norte e sul. Cheguei a pensar que talvez tenha sido essa a intenção, isto é, desviar a atenção de leste e oeste.

Foi Mario que optou por interromper o jogo. Não digo que tenha atirado o baralho mal-educadamente na mesa, mas o largou de modo tão decidido que me sobressaltei. Balançou a cabeça e exclamou, mal-humorado:

— São videntes!

Ana olhou para ele com maliciosa satisfação, e Mario buscou em mim um aliado.

— Cinco paus! — quase bramiu. — Depois de uma declaração dessas, poderia até ser Frank quem estava com o ás. É como se sempre soubessem o que temos na mão.

Pensei que ele talvez estivesse mais perto da verdade do que ele próprio podia imaginar. Talvez aquele casal com aquela compenetração assombrosa, e que não estava em sua primeira lua de mel, fosse de fato capaz de ler pensamentos. E por que não?, pensei, insolente. Ali estávamos, quatro primatas intensamente observadores, numa enfeitada noite tropical, sob um manto cintilante de estrelas, em nosso quase provinciano braço espiral da galáxia chamada Via Láctea. Do planeta em que tínhamos nos desenvolvido laboriosamente de vertebrados primitivos, daquela insignificante laguna no arquipélago galáctico, nossos companheiros de espécie enviavam sondas espaciais e ondas de rádio em sérias tentativas de travar uma espécie de contato cognitivo com seres biológicos tão avançados como nós em outras plagas de outros sistemas solares muitos anos-luz além do nosso pequeno jardim. E isso sem levar em conta a história evolutiva sumamente particular desses seres, pois poderiam ser mais parecidos com as estrelas-do-mar do que com mamíferos como nós. Então por que duas almas gêmeas que pertenciam não só à mesma biosfera, mas também à mesma espécie e à mesma etnia, e que além do mais apenas passeavam se refletindo

uma na outra, não seriam capazes de, na mesa de bridge, trocar simples sinais eletromagnéticos relacionados com as cores e os números das cinquenta e duas cartas? Tem razão, com certeza eu estava contagiado pela euforia da noite tropical, e não era a primeira vez que sofria essa forma especial de falta de autocritica.

Meu estado não melhoraria até algum tempo depois, porque vieram em seguida perguntas na mesma linha. Se todos os que estávamos jogando éramos igualmente bons jogadores, qual era então a probabilidade de que uma das duas duplas ganhasse oito mãos seguidas?, perguntou Mario. Eu opinei que seria uma questão de distribuição das cartas, mas que a probabilidade de que uma das duas duplas recebesse as melhores cartas até oito vezes seguidas era tão mínima que seria mais fácil aceitar a ideia de que Ana e José eram melhores jogadores.

Ana estava radiante. Nem tentou ocultar sua alegria, e deu várias pistas de que não era a primeira vez que ganhava nas cartas. Permitiu-se até apoiar uma das mãos no ombro de Mario, como se o estivesse consolando, gesto ante o qual o homem recuou com cara de poucos amigos.

José transferiu então a questão das probabilidades e da distribuição de cartas a algo que tinha a ver com o meu campo. Creio que a primeira coisa que ele perguntou foi se eu achava que a evolução da vida na Terra fora impulsionada unicamente por algo tão pouco previsível quanto as mutações casuais. Ou poderia haver algum outro mecanismo, ignorado pelas ciências naturais? Considerava eu, por exemplo, irracional levar em conta questões sobre a intenção e o propósito da evolução?

Deixei escapar um leve suspiro, e não exatamente porque achasse que José havia feito uma pergunta ingênua, mas porque, mais uma vez, tinha levado a conversa para uma problemática com a qual eu tivera, durante todo aquele dia, uma relação francamente delicada. Apesar disso, dei-lhe as típicas respostas de livro didático e pensei que com isso tivéssemos encerrado a discussão.

Ele disse:

— Temos dois braços e duas pernas, o que é muito útil quando estamos sentados em torno de uma mesa jogando bridge. Também não são inadequados para levar uma nave espacial à Lua. Mas isso é

casual?

— Depende do que você pretende dizer com “casual” — observei.
— As mutações são casuais. Logo, é o ambiente que, a cada momento, vai decidir quais são as mutações com direito à vida.

José prosseguiu:

— Mas você acha que se deve a uma soma de casualidades desse tipo o fato de este Universo, neste momento, ter certa ideia da sua própria história e da sua dimensão no tempo e no espaço?

José estendeu um braço como que apontando para a noite universal do mundo, e na realidade era para esse mundo que estava falando.

Ia dizer alguma coisa sobre as mutações e a seleção natural, mas não tive tempo, porque ele exclamou:

— Se o objetivo fosse conseguir uma razão mais ou menos objetiva, não sei se poderíamos ter tido um aspecto muito diferente.

Ana sorriu, maliciosa. Passou um braço pelo pescoço do seu homem e o beijou no rosto, como para acalmá-lo. Depois, virou-se para mim e disse em tom de piada:

— Você está obcecado pela ideia de que os seres inteligentes dos outros planetas do Universo têm necessariamente que se parecer um pouco conosco.

— Nesse caso creio que se engana — repliquei impulsivamente.

Mas José não se deu por vencido tão fácil:

— Têm que ter um aparato sensorial, e necessariamente um órgão com que pensar, o que é provável que não teriam conseguido se não tivessem dois membros dianteiros livres.

— Por que dois? — indaguei.

Pela primeira vez tive a sensação de que eu é que estava batendo em retirada. Em todo caso, José tinha lançado um argumento que, naquele instante, me deixou um tanto perplexo. Dois braços e duas pernas eram suficientes, de acordo, mas não era essa a maneira de raciocinar de uma ciência empírica. Já não havia passado meio milênio desde que a filosofia descartara a teoria de Aristóteles sobre a “causa final”?

Continuou:

— E, a longo prazo, de nada serve alimentar mais membros que os necessários, pelo menos não por milhões de anos.

Nesse instante um sapo pulou para o deck em que nos encontrávamos, talvez fosse um dos banhistas. Apontei para ele e disse

com voz triunfante:

— Temos dois braços e duas pernas simplesmente porque descendemos desse tipo de seres de quatro patas. Também a eles devemos a estrutura básica do nosso aparato sensorial. Esse exemplar é um *Bufo*, um *Bufo marinus*.

Peguei o sapo e mostrei os olhos, a fossa nasal, a cavidade bucal, a língua, a laringe e os tímpanos. Fiz um breve comentário sobre seu coração, pulmão, aorta, estômago, vesícula biliar, pâncreas, fígado, rins, testículos e uretra. Arrematei a exposição com dados sobre a estrutura do esqueleto, a espinha dorsal, as costelas e as patas. Na hora de soltar o animal, acrescentei alguns detalhes dispersos sobre a evolução do anfíbio ao réptil e, mais tarde, do réptil às aves e aos mamíferos.

Mas José não tinha entregado os pontos, porque comentou:

— Então os anfíbios receberam ótimas cartas no início. Sem dúvida ganhariam todas as mãos. E não se trata apenas de sorte. Em comparação com outras ordens de animais, eram de vanguarda. Tinham tudo o que era necessário para criar um ser humano.

— É fácil saber isso a posteriori.

— Antes tarde do que nunca — replicou. — São duas as razões por que temos dois braços e duas pernas. Uma é que descendemos dos quadrúpedes; a outra é que é conveniente.

— E se os anfíbios tivessem seis patas?

— Nesse caso não estaríamos aqui falando com tanta racionalidade ou duas das patas teriam ficado pelo caminho. Houve um tempo em que tivemos uma cauda, que naturalmente pode ser útil para uma série de atividades animais, mas tanto diante de um computador como dentro de um foguete com destino à Lua não teria passado de um estorvo.

Creio que me recostei na cadeira. José tinha apenas discutido as mesmas questões sobre as quais eu vinha meditando nos últimos tempos. Após a tragédia que se abateu tão de repente sobre mim e sobre você, Vera, eu havia feito muitas reflexões nos últimos meses. Por que tivemos de perder Sonja? Não sei quantas vezes me fiz essa pergunta. Por que não pudemos ficar com a menina? Se um dos meus alunos tivesse feito essa indagação num exame, eu teria sido obrigado a reprová-lo. Mas somos seres humanos, e os seres humanos têm uma tendência a procurar sentido onde não há sentido. Falei:

— De todo modo você tem razão quando diz que não foram os artrópodes que por fim conquistaram o espaço, tampouco os moluscos.

Ele retorquiu:

— E os que um dia nos enviarão seus cartões crípticos de visita em ondas de rádio de outro sistema solar, com certeza não terão uma anatomia parecida nem com a de um polvo nem com a de uma centopeia.

Ana se pôs a rir.

— Não disse? — exclamou.

Ana e José, e pouco a pouco também Mario, começaram a me fazer uma série de perguntas científicas, o que talvez tenha se devido à já citada síndrome da noite tropical, mas devo confessar que adorei ser o centro das atenções. Pronunciei vários minidiscursos sobre algumas formulações da paleontologia e da biologia evolutiva. Mas também fui prestando uma atenção cada vez maior em meu oponente. De uma maneira muito espirituosa, José fez várias perguntas que me deixaram em apuros de tipo profissional. Não digo que tenha aprendido algo de novo durante a conversa, mas creio que compreendi mais a fundo quantos pontos duvidosos havia nas ciências naturais sobre os quais eu nunca tivera dúvidas.

José estava convencido de que a vida na Terra era não apenas um processo real, como também, em toda a sua essência, um processo cheio de significado. Notou que uma qualidade tão essencial como a consciência humana não podia ser somente uma das muitas qualidades arbitrárias na luta pela existência, mas era a finalidade do próprio processo. Era uma espécie de lei natural que um planeta desenvolvesse um aparelho sensorial cada vez mais especializado, e ele citou vários bons exemplos desse processo. Do mesmo modo que muitas vezes — e sem nenhuma conexão genética — a vida na Terra desenvolvera olhos e visão, e do mesmo modo que a natureza em mais de uma oportunidade tinha se posto a voar ou desenvolvido a capacidade de andar ereta, também havia nessa mesma natureza um impulso para uma visão intelectual de conjunto.

O que me doía um pouco era que, na juventude, eu acalentara pensamentos semelhantes quando, por certo tempo, tinha me deixado influenciar pelo teólogo Pierre Teilhard de Chardin. Depois comecei a estudar biologia e, por isso, obviamente descartei toda ideia de uma

evolução com alguma finalidade. Em nome da ciência, senti-me obrigado a opor certa resistência a José. Eu representava uma instituição de grande peso, demasiado peso, quem sabe.

Concordei com ele que a capacidade de ver, voar, nadar ou andar ereto tinha se desenvolvido várias vezes no transcurso da história da vida. O olho, por exemplo, fora inventado quarenta ou cinquenta vezes, e os insetos desenvolveram asas para voar mais de cem milhões de anos antes de os répteis o fazerem. Os primeiros vertebrados capazes de voar foram os pterossáurios, que apareceram há aproximadamente duzentos milhões de anos e se extinguíram com os dinossauros; eles podem ter sido os antecessores das aves atuais. Os pterossáurios voavam mais ou menos como grandes morcegos e não possuíam penas, expliquei. A ave mais antiga — o arqueóptérix — tinha cerca de cento e cinquenta milhões de anos e era, na realidade, um pequeno dinossauro. O desenvolvimento de asas e penas se deu à margem dos pterossáurios.

— Asas e penas? — interrompeu-me José. — Não aparecem numa noite, não é? Ou será que a natureza “sabe” para onde vai?

Achei graça. José voltara a tocar naquele pequeno núcleo da eternidade, naquele ponto-chave. Embora eu creia que sua última pergunta fosse dessa vez meramente retórica.

— Duvido — respondi. — Trata-se de uma série de mutações ao longo de muitos milhares de gerações. E só vigora uma lei: o indivíduo que conta com uma pequena vantagem na luta pela existência tem mais possibilidades de que seus genes sejam herdados.

Perguntou:

— Que vantagem pode ter representado, para um indivíduo, desenvolver uma torpe tendência a ter asas, muitas, muitas gerações antes de poder tirar algum proveito delas? Esses pedaços rudimentares de asas apenas atrapalhariam e, assim, reduziriam a capacidade do indivíduo de atacar e se defender, não?

Tentei descrever um réptil que trepava nas árvores em busca de insetos. Até o mais insignificante sinal de penas — originalmente, conchas deformadas — teria proporcionado uma vantagem imediata quando o animal saltava para o tronco da árvore ou descia dele. Quanto mais conchas deformadas tinha, maior era a distância que podia saltar, e mais descendentes seus teriam a possibilidade de crescer

e sobreviver. Até mesmo os primeiros sinais de patas palmadas poderiam dar ao animal uma vantagem importante, se a vida se desenvolvia total ou parcialmente na água. Voltei ao desenvolvimento das penas e assinalei que elas foram se transformando numa coisa importante também para que a ave pudesse conservar uma temperatura regular, ainda que não tivesse sido esse “o propósito” das penas. A vantagem principal de ser dotado de penas com certeza tivera a ver com os movimentos do animal. Mas também a ordem inversa era uma possibilidade. Em sua origem, as penas poderiam ter dado aos precursores das aves uma vantagem como reguladoras da temperatura, antes de serem importantes para os movimentos do animal. Obviamente, o achado recente de dinossauros com penas servia de argumento nesse sentido.

— Depois vieram os morcegos — disse José. — Porque também alguns mamíferos aprenderam finalmente a voar.

Creio ter respondido que, naquela época, o espaço aéreo já havia sido conquistado pelas aves de uma tal maneira que o espaço do morcego se reduziu à caça noturna. Pois os morcegos desenvolveram não apenas asas, mas também a habilidade que chamamos de ecolocalização.

— Então é como a história do ovo e da galinha — opinou José. — Quem veio primeiro, a ecolocalização ou a habilidade de voar?

Não tive tempo de responder, porque Laura se aproximava da mesa para sentar conosco. Na última vez que me coubera ser o morto no bridge, ela ainda não conseguira se livrar de Bill, mas tinha me lançado um olhar que podia ser interpretado como um pedido de socorro e, talvez, também de perdão pela frieza que demonstrara no aeroporto. Agora vinha do balcão do bar, onde havia tomado uma bebida vermelha, e ao vê-la chegar, ofereci-lhe uma cadeira em nossa mesa. Eu também me achava no meu elemento. Mario pegou uma cadeira da mesa ao lado.

— Deem-me um planeta vivo... — disse José.

— Aqui! — interrompeu-o Laura, apontando entusiasmada para o coqueiral, embora estivesse tão escuro que não víamos nada. Lembrei-me do button do World Wildlife Fund que ela trazia na mochila.

José riu.

— Deem-me qualquer outro planeta vivo. Estou convencido de que

mais cedo ou mais tarde aparecerá nele o que chamamos de consciência.

Laura deu de ombros, e José prosseguiu:

— Para poder refutar com provas essa afirmação, teríamos que encontrar um planeta cheio de vida de todas as classes e formas mas que não tivesse desenvolvido um sistema nervoso complicado a ponto de permitir que um belo dia aparecesse um indivíduo capaz de pensar um “ser ou não ser” ou um “cogito, ergo sum”.

— Isso tudo não é antropocêntrico demais? — perguntou Laura. — A natureza não existe apenas para nós.

Mas José já tinha tomado impulso e continuou:

— Deem-me qualquer planeta vivo, e eu lhes mostrarei com prazer uma multidão de lentes vivas. E, vocês verão, num instante estaremos observando uma alma desperta, que além do mais é capaz de explicar quem é.

Ana se fez novamente de intérprete:

— Ele quer dizer que todos os planetas que possuam condições para tanto alcançarão, mais cedo ou mais tarde, uma espécie de consciência de si mesmos. O caminho das primeiras células vivas até organismos complexos como nós talvez seja muito diferente, mas a meta é a mesma. O Universo se esforça para entender a si próprio, e esse olho que contempla o Universo é o olho do próprio Universo.

— É verdade — concordou Laura. E repetiu o que Ana dissera: — “O olho que contempla o Universo é o olho do próprio Universo”.

Durante toda a conversa tentei lembrar onde tinha visto Ana antes, mas sem sucesso. Precisaria tentar conhecê-la melhor.

— E você, o que acha? — perguntei. — Também deve ter uma opinião a esse respeito, não é?

Ela refletiu um bom momento, e lembro exatamente o que respondeu:

— Não somos capazes de entender o que somos. Somos o enigma que ninguém sabe resolver.

— O enigma que ninguém sabe resolver?

Refletiu de novo.

— Só posso responder por mim mesma — disse.

Por um instante, Ana me olhou nos olhos. Depois falou:

— Eu sou um ser divino.

Salvo José, certamente ninguém além de mim reparou que esse comentário foi acompanhado de um sorriso indecifrável. Mario não devia estar tão atento quanto eu, porque se limitou a arregalar seus olhos castanhos e dizer:

— Quer dizer que você é Deus?

Ela confirmou com um movimento resolutivo da cabeça.

— Sim, senhor. O próprio.

Respondeu com a mesma naturalidade que responderia se tivessem lhe perguntado se tinha nascido na Espanha. E por que iria negar? Ana era uma mulher orgulhosa que não tentava ocultar sua origem aristocrática.

— Não está nada mal — admitiu Mario. — Parabéns!

Dito isso, levantou-se e se aproximou do balcão do bar. Creio que continuava pensando no jogo. Agora pelo menos estava explicado por que perdera a noite inteira.

Ana deu uma gargalhada. Não entendi por que ria, mas tinha uma risada contagiante, e logo estávamos todos rindo.

Agora coube a John se achar com uma caneca de cerveja na mão. Estivera conversando com os jovens americanos e também nos rondando, certamente ouvindo boa parte da nossa conversa.

Aproximamos mais as cadeiras da mesa, e logo éramos seis, porque Mario não demorou a voltar com um copo de conhaque, cantarolando uma ária de Puccini, creio que de *Madame Butterfly*. Cumprimentou Laura, e Laura se apresentou a Ana e José.

O inglês disse:

— Ouvi sem querer algo do que vocês disseram sobre o “propósito” ou a “finalidade” das coisas. Muito bem, excelente, mas creio que é muito importante que essas questões sejam avaliadas retrospectivamente.

Nenhum de nós entendeu direito o que ele quis dizer, o que não pareceu surpreendê-lo nem um pouco. Prosseguiu:

— Muitas vezes, o significado de determinado acontecimento só aparece muito tempo depois do acontecimento em si. A causa de algo que ocorre só aparece a posteriori. A razão disso é muito simples: todos os processos têm uma coordenada temporal.

O homem continuava sem receber nem um pequeno sinal de aprovação. Nem sequer lhe pediram que se explicasse melhor. Acrescentou:

— Imaginem se tivéssemos sido testemunhas do que aconteceu nesta Terra há, digamos, trezentos milhões de anos. Tenho certeza que o biólogo pode nos oferecer uma imagem dessa época.

Aceitei o desafio sem hesitar. Disse que estávamos no fim do Período Carbonífero e fiz uma pequena descrição da flora, dos primeiros insetos voadores e dos primeiros répteis que foram se desenvolvendo conforme o ambiente da Terra ia se tornando mais seco do que havia sido no Devoniano e no princípio do Carbonífero. Mas entre os vertebrados terrestres continuavam predominando os anfíbios.

John me interrompeu:

— Entre fetos gigantes e trepadeiras semelhantes a bobinas, rastejam grandes anfíbios parecidos com as salamandras, e também alguns répteis, inclusive os que dariam origem à nossa própria estirpe. Se estivéssemos presentes nesse habitat, é bem provável que ele nos tivesse parecido completamente absurdo. Hoje, por fim, tem sentido pensar para trás.

— Se não fosse o que aconteceu então, não estaríamos aqui hoje? — perguntou Mario.

O inglês fez um gesto afirmativo, e eu objetei:

— Mas você não pode dizer que somos a causa do que aconteceu há trezentos milhões de anos.

José não pôde ocultar sua satisfação com o discurso de John. Fez um sinal para que ele prosseguisse.

E o inglês falou:

— Só estou dizendo que há trezentos milhões de anos teria sido uma conclusão precipitada afirmar que a vida neste planeta era absurda, ou despropositada. O que acontece é que a finalidade ainda não havia tido tempo de florescer.

— E qual é essa finalidade?

Respondeu:

— O Devoniano foi o estado fetal da razão. Acho que podemos falar de uma finalidade no feto, mas não creio que as primeiras semanas de uma gravidez tenham ou cumpram um propósito em si, pelo menos não para o feto. É igualmente precipitado acreditar que hoje em dia podemos dar uma explicação exaustiva do propósito da nossa própria existência.

— Quer dizer que ainda estamos no caminho? — perguntou Laura.

John voltou a assentir:

— Hoje somos nós que pertencemos à vanguarda, mas não chegamos à meta. Até daqui a cem, mil ou um bilhão de anos não se saberá aonde estamos indo. Dessa maneira, o que acontecerá no futuro se transforma de certo modo na causa do que acontece aqui e agora.

Durante um bom momento continuou explicando o que queria dizer com o “estado fetal da razão”, e creio que a maioria dos presentes atribuiu o que ele dizia às fabulações de um escritor sobre a ideia das perspectivas. Falou:

— Mas retrocedamos mais um pouco. Imaginemos que tenhamos sido testemunhas da criação do sistema solar. Não nos teríamos sentido levemente nauseados se tivéssemos presenciado esse monstruoso espetáculo de forças naturais cegas e estúpidas? A maioria decerto teria jurado que o que estava presenciando era totalmente absurdo. Eu acho que teria sido uma reação precipitada.

Ana e José mostraram sua concordância com gestos, e o inglês prosseguiu:

— Ou podemos retroceder mais ainda. Digamos que fôssemos testemunhas do big bang e, logo, da formação do Universo, quando se criou o tempo e o espaço. Se eu tivesse presenciado o que ocorreu então, creio que teria vomitado de nojo, pois para que serviam aqueles extravagantes fogos artificiais? Hoje posso entender que o motivo do big bang foi podermos estar hoje aqui olhando para trás.

— Nós! — exclamou Laura. — Por que sempre nós? Por que não o sapo ou o panda?

John a fitou enquanto resumia:

— Talvez se enganem os que sustentam que não há nenhum sentido por trás da existência do Universo. Eu creio firmemente que o big bang tinha uma finalidade, ainda que a própria contemplação seja retroativa, pelo menos para nós.

— Acho que você está apresentando tudo ao contrário — objetei. — Quando falamos de causa, queremos dizer algo que aponta para trás no tempo. Uma causa nunca pode pertencer ao futuro.

John me olhou de viés.

— Talvez seja nesse ponto que nos enganamos. Mas podemos inverter a perspectiva, se você quiser. Só se a vida neste planeta *não* tivesse evoluído dos primeiros anfíbios é que poderíamos afirmar que a

vida na Terra seria absurda e sem intenção. Mas, nesse caso, quem teria assumido a tarefa de ser a versão sapo de Jean-Paul Sartre?

Laura não ficou nada entusiasmada com essas perspectivas. Olhou para John irada e rebateu:

— Então os sapos teriam sido sapos. Não entendo que isso tivesse sido menos significativo do que o fato de as pessoas serem pessoas.

O inglês assentiu cordialmente:

— É verdade, nesse caso os sapos teriam sido sapos. E teriam feito o que os sapos fazem. Mas nós somos seres humanos, e fazemos o que fazem os seres humanos. Perguntamos se há uma intenção ou um propósito em tudo. A vida no Devoniano estava de fato repleta de significado, para nós, quero dizer, não para os sapos.

Laura não se deixou impressionar e objetou:

— Eu vejo tudo isso de uma maneira bem diferente. Toda vida na Terra é igualmente valiosa.

Não sei avaliar até que ponto John realmente pensava o que estava proclamando, mas ainda não havia acabado, porque acrescentou:

— Também por acaso poderia não ter se formado vida nenhuma neste planeta. Então se poderia comentar que este planeta não tem outro objetivo a cumprir salvo sua mera e simples existência. Mas quem poderia comentar tal coisa?

Não recebendo nenhuma resposta, concluiu:

— Se nunca houvesse ocorrido um big bang, tudo, absolutamente tudo, teria sido completamente vazio e absurdo, mas apenas para o próprio vazio, e o vazio é ainda menos sensível ao absurdo do que os sapos e as salamandras.

Percebi que Ana e José estavam constantemente em contato visual, e associei isso na minha mente às estranhas frases que tinham dito em espanhol naquele mesmo dia, andando pela ilha. Será que havia uma relação? Não era um jogo combinado? Será que o inglês é que formulara as frases estranhas? Em todo caso, era notável que a quase-totalidade dos hóspedes do Maravu estivesse falando da mesma coisa.

Ana perguntou a Laura de onde ela era. Laura respondeu que na realidade era de San Francisco e que tinha estudado história da arte, mas que ultimamente havia trabalhado como jornalista em Adelaide. Não fazia muito, recebera uma espécie de bolsa de trabalho de uma fundação ambientalista americana, e sua tarefa consistia em registrar

todas as forças que se opunham à luta dos povos em defesa do meio ambiente. A missão de Laura seria, em suma, realizar um controle anual de indivíduos, instituições e empresas importantes que, por interesse econômico, depreciassem publicamente a importância das ameaças ao meio ambiente em curso na Terra.

Mario quis saber por que essa atividade de registrar era tão importante, e Laura aproveitou a ocasião para apresentar sua versão geral do estado das coisas na Terra. Achava que a vida na Terra estava ameaçada, que os recursos cultiváveis irão diminuindo a longo prazo, que as florestas tropicais serão queimadas e que a variedade de espécies deste planeta está a ponto de se reduzir. Trata-se de processos completamente irreversíveis, precisou.

— Concordo — disse Mario. — Mas que sentido tem colecionar numa pasta uma lista de todos os vilões?

— Eles terão que se responsabilizar — explicou ela. — Até agora, sempre foi o movimento ambientalista que teve todas as provas. É isso que desejamos mudar. Queremos transparência.

— E daí?

Laura abriu os braços.

— Talvez um dia haja um processo. Então você poderá atuar como advogado de defesa dos sapos.

— Mas você acredita realmente que esse relatório que vai fazer bastará para frear os destruidores do meio ambiente?

Ela assentiu com a cabeça.

— Muitos fanfarrões ficam bem mansos ao saber por que eu os entrevisto, e caem fora quando entendem que a única finalidade da entrevista é registrar suas declarações. Esse material servirá para mostrar aos filhos e aos netos deles que um dia seus avós estiveram nas barricadas minimizando os efeitos nocivos da poluição da natureza.

Mario finalmente entendera.

— Você pretende responsabilizá-los como pessoas? — perguntou.

Creio que fiquei um bom momento rindo internamente, porque sentia certa simpatia pelas insolências de Laura. Intervim:

— Acho uma ideia bem divertida.

Ela se virou para mim com um olhar interrogativo. Vi o olho verde e o castanho. Como costuma acontecer com os idealistas, ela estava sempre na defensiva.

— Talvez precisemos de um lugar para expô-los à execração pública — falei.

John meneou a cabeça afirmativamente com tamanha energia que voltou a atrair a atenção de todos. Declarou:

— O ser humano talvez seja o único ser vivo em todo o Universo a ter uma consciência universal. Nesse caso, não é só uma responsabilidade global preservar os habitats deste planeta: é uma responsabilidade cósmica. Um dia, a escuridão poderá voltar a cobrir tudo. E o espírito de Deus já não voará sobre as águas.

Não houve nenhuma objeção a essa conclusão. Ao contrário, era como se ele tivesse conseguido unir todos os presentes numa reflexão silenciosa.

Bill veio em direção à mesa equilibrando três garrafas de vinho tinto e um copo de uísque nas mãos. Atrás dele vinha o fijiano com a flor na orelha esquerda e seis copos. O americano deixou as garrafas na mesa, pegou uma cadeira de uma das mesas vizinhas e sentou ao lado de Laura.

Bill distribuiu os copos e apontou para as três garrafas:

— Por conta da casa!

Registrei novamente a frieza com que Laura tratava Bill, e acho que pensei que ela corria o risco de que sua paixão pelo meio ambiente a transformasse numa misantropa. Era bonita e estranha, dessas pessoas que só olham para a frente, e também não tirava os olhos do *Lonely Planet* quando lhe falavam amavelmente num aeroporto de fim de mundo.

Já que a conversa continuava centrada em questões ambientais, fiz uma breve apresentação do meu trabalho, e creio que foi a pedido de Ana ou José. Dessa vez Laura não escondeu que estava impressionada; assim, finalmente consegui lhe infundir um pouco de respeito. Ela me pareceu ter a mais absoluta certeza de ser a única pessoa no mundo — ou pelo menos naquela ilha — a adotar uma postura diante dos problemas ambientais do planeta.

Bill pertencia, como eu já adivinhara, à grande legião de aposentados americanos em boa forma. Trabalhara para uma das grandes companhias petrolíferas e agora era um desses especialistas em tecnologia de ponta que combatem as explosões descontroladas nos poços de petróleo. Não sem certo orgulho, contou-nos que havia

trabalhado com o lendário Red Adair, entre outros. Também prestara várias consultorias à NASA e era — modéstia à parte — um dos que tinham conseguido que a Apollo 13 cessasse de dar voltas em torno da Lua. Se falo nisso aqui, é por causa do seguinte episódio:

Tínhamos conversado sobre questões ambientais por um bom tempo antes de passar a temas mais triviais. Então Bill — a pedido de todos os presentes — começou a discorrer sobre algumas das suas façanhas. Na verdade, era o que menos havia falado até então, tinha uma maneira divertida de contar e era quem oferecia o vinho que estávamos tomando. Justamente quando ele contava uma dramática explosão num poço, Laura teve um virulento acesso de ira, que manifestou pulando em cima de Bill e socando-o.

— Tome! — exclamou. — Esta, sim, é uma autêntica explosão. Maldito porco petrolífero!

Pareceu-me um comentário pouco adequado naquele momento, justo quando o homem contava como, arriscando a própria vida, tinha impedido uma formidável catástrofe para o meio ambiente.

Ninguém ficou surpreso ao constatar que aquela senhorita tinha um gênio e tanto, e que, aparentemente, custava-lhe distinguir entre dedicação intensa a uma causa e fanatismo. Mas o caso é que a moça socava Bill de tal modo que ele precisava erguer os braços para se proteger. No meio do tumulto, uma das garrafas em cima da mesa tombou, e o quarto de vinho que ainda sobrava sangrou na toalha branca adamascada.

Bill cometeu nesse momento a monstruosidade de pôr a mão na nuca de Laura e lhe dizer afavelmente:

— Pronto, pronto, acalme-se.

Produziu-se então o momento mais crucial da noite, porque aquela mulher temperamental se acalmou tão instantaneamente quanto tinha se exaltado. Lembro de ter pensado num tigre e num domador: de certa forma, um depende totalmente do outro, porque sem o gênio do tigre o domador não teria o que domar, e sem o domador o tigre tampouco teria por que se irritar. Fosse como fosse, a peleja ficou gravada em nossa mente como uma ilustração das habilidades de Bill para combater explosões descontroladas. O que não entendi direito foi a causa da explosão.

O acontecimento constituiu, de certo modo, o fim natural daquela

reunião. Laura se levantou primeiro, agradeceu a Bill pelo vinho e pediu desculpas antes de se retirar para o seu chalé. Creio lembrar de que, ao ir embora, virou-se em busca do meu olhar, como se eu possuísse o remédio para seus tormentos.

— *La donna é mobile* — cantarolou Mario com um eloquente gesto dos braços, antes de se retirar. Fora ele quem tinha tomado mais vinho.

O robusto inglês olhou satisfeito à sua volta.

— Foi um início muito promissor — comentou. — Quanto tempo vão ficar?

Respondi que passaria três noites na ilha, assim como Bill, que depois iria para Tonga e para o Taiti. Os espanhóis partiriam um dia depois de mim.

Os recém-casados de Seattle haviam se retirado fazia tempo para sua suíte nupcial, e o pessoal estava apagando as velas e arrumando as mesas. John tomou um último gole da caneca de cerveja antes de se despedir solenemente. Em seguida, Bill também agradeceu a companhia agradável, e ficamos apenas os espanhóis e eu mais alguns minutos, até que seguimos na direção do coqueiral. Contemplamos os sapos nadando à vontade na piscina. Comentei que nadavam de peito, exatamente como nós.

— Ou o contrário — disse José. — Nós é que aprendemos com eles.

Acima de nós, as estrelas brilhavam como sinais morse de um passado perdido. José apontou para a noite imensa e falou:

— Houve um tempo em que esta galáxia estava prenhe deles.

Não entendi imediatamente o que quis dizer, talvez porque continuasse pensando em Laura e Bill.

— De quem? — perguntei.

— De sapos. Mas eles não têm consciência disso. Suponho que continuem tendo uma visão geocêntrica do mundo.

Ficamos um bom momento admirando as cintilações vermelhas, brancas e azuis no firmamento.

— Quão grande é a probabilidade que algo tem de nascer do nada? — perguntou José. — Ou ao contrário, claro: que probabilidade existe de que algo tenha sempre existido? Ou, não obstante: pode-se calcular a possibilidade de que a matéria cósmica de repente, uma bela manhã,

acorde consciente de si?

Foi impossível saber se as perguntas eram dirigidas a mim, a Ana, à noite cósmica ou apenas a ele mesmo. Notei como minha resposta soou trivial:

— Todos nós fazemos esse tipo de perguntas. O que acontece é que não têm resposta.

— Não diga isso — rebateu. — O fato de uma resposta não estar a seu alcance não significa que não exista.

Agora foi Ana que tomou a palavra. Sobressaltei-me quando se dirigiu a mim em espanhol, olhando-me nos olhos:

— *No princípio foi a grande explosão, e isso já faz muito tempo. Aqui só se falará do bis da noite. Ainda é possível conseguir uma entrada. Numa palavra: a recompensa consiste em criar o público do espetáculo. Sem a plateia, não teria sentido chamar de espetáculo o que aconteceu. Continua havendo lugares vagos.*

Aplaudi e, no mesmo instante, me dei conta de ter metido os pés pelas mãos. Para tentar arranjar as coisas, emendei:

— O que disse?

Ana se limitou a responder com um sorriso que, à luz da piscina, eu mais intuía do que via.

José tinha lhe passado um braço em volta dos ombros, como se quisesse protegê-la do espaço vazio. Despedimo-nos dizendo boa-noite e fomos, eles na sua direção e eu na minha. Antes de desaparecerem na escuridão, ouvi José dizer:

— *Se existe um Deus, ele não só é um ás em deixar vestígios, mas, sobretudo, um mestre em se esconder. E o mundo não é dos que falam além da conta. O firmamento continua calado. Não há muito mexerico entre as estrelas...*

Agora Ana uniu sua voz à de José, e o resto da frase foi recitado em uníssono, como se se tratasse de um velho trava-língua:

— *Mas ninguém ainda se esqueceu da grande explosão. Desde então, o silêncio reinou ininterruptamente, e tudo o que existe se afasta de tudo. Ainda é possível topar com a Lua. Ou com um cometa. Não espere que o recebam com amáveis clamores. No céu não se imprimem cartões de visita.*

* Transtorno neurológico caracterizado por tiques motores ou vocais. (N. T.)

HOMEM-MOSQUITO PARA UM GEÇO

TIVE UMA INQUIETANTE SENSACÃO FÍSICA ao abrir a porta da *bure* 3, e a primeira coisa que vi ao acender a luz foi um obeso geço sentado na garrafa de gim. Então era o que eu tinha pensado, devia ter sido ele que fizera o barulho na viga do teto quando saí do quarto para ir jantar. O geço media cerca de trinta centímetros de comprimento e parecia nunca ter passado fome de mosquitos. Nós dois nos sobressaltamos ao mesmo tempo. O geço ficou imóvel, mas quando dei um passo na sua direção, ele deu meia-volta em torno da garrafa, e tive medo de que ela caísse da mesinha de cabeceira. Já haviam sido derramadas gotas demais naquela noite.

Eu conhecia bem os gecos e sabia que era ilusório pensar em se livrar deles nos chalés daquela parte do mundo, mas não achava graça nenhuma em ver vários exemplares desses animais hiperativos pulando no meu quarto justo quando eu ia me deitar, e menos ainda em tê-los correndo pela colcha ou dormindo num dos pés da cama.

Dei outro passo em direção à mesa de cabeceira. O geço estava apoiado contra a parte da garrafa voltada para a parede, por isso pude estudar sua barriga e sua cloaca, um pouco ampliadas pela refração. Não mexia um só músculo, mas a cabeça e a cauda apareciam pela parte de trás da garrafa, e o pequeno sáurio me observava atento, porque, por instinto, sabia que só tinha duas possibilidades: ou ficava completamente quieto com a esperança de se confundir com o ambiente, ou subia correndo pela parede e se postava no teto ou, de preferência, procurava refúgio atrás de uma viga.

O paradoxal foi que, por causa do encontro com esse enorme exemplar de *Hemidactylus frenatus*, tive uma vontade tremenda de tomar o quanto antes um gole da bebida, e comecei a temer que o descuidado animal me impedisse de fazê-lo, não só aquela noite, mas durante toda a minha estada na ilha. A garrafa estava quase cheia, e, com grande preocupação por meu bem-estar, eu havia calculado que duraria as três últimas noites antes de eu voltar para casa. Eu já tinha examinado o frigobar assim que chegara, mas ele só continha cerveja e refrigerantes.

Com o braço esquerdo disposto a salvar a garrafa caso ela caísse, dei mais alguns passos na direção do geco, mas o hóspede não convidado continuava aferrado à ideia de que uma intensa combinação de resistência passiva e possessiva era uma tática melhor do que sair correndo. Não fosse a grande preocupação que eu tinha com o conteúdo da garrafa, teria ido ao banheiro, deixando ao geco caminho livre para sair dali de cabeça erguida. Mas eu guardava recordações recentes das muitas vezes que um geco havia derrubado várias das minhas coisas, de frascos de xampu a escovas de dentes. Justo então descobri, para cúmulo da ironia, que a tampa da garrafa não estava bem apertada.

Mais um passo e poderia agarrar a garrafa, mas nesse caso levaria junto o geco, e devo confessar que minha relação com os répteis sempre foi um tanto ambivalente. Eles me fascinavam porque me proporcionavam muitas associações paleontológicas, mas não gostava de tocá-los nem que se metessem nos meus cabelos, menos ainda quando eu ia me deitar.

Os sáurios constituem, para a maioria das pessoas, um *mysterium tremendum et fascinans*, e eu não sou uma exceção, embora me considerasse um especialista neles. É perfeitamente factível ter um interesse profissional por bactérias e vírus, e não desejar nenhum tipo de contato íntimo e sem proteção com esses organismos. Desde Madame Curie, é obrigatório para qualquer entusiasta dos raios X tomar certas precauções quando trata com esse divertido jogo de substâncias radiativas. Nem chega a ser necessariamente um paradoxo ter uma intensa fobia das aranhas e, ao mesmo tempo, escrever um tratado humorístico sobre a morfologia desses articulados carnívoros.

No que concerne aos vertebrados, como gecos e iguanas, devem ser considerados indivíduos observadores muito diferentes, por exemplo, das bactérias e das aranhas. Desde que encontrei aquele pequeno corço morto perto da minha casa em Vestfold, eu tinha plena consciência de que os animais também podem ser pequenas personalidades. Aquela noite no chalé, eu não suportava a ideia de ter de fazer novos amigos, não desejava nem um pouco que um sáurio me olhasse fixamente, não naquelas horas da noite e não dentro do que eu concebia como o âmbito da minha intimidade, comprada e paga, pois eu havia deixado bem claro na minha reserva que não desejava compartilhar o chalé

com nenhum outro hóspede. Os insetos eram outra coisa, diante deles nunca me senti coibido, e nunca fui capaz de equiparar uma mosca normal e banal com uma pessoa. Uma mosca não tem cara, não tem uma expressão individual, mas os sáurios sim, e portanto aquele teimoso gecko sentado na garrafa de gim tinha a dele.

Tenho certeza de que teria conseguido superar minha ligeira aversão a entrar em contato com aquele réptil arrogante se tivesse podido tomar um bom trago de gim. Mas, naquele momento, a ordem dos acontecimentos era de grande importância. Teria de conseguir tomar um trago da garrafa *antes* de levá-la à boca. A situação estava, portanto, num impasse, e o pequeno drama terrorista duraria mais do que eu imaginara, porque estava cansado, cansadíssimo, e não tinha coragem de deitar ao lado de um gecko sem ter tomado meu remédio para dormir.

Também não podia ficar ali de pé sem me mexer, mesmo porque meus pés estavam muito doloridos após o longo passeio até a linha de mudança de data. Além de tudo, teria sido humilhante demais, diante daquele réptil boquiaberto que não tirava o olho de mim nem um instante e que certamente estava pensando na situação dele. Por isso, a primeira coisa que fiz foi sentar com muito cuidado na cama, a uma distância que me permitisse esticar o braço até a garrafa no caso de chegar a um enfrentamento, o que não era em absoluto impensável, porque aquele exagerado exemplar de gecko hemidáctilo era o mais gordo que tinha visto na vida, e eu não duvidava que o peso corporal e a força muscular do animal fossem capazes de jogar a garrafa no chão, pelo menos no pior dos casos imagináveis — e não podia me dar ao luxo de considerar outros casos.

Permanecemos um bom tempo nos encarando fixamente, eu sentado na beira da cama e o gecko dominando a cena como uma esfinge que vigiasse a entrada de uma farmácia. Se eu tivesse começado a bater palmas, tenho certeza de que o gecko teria abandonado sua resistência passiva, mas, nesse caso, pode ser que, com pressa de cair fora ou por pura maldade, derrubasse a garrafa alguns microssegundos depois de minhas palmas se juntarem, e vários décimos de segundo antes de um lento primata como eu ter tempo de salvá-la. O que realmente me impressionava nesses bichos era sua capacidade de reação quase de vidente. Além do mais, aquele exemplar era um representante

especialmente esperto da sua classe.

Batizei-o de Gordon, por causa do rótulo da garrafa. Antes de sentar na cama, pudera verificar que se tratava de um macho. Mr. Gordon já havia deixado para trás seus melhores anos; comparando-o com uma vida humana, devia ter um par de décadas a mais que eu, e embora pertencesse a uma espécie cujas fêmeas ovíparas não põem mais que dois ovos de cada vez, tinha com certeza uma prole abundante. Gordon tivera tempo de sobra para ser avô e bisavô, disso eu estava certo, e talvez seu avô tivesse migrado para Taveuni, já que que pertencia a uma espécie importada para as ilhas Fiji fazia cerca de trinta anos apenas.

Cheguei à conclusão de que sua longa experiência é que o levou a optar por ficar sentado na garrafa, porque ele já estava mais do que consciente de que nos vigiávamos mutuamente. Já devia ter se dado conta de que os primatas vestidos e com pelos na cabeça não constituíamos uma ameaça real, se bem que, nesse caso, também deveria saber que sair dali não teria representado perigo algum para ele. Mas havia outra possibilidade: Gordon poderia ser da classe dos curiosos, ou até dos que procuram companhia.

Eu estava com tanta vontade de tomar um gole de gim que cravei os olhos nas pupilas verticais do animal e sussurrei:

— Cai fora já!

Acho que ele respirou com um pouco mais de dificuldade, e talvez sua pressão sanguínea tenha subido um pouco, mas, fora isso, manteve-se ostensivamente tranquilo. Ele me lembrava aqueles manifestantes que fazem corpo mole e a polícia tem de levar nos braços, quer se trate de uma manifestação contra a construção de novas rodovias, quer — como naquele caso — contra as normas demasiado liberais do consumo de álcool em lugares públicos. Ao contrário de mim, esse manifestante casual nem mesmo teve de pestanejar, e justamente isso, o fato de os geos não terem pálpebras móveis, me irritou excessivamente, não apenas porque, em razão disso, eu não teria a possibilidade de aproveitar nem um segundo de perda de atenção da parte dele, mas também porque significava que, durante alguns breves instantes, ele teria a possibilidade de me observar sem que eu o visse, e um breve instante era um intervalo de tempo muito mais curto para um ser humano do que para um geos. Em suma: ele era capaz de me fitar

por longos períodos seguidos, enquanto me via dormir uma sesta depois da outra.

— Bom — falei em voz alta. — Já chega!

Gordon não se mexeu. Ele não era apenas velho; obviamente, eu tinha topado com um ser cabeçudo e farto de viver que talvez não conhecesse outra diversão a não ser roubar o necessitadíssimo remédio para dormir de um vertebrado superior. *Roubo*. Era essa a palavra-chave. Naquele mesmo dia, outro ser tivera de confessar um roubo, um ser que ainda por cima acreditava na vida eterna e que não fazia muito havia deixado a mulher, motivo por que passara a noite bebendo em abundância num bar cheio de fumaça, antes de entrar de manhã no seu táxi aéreo de veterano, com cinco passageiros pagantes. Até aquele instante eu não havia reconhecido o piloto da caixa de fósforos da Sunflower Airlines. Gordon Geco tinha exatamente a mesma expressão fisionômica desse piloto de idade avançada, o mesmo olhar severo, o mesmo pescoço encarquilhado, a mesma bolsa de pele indolente pendendo sob o queixo, para não falar das mãos em forma de pá que têm os gecos. *Hemidáctilo* significa “com meios dedos”, e esse piloto também tinha meios dedos. Tive a sensação de que as peças do quebra-cabeça já estavam colocadas. Não era a primeira vez nas últimas vinte e quatro horas que eu era refém num drama terrorista, e não era a primeira vez que a própria situação de terrorismo despertava em mim uma sede apaixonada que, precisamente em virtude das circunstâncias, eu não podia aplacar.

Fiquei tão exasperado que voltei a considerar a possibilidade de um ataque relâmpago. Se optei por rejeitá-lo, foi só porque previa o que iria acontecer: não seria tão difícil salvar a garrafa em si durante uma veloz ação de comando, mas, nesse caso, o perigo era que grande parte do seu conteúdo se derramasse, pelo menos se Flash Gordon reagisse inadequadamente, era uma possibilidade que não se podia descartar, e eu não podia me dar ao luxo de perder um só centilitro.

— Escute aqui — falei olhando para os olhos rígidos do meu parente distante —, a última coisa que quero fazer é estrangulá-lo. Acho que já entendeu isso. Não lhe peço nem mesmo que caia fora daqui. A única coisa que eu quero é a garrafa em que você está sentado.

Não havia dúvida que ele tinha entendido tudo o que eu disse,

porque foi como se respondesse que sabia de tudo aquilo fazia mais de quinze minutos, mas que estava sentado na garrafa capturando mosquitos muito antes de eu chegar, assim eu não tinha nenhum direito de exigir que saísse dali; ao contrário, eu é que havia penetrado em seu território, porque ele nunca tinha me visto ali antes, e se eu não caísse fora naquele momento, ou pelo menos o deixasse em paz, ele se veria obrigado a dar um jeito para não ter mais garrafa sobre a qual discutir, e fazia questão de me informar que era faixa marrom de rabadas.

— Não era o que eu queria dizer — expliquei. — Se você me deixar tomar uns goles dessa bebida, o que não vai levar mais que alguns segundos, pode voltar a sentar na garrafa. Sou faixa preta de esmagamento de répteis, e já que não confiamos um no outro, eu recomendo que você desça para a mesa de cabeceira enquanto bebo. Além do mais, terei que enroscar bem a tampa, senão nós dois acabaremos fedendo a zimbro.

Gordon não se moveu, mas disse:

— Conheço essa história.

— Que história?

— Depois você vai cair fora com a garrafa.

— Você não pode imaginar a sede que estou sentindo! — escapou-me.

— E eu estou com fome — observou. — E só como nestas horas da noite. Os mosquitos também têm certa preferência pelas garrafas, sabe, porque vêm pousar aqui com frequência, e eu boto a língua para fora, e zás... acabou-se o que era doce.

Ele tinha lá sua dose de razão, mas me irritou que achasse que podia me ensinar o que quer que fosse sobre a maneira de viver dos gecos. Se não tivesse sido pelo conteúdo da garrafa de tampa solta, poderíamos ter compartilhado o quarto na mais perfeita simbiose. Gordon poderia ter continuado sentado na garrafa cuidando dos mosquitos para que eu pudesse dormir sossegado, sem ter de acordar na manhã seguinte cheio de picadas. No passado, os chefes de Fiji tinham um “homem-mosquito” que passava as noites sentado nu ao lado deles, simplesmente com o fim de se deixar morder pelos mosquitos e assim poupar desse mal-estar o chefe. Suponho que esses homens-mosquitos tenham se tornado uma categoria profissional

desempregada quando o eficaz gecko doméstico se alastrou nas ilhas. Hoje eles são até considerados parte do inventário das casas.

Ocorreu-me uma ideia.

— Então vou buscar outra garrafa — propus. — Posso dar uma garrafa de cerveja gelada do frigobar para você. É uma verdadeira isca para mosquitos.

Gordon considerou um instante a sugestão, depois respondeu:

— Francamente, estou começando a ficar cheio desta briga, aceito a proposta.

— Você é bárbaro! — exclamei.

Durante alguns segundos me senti feliz e lembro de ter me felicitado por tanto engenho. Falei:

— Então desça da garrafa. Já lhe dou a outra.

Mas o animalzinho estremeceu e disse decidido:

— Vá buscar a cerveja primeiro, que depois eu desço da garrafa.

Neguei com a cabeça.

— Aí você poderia jogar no chão o que vai ser a moeda de troca pela cerveja. Sabe como é, a gente às vezes tem uns espasmos, principalmente quando não tem ninguém de olho.

— A garrafa só vai cair se você parar de se comportar direito. Esqueça.

— Por quê?

— Estou ótimo como estou.

Ainda não tinha abandonado a esperança de fazê-lo ceder, por isso insisti:

— Se ainda restam mosquitos neste cômodo, tenho certeza que preferem uma cerveja gelada. Todos os mosquitos adoram a condensação que as garrafas frias de cerveja apresentam.

Limitou-se a olhar sarcasticamente para mim.

— E o que acha que acontece comigo se me sentar numa coisa fria demais? Seria um suicídio para um senhor tão sensível como eu. Será que foi por isso que você teve essa ideia?

De jeito nenhum, porque nem me passara pela cabeça que Gordon era um animal de sangue frio que perderia os sentidos se ficasse cinco minutos numa superfície com uma temperatura de dois graus acima de zero.

— Então eu esquento a cerveja para você. Farei isso com o maior

prazer, pode ter certeza.

— Bobo!

— Hã?

— Nesse caso não estará mais fria, e assim sendo, fico melhor onde estou.

Eu já estava com raiva.

— Você sabe que posso estender a mão e esmagar você com ela.

Acho até que o ouvi rir. Objetou:

— Não acho que se atreva, nem acredito que possa fazê-lo. Por acaso você não me elogiou por minha capacidade de adivinhar? Quase vidente, você disse.

— Foi o que eu pensei, não o que eu disse. Não misture as coisas!

Ele achou graça e falou:

— Se somos videntes, somos videntes, e pronto. Então, não existe muita diferença entre o que ouço você falar e o que adivinho que você pensa. Quer dizer, vou ver suas mãos se aproximarem em câmara lenta muito antes de chegarem ao seu destino. Enquanto isso, terei tempo de sobra para me despedir com uma rabada decidida e me refugiar ileso no teto.

Eu sabia que ele estava dizendo a verdade.

— Perdeu a graça — exclamei quase aos gritos. — Não estou acostumado a discutir com répteis, e poderia perder logo, logo as estribeiras!

— “Discutir com répteis” — repetiu. — Poupe-me de seus sarcasmos.

Encostei-me na cama, dessa vez tão para trás que durante muitos segundos não teria tido a menor possibilidade de salvar a garrafa se as ameaças dele tivessem se concretizado.

— Não quis dizer isso — respondi num tom lisonjeiro. — Na verdade, tenho mais respeito por seres como você do que pode imaginar.

— “Seres como você” — arremedou-me. — Os preconceitos mais perversos costumam estar tão escondidos que às vezes a gente nem nota.

— Só quero dizer que não estou procurando encenka, juro — garanti-lhe. — Acho que você tem um sério problema de complexo de inferioridade.

— De jeito nenhum. Quando os da sua estirpe eram animaizinhos

insignificantes, do tamanho de um musaranho, meus tios e minhas tias reinavam sobre toda a vida na Terra, e muitos deles avultavam na natureza como enormes naves.

— O.k., o.k. — falei. — Sei tudo sobre os dinossauros, e sei distinguir entre sinápsidos e diápsidos. E fique sabendo que também sei distinguir entre *Lepidosauria* e *Archosauria*, por isso não venha se gabar de um parentesco muito íntimo com os dinossauros. Deixe isso para as pombas e os papagaios que estão no interior da ilha.

Achei que tinha conseguido calar a sua boca com as denominações taxionômicas, porque ficou um bom momento sem dizer nada, e talvez nem sequer soubesse grego. Mas, passado um tempo, disse:

— Se retrocedermos um pouco mais, as linhas das nossas famílias tendem a se juntar, o que significa que somos aparentados. Já pensou nisso alguma vez?

Se tinha pensado nisso! A pergunta me pareceu tão boba que nem me dignei responder. Mas ele insistiu:

— Se retrocedermos até o Carbonífero, você e eu descendemos do mesmo casal. No fim das contas, você é meu irmãozinho, sabe?

Pareceu-me que a coisa estava descambiando demasiadamente para a intimidade; porém, o que mais continuava me preocupando era como não perder o gim.

— Claro que sei — respondi. — E você só sabe disso porque eu sei. Ou por acaso existe aqui na ilha uma universidade para gecos?

Não deveria ter dito isso, porque ele ficou ofendido. Primeiro, limitou-se a me encarar ferozmente, ao mesmo tempo que sua expressão ia se tornando rígida, como se ele estivesse retesando todos os músculos. Aconteceu então o que eu temera desde o início: de repente ele deu duas voltas e meia em torno da garrafa de gim, que se moveu alguns centímetros. O pior de tudo foi que com tanto movimento a tampa se soltou e caiu rolando, primeiro na mesa de cabeceira, depois no chão. Notei a pressão das lágrimas no canto dos olhos, porque com esse gesto o irado dragão mostrara que levava vantagem sobre mim, e faltava muito pouco para que o mundo fosse a pique e eu tivesse de passar a noite inteira acordado, tomando cerveja fijiana. Pensei que a animosidade dele para comigo havia começado quando abriu um mapa no colo de Laura naquele terrível voo no ar pouco denso sobre Tomaniivi.

Enfurecido por dentro, peguei a tampa no chão, mas fiz boa cara ao mau tempo e disse num tom conciliador:

— Confesso que a universidade de gecos foi meio desrespeitosa. Aceita minhas desculpas?

Ele se pôs diante da garrafa de costas para mim, assim só podia me ver com um olho.

— Além do mais, você tem toda a razão quando fala da época gloriosa dos répteis no Jurássico e no Cretáceo — prossegui. — Vocês foram mais avançados que os primeiros mamíferos e, em fins do Cretáceo, mais que os marsupiais e os placentários. É verdade, tenho plena consciência disso. Por esse motivo, aquele terrível impacto do meteorito que assinalou a transição para o Período Terciário é sumamente injusto.

— O que está querendo dizer?

— Vocês tinham um futuro glorioso pela frente. Muitos de vocês já eram eretos, alguns já eram de sangue quente como nós, na verdade acho que vocês estavam em via de chegar a uma cultura superior, com universidades e centros de pesquisa. Para algumas espécies não faltavam mais que uns tantos milhões de anos, o que não é muito, levando-se em conta que os dinossauros dominaram a vida na Terra por quase duzentos milhões de anos. Em comparação, pense nos enormes avanços que fez minha estirpe apenas nos últimos dois milhões de anos, e com isso quero me referir aos avanços genéticos. As conquistas culturais, nós medimos em séculos e décadas, portanto não são grande coisa.

Ouvi a mim mesmo e tive medo de ter voltado a ser pouco escrupuloso na escolha das perspectivas, pois outra vez estava me gabando com o maior descaramento da minha estirpe e precisamente à custa dos répteis. Tentei atenuar:

— Acho como você que, no Jurássico e no Cretáceo, sua estirpe é que estava na vanguarda. Depois tudo foi por água abaixo, por causa de uma estúpida colisão com outro corpo celeste. Não era justo, simplesmente não era justo que o primeiro e talvez o mais gigantesco esforço que este planeta fizera até então para alcançar uma visão global, um olhar retrospectivo evolucionista e, além do mais, uma perspectiva do Universo, malograsse apenas porque um meteorito perdeu o rumo e foi inexoravelmente capturado pela gravidade da Terra. Desse modo, vocês perderam muitos milhões de anos.

Gordon cravou o olhar em mim; eu não tinha me atrevido a tirar o olho dele um só segundo. Procurei falar com a maior candura possível e tive a sensação de tê-lo acalmado um pouco. Perguntou:

— O que quer dizer quando fala que perdemos muitos milhões de anos?

Ele já estava mais conciliador, como um filho ofendido que, embora não tenha ganho os chocolates que pedira, quer que seu pai continue contando a história.

— Vocês perderam a corrida até a Lua. Os descendentes do musaranho é que venceram essa competição.

Mordi o lábio. Eu tinha de novo me entusiasmado além da conta.

— Obrigado, pode poupar mais impertinências — replicou, e compreendi que se tratava de um ultimato, antes que uma catástrofe da envergadura do mencionado impacto do meteorito ocorresse de novo naquela noite.

Falei:

— Temo que tenha me interpretado mal outra vez. Culpa minha, só minha. É que nem sempre penso com a mesma serenidade no meio da noite, pelo menos quando me privam do direito de... bem. Mas como você mesmo disse, na realidade você e eu somos irmãos de sangue, com uma série de genes idênticos em nossa bagagem, nós dois somos tetrápodes pentadáctilos, e creio que poderemos nos entender melhor se aprendermos a considerar este planeta em que vivemos como um espaço de ação ou uma esfera de interesses comuns. Foi o próprio planeta que perdeu milhões de anos por culpa dessa insensata queda de um meteorito extraviado, e não você ou eu, melhor dizendo, nós dois, porque devemos levar em conta que nem mesmo um planeta tem um tempo de vida ilimitado, e um dia será tarde demais para a Terra. Não fosse pelo caprichoso meteorito, você agora estaria sentado na beira da cama contando histórias, e eu estaria dando voltas pelo quarto caçando insetos. E pode acontecer de novo. Trata-se aqui de um precário equilíbrio de poder entre a razão e a desrazão, entre a consciência universal e uma inconsciência igualmente universal, isto é, um equilíbrio cósmico do terror que transforma em ninharia nossa pequena controvérsia, e talvez eu deva acrescentar que, nesse equilíbrio do terror, a verdadeira razão é Davi com a frágil funda, e o gigante Golias, com um arsenal de cometas e meteoritos iracundos à disposição

dele, é a maciça desrazão. A sensatez é um dispositivo pouco frequente, mas, por outro lado, há grande quantidade de gelo, fogo e pedra, para não dizer que tudo está deserto, porque os caprichosos asteroides continuam circulando em suas órbitas sumamente instáveis, entre Marte e Júpiter, e basta uma conjunção infeliz para que um deles saia de órbita e rume para a Terra. Espere, da próxima vez os primatas é que esticarão as canelas, e será, por exemplo, a família *Gecconidae*, da subordem *Sauria*, quem vai pilotar a próxima tentativa da natureza de compreender um pouquinho mais do Universo de que fazemos parte. A questão é se, então, não será tarde demais para a Terra, porque quem sabe quanto tempo falta para que o Sol se transforme numa gigante vermelha? Mas não emitirei nenhuma sentença, só desejo sorte a vocês. Um dia, talvez vocês deem um pequeno passo para um sáurio, mas um passo de gigante para a natureza onipresente, e nesse caso vocês devem saber que nós também participaremos da viagem.

— Você fala demais — disse.

— Mais que demais — admiti. — É o que se chama angústia cósmica.

— Não tem nenhum elogio para minha família pelo que somos hoje?

Senti uma grande compreensão por tal objeção e respondi:

— Claro que sim. Impressiona-me muito, por exemplo, que vocês tenham conseguido se manter distantes dos estupefacientes durante milhões de anos. Vai ver que é por isso que são tão longevos. Suponho que nem sempre é fácil ser réptil, em todo caso posso confessar que às vezes é muito duro ser um hominídeo. Talvez soframos dessa pequena anomalia que consiste em ter uma ou duas circunvoluções cerebrais a mais. Não falo isso por autocompaixão, porque quem sabe um ou outro réptil também não passe pela vida com o fardo de algum defeito irritante. Mas, bem, como já disse, o álcool flui livremente, por exemplo, na fruta podre, mas nenhum de vocês se vicia em coisas semelhantes, e isso vale para todas as ordens, arcossáurios, répteis escamosos e crocodilos, só para falar dos diápsidos. Devo confessar que não sei o que as tartarugas podem chegar a ingerir, mas suponho que a maioria delas pode se virar sem álcool, pelo menos durante longos períodos, pois ficam velhíssimas, algumas

espécies chegam a fazer duzentos anos, como é o caso da tartaruga grega terrestre. Conta-se que um bispo de São Petersburgo teve uma dessas tartarugas, que chegou a viver duzentos e vinte anos. Talvez se trate de um pequeno exagero, mas a literatura nos fala de uma tartaruga gigante que foi capturada já adulta nas ilhas Seychelles em 1766 e que viveu em cativeiro até morrer na ilha Maurício, num acidente, em 1918, embora estivesse cega por nada menos que cento e dez anos. Alcançar uma idade tão avançada não é privilégio das tartarugas, eu sei, claro que sei; em geral, os répteis ficam muito velhos, o que, no entanto, não cria nenhum tipo de alcoolismo de terceira idade, doença que atinge tão indecorosamente minha espécie, pelo menos nas culturas que rendem culto às já citadas circunvoluções, que, como mencionei, estão sobrando e causam tantas preocupações relacionadas com o cosmos: nossa vida tão breve na Terra e as distâncias grandes demais no tempo e no espaço.

— Eu já disse, você fala demais.

Minha intenção com esta última tirada tinha sido abrandá-lo, mas, se tivesse causado o efeito contrário, eu não duvidava que logo não teria garrafa de gim. Por questões de segurança, optei pela capitulação.

— Mr. Gordon, no que diz respeito a essa garrafa, resolvi desistir.

— Sábia decisão.

— E não falemos mais no assunto.

— É no que estou pensando faz uma hora.

— Mas você não tem nada contra eu pôr a tampa de volta, não é? É uma precaução que a gente deveria tomar sempre.

Ele não respondeu, e insistiu:

— Não acho que atrapalhe a caçada. Ao contrário, creio ter ouvido dizer que os mosquitos não suportam cheiro de gim, é um verdadeiro inseticida, disseram-me. Não era por isso que os colonizadores ingleses bebiam tanto gim? Para se proteger da malária, quero dizer.

Nesse momento, ele se mexeu um pouquinho, talvez para me manter dentro do seu campo de visão binocular, a qual, para um geco, não passa de uns vinte e cinco graus.

— Não se atreva — disse.

Essa breve resposta poderia ser interpretada de duas maneiras, assim falei:

— Isso quer dizer que sim?

— Não. Quer dizer que você deve cuidar um pouco do seu modo de se exprimir. Claro que tem razão quando diz que uma garrafa sem tampa requer um tratamento muito mais cuidadoso do que uma garrafa devidamente fechada.

— Você nunca se cansa?

— Sou um gecko noturno. Você já sabia.

Parei de me preocupar com as noites seguintes em Maravu. Talvez conseguisse comprar uma garrafa de gim no hotel ou na mercearia de Somosomo. Não tinha a menor ideia das leis de Fiji em matéria de compra e venda de álcool; a única coisa que sabia com certeza era que teria de beber dois decilitros da garrafa de Gordon para poder dormir o que restava da noite. Já estava disposto a sacrificar metade da garrafa a fim de ficar com dois decilitros, e por isso pude voltar a avaliar, em condições totalmente novas, um assalto relâmpago, que poderia acabar em várias manchas com o subsequente trabalho de limpeza mas que sem dúvida também salvaria o quantum satis para uma noite. No pior dos casos, a operação poderia resultar no derramamento da garrafa inteira, e a mera ideia da humilhação que seria Gordon me ver de gatinhas pelo chão lambendo os restos sujos do elixir sedativo me levou a reconsiderá-la.

No meio do quarto, a aproximadamente um passo e meio de onde eu me encontrava, estava a mala preta. De repente lembrei que havia nela uma caixinha de suco de laranja de uma das minhas viagens de avião, e que na embalagem vinha grudado um canudinho, pelo menos estava lá quando a aeromoça me deu o suco. Talvez essa fosse minha última possibilidade, e dessa vez resolvi não comunicar meu plano àquele terrorista arrogante, fosse ele vidente ou não.

Sem desgrudar os olhos da garrafa, com o braço esquerdo tentei erguer a mala do chão, e segundos depois voltei a me sentar na beira da cama.

— O que está fazendo? — ele perguntou.

— Vou me deitar — menti. — Na realidade sou um animal diurno, sabe?

Falou ele:

— Você não descende dos musaranhos. Eles saíam para caçar à noite, quando fazia frio, porque era então que os predadores de sangue frio descansavam.

Abrindo a mala, respondi:

— Eu sei. Sei de tudo isso. Já lhe disse que, se não tivesse sido o meteorito de sessenta e cinco milhões de anos atrás, talvez você é que agora se dispusesse a deitar na cama, e eu estaria dando voltas pelo quarto, caçando insetos. Você não é capaz de saber mais do que eu, nem é capaz de saber algo que eu não saiba.

Disse isso a fim de testar o gênio dele, mas também para esconder que estava manipulando a caixinha de suco de laranja. Naquele instante eu tinha o canudinho na mão.

Não era tão desmiolado para suplicar a Gordon que me cedesse pelo menos alguns dos míseros centilitros sobre os quais tinha sentado. Limitei-me a me inclinar para a garrafa e dizer:

— Você sabe que sou um velho conhecedor de répteis...

— Sei, já me dei conta. Você é completamente monomaníaco.

— Mas vai ver que não lhe disse que sempre tive uma preferência especial pelos gecos. E confesso que, em particular, pelas trinta e cinco espécies de gecos hemidáctilos.

Pus o canudinho entre os lábios e o introduzi na garrafa sem tocar nela com as mãos, e o mais curioso era que Gordon permanecia quieto. Talvez não se atrevesse a fazer outra coisa, pensei, talvez estivesse um tanto perplexo.

Tenho certeza de que ingeri um decilitro inteiro antes de ter de emergir e respirar. Mas eu tinha conseguido, tinha realizado o truque de beber de uma garrafa sem levá-la à boca. Comparado com esse feito, o ovo de Colombo não parecia mais grande coisa.

— Hum! — fiz, soltando um sonoro arroteio.

Não fiz isso para ofendê-lo, tampouco foi o resultado de um ato de soberba adquirido graças ao álcool, simplesmente escapou. Não obstante, devo confessar que me senti imediatamente mais animado, e notei que minha coragem ia aumentando. Nesse sentido, Gordon tivera toda a razão em insistir desde o início em não me satisfazer naquela história da garrafa.

No mesmo instante, *Hemi Dactylus Frenatus* deu uma brusca volta em torno da garrafa, e embora eu a estivesse segurando com um dedo, dessa vez não pude evitar que alguns valiosos centilitros se derramassem na mesa de cabeceira. Mas eu já estava contando com isso, e larguei a garrafa porque sabia que ele subiria em cima de mim

assim que tivesse uma oportunidade, e para dizer a verdade minha relação com os gecos não tinha se tornado menos ambivalente depois do meu encontro com Gordon.

— Vou ser bem claro — afirmou ele. — Se você voltar a fazer isso, prometo que se arrependerá.

Recebi com simpatia essa advertência, porque, no fundo, sabia que se conseguisse ingerir tão somente outro decilitro, poderia ficar tão ousado que até seria capaz de traí-lo. O primeiro decilitro já tinha me infundido uma enorme vontade de fazê-lo.

— Entendido — respondi. — Não sabia que você tinha alguma coisa contra eu verificar se este curioso canudinho era de fato impermeável, e nunca foi minha intenção esmagar você.

— Então, quem sabe não pode botar uma tampa nessa sua diarreia verbal.

Claro que sim, por enquanto eu não tinha mais nada a dizer a Gordon Geco, da mesma maneira que um psicólogo da polícia não costuma ter nada a dizer a um sequestrador, embora finja que sim, e essa é a chave, mas precisa de tempo, por isso mantém viva a conversa, e precisamente por isso costuma se estabelecer uma relação recíproca, pois quando há um impasse e o sequestrador se sabe rodeado pela força superior, então ele também precisa de tempo.

Acrescentou:

— Ou pelo menos falar de uma coisa mais sensata.

— Quer dizer que é o que você quer, hein? Quer falar de uma coisa sensata?

— Ainda tem muita noite pela frente, e com você por perto é mais provável que os mosquitos se aproximem e fiquem mais gordinhos e nutritivos antes que eu os devore.

Não gostei muito da ideia de me fazer de homem-mosquito para um geco, e me parece que ele estava à beira da desfaçatez quando acrescentou:

— Francamente, eu esperava que você não fechasse tão rápido a porta depois de acender a luz.

Na realidade, eu tinha fechado a porta antes de acender a luz. Já estava fazendo quase dois meses no trópico, e não era especialmente sensível a mosquitos, mas tomava o maior cuidado de não levá-los comigo para o quarto, a fim de manter os gecos longe dali.

— Podemos falar do que você quiser — disse eu. — Gosta de futebol?

— Nem um pouco.

— E de críquete?

— Negativo.

— Selos raros?

— De jeito nenhum!

— Então que tal falarmos da realidade?

— Da realidade?

— Sim, por exemplo. Ou acha um tema fortuito demais?

— Fale do que quiser, eu nunca me deito antes da aurora.

— Ela é antes de tudo imensamente grande e, além do mais, incrivelmente velha. Embora ninguém saiba com exatidão de onde vem.

— A aurora?

— Não, a realidade. Agora estamos falando da realidade, acho que devemos nos concentrar num tema de cada vez, e o sistema solar é apenas uma fração microscópica do que chamamos de realidade. Em conjunto, a realidade consta de cerca de cem bilhões de galáxias, uma das quais é a Via Láctea, e nela o Sol não passa de uma dos mais de cem bilhões de outras estrelas, embora seja precisamente esse Sol que vai se levantar sobre este planeta dentro de mais ou menos duas horas, para que comece um dia completamente novo na Terra, porque nos encontramos praticamente na linha de mudança de data, “onde cada novo dia se inicia”.

— Então a realidade é grande — comentou Gordon, e creio que se fez de mais bobo ainda do que era.

Eu disse:

— Mas só estamos aqui por um breve momento, e zás... Desapareceremos para o resto da eternidade, que, como você sabe, vai durar muitíssimo. Eu, por exemplo, terei desaparecido dentro de alguns poucos anos ou décadas, e então não terei oportunidade de me informar do que acontece por aqui. Naturalmente, também terei desaparecido daqui a cem milhões de anos a contar de agora e, então, terei estado ausente durante exatamente cem milhões de anos, menos algumas semanas e meses, incluindo o que resta desta noite.

— Você não deve se atormentar com esse tipo de preocupações — retrucou quase como se quisesse me consolar, como se não fosse ele a

causa desencadeadora do meu desânimo.

— O que mais me preocupa não é realmente que esta vida seja tão breve — prossegui —, eu também precisaria me deitar um pouco, dormir um pouco, pois estou podre. O que me irrita é que nunca poderei voltar depois de ir embora, voltar à realidade, quero dizer. Não teria necessariamente que voltar aqui, isto é, à Via Láctea, se houvesse problemas de espaço, por exemplo. Estaria disposto a considerar a possibilidade de outra galáxia, contanto que lá houvesse pelo menos um bar, e além do mais gostaria de reencarnar numa onde existissem os dois sexos, porque nunca achei graça nesses planetas monacais em que a reprodução se dá mediante gemação. Se for assim, prefiro não voltar. Logo, o problema não é me despedir, mas não poder voltar nunca mais. Para nós, que possuímos essas duas ou três circunvoluções cerebrais (que, poderíamos dizer, estão sobrando), em certos momentos as perspectivas podem até acabar com nossa alegria de viver, não só emocionalmente, porque não se trata apenas de uma provocação das emoções, mas porque a própria razão vai contra. Poderíamos dizer que essas duas ou três circunvoluções a mais afetam precisamente a si mesmas, mordem o próprio rabo, por assim dizer, e não apenas de brincadeira, mas até sangrar; em outras palavras, têm uma natureza destrutiva, e também não é nada fácil se desfazer delas. Para um sáurio, por exemplo, é mais fácil se desfazer de um rabo que está sendo atacado, porque para os primatas superiores não existe nenhum paralelo cerebral com a autonomia dos sáurios. É verdade que as sinapses atacadas podem ser anestesiadas durante algumas horas, por exemplo, com um ou dois decilitros de gim, mas é apenas um alívio passageiro, e não uma solução para o dilema em si.

— Entendo — ele se limitou a dizer, e eu me perguntei se não exagerava, porque não acho que estivesse entendendo uma só palavra do que eu dizia.

Falei:

— As partes do cérebro que não são estritamente necessárias para as funções vitais básicas, isto é, as partes a mais, são, por outro lado, a condição mesma desse conhecimento que adquirimos sobre a evolução da vida na Terra, sobre certas leis básicas da natureza e sobre a própria história do Universo, desde o big bang até hoje. Não são miudezas com que enchemos nosso cérebro, sabe?

— Estou impressionado.

— Com isso dá para ter uma série de ideias claras sobre a história da realidade, sua geografia e a natureza da massa. Mas ninguém entende nada do que é essa massa, pelo menos nestas latitudes, e as distâncias no Universo não são apenas enormes: são grotescas. A questão é se teríamos entendido melhor o que é o mundo, no sentido mais profundo, se o cérebro fosse, por exemplo, dez por cento maior ou quinze por cento mais eficaz. O que acha? Acha que chegamos, em nossa orientação, até onde é possível um cérebro chegar, seja qual for seu tamanho? Porque não podemos ignorar a possibilidade de que seja praticamente impossível entender mais do que já entendemos. Nesse caso, é um pequeno milagre podermos possuir um cérebro que tem o tamanho exato para entender, por exemplo, a teoria da relatividade, as leis da física quântica ou o genoma humano. Pois nesse campo não existem muitos elos perdidos. Desconfio até que o chimpanzé mais avançado tenha alguma ideia do big bang, do número de anos-luz que nos separam da galáxia mais próxima ou, por que não?, de que a Terra seja redonda. É interessante nesse contexto assinalar que o cérebro do ser humano não poderia ser maior do que é porque teria impedido que as mãos andassem eretas. Apresso-me a mencionar que, não fosse a postura ereta dos seres humanos, o cérebro não teria podido desenvolver o tamanho que tem. Estou falando de um equilíbrio precário e tentarei exprimi-lo de outra maneira: o que podemos chegar a entender deste enigma em que nos movemos pode, pois, depender da pélvis da mulher. Parece-me incrível que o conhecimento deste Universo tenha essas limitações anatômicas tão banais. Mas também não é enigmático que essa equação carnal possa se resolver? Talvez o x da equação seja exatamente o quantum satis, isto é, quantum satis para que este Universo neste momento seja consciente de si mesmo. A pélvis do ser humano tem o tamanho exato para que possamos entender o que é um ano-luz, a quantos anos-luz estão as galáxias mais distantes e, por exemplo, como se comportam os quanta da matéria tanto num laboratório como nos primeiros segundos após a grande explosão.

— E por que não pode haver cérebros maiores em algum outro lugar do espaço? — objetou Gordon.

Ri tenazmente e respondi:

— Pode-se pensar, e para mim não é nada difícil imaginar, um cérebro capaz, por exemplo, de decorar todas as páginas da *Enciclopédia britânica*. Também não me custa imaginar um cérebro capaz de conter o conjunto de todas as experiências da humanidade. Do que duvido é se, em princípio, é possível entender muito mais dos segredos deste Universo do que a humanidade já entende. Dessa maneira, todas as minhas perguntas se reduzem a isto: se o Universo em si guarda mais segredos. Quero dizer: se você encontra um meteorito, pode se dedicar a adivinhar quanto pesa, qual seu peso específico e de que substâncias químicas é composto. Mas quando se investigou isso tudo, não restam mais possibilidades de continuar arrancando segredos da pedra. Então ele só é o que é e sempre foi. Depois, o meteorito pode ser conservado e quem sabe se encher de pó num museu, mas nós não avançamos um passo, pois o que é uma pedra?

— Não sei se estou acompanhando direito seu raciocínio — suspirou Gordon. Parecia um pouco cansado.

— Está vendo? Eu só estou dizendo que a época científica pode estar chegando ao fim. Já atingimos a meta, e a meta é a consciência do longo caminho para a meta. Nós nos apresentamos ao Universo, e o Universo se apresentou expressamente a nós. Talvez a ciência tenha chegado ao final do caminho, é o que quero dizer, talvez saibamos tudo o que vale a pena saber. E quando falo “nós”, não estou falando apenas de você e de mim, mas me refiro a todos os outros cérebros potenciais de todo o Universo. Nesse caso, e é a esta teoria que me inclino neste momento, a realidade sofre de uma incurável falta de nome. Quem sou?, pergunta a realidade. Mas ninguém responde. Não há ninguém que nos veja ou nos ouça. Só vemos a nós mesmos.

— Eu gostaria de poder ajudar — disse, consternado. Teria ajudado, sem dúvida, se tivesse tido cérebro para se afastar daquela garrafa em que estava sentado.

— Mas você disse que acreditava na vida eterna — objetei. — Então não deveria transportar passageiros sem levar um copiloto... Mas, tudo bem, deixemos esse assunto de lado.

Talvez fosse um voo ilegal, pensei, e por isso ele não respondeu ao que eu acabava de dizer.

— É comum entre seres como você acreditar na vida eterna? — perguntei.

— Nunca encontrei um gecko que tenha dado um argumento convincente do contrário.

— Poderia ser mais preciso?

— Não existe nenhum gecko no mundo que negue a existência de uma vida eterna. Não creio que já tenha passado pela cabeça de algum réptil que a vida possa acabar um dia. Essa ideia simplesmente jamais nos ocorreu.

Quando prosseguiu, era como se tentasse imitar minha voz:

— E com isso eu me refiro a todas as famílias das quatro ordens da classe de vertebrados *Reptilia*. A ideia de que a vida acabe um dia nunca ocorreu a nenhum de nós.

Pensei que, retrocedendo apenas umas tantas gerações na história dos seres humanos, o mesmo poderia se dizer dos primatas. Esse sopro frio do grande nada foi então um fenômeno novo. E talvez não existisse o medo da morte em nenhum outro planeta do Universo.

Ele falou:

— *Existe um mundo. Em termos de probabilidade, isso é algo que esbarra no limite do impossível. Teria sido muito mais fidedigno se, por acaso, não existisse nada. Nesse caso, ninguém teria começado a perguntar por que não havia nada...*

E como eu não replicasse, perguntou:

— Ouviu o que falei?

— Ouvi, ouvi, e agora você talvez possa me dizer se é algo inventado por vocês aqui na ilha ou se é algo que leram num livro de máximas.

Não respondeu, mas tentei fazê-lo falar:

— É algo a respeito de que vocês vêm meditando faz muito tempo? Ou vocês são uma espécie de poetas ambulantes?

Mas ele nem ergueu os olhos, e agora proclamava:

— *Levamos uma alma que não conhecemos e somos levados por ela. Quando o enigma se ergue sobre duas patas sem ter sido solucionado, é que chegou a nossa vez. Quando as imagens sonhadas beliscam o próprio braço sem acordar, somos nós. Porque somos o enigma que ninguém sabe resolver. Somos o conto encerrado em sua própria imagem. Somos os que andamos sem parar e nunca chegamos à claridade.*

— Acho que agora é a sua vez de calar já a boca — falei. — Estou ficando nervoso, para dizer a verdade.

— Pode se deitar, se quiser — retrucou. — Eu tomo conta da sua garrafa.

— Nunca jamais! — gritei, pois tinha chegado o momento: precisava anestesiar as sinapses. E então avancei sobre ele e sobre a garrafa.

Gordon caminhou furioso pela minha mão, depois pulou na parede e começou a trepar por ela, enquanto a garrafa caía, rolava no chão, e meu remédio vital para os nervos escorria aos jorros, desaparecendo imediatamente entre as largas frestas das tábuas do assoalho. Por fim consegui pegá-la e levá-la até a luz. Vi que só restava um decilitro, ou, na melhor das hipóteses, um decilitro e meio. Levei a garrafa à boca e a esvaziei de um só gole.

— Sem-vergonha! — ladrou da parede. — Voltaremos a nos encontrar!

A última coisa que ouvi antes de adormecer foi Gordon recitar as seguintes palavras roubadas do sortimento espanhol de descrições da realidade de Ana e José:

— Se existe um Deus, ele não só é um ás em deixar vestígios, mas, sobretudo, um mestre em se esconder. E o mundo não é dos que falam além da conta. O firmamento continua calado. Não há muito mexerico entre as estrelas. Mas ninguém ainda se esqueceu da grande explosão. Desde então, o silêncio reinou ininterruptamente, e tudo o que existe se afasta de tudo. Ainda é possível topar com a Lua. Ou com um cometa. Não espere que o recebam com amáveis clamores. No céu não se imprimem cartões de visita.

Guardo apenas uma lembrança vaga e em parte inconsciente do que Gordon disse para tentar me manter acordado durante o que restava da noite, mas creio recordar que me despertou por volta das cinco da madrugada com o seguinte aforismo:

— Precisa-se de bilhões de anos para criar um ser humano. E ele só precisa de alguns segundos para morrer.

O ENFASTIADO MEIO-IRMAO DO NEANDERTAL

ASSIM TRANSCORRERAM minhas primeiras vinte e quatro horas na ilha, e a partir de agora já não é preciso contar tudo com tantos detalhes. O que eu quero é que você entenda por que reagi daquele modo em Salamanca.

Bem na hora em que ia falar com você sobre nós dois, descobri Ana e José à margem do Tormes, e foi como estar de novo em Prince Charles Beach. Por isso não pude lhe dizer nada nem sobre nós nem sobre o que aconteceu com Sonja, porque você não parava de rir, pensando que eu estava inventando todas aquelas histórias só para retê-la. Era tão agradável ouvi-la rir de novo que eu não teria me incomodado nem um pouco em contar uma porção delas só para continuar a ouvi-la rir. Mas eram, sim, Ana e José que eu vira, tinha certeza, e no dia seguinte tive a confirmação. E só se passaram dez dias até eu voltar a ver José em Madri. Quando ele me contou toda a incrível história de El Planeta e dos retratos do Museu do Prado, ficou mais do que claro para mim que você e eu tínhamos algo muito sério a revelar um ao outro, e que a única alternativa possível para um novo diálogo entre nós era eu lhe escrever.

Vera, vou lhe pedir um favor, mas é o último que você vai fazer para mim. Quinta-feira à tarde tentarei lhe mandar tudo o que escrevi, e na sexta você terá de ir comigo a Sevilha. Acho que devo a Ana e a José estar nesse dia em Sevilha, e já estou quase convencido de que você sentirá a mesma coisa quando tiver lido a história de Ana e o quadro mágico.

Suponho que você se lembre daquele cartão-postal que me mandou de Barcelona há anos. “Lembra da bebida mágica?”, você escreveu. Quando chegou em casa, jurou que se encontrasse essa bebida, não hesitaria em me dar a metade. Você desejava com toda a sua alma que nós dois ficássemos juntos para sempre. “Para mim, só existe um homem e uma Terra”, você falou. Está lembrada? E acrescentou: “Vivo com tanta emoção porque sei que só tenho uma vida”. Depois o destino interveio e mudou seus planos.

Para começar, vou me limitar a pedir que você me dê um só dia da sua vida. Não posso ir a Sevilha sem você. Não posso.

Depois de ter revivido aquele acalorado primeiro encontro com Gordon, fui à Rotunda ler *El País* e tomei uma xícara de chá com sequilhos. Foi bom para mim me desligar totalmente do intenso processo de escrever e me dedicar apenas a ouvir a harpa, acompanhada pelo zumbido sonolento de todos aqueles miniencontros debaixo da cúpula. Sei que terei de pagar uma conta e tanto de hotel, mas resolvi não sair de Madri antes de ter contado tudo a você. Como deve ter imaginado, também dessa vez me dei ao luxo de me hospedar no Palace. Aqui o pessoal me conhece, e o Prado fica a um passo, a mais alguns passos está o Jardim Botânico, e a não mais de cinco minutos, o Parque del Retiro ou a Puerta del Sol.

Mas voltemos a Fiji. Ao acordar na manhã seguinte, logo me arrependi de ter me aberto tanto na noite anterior com um desconhecido, com quem, ainda por cima, não me agradava nada ter muito contato. Um arrependimento dessa natureza sempre tem duas vertentes: de um lado, podemos ter falado mais do que devíamos, porém, de outro, é uma característica da ressaca exagerar a importância de se ter dito mais do que se devia. Na confusão do arrependimento, não sabemos direito o que dissemos e o que não dissemos mas só pensamos. Podemos passar a manhã seguinte atormentados por um medo monomaniaco de termos arranjado um inimigo para sempre ou, pior ainda, de termos feito um amigo, um amigo da alma, isto é, um amigo que conhece os nossos segredos mais recônditos. Eu sabia que ele estava em algum lugar do quarto, mas, como geólogo que eu era, também sabia que naquela hora do dia devia estar consideravelmente menos arrogante do que poderia ser à noite.

Pus-me diante do espelho do banheiro. Não digo que eu pertença à categoria de seres humanos que costumam começar o dia fazendo uma careta para si mesmos, mas conforme vou ficando mais velho — e quanto mais me aproximo da minha extinção —, mais claramente vejo o olhar animal com que me deparo no espelho quando enfrento um novo dia. Vejo um sapo metamorfoseado, uma lagartixa de pé, um primata de luto. Mas vejo também outra coisa, e isso é o que mais me atormenta. Vejo um anjo gravemente carente de tempo, porque, se não

encontrar o caminho de volta para o céu, o relógio biológico vai andar cada vez mais depressa e será tarde demais para ele regressar à eternidade. Isso se deve a um mal-entendido fatal que ocorreu faz muitíssimo tempo, quando o anjo aterrorizado se vestiu de carne e osso, e se ele não se salvar agora, nunca mais poderá se salvar.

Quando me dirigia ao restaurante para tomar o café da manhã, topei com John no coqueiral. Ele estava embaixo de um coqueiro estudando um cartaz que dizia: CUIDADO: QUEDA DE COCOS. Talvez fosse míope, porque estava grudado no tronco e, por conseguinte, bem debaixo da copa do coqueiro.

— Jogando roleta-russa? — perguntei.

Ele veio na minha direção.

— O que foi que disse?

Não tive de dizer mais nada, porque justo nesse instante um coco enorme caiu bem no lugar onde ele se encontrava segundos antes.

Virou-se para trás.

— Acho que você acaba de salvar a minha vida — disse.

— Você merece.

Não sabia direito como continuar, mas tinha certeza de que precisava falar com alguém, precisava falar com alguém sobre Ana e José. Diante do espelho, resolvera levar a cabo certas pesquisas naquele dia mesmo. Embora fosse pouco provável, eu não podia excluir a possibilidade de que o casal espanhol talvez pudesse ajudar um anjo, por demais encarnado, em apuros.

— Viu os espanhóis? — perguntei.

Ele negou com a cabeça.

— Mas você se encontrou com eles ontem na linha de mudança de data, não foi?

Mais uma vez tive a sensação de que o escritor inglês tinha algo a ver com Ana e José. Quem havia lhe dito que eu me encontrara com eles na linha de mudança de data? Será que o encontro tinha virado assunto?

Assenti com a cabeça.

— É um casal encantador — afirmei. — Você fala espanhol?

Terei intuído o esboço de um sorriso? Em todo caso, tive a sensação de que ele sabia do que eu estava falando. Mas só fez um gesto negativo e respondeu:

— Muito pouco. Mas eles falam muito bem inglês.

— É verdade. Mas às vezes falam entre si.

John ouvia com muita atenção, quase metia medo de tão atento que estava. Era como se tivesse um interesse muito especial em todas as minhas observações. A questão era se esse interesse não incluía também, de alguma maneira, os dois espanhóis.

— E você, entende o que dizem?

Senti-me num aperto, porque não tinha muita vontade de confessar a John que andava pela ilha ouvindo Ana e José às escondidas.

— Pelo menos entendi que não falam nem de futebol nem de críquete — respondi. — Falam de coisas estranhíssimas.

O homem alto de costeletas brancas ficou farejando o ar. Depois disse:

— Parece que ela é uma das mais famosas dançarinas de flamenco de Sevilha.

Flamenco! Meu cérebro recebeu novamente uma palavra-chave para centralizar minha busca do lugar onde eu podia ter visto Ana antes. Numas poucas ocasiões eu tinha visitado uma casa de flamenco em Madri, mas fazia anos, e se eu a tivesse visto num lugar assim, não teria sido capaz de separá-la, na minha memória, dos ritmos agitados, das saias de babados e do canto apaixonado. Além do mais, a imagem mental que eu tinha de Ana não podia se basear num breve espetáculo de flamenco. No entanto, aquela história de flamenco foi uma informação bastante útil.

Falei:

— Meu interesse pelos dois espanhóis se deve em parte ao fato de que acredito ter me encontrado anteriormente com Ana.

John se sobressaltou.

— Onde?

— É esse o problema. Sou incapaz de lembrar onde a vi.

— Interessante — disse ele. — Para não dizer estranho. Porque eu tenho exatamente o mesmo problema. Há algo nela tão reconhecível que chega a ser incômodo.

Quer dizer que ele também... Já éramos dois portanto, assim eu podia descartar a ideia de que aquela impressão sobre Ana não passava de um sonho ou que eu estivera com ela numa vida anterior. Agora também tinha uma espécie de explicação do motivo por que John se

mostrou tão ávido em saber se eu havia ou não me encontrado com os espanhóis na linha de mudança de data.

— Não é um rosto que a gente esquece — falei.

Percebi que isso podia soar como um comentário insolente; ele ficou pensando antes de responder:

— É possível. Mas, ao que parece, também não é um rosto de que a gente se lembre.

Ele tinha alguma razão nisso, e logo em seguida acrescentou, um pouco hesitante:

— Então só resta uma terceira possibilidade...

Eu estava interessadíssimo no que ia dizer.

— Nós dois vimos essa mulher antes. Pode ser que ela tenha sofrido uma espécie de... metamorfose — acrescentou.

Eu também havia pensado numa coisa semelhante e me senti aturdido; além do mais, fazia calor e estava muito úmido. Nesse instante, fomos interrompidos por uma sonora voz de mulher vinda das imediações da piscina. Era Laura, que lançou o seguinte grito através do coqueiral:

— Só estou dizendo que você não precisa me perseguir o tempo todo.

Depois ouvimos um “chap!”, e compreendi que Laura tinha empurrado Bill dentro da piscina. Fiz um gesto para John e disse que ia tomar o café antes que fosse tarde demais.

Ao passar pela beira da piscina, assisti ao último ato de um drama. Bill saía de seu banho involuntário, com uma carranca irada de cinema mudo, embora estivesse perfeitamente equipado para o líquido elemento: bermuda amarela e camiseta azul-clara com dois ou três cocos pintados. Laura se acomodava numa espreguiçadeira, com um riso malicioso também de cinema mudo. Ao erguer os olhos e ver que eu me dirigia para o restaurante, amarrou uma toalha na cintura e me perguntou se eu ia tomar o café da manhã. Fiz que sim com a cabeça.

— Vou tomar um chá com você — disse, o que sem dúvida significava que tinha terminado de ler o *Lonely Planet*.

Deixou a toalha cair na espreguiçadeira, pôs um vestido vermelho por cima do biquíni preto e enfiou os pés num par de sandálias. Esperei-a, e subimos juntos até o restaurante.

O pessoal serviu café e chá, e eu mal tive tempo de me servir de

pão e geleia, pois começaram a recolher o bufê. Olhei para o olho verde e para o olho castanho.

— Ele está importunando você? — perguntei.

Limitou-se a dar de ombros.

— Não, na verdade não.

— Mas você o empurrou dentro da piscina, não foi?

— Fale-me das suas pesquisas — pediu.

Eu não tinha nada contra mudar de assunto. Expliquei-lhe rapidamente meu trabalho de campo e me dei conta de que também ela não era uma simples aficionada: ela era do ramo e podia me contar coisas que eu ignorava sobre os problemas do continente australiano relacionados à minha área.

Fiz-lhe algumas perguntas sobre a fundação ambientalista que havia financiado o relatório anual de que ela falara na noite anterior. Primeiro respondeu com evasivas, mas acabou contando que a fundação em questão era uma espécie de legado, já que todos os recursos tinham sido doados por um americano.

— Um idealista? — indaguei.

— Um ricoço — ela corrigiu. — Ele nada em dinheiro.

Perguntei-lhe se a longo prazo era otimista ou pessimista quanto ao futuro da humanidade.

Ela respondeu:

— Sou pessimista quanto ao futuro da humanidade, mas otimista quanto ao futuro da Terra.

Comecei a me situar, e logo minha intuição se confirmou. O compromisso de Laura com a causa do meio ambiente se apoiava em fundamentos mais profundos do que eu imaginara. Ela pensava que a Terra era um organismo que, por enquanto, sofria um ataque de febre, mas que precisamente essa febre agiria como um elemento regulador e contribuiria para que ela logo sarasse.

— Ela...?

— Gaia. Se não acontecer um milagre, acabará aniquilando os micróbios que a fizeram ficar doente.

— Gaia? — repeti.

— Não passa de um nome que deram à Mãe Terra. Poderíamos perfeitamente tê-la chamado de Eartha. O que importa é considerarmos a Terra um ser vivo.

— Que aniquilará os micróbios?

— Há muitos milhões de anos os dinossauros se extinguiram — disse ela. — E não está tão claro que isso se deveu à queda de um meteorito. Talvez eles tenham provocado uma doença, extinguindo-se a si mesmos. Ouvi falar de uma teoria que sustenta que essa doença pode ter tido algo a ver com os gases intestinais dos dinossauros. Mas a Terra ficou bem, na realidade foi um novo nascimento. Agora são os seres humanos que ameaçam a vida na Terra. Mas também estamos destruindo nosso próprio habitat, e Gaia saberá se desfazer de nós.

— E depois... a Terra vai ficar boa de novo?

A mulher com um olho verde e o outro castanho aquiesceu com a cabeça. Olhei para o olho castanho e perguntei:

— Você não acha também que os seres humanos têm um valor próprio?

Ela se limitou a dar de ombros, e entendi que não tinha grande apreço pela dignidade humana. Sempre tive problemas para descobrir o valor de um planeta que não gera outra vida além da dos organismos inferiores. Gostava mais da ideia de um novo nascimento. Mas como confessara a Gordon na noite anterior, era tarde para a Terra, e não havia garantia de que a razão voltaria a ter uma nova oportunidade, pelo menos não neste planeta.

— Sempre achei que cada ser humano é uma coisa infinitamente valiosa — falei.

— Cada panda também.

Olhei no olho verde.

— E você? — perguntei. — Não tem medo de morrer?

Negou com a cabeça.

— Só vai morrer a forma que tenho agora.

Lembro de ter pensado que era uma forma especialmente bonita.

— Mas também sou o planeta vivo — continuou. — Preocupa-me mais que ela vá morrer, porque eu tenho uma identidade mais profunda e duradoura nela.

— “Uma identidade mais profunda e duradoura” — repeti.

Ela sorriu, desafiadora.

— Você com certeza já viu imagens de Gaia do espaço...

— Claro.

— Não é bonita?

Não acreditava nela. Nunca me atraía esse tipo de monismo simplista, combinado com um compromisso ambientalista um tanto misantropo, e embora tenha me sentido provocado, devo esclarecer que gostava de Laura, apesar dos pesares. Era um ser frágil, atraente e, de certo modo, ferido.

Tentei compreender sua retórica. Tudo bem, pensei, vivemos nossa breve vida na Terra, mas com ela nem tudo acaba, porque vamos voltar na forma de lírios e coqueiros, pandas e rinocerontes, e tudo é Gaia, nossa identidade mais íntima e mais real.

Laura estava sentada balançando as sandálias. Através do tecido vermelho do vestido pude vislumbrar a parte superior do biquíni.

— Como começou a vida na Terra? — perguntou.

Entendi que se tratava de uma pergunta retórica, mas dei a resposta convencional de que toda a vida na Terra descende de uma só macromolécula, já que todo o material genético na Terra apresenta um parentesco indiscutível.

— Então a Terra é apenas um organismo vivo — concluiu. — E isso não é apenas uma metáfora. De fato sou aparentada ao hibisco.

Apontou para o jardim, e vi que Bill pegara a toalha que ela havia deixado na espreguiçadeira. Optei por não lhe contar. Ela prosseguiu:

— De fato, sou mais aparentada ao hibisco do que duas gotas d'água no mar são aparentadas entre si. E se toda a vida na Terra descende realmente de uma só macromolécula...

Hesitou um instante, e voltei a olhar no olho verde.

— Sim?

— ... então seria uma molécula inconcebível. Eu não hesitaria em chamá-la de divina. Seria uma semente divina. E também não hesitaria em chamar Gaia de deusa.

— Que por sua vez é o seu próprio ego?

— E o seu também, e o do hibisco.

Já tinha ouvido isso antes e, como já disse, acho que ela só acreditava na metade do que dizia.

— Mas a Terra também tem um tempo limitado de vida — objetei.
— Não é mais que um “lonely planet” no grande nada.

— Ou no Grande Todo, senhor!

Ao dizer isso, pegou em minhas mãos, o que me deixou tão perplexo que não soube como reagir. Nem mesmo sabia se ela era capaz de

distinguir entre os significados dos conceitos “tudo” e “nada”. Não eram sinônimos?

Apertou ternamente minhas mãos e disse:

— Juntos somos um.

Essa “dualidade” pareceu me paralisar por uma espécie de eletrochoque. Quando se fala do grande todo ou do grande nada, é agradável se agarrar na mão de alguém. Se tudo não era um, pelo menos nós éramos dois. Não vou dizer que tinha me convencido com a parte ideológica do seu discurso, de maneira nenhuma, porque também pensei que quando a noite é bastante escura, todos os contornos desaparecem.

Permanecemos sentados alguns segundos, de mãos dadas. Laura era ao mesmo tempo uma mulher atraente e uma idealista empedernida, embora o que acabava de dizer fosse de certo modo irrefutável, tão irrefutável quanto meu pusilânime individualismo. E juntos éramos um.

— Vale também para o engenheiro de petróleo? — perguntei, e então ela retirou as mãos das minhas.

Negou com a cabeça e disse, sorrindo calorosamente:

— Ele pertence a outro Universo.

E, no entanto, pouco depois se levantou e voltou à espreguiçadeira junto da piscina, talvez para brigar com o americano por ter pegado sua toalha.

Eu decidira alugar um carro e ir ao Parque Nacional de Tavoro, a leste da ilha, para tentar ver algum dos célebres papagaios e admirar as formidáveis cascatas. Além disso, tinha outra urgência a resolver, de suma importância para a minha saúde.

O proprietário do Maravu Plantation Resort se chamava Jochen Kiess e era alemão. Ele me ajudou amavelmente a alugar um carro, mas não foi tão fácil para ele satisfazer meu segundo pedido. O lugar tinha um bar, com direito a servir todo tipo de bebidas alcoólicas, claro, mas a legislação nacional proibia a venda de uma garrafa inteira de álcool. Eu lhe disse que entendia perfeitamente, pois tínhamos a mesma lei na Noruega, mas que não se tratava na verdade de uma venda normal e corrente, e sim de uma merecida indenização por perdas e danos causados por um dos muitos gecos do estabelecimento. Apesar disso, demonstrei que estava disposto a pagar pela garrafa ou, se ele quisesse, pelas doses que a garrafa continha, o mesmo preço que se pagava pelas

doses no balcão do bar. Não creio que tenham sido meus argumentos que o convenceram, mas, por causa de seu bom humor, no fim das contas pude ir assobiando para a *bure* 3, com uma garrafa de Gordon's Dry Gin fechada. No caminho, colhi uma flor do hibisco para o qual Laura havia apontado e com o qual ela era mais aparentada do que o são duas gotas d'água entre si. Naturalmente, tinha razão no que concerne às gotas d'água, mas apenas porque duas gotas d'água não são em absoluto aparentadas, são apenas muito parecidas.

Enchi de água a garrafa vazia de gim, pus dentro dela o ramo de hibisco e a deposei numa mesinha perto da janela que dava para o coqueiral. Depois abri a nova garrafa e tomei um gole, só para indicar que ela me pertencia e que a partir de então não deveria ser levada de volta para o bar. Abri a mala, pus cuidadosamente dentro dela a garrafa bem fechada, e fechei a mala a chave.

Nesse momento voltei a vê-lo. Gordon tinha escolhido a parte superior da cortina para hibernar. Pensei que estivesse dormindo, embora seja complicado perceber isso nos répteis que nascem com pálpebras que parecem óculos. Talvez tenha me visto entrar com a nova garrafa de gim. Olhei em seu olho aberto.

— Curando a ressaca? — perguntou.

Raio! Já voltara a ser o mesmo.

— Só lavei a boca — retruquei. — Além do mais, o que faço ou deixo de fazer não é da sua conta.

— Não está querendo dizer que vamos recomeçar do ponto em que paramos ontem à noite, está?

— De jeito nenhum. Só disse isso para que você não confunda as coisas. Você não passa de um gecko.

— Sim e não, senhor.

— O que quer dizer com isso?

— Está certo que aqui e agora pareço um gecko. Mas na realidade...

Eu intuía aonde ele pretendia chegar.

— Fale! — disse-lhe. — Não sou eu quem vai pôr obstáculos à liberdade de expressão.

— Na realidade sou o espírito universal. Ele agora tomou a forma de um gecko. Assim, se desejar saber qualquer coisa, pode perguntar.

— Não sei se quero — repliquei. — Diga você o que disser, sei tudo de antemão.

- Duvido, pois eu sou um espírito universal onisciente.
 - Está bem, já que é assim que você quer. O que você sabe?
 - Tomou café da manhã com um primata fêmea da Austrália.
 - É verdade. Mas vamos ver agora se você passa no exame. Também é capaz de me dizer se a amo ou não?
- Ele achou graça.
- Não, seria ridículo em tão pouco tempo. Até mesmo para um primata macho como você. Mas se não for capaz de reprimir seus desejos animais, talvez esteja perdido.
 - Ela também é o espírito universal.
 - Sim, senhor. Eu estou em tudo o que o rodeia. Você vive em mim, se move em mim e existe em mim.

Ainda há alguns enclaves isolados onde os seres humanos não se deixam enganar para vender sua alma em troca de dinheiro. Os habitantes do pequeno povoado de Bouma, na parte leste de Taveuni, sabiam que tinham recebido como presente de nascimento uma das florestas tropicais mais bonitas do planeta, e de fato ela se tornou um ímã, tanto para os amantes da natureza como para a realização de filmes paradisíacos, por exemplo, *A lagoa azul*. Quando os habitantes do povoado receberam uma oferta para vender, em troca de suculentas divisas, o terreno inexplorado para o corte de suas árvores, tiveram algumas discussões a esse respeito, já que moeda sonante não abunda nem em Bouma nem nas ilhas Fiji em geral, mas acabaram dizendo não ao corte das árvores e sim à ideia vigorosa de transformar a frondosa área em parque nacional, pois isso também podia representar uma fonte de renda para esse povo pobre e durar muito mais do que aquele breve sonho sonante que lhes fora ofertado em troca do corte das suas árvores. Hoje a ilha dispõe de um parque protegido de cinco mil hectares, preparado para receber ecoturistas que ali chegam, e são os habitantes do povoado que tratam de abrir e manter as trilhas — guarnecidas com corrimãos nas partes mais íngremes —, além de cuidar dos sanitários, lanchonetes e acampamentos. O exemplo vingou, já que vários projetos semelhantes estão em fase de planejamento em outros pontos da ilha.

Atravessei o povoado, cruzei o alegre rio Bouma e num guichê paguei com prazer os cinco dólares fijianos pelo ingresso nesse paraíso

protegido. No mesmo guichê recebi bons conselhos sobre os sete quilômetros de trilhas preparadas e também comprei um pacote de biscoitos e uma garrafa d'água. Garanti que não acenderia fogo, porque isso poderia ter consequências catastróficas.

Andei cerca de um quilômetro pela margem do Bouma, e a trilha que segui era uma frondosa e contínua alameda de coqueiros e floridos arbustos. É isso que eu chamo de paisagem cultural, Vera. Você devia ver!

Logo ouvi o murmúrio da primeira e exuberante cachoeira. Tinha lido que a queda livre era de vinte metros e que a cachoeira escavara uma banheira gigante. Haviam me dito que não costumava ter muita gente ali, e portanto eu não tinha levado calção de banho: programara pular nu na piscina natural, se não houvesse ninguém; caso contrário, iria até a cachoeira seguinte, a meia hora de passeio, onde a queda era de quase cinquenta metros, embora a piscina não fosse tão generosa quanto a primeira.

Quando avistei a cachoeira — ainda guardo na memória seu murmúrio suave —, ouvi vozes conhecidas, e descobri Ana e José na água. Não sei se me decepcionei ao constatar que não me encontrava sozinho ou se simplesmente me espantei ao ver quem estava ali. Em todo caso, era um contratempo, porque, apesar de ser agradável revê-los, eu sabia que eles haviam tido a mesma ideia que eu, porque estavam nadando nus. Mais uma vez me fizeram pensar em Adão e Eva, os primeiros seres humanos criados por Deus e a própria imagem da felicidade, antes do patético assalto à macieira e da consequente expulsão do jardim. Mas não chegaram ao capítulo da expulsão, porque ainda estavam se refrescando despídos. Antes de lhes dar as costas, pude ver que Ana tinha uma grande pinta na barriga.

Fingir que não entendia o que diziam era uma coisa, mas eu não estava tão corrompido a ponto de ficar espiando escondido a nudez deles; esse comportamento vil eu deixava para Deus, pois ele era o próprio paradigma do voyeur. O problema era que eu não podia continuar até a cachoeira seguinte sem que me vissem, porque só dava para ir até lá pela trilha preparada, e esta passava bem em frente do local onde eles estavam tomando banho, assim eu teria de dar a volta.

Mas não dei a volta, porque ouvi José dizer algo à sua companheira nua, e embora não tenha entendido tudo o que falou, ouviria a

enunciação por inteiro mais tarde:

— *O Curinga acorda de sonhos desconexos para uma realidade de carne e osso. Apressa-se a colher os frutos da noite, antes que o dia os amadureça demais. É agora ou nunca. É agora, e nunca mais. O Curinga compreende que não pode sair duas vezes da mesma cama.*

Pensei que também teria a oportunidade de ouvir as declarações de Ana aquela manhã, se ficasse quieto na trilha. Disse ela:

— *Que pensam os elfos no momento de serem paridos e chegarem completos e desenvolvidos a um dia flamejante? Que dizem as estatísticas sobre isso? É o Curinga que pergunta. Ele mesmo tem um sobressalto cada vez que ocorre o pequeno milagre, descobre-se como que num jogo de magia produzido por ele mesmo. Dessa forma comemora a manhã da criação. Dessa maneira saúda a criação da manhã.*

Eu já tinha me perguntado várias vezes quem poderia ser o “Curinga”. Agora tive uma espécie de explicação, porque José disse:

— *O Curinga se move entre os elfos de açúcar em forma de primata. Baixa os olhos e vê duas mãos desconhecidas, acaricia com uma das mãos um rosto que não conhece, toca sua testa e sabe que ali dentro age como um fantasma o enigma do eu, o plasma da alma, a gelatina do conhecimento. Mais perto do núcleo das coisas não poderá chegar. Tem a sensação de ser um cérebro transplantado, logo já não é ele.*

Ou um anjo bioquímico, pensei, e assim um representante da eternidade tão ávido de saber como a vida gorgoleja no reino da carne que, em sua arrogância, tinha se esquecido de bater em retirada. Não era perigoso apenas para um primata vestir-se com asas de cera e tirar, com isso, a conclusão precipitada de que poderia voar para o céu como um anjo: o contrário tinha de ser no mínimo igualmente temerário. Tinha de ser igualmente estúpido um anjo pensar que seria capaz de compartilhar as condições do primata sem perder seu status de anjo. Claro está que o anjo tinha infinitamente mais a perder do que o primata, embora de certo modo os dois perdessem exatamente a mesma coisa: a si mesmos. A única diferença estava em que o anjo dera por certo que sua eterna existência jamais acabaria.

Eu talvez imaginasse que tinham me visto e por isso começaram a recitar suas máximas filosóficas. Nesse caso, seria uma besteira me retirar. Talvez eu nem sequer tenha pensado tudo isso, a única coisa que lembro é que me fiz visível na trilha e tapei os olhos com a mão,

fingindo que não ouvira nenhuma palavra do que haviam dito.

— Tem lugar para um imigrante? — perguntei. — É que paguei cinco dólares por um visto para o paraíso.

Eles riram e saíram da água enquanto eu continuava tapando os olhos com a mão, embora tenha o acaso querido que dois de meus dedos se separassem alguns milímetros por alguns segundos, o necessário para eu poder vislumbrar os corpos nus antes que pusessem uma calça de linho preto e um vestido vermelho.

Ao ver Ana com o traje de Eva, percebi que antes só tinha visto sua cabeça, o corpo eu não reconheci. Não que houvesse algum problema com ele, era perfeito, mas havia algo que não se ajustava. Não era possível transferir a cabeça de um corpo para outro, era? Eu nunca tinha ouvido falar de uma cabeça transplantada.

Uma vez vestidos, sentamo-nos num banco à sombra, comendo biscoitos e elogiando a reserva natural e os habitantes de Bouma, já que éramos seus hóspedes. Ana pegou a máquina fotográfica, e eu tive de tirar várias fotos deles. Nesse meio-tempo, José voltou a me interrogar sobre as diferentes hipóteses evolucionistas. Mas eu já havia percebido na noite anterior que ele tinha muitos conhecimentos sobre o tema para não ser um profissional. Sem pestanejar, empregara termos técnicos como *gradualismo* e *pontualismo*.

Haviam combinado com um motorista para buscá-los na recepção do parque, assim finalmente pude aproveitar o paraíso só para mim. Após um banho rápido, segui para as outras cachoeiras.

A outra vez que topei com Ana e José foi no coqueiral de Maravu, horas depois. De novo Ana quis tirar fotos nossas, e resalto esse fato porque me pareceu que havia algo de ritual nessas fotos, como nas frases mais ou menos crípticas que eles recitavam constantemente.

Eu estava sozinho no coqueiral e de repente ouvi vozes conhecidas. Compreendi que me achava diante do chalé de Ana e José, e que eles estavam sentados na varanda. Não creio que tenham me visto, ao menos era impossível me ver no lugar onde eu me encontrava naquele momento, embora estivesse tão próximo do casal quanto eles de mim quando eu estava sentado na minha varanda e eles estavam no coqueiral. Eu teria me retirado discretamente, se de repente não houvesse jorrado uma grande cachoeira de frases suculentas. José

começou a recitação litúrgica.

— *Quem pôde se alegrar com os fogos de artifício cósmicos quando nada além de gelo e fogo ocupava a plateia do firmamento? Quem pôde adivinhar que esse atrevido primeiro anfíbio não apenas tinha percorrido de gatinhas um trecho a partir da margem, mas tinha dado um passo de gigante pelo longo caminho até a orgulhosa visão de conjunto do primata sobre o princípio de tal caminho? O aplauso à grande explosão só chegou quinze bilhões de anos depois de a explosão ocorrer.*

— Ou podemos começar por este — falou Ana. — *Há algo que aguça o ouvido e abre os olhos de par em par: subindo dentre as línguas de fogo, subindo da pesada sopa de matéria primitiva, subindo pelas cavernas, subindo por cima dos horizontes das estepes.*

— Para mim está bom. Mas talvez devêssemos dizer “a sopa de matéria primitiva, pesada como chumbo”.

— Por quê? Uma sopa nunca é pesada como chumbo.

— Quero dizer pesada no sentido figurado. Havia uma possibilidade mínima de um ser vivo subir de repente, um belo dia, a terra.

— E não quebra o ritmo?

— Ao contrário: “Subindo da sopa de matéria primitiva, pesada como chumbo...”.

— Veremos.

Agora era a vez de José. Ao que parece, ficou pensando alguns instantes, antes de se decidir a dizer:

— *Como uma névoa enfeitiçada, eleva-se a visão de conjunto através da névoa, subindo da névoa. O enfasiado meio-irmão do neandertal toca a testa e sabe que atrás do osso frontal do primata nada a branda massa cerebral, o piloto automático da viagem da evolução, o air bag do festival de proteínas entre coisa e pensamento.*

Dessa vez Ana não teve necessidade de pensar na sua resposta, pois sua parte já estava integrada na dramaturgia do rito.

— *O grande salto tem lugar no picadeiro do circo cerebral do tetrápode. É aí que se informa sobre os últimos triunfos da família. Nos neurônios do vertebrado de sangue quente saltam as primeiras rolhas de champanhe. Primatas pós-modernos chegam por fim à grande visão de conjunto. E não se espantem: o Universo vê a si mesmo em grande angular.*

Houve uma pequena pausa, e achei que a recitação havia terminado, porque no intervalo se abriu uma garrafa de vinho. E em seguida José

falou:

— *O vertebrado olha de repente para trás e contempla a misteriosa cauda da estirpe na imagem do espelho retrospectivo da noite dos anos-luz. Por fim, o caminho enigmático chegou a seu destino, e seu destino foi a consciência do longo caminho até o destino. Não se pode fazer outra coisa a não ser aplaudir com essas extremidades que são lançadas na conta da carteira genética da espécie.*

— “A imagem do espelho retrospectivo da noite dos anos-luz” — repetiu Ana. — Não acha um pouco pesado?

— Olhar para o Universo é a mesma coisa que olhar para trás na história do Universo.

— Podemos voltar a esse ponto. Agora poderíamos recitar esta: *Dos peixes, répteis e pequenos e mansos musaranhos, o primata chique herdou um par de bonitos olhos com visão de profundidade. Os distantes herdeiros forçados do crossopterígio estudam a fuga das galáxias no espaço celeste e sabem que o olhar demorou bilhões de anos para focalizar algo. As lentes são compostas de macromoléculas polidas. O olhar pode focalizar algo graças a proteínas hiperintegradas e aminoácidos.*

De novo foi a vez de José:

— *No globo ocular colidem a visão e a percepção, a criação e a reflexão. As esferas oculares de Jano são uma porta giratória mágica em que o espírito criador encontra a si mesmo no criado. O olho que olha para o Universo é o olho do próprio Universo.*

Fez-se silêncio por alguns segundos. Depois ele disse:

— Paus ou ouros?

— Ouros, é claro!

Dois copos se encheram, e fiquei ouvindo mais alguns instantes, mas como já não diziam nada, retirei-me o mais sigilosamente que pude.

Senti um tremor, mas, por outro lado, tinha obtido respostas para muitas perguntas, porque já estava claríssimo que as estranhas frases eram algo que Ana e José urdiam sentados na varanda. E eles eram também uns grandes, uns tremendos sem-vergonha, pois eu estava convencido de que a longa série que acabava de ouvir constituía algo que eu, sem meias palavras, chamaria de cleptomania espiritual, para não dizer pirataria mental, porque não era mero acaso que as frases filosóficas de Ana e José comesçassem a se parecer cada vez mais com a minha perspectiva biológica evolucionista. Desde nosso primeiro

encontro, eles não tinham parado de me interrogar, arrancando-me reflexões.

No entanto, ainda faltavam respostas para algumas perguntas. “Ouros, é claro!” E é claro que eram ouros, Vera, e não paus ou espadas, digamos. Mas o que queriam dizer com isso? O que tudo isso poderia ter a ver com as cartas? E quem eram “o Curinga” e “os elfos de açúcar”?

Além do mais, eu desconfiava que a finalidade do seminário da tarde era se exhibir para turistas solitários que se esgueiravam furtivamente pelo coqueiral. Não podia excluir a possibilidade de terem me descoberto segundos antes de eu chegar perto da varanda deles. E depois havia Ana. Volte do meu esquecimento, Ana!

Decidi agir. Primeiro retornei ao meu chalé, peguei papel e esferográfica, e sentei na beira da cama. Escrevi: “Quanto mais o Curinga se aproxima da extinção eterna, maior é a clareza com que vê o animal que o cumprimenta no espelho ao enfrentar um novo dia. Não acha consolo no olhar aflito de um primata de luto. Vê um peixe enfeitiçado, um sapo metamorfoseado, uma lagartixa deforme. É o fim do mundo, pensa. Aqui acaba abruptamente a longa viagem da evolução”.

Li o texto em voz alta, e de repente se ouviu a voz de Gordon do alto da cortina:

— Gostei da “lagartixa deforme”.

— Por quê?

— Porque ressalta, por assim dizer, que somos os autênticos.

— Bobagem! Você também é um peixe enfeitiçado.

— Mas não sou deforme. Não me sobra nem uma única circunvolução cerebral. Tenho um sistema nervoso perfeitamente adequado às minhas atividades, nem mais nem menos.

— Então vou botar uma “lagartixa ereta”.

— Acho que deveria manter o “deforme”, e não só por causa dessas circunvoluções cerebrais a mais, mas também pelo ritmo da linguagem. Para não mencionar a boa relação entre vizinhos.

— Tem mais uma — falei. Dessa vez ia lendo em voz alta enquanto escrevia: — “O Curinga é um anjo em apuros. Por causa de um mal-entendido fatal, vestiu-se de carne e osso. Só queria compartilhar as condições dos primatas durante alguns segundos cósmicos, e teve o

azar de puxar a escada celestial e descê-la com ele. Se ninguém o recolher já, o relógio biológico andarà cada vez mais depressa, e ficará tarde demais para regressar ao reino dos céus”.

Ergui os olhos.

— Besteiras românticas, se quer que lhe dê minha opinião.

— Não a pedi.

— E se não existir uma eternidade?

— É precisamente essa ideia que me irrita tanto. E também me entristece. Sou um primata de luto.

— Mas você postula que existe um céu do qual os anjos podem descer para encarnar um dia, com o único propósito de se dar conta de que estão tão afundados no atoleiro deste mundo que não são capazes de voltar para casa.

— Devo incluir esse “tão afundados no atoleiro deste mundo que não são capazes de voltar para casa”?

— De jeito nenhum. Não creio que haja outro mundo, fora este, que se desenvolve no tempo e no espaço.

— Eu sei! — repliquei quase gritando. — E é só porque sei que você disse isso. Mas nessa parábola há um “como se”, entende? Eu sou *como* um anjo caído, *se* os anjos existissem. Você só tem que imaginar um anjo caído que se perdeu no atoleiro da carne para de repente se dar conta de que fez algo de fatal e irreparável, já que não é capaz de voltar a subir ao céu. Não entende quão terrível isso tem que ser para o anjo? Ele considerou como parte evidente da criação que sua existência não teria fim. Existiu sempre e praticamente tem um contrato com Deus de que assim será da eternidade até a eternidade. É bem aqui que aparece o erro, uma hamartia, como também foi um erro aquela história da maçã no velho jardim, porque o anjo por fim se dá conta de que seu status foi consideravelmente rebaixado, já que de repente foi reduzido a anjo bioquímico, isto é, a um ser humano, uma máquina de morte baseada em proteínas, tal como os peixes e os sapos. Está diante do espelho e compreende que, por causa de um simples mal-entendido, não vale mais que um geco.

— Como já lhe disse, nunca nos queixamos de nosso status ontológico.

— Mas eu sim!

— Porque você tem uma circunvolução cerebral sobrando.

— Tudo bem, tudo bem. Não sobra nenhuma ao anjo. Talvez ele tenha exatamente a mesma inteligência que o ser humano, isto é, inteligência suficiente para abrigar certos conceitos relativos ao Universo, onde estará eternamente, num marcado contraste com o ser humano. É essa a grande diferença, nenhuma além dessa. Nesse sentido, o anjo possui um conhecimento adequado, muito adaptado a seu status cósmico. Quanto a mim, sei até bem demais que só estou aqui de visita.

— Não entendo a necessidade de discutir a inteligência dos anjos, quando você acaba de reconhecer que não acredita em anjos.

Simplesmente o ignorei.

— Sou da estirpe das salamandras — prossegui. — O fato de me sobrar uma circunvolução cerebral ou duas se deve à brevidade do tempo que vou estar aqui. Assim, o que estou discutindo não é uma questão intelectual, mas emocional, para não dizer moral. Portanto, é triste e provocador para mim ter que reconhecer a brevidade da vida e de todas as coisas das quais já estou a ponto de me despedir. Não é justo.

— Então você talvez possa empregar esse tempo limitado em outra coisa que não seja se irritar com a brevidade dele.

Repliquei:

— Imagine que você sai de viagem e que pessoas amáveis com as quais você se encontra o convidam a fazer uma visita a casa delas, uma visita breve, claro. Além disso, você sabe que nunca mais voltará àquela casa, àquele país ou àquela cidade.

— Mas de qualquer maneira você pode sentar e conversar um pouco.

— Claro que sim, mas não preciso saber tudo o que se refere ao funcionamento da casa. Não preciso saber onde fica tudo, as colheres e as panelas, a tesoura de jardinagem ou a roupa de cama. Não vou saber tudo sobre como vão os dois filhos na escola ou sobre o que os pais serviram aos convidados na comemoração das suas bodas de prata no ano anterior. Pode ser agradável eles mostrarem rapidamente a casa para você, e não pretendo ridicularizar a hospitalidade das pessoas, mas mostrar a casa inteira, do porão ao sótão, apenas durante uma breve visita para um cafezinho, aí é demais.

— Exatamente como as duas circunvoluções.

Não deixei que ele me distraísse e prossegui:

— Se eu fosse morar ali por alguns meses, seria diferente. Pois estou certo de que se trata de uma família muito agradável, do contrário não creio que os tivesse visitado, embora, é claro, não pudesse saber que iam dedicar tanto tempo dessa breve visita a se estender sobre a sua vida perfeita no chalé com fios de calefação no chão e uma esplêndida banheira. Estou a ponto de pegar o avião, parto para outro hemisfério. Estou nervoso, porque tenho que me levantar e ir embora, o táxi pode chegar a qualquer momento, e nunca mais voltarei... Você é mesmo capaz de entender o que estou dizendo?

— Pelo menos começo a entender que você entende demais.

— Demais, sim, é o que venho dizendo desde sempre. Compartilho quase noventa e nove por cento dos meus genes com um chimpanzé, e a duração de nossa vida também é parecida, mas não creio que você tenha ideia de quanto sei mais, e, ao mesmo tempo, sei que tenho que me desprender disso tudo. Por exemplo, tenho uma sólida ideia de quão imensamente grande é este Universo, e de que se compõe de galáxias e conjuntos de galáxias, braços espirais e estrelas individuais, estrelas sadias e gigantes vermelhas com febre alta, anãs brancas e estrelas de nêutrons, planetas e asteroides. Sei tudo sobre o Sol e sobre a Lua, sobre a evolução da vida na Terra, sobre os faraós egípcios e as dinastias chinesas, e sobre os países e povos da Terra neste momento, para não falar de todos os conhecimentos que fui adquirindo sobre flores e animais, canais e lagos, rios e desfiladeiros. Sem parar para pensar, posso lhe dar o nome de várias centenas de cidades no mundo, posso citar quase todos os países e sei aproximadamente o número de pessoas que vivem em cada um deles. Conheço as bases históricas das distintas culturas, sua religião e sua mitologia, até certo ponto também a história do seu idioma, em particular as conexões etimológicas, sobretudo no âmbito linguístico indo-europeu, mas também poderia recitar uma série de palavras de línguas semíticas, e algumas em chinês e japonês, para não falar de todos os nomes de lugares e de pessoas que sei. Além disso, conheço centenas de pessoas em minha vida privada, só do meu pequeno país seria capaz de lhe citar perto de mil nomes de compatriotas vivos dos quais sei alguma coisa, e tenho exaustivos conhecimentos biográficos de alguns deles, e nem preciso me limitar aos noruegueses, pois vivemos

cada vez mais numa aldeia global, e logo a galáxia será nosso bairro. Por outro lado, há uma porção de pessoas de quem gosto de verdade, embora a gente não se prenda apenas às pessoas, mas também aos lugares; basta pensar em todas as paisagens que conheço como a palma da mão, tanto que perceberia se alguém cortasse um arbusto ou mudasse uma pedra de lugar em qualquer uma delas. Depois vêm os livros, por exemplo, todos os que me ensinaram muito sobre a biosfera e o Universo, mas também livros de ficção, o que implica que conheço de perto a vida de muitos seres fictícios, que em parte significaram muito para mim. Também não poderia viver sem música, e sou quase onívoro, da música folk e renascentista a Schönberg e Penderecki, e, todavia, devo confessar, o que tem a ver precisamente com a perspectiva que procuramos apresentar aqui, devo confessar, dizia, certa inclinação para a música romântica, e é bom não esquecer que ela também está presente em Bach e Gluck, para não falar de Albinoni; a música romântica sempre existiu, Platão já tinha prevenido contra ela, porque achava que a melancolia poderia debilitar o Estado, e é claro que, quando se chega a Puccini e a Mahler, a música se transforma numa expressão direta do que estou fazendo você ver: que a vida é breve demais e que o ser humano é feito de tal modo que há coisas demais de que tem que se despedir. Talvez você já tenha ouvido a *Despedida*, da *Canção da Terra* de Mahler, nesse caso com certeza está entendendo o que quero lhe dizer. Espero que tenha compreendido que estou me referindo à minha despedida, que se dá no mesmo órgão em que trago armazenado tudo aquilo de que me despeço.

Aproximei-me da mala e a abri, tirei a garrafa de gim e a levei aos lábios. Não teria problema, porque tomei um gole bem pequeno, e faltava pouco para o jantar. Ele perguntou:

— Vai começar tão cedo assim?

— Começar? Parece-me tendencioso empregar essa palavra. Tomei um gole porque estou com sede, isto é, porque quero apagar uma coisa, e você ainda me fala em começar!

— Só estava pensando que sua queda pela bebida poderia, no pior dos casos, encurtar ainda mais sua vida.

— É possível, e vejo o paradoxo, mas não estou falando de envelhecer, estou falando da eternidade, e, nesse caso, ninharias como um ano a mais, um ano a menos, não significam absolutamente nada.

— Eu pelo menos estou dispensado de me preocupar com a eternidade.

— Mas eu não! — exclamei. Arranquei a nota que havia escrito e saí apressadamente do chalé, batendo a porta atrás de mim com um estrondo.

A passos firmes, dirigi-me para o chalé de Ana e José, mas, ao me aproximar, moderei consideravelmente a velocidade, e quando passei em frente à varanda, podia, na melhor das hipóteses, dar a impressão de que passava por ali casualmente. Eu tinha dobrado o papel e guardado no bolso.

— Aceita uma taça de vinho branco? — gritou Ana.

— Com muito prazer.

Entrou no chalé para pegar uma cadeira e uma taça, e quando estávamos sentados com as taças cheias de vinho, olhei meditativo para o coqueiral, enquanto murmurava algo para mim mesmo, como se se tratasse de um velho trava-língua que eu sempre costumava enunciar. Disse:

— Quanto mais o Curinga se aproxima da extinção eterna, maior é a clareza com que vê o animal que o cumprimenta no espelho ao enfrentar um novo dia. Não acha consolo no olhar aflito de um primata de luto. Vê um peixe enfeitiçado, um sapo metamorfoseado, uma lagartixa deforme. É o fim do mundo, pensa. Aqui acaba abruptamente a longa viagem da evolução.

Fez-se silêncio total na varanda, a ponto de me enervar. Julguei perceber que Ana e José trocavam um olhar, mas não se disse nada até que Ana me perguntou o que achara do vinho.

Eu dera por certo que eles teriam alguma reação, já que o que acabava de dizer era também uma reação à extravagância oral dos dois nos últimos dias. No entanto, ficamos um quarto de hora falando de Fiji, de tudo e de nada.

Lembro de ter me ocorrido como uma terrível possibilidade que tudo o que eu ouvira Ana e José recitarem poderia teoricamente ser o mesmo tipo de discurso das longas conversas que tivera com Gordon. Mas, nesse caso, o problema teria dado um giro de cento e oitenta graus, pois por que Ana e José não comentaram o que eu de repente havia formulado sobre o peixe enfeitiçado e o primata de luto? Bruscamente, os papéis tinham se invertido por completo.

Ou será que se sentiam ouvidos e espionados, já que a intenção deles nunca fora que eu compreendesse o que quer que fosse do que recitavam? Talvez não se pretenda que alguém escute o que dois amantes dizem um para o outro enquanto tomam banho nus numa cachoeira tropical, menos ainda que lhes responda. Por outro lado, não havia a menor justificativa para eu me indignar com o fato de que meus companheiros se dedicassem a transformar de uma maneira mais ou menos poética os assuntos que tínhamos discutido entre nós.

Eu precisava ter plena certeza. Acabava de agradecer o vinho quando caiu um coco de um dos coqueiros, e voltei a dizer algo a mim mesmo. Disse-o num tom bem alto para que não restasse dúvida de que me ouviam:

— O Curinga é um anjo em apuros. Por causa de um mal-entendido fatal, vestiu-se de carne e osso. Só queria compartilhar as condições dos primatas durante alguns segundos cósmicos, e teve o azar de puxar a escada celestial e descê-la com ele. Se ninguém o recolher já, o relógio biológico andarà cada vez mais depressa, e ficará tarde demais para regressar ao reino dos céus.

De novo se fez silêncio, e me pareceu que reinava na varanda um clima tenso. Nem uma palavra, Vera, nem sequer me deram uma resposta não verbal. Devo confessar que depois dessa tarde tudo acabou. Nunca mais Ana e José recitaram nada na minha presença. Algo havia morrido, tão inevitavelmente como o anjo havia perdido a chave para a eternidade.

Sáímos juntos em direção ao coqueiral. Ana levou a máquina fotográfica e começou de novo a tirar fotos. Mais uma vez me pediu que os fotografasse, por exemplo, debaixo do coqueiro com o cartaz que avisava do perigo da queda de cocos.

A história dos anjos caídos e dos cocos que podiam cair na cabeça me fez pensar como é fácil manipular imagens e, por exemplo, introduzir na internet fotos falsas com nus de pessoas conhecidas. Mas o rosto de Ana eu não tinha visto em nenhuma fotografia, disso estava plenamente certo, tão certo que tive de me perguntar como podia estar tão certo de algo que era incapaz de lembrar.

CUPULA NO TROPICO

PARA O JANTAR, juntaram todas as mesas formando uma só. Na noite anterior, os hóspedes haviam se reunido mal o jantar terminara, e supus que nessa noite os anfitriões quisessem contribuir para que nos aproximássemos já antes de nos sentarmos. Só mais tarde é que descobri que a iniciativa fora de mr. Spooke, porque o dono Jochen Kiess desejava que o Maravu Plantation Resort fosse um refúgio para os individualistas.

Cheguei logo e tomei uma cerveja no bar com o inglês. Falamos dos répteis da Oceania e, em particular, dos gecos domésticos, porque John também tinha vários em seu quarto. Não contei sobre a garrafa de gim, isso teria de permanecer um segredo entre mim e o dono. Devo confessar que falei um pouco de Oslo e, por conseguinte, também um pouco de nós, como pode imaginar. Contei-lhe que tínhamos perdido nossa filha num acidente de trânsito.

Naquela manhã, havia telefonado cedo para Salamanca a fim de que confirmassem minha inscrição no congresso, e não pude deixar de contar a John que você também estava inscrita. O que eu não sabia era se você estava a par de que eu apareceria por lá. John contou que perdera a mulher alguns anos antes, após uma longa doença. Chamava-se Sheila, e entendi que ele tivera uma relação muito forte com ela. Concordávamos que a vida nem sempre é fácil. Após muitos anos de descanso, o inglês tinha voltado a tomar notas para um novo romance. Trocamos algumas palavras sobre a arte e a cultura em geral, e confessei ao robusto inglês que era apaixonado pelos pintores espanhóis, em particular pela maravilhosa coleção do Museu do Prado. Ele então arregalou os olhos, como se anotasse de maneira especial o que eu estava lhe dizendo.

Enquanto conversávamos, os comensais começaram a chegar. À minha direita, sentou-se Laura, e, à esquerda, Evelyn. À esquerda de Evelyn estava Mark, que apesar da sua juventude já era advogado, e na ponta da mesa, à esquerda dele, sentou-se Bill. John se instalou à minha frente, e a cadeira à esquerda dele, isto é, em frente a Laura, ficou para Mario; do outro lado do inglês estava Ana, e, à direita de Ana,

José.

Tentarei me concentrar no mais importante dessa noite, e irei direto ao assunto. Antes da sobremesa, John deu umas pancadinhas com o garfo em seu copo e disse algumas frases floreadas sobre o lugar em que nos encontrávamos, sobre a inspiração intelectual que despertavam aquelas noites tropicais — o ser humano também era um animal tropical — e, particularmente, sobre quanto se alegrava de ter conhecido cada um de nós, que tínhamos feito um longo trajeto, vindos da Europa, da América ou da Austrália. A dona do Maravu, a senhora Angela Kiess, comentara com ele que era a primeira vez em muitos meses que os hóspedes tinham sentado duas noites seguidas no restaurante, pois sempre havia alguém que ia embora ou um novo hóspede que chegava. Mas além disso, explicou o inglês, ele tomara a iniciativa de juntar as mesas porque achava que todos os reunidos tínhamos algo em comum, apesar das diferenças casuais, um mínimo múltiplo comum, se lhe permitíamos empregar uma expressão matemática. Em suma, ele já tivera tempo de trocar algumas palavras com cada um de nós e havia se dado conta de que todos nós tínhamos um interesse especial por algo que chamou de “o dilema do homem moderno”; pudera comprovar isso na noite anterior, embora as conversas tivessem sido mais dispersas do que esperava que fossem naquela noite, porque até mesmo uma noitada informal necessitava de vez em quando de um moderador. Chamou cada um de nós pelo nome, tentando, com certo esforço, fazer parecer que, em conjunto, representávamos uma espécie de corte transversal da humanidade, reunidos sob um imenso céu estrelado.

Fora aberta a sessão, e John tinha empregado a expressão “cúpula no trópico”. Depois falou de uma porção de coisas, sobre as quais certamente havia meditado por muito tempo. Disse:

— Quando as pessoas se encontram pela primeira vez, seja num congresso profissional seja numa ilha do Pacífico, é costume se apresentarem e também contarem algo mais, sobretudo se a relação vai se prolongar por vários dias. Às vezes informam o estado civil, a profissão ou o país de onde vêm, dessa maneira é possível descobrir conhecidos, interesses ou até destinos comuns, por exemplo, um cônjuge ciumento demais, uma deficiência física, uma fobia rara ou a recente perda dos pais. Pois bem!

Corri os olhos pela mesa. A maioria tinha uma interrogação desenhada na face. Laura, que essa noite usava uma blusa preta sem mangas e calças jeans cortadas e com franjas compridas, pôs a mão no meu braço, sussurrando-me no ouvido:

— É um palhaço.

— Pois bem! — repetiu o inglês. — Um ingrediente quase obrigatório nesse tipo de apresentação é o desejo de causar a melhor impressão possível, ou em relação ao status social, ou ao nível econômico, círculo de amizades, façanhas ou aptidões especiais. Não se trata apenas de apresentar as próprias qualidades mais favoráveis, mas de fazê-lo de maneira casual, como se fosse algo completamente improvisado. Porque o ser humano não é só um animal social, mas é antes de mais nada um animal vaidoso, mais vaidoso, suponho, do que qualquer outro vertebrado. Vejam como sou bom e hábil, dizemos. Não imaginem que sou um sujeito qualquer. Além do mais, tenho dois filhos, já crescidos, na universidade e duas filhas adolescentes que querem ser atriz e pintora, respectivamente. Não diga..., pois nossa filha casou há pouco tempo com o filho do prefeito de Liverpool, o rapaz estava louco por ela. Saiba também que gozo de uma situação econômica folgada. Sim, sim, é o mesmo sobrenome da siderúrgica, foi meu bisavô, pois é. É evidente que li Derrida e tenho na mesa de cabeceira o livro de Baudrillard. Arte também, está claro, temos um Monet no quarto, um Miró na sala e, por certo, acabamos de pendurar um espelho barroco autêntico na lareira...

Interrompeu-se e exclamou:

— Pois bem! Pois bem!

Voltei a correr os olhos pela mesa, e não fui o único, porque nesse momento ninguém tinha a menor ideia de onde John iria parar com seu discurso. Pensei que todos nós estávamos numa situação embaraçosa, e mais tarde me perguntei se ele não contava com um cúmplice.

— Que calorão! — afirmou Bill. — Vamos pedir algumas garrafas de vinho branco ou querem que os convide para um champanhe?

Mas John prosseguiu:

— Deixemos tudo isso de lado, deixemos de lado os smokings e os banquetes, a maquiagem e os alfinetes de gravata, os depósitos bancários e os espelhos barrocos na lareira, deixemos de lado, quer

dizer, tudo isso com que nos decoramos em contextos sociais, sobram-nos dois, dez anos ou, na melhor das hipóteses, algumas décadas de vida nesta Terra. Existem, pois, em geral, algumas perspectivas existenciais que dizem respeito a todos nós, embora falemos muito pouco delas. Proponho, portanto, que esta noite tentemos prescindir de nossos interesses e afazeres arbitrários, e nos concentremos em algo que diz respeito a nós todos.

Certamente porque lembrei da conversa com Gordon na noite anterior, escapou-me:

— O Universo, por exemplo.

Só devo ter murmurado, porque John perguntou:

— O que disse esse senhor?

— Por exemplo, o Universo — repeti.

— Excelente, excelente. Temos uma proposta de, esta noite, centrar a conversa no Universo. Deixemos de lado a política, Linda Tripp e Monica Lewinsky também, embora seja dito de passagem que ninguém me explicou se, à parte o alcance do escândalo em si, se trata, além disso, de algo tão obsceno como um proibido havana, e não apenas de um inofensivo charuto brasileiro. Mas basta dessas coisas, basta já. Porque não apenas somos, e estou me referindo a cada um de nós, um produto de uma sociabilidade criada pelo homem; além disso, estamos debaixo de um céu intensamente enigmático, cheio de estrelas e de galáxias.

Intuí certo indício de nervosismo ao redor da mesa, mas Ana e José acompanhavam John com grande interesse e pareciam se identificar com ele, talvez fossem cúmplices na configuração do programa. Creio que Laura também aderiu, apesar de pouco antes ter tachado John de palhaço. Por outro lado, achei que Mark e Mario participavam de má vontade nesse jogo de sociedade, e Evelyn, que com certeza estudava farmácia em Seattle, disse sem rodeios que não tinha a menor noção de astronomia e que por ela se retiraria naquele instante. Bill parecia indiferente e já havia feito sinal ao homem da flor na orelha esquerda, para lhe pedir alguma bebida. Quanto a mim, entreguei-me à situação e ao Maravu Plantation Resort, como um refúgio não apenas para os individualistas mas também para as grandes questões.

John tentou em primeiro lugar aquecer os motores dos congregados perguntando quantos de nós pensávamos que existia vida em outros

planetas. Como Evelyn se absteve de responder, o grupo se dividiu em duas facções iguais, e John estava pronto para fazer o primeiro resumo da noite. Falou:

— Surpreendente! Devo admitir que fico impressionado com o juízo deste grupo, pois levantei uma questão tremendamente básica sobre a natureza deste Universo e ao cabo de poucos minutos posso constatar que foram dadas nada menos que quatro respostas corretas à pergunta, embora haja quatro respostas de todo equivocadas.

— Você por acaso sabe a resposta? — indagou Mario.

O moderador o ignorou e prosseguiu:

— Pois ou existe vida no Universo, ou não existe. *Tertium non datur!* A simples ideia de uma vida pululando aí fora pode nos aturdir um pouco, mas também é possível que a vida seja algo que só se encontre em nosso planeta. Ainda que isso não facilite nem um pouco a questão, também essa ideia pode nos deixar perplexos. Até aqui está claro, não obstante, que quatro dos presentes deram uma resposta correta e precisa à pergunta formulada. As respostas às grandes perguntas não são necessariamente muito complexas.

— Você não disse *quais* de nós deram a resposta correta — assinalou Mario, mal-humorado.

— Isso não tem a menor importância — precisou o inglês. — Basta para mim que quatro elementos em torno desta mesa tenham emitido uma resposta correta à pergunta sobre se existe vida lá fora, no Universo.

Eu então me precipitei de um modo vergonhoso:

— Claro que há vida lá fora — falei. — Talvez haja cem bilhões de galáxias no Universo, e em cada galáxia há cem bilhões de estrelas. Seria um desperdício absurdo de espaço se estivéssemos completamente sós.

— Comentário interessante — replicou José.

— Acha?

— Ontem à noite você mais ou menos jurou que não existe nenhuma intenção por trás dos processos da natureza.

— E continuo pensando assim — garanti.

Ele prosseguiu, imperturbável:

— E hoje seria um terrível desperdício de espaço se estivéssemos sozinhos aqui...

Assenti com a cabeça, porque ainda não estava consciente do meu lapso. Mas chegou a sentença, Vera, porque ele já tinha me pegado:

— Nesse caso, pode nos dizer quem desperdiça ou deixa de desperdiçar espaço?

Tive de me render e reconhecer que fora pilhado numa contradição. Ao mesmo tempo, ocorreu-me que os primeiros a empregar o argumento do “desperdício de espaço” para defender a tese de que há vida no espaço costumam ser os mesmos que negam mais apaixonadamente qualquer intenção por trás dos processos da natureza. Mas se o surgimento da vida na Terra só se deve a uma tola casualidade, é igualmente insensato empregar a mesma tola casualidade como princípio cósmico.

John passou a tratar de outras questões cosmológicas com constantes perguntas que dividiam o grupo em dois. Perguntou se a energia cósmica sempre existira ou não, e no caso de opinar que não, deveríamos decidir se tinha surgido por conta própria ou se por um ato de criação exterior ou interior. Depois quis saber se o universo continuaria se expandindo ou se havia massa suficiente nele para que voltasse a se contrair, produzindo com isso uma série de grandes explosões seguidas de novos Universos. Quis saber se há consciência transcendental ou se a única coisa que existe é o Universo físico. Também nos perguntou se pensávamos que o ser humano tem uma alma que de alguma maneira sobrevive à morte do cérebro, ou se tudo o que há na natureza é igualmente efêmero. Outra das suas perguntas foi se existem os fenômenos sobrenaturais ou se todos esses fenômenos supostamente sobrenaturais são mera imaginação e um derradeiro resíduo da visão de mundo mítica e até animista do homem moderno. O inglês ia tomando nota de como o grupo se dividia em duas opiniões diametralmente opostas, e nos advertia de forma escrupulosa de que pelo menos alguns de nós haviam respondido corretamente às perguntas, pois não houve nenhuma vez uma resposta unânime.

— Ou uma coisa, ou outra! — gritava John Spooke com seu ressonante sotaque de Oxford, antes de selar suas equações de segundo grau com uma conjura em latim: — *Tertium non datur!*

O homem da flor na orelha esquerda pôs duas garrafas de champanhe na mesa, atendendo ao pedido de Bill, e a conversa passou rapidamente a uma nova fase. John quis que todos nós tivéssemos a

oportunidade de fazer uma breve apresentação de nossa visão da vida. Dessa vez todo mundo participou. Todos se abriram, até Evelyn.

José foi o primeiro a tomar a palavra, e aproveitou a ocasião para argumentar a favor de algo que eu chamaria de uma visão antropocêntrica do mundo. Sustentou que o Universo não poderia ter sido muito menor do que é — ou tido uma natureza muito diferente da que de fato tem — para criar um ser humano. Suas conclusões eram todas muito mais amplas do que seus argumentos, mas ele nos lembrou que o cérebro humano talvez seja a matéria mais complexa de todo o Universo e, no fundo, muito mais difícil de entender do que as estrelas de nêutrons e os buracos negros. O cérebro era composto, além do mais, de átomos que tinham fervido em estrelas já queimadas fazia muito tempo, e se o Universo não fosse tão grande quanto de fato é, não teria sido capaz de criar estrelas e planetas, e nesse caso tampouco teria surgido um só micro-organismo. Até mesmo um planeta “bobo” como, por exemplo, Júpiter era totalmente necessário para que pudéssemos estar ali sentados, conversando com sensatez. Não fosse o enorme campo de gravidade desse planeta gigantesco, a Terra receberia constantes bombardeios de meteoritos e asteroides, mas o Pai Júpiter era um verdadeiro aspirador para as forças caóticas que, de outro modo, teriam impossibilitado que o planeta Tellus criasse uma biosfera e, em última instância, a consciência do ser humano. José apresentou essa ideia de uma maneira que me fez pensar naqueles chefes que, na antiga sociedade fijiana, tinham homens-mosquitos. Se a Terra era o chefe, e os meteoritos, a nuvem de mosquitos, Júpiter era o que fazia as vezes de homem-mosquito. Também não se deve fechar os olhos para o fato de que Júpiter, no correr dos anos, andou levando algumas picadas de mosquito bem incômodas, e tão só uma delas, segundo José, teria sido capaz de acabar com quase toda a vida na Terra.

— Eis aqui todo um planeta vivo! — exclamou no fim da sua exposição. — E é possível que a Terra seja o único, salvo se, como já foi dito, tenha existido uma autoridade que resolveu não desperdiçar espaço. Mas também se pode pensar que a massa do Universo é suficiente apenas para criar uma consciência capaz de lançar teorias como esta, pois se leva bastante tempo para criar algo tão complicado como o cérebro humano, pelo menos não é coisa que se faça em sete

dias. O aplauso à grande explosão só chegou quinze bilhões de anos depois de a explosão ocorrer.

Bill argumentou que era uma simples questão de tempo, a ciência acabaria revelando todos os segredos do Universo e da matéria. Mark assinalou que uma parte cada vez mais substancial da pesquisa básica seria financiada pelas companhias multinacionais, e Evelyn confessou uma fé inquebrantável em Jesus como salvador do homem e do Universo.

Chegou a vez de Laura, que não escondeu que grande parte da inspiração para sua visão de mundo era alimentada pela filosofia hindu, sobretudo pelas seis escolas ortodoxas chamadas *vedanta*, melhor dizendo, *keval-advaita*, expressão que vinha do filósofo Shankara, que viveu na Índia no início do século ix. *Keval-advaita* significa “não dualismo absoluto”, esclareceu Laura. Proclamou que só existe uma realidade e que os hindus a batizaram de *brahman* ou *mahatma*, que significa “alma universal” ou, numa tradução mais direta, “a grande alma”. *Brahman* era eterno, indivisível e imaterial. Desse modo, todas as perguntas feitas por John receberam resposta, e apenas uma resposta, já que *brahman* era a resposta a todas as perguntas feitas.

— Deus nos livre, Laura — suspirou Bill, que havia sustentado um otimismo científico bastante ingênuo.

Mas Laura não se alterou. Explicou que toda pluralidade não passava de aparência. Quando no dia a dia percebemos o mundo como algo variado e plural, isso se deve unicamente a uma miragem, falou, ou ao que os hindus durante milhares de anos vêm chamando de *maya*. Porque não é o mundo exterior, visível e material que é real. Esse mundo não passa de uma ilusão onírica, e certamente real para os que estão presos em sua rede. Mas, para o sábio, o mundo real é *brahman*, a alma universal. A alma humana é idêntica ao *brahman*, explicou, e quando entendemos isso, desaparece a ilusão da realidade exterior. Então a alma se torna *brahman*, o que na realidade sempre foi, mas sem que soubéssemos.

— Ela disse a última palavra — afirmou John. — O mundo exterior não existe, e toda pluralidade não passa de aparência.

Laura não se perturbou. Afagou as tranças negras e com um sorriso zombeteiro lançou um olhar para todos, enquanto prosseguia em suas explicações.

— Quando você sonha, acha que percebe uma realidade plural e que você se encontra num mundo exterior. Mas tudo o que há no mundo mágico do sonho foi gerado por nossa alma e nada mais. O problema é que você não nota isso enquanto não desperta, e aí o sonho já não existe. Você se desprende de todas as máscaras falsas e aparece como o que foi o tempo todo: você mesmo.

— Eu não conhecia essa teoria — admitiu o moderador —, mas ela é fascinante e radical. Pelo menos é quase impossível refutá-la com provas...

Refletiu um instante e acrescentou:

— Você falou em *maya*, ou estou enganado?

Ela assentiu, e o inglês olhou para Ana, que estava sentada à sua direita. Percebi que ela baixou os olhos, enquanto José lhe passava o braço em torno dos ombros, apertando-a contra si.

— cremos que somos nove almas sentadas em torno de uma mesa — precisou Laura. — Isso se deve a *maya*. Na realidade, somos facetas da mesma alma. É a ilusão *maya* que nos faz crer que os outros são distintos de nós, por isso não devemos ter medo da morte. Não existe nada que possa morrer. A única coisa que desaparece quando morremos é a ilusão de estarmos separados do resto do mundo, da mesma maneira que pensamos que o que sonhamos está separado da nossa alma.

José agradeceu a Laura sua intervenção, e chegou a vez de Mario.

— Sou católico — limitou-se a dizer, e com um gesto resignado da mão deu a entender que não tinha mais nada a acrescentar.

Mas o inglês não se deu por vencido tão facilmente assim, e o navegador solitário acabou dizendo:

— Vocês estão falando de tudo o que veem, mas na realidade estão cegos dos dois olhos. Vocês veem as estrelas e as galáxias, dizem, veem a evolução da vida na Terra e até mesmo a matéria genética. Veem que a ordem surge do caos e presumem poder olhar para trás, para o próprio momento da criação! Depois concluem que refutaram com provas a existência de Deus! Bravo!

Como ele não disse mais nada, John tentou fazê-lo falar de novo, e, ao cabo de alguns instantes, o italiano acrescentou:

— Já estivemos em quase toda parte e não vimos rastro de nenhuma divindade. Não havia nenhum Deus nos esperando no Everest.

Também não havia nenhuma mesa posta na Lua. Nem mesmo conseguimos entrar em contato com o Espírito Santo por rádio. Mas se brincamos de esconde-esconde, brincamos de esconde-esconde, e pronto. Explico: quem é que tem uma visão ingênua do mundo, os teólogos ou os reducionistas?

Evelyn lhe reservou um breve aplauso, e ele prosseguiu. Logo se entusiasmou, e contou que tinha sido professor de física por muitos anos e que continuava se mantendo informado por meio de revistas e da literatura especializada. Disse em seguida:

— Faz muito tempo que revelamos os segredos da biosfera. Tudo eram macromoléculas, proteínas, nem mesmo isso: tudo não passava de um coquetel de aminoácidos. Também não há grandes notícias no espaço. Só houve uma grande explosão que pôs tudo em movimento. Não há nada de misterioso nisso, nem no deslocamento para o vermelho, nem na radiação cósmica de fundo, nem no espaço curvo, em suma, em nada do que há lá fora. Isso se chama física, ou física teórica. Só resta então a consciência e, para dizer a verdade, ela também não é muito mais misteriosa do que o resto da obra da criação. Ela também é simplesmente composta de átomos e moléculas. Como veem, a filosofia faria bem se tirasse umas boas férias, porque não resta nenhum enigma. Ou será que é a ciência que precisa de uma pausa para pensar? Porque talvez seja a ciência quem está nas últimas. A única coisa que agora nos preocupa, e quando digo “nos” devo acrescentar que constituímos uma clara minoria, é o mundo em si. Com alguns argumentos sofisticados também conseguiremos alterar o mundo, mas por enquanto estamos paralisados.

Evelyn voltou a aplaudir, e tanto José como Bill aquiesceram com a cabeça.

Depois de Mario foi a vez de John, que disse:

— Já tive a oportunidade de mostrar minha fé em que existem respostas simples para muitos dos temas importantes de que estamos tratando. O que acontece é que não é fácil escolher. Além disso, tentei insinuar que as questões cosmológicas talvez sejam mais adequadas para jogos deste tipo do que para uma análise científica. A ciência nos proporcionou a teoria da evolução, a teoria da relatividade, a física quântica e, não menos importante, a fascinante teoria do big bang. Tudo isso é excelente. Pois bem, a questão é saber se também as

ciências naturais estão se aproximando do fim do caminho. Embora em breve teremos resolvido o genoma humano, com todas as suas centenas de milhares de genes, não seremos muito mais sábios por isso. O próprio mapa genético reforçará sem dúvida a biotecnologia e talvez contribua para curar certo número de doenças, mas duvido que vá nos esclarecer mais sobre o que realmente é a consciência ou por que existe uma consciência. Exista ou não exista vida numa galáxia a cerca de cem milhões de anos-luz daqui, as distâncias são tão imensas que não vamos encontrar resposta para essa pergunta. E ainda que burilemos e reparemos constantemente nossos conhecimentos sobre a evolução do Universo, nunca seremos capazes de dar uma explicação científica do que é o Universo. Permitam-me tomar emprestada uma imagem de Laura, que comparou o mundo exterior a um sonho, pois pode servir de excelente alegoria. Se o mundo é sonho, a ciência tenta analisar de que se compõe o sonho. Tenta medir as distâncias de um extremo do sonho ao outro, mas todo mundo concorda que o tempo e o espaço vão abaixo quando olhamos para os limites do Universo e quando olhamos para a grande explosão, embora estejamos falando de dois aspectos do mesmo assunto, pois quanto mais longe olhamos no Universo, mais longe olhamos também para trás na história do Universo. Ou seja, tentamos nos orientar no sonho o melhor que podemos. E, bem, tudo isso é excelente e correto. Mas não vamos além do sonho. Nunca poderemos vê-lo de fora. Batemos a cabeça contra o limite extremo do sonho como um autista bate a cabeça contra a parede.

Pus mais champanhe na taça de Laura.

— Você pretende descartar por completo a possibilidade de que um dia cheguemos a entender muito mais o mundo em que vivemos? — perguntei.

John negou com a cabeça.

— Ao contrário. Tenho uma fé inquebrantável na intuição do ser humano. Mas se vamos resolver os enigmas do Universo, talvez tenhamos que fazê-lo mentalmente, e pode ser até que o enigma já esteja resolvido. Não descarto que a solução do enigma do Universo já esteja formulada em algum documento hindu ou latino. A solução não é necessariamente tão complexa, talvez requeira umas dez ou vinte palavras. Nesse sentido, estou convencido de que a teoria de Laura

sobre *maya* pode se resumir numas poucas frases. Esta noite foram dadas respostas muito precisas a uma série de perguntas que não têm mais que duas respostas possíveis, mas não creio que nenhum instrumento científico de medição seja capaz de registrar quais das respostas dadas são as corretas e quais as incorretas. O que Ana acha disso?

Agora era a vez dela. Ficou alguns instantes olhando fixamente para a noite tropical, depois se endireitou e disse com voz autoritária:

— Existe uma realidade fora desta. Quando eu morrer, não terei morrido. Todos acreditarão que morri, mas não estarei morta. Logo voltaremos a nos encontrar em outro lugar.

Com essas palavras, acabou-se o jogo, e a conversa mudou de repente de tom. Reinava um clima sinistro em torno da mesa, e não sei se fui o único a perceber que José derramou uma lágrima. Ana prosseguiu:

— Vocês vão pensar que foram a um funeral, mas na realidade irão assistir a um nascimento.

Então Ana me olhou nos olhos.

— Há alguma coisa fora disto — insistiu. — Aqui não somos mais que espíritos efêmeros, que estão de passagem.

— Agora chega — sussurrou José em espanhol. — Não precisa dizer mais nada.

Todo mundo estava com os olhos cravados em Ana, enquanto ela falava. E então, Vera, então aconteceu aquilo que me levou a contar a você tantas coisas de nossa cúpula no trópico, no Maravu Plantation Resort.

— “Não somos mais que espíritos efêmeros, que estão de passagem” — repetiu o moderador.

E tocou com um dedo a testa de Ana, dizendo:

— E o nome desse espírito é Maya!

José fez um gesto nervoso com a cabeça e passou um braço protetor em torno de Ana. Era óbvio que este último comentário o desagradara. Ou talvez o tenha incomodado o fato de o inglês ter tomado a liberdade de tocar em Ana com o indicador. Como quer que fosse, não consegui entender direito a reação dele.

— Já está passando dos limites — falou.

John mordeu o lábio, como se de repente tivesse se dado conta de

que fora imprudente. E, no entanto, disse, quase consigo mesmo, contemplando mais uma vez Ana:

— Trata-se além do mais de uma obra-prima.

José respondeu levantando Ana da cadeira.

— Muito obrigado! — falou. — Já basta!

E disse a Ana em espanhol:

— Vamos embora!

Desapareceram na direção do coqueiral, e não voltamos a ver os dois espanhóis naquela noite, mas já passava da meia-noite.

Creio lembrar que demorou mais de um minuto até alguém falar. Suponho que todos nós ficamos meditando sobre o que teria acontecido entre John e José. Bill foi o primeiro a romper o silêncio embaraçoso.

— Sabem o que acho? — disse com um sorriso largo. — Acho que há uns seis bilhões de pessoas com muita vontade de falar neste planeta, onde vivemos, na melhor das hipóteses, uns oitenta ou noventa anos. Há uma porção de expressões e de palavras divertidas, e muitas bobagens.

Laura se levantou lentamente e deu alguns passos. Numa mesinha que tinham usado para servir o jantar havia uma jarra de água gelada. Pegou-a, aproximou-se do americano e lhe jogou meio litro de água com cubinhos de gelo nuca abaixo.

Bill ficou imóvel, sem mexer nem um músculo, durante pelo menos dois segundos. Ato contínuo, levantou-se de um salto, agarrou Laura pelo braço esquerdo, puxou-a para junto de si e lhe deu uma bofetada.

Tive pena dele até o momento em que a esbofeteou. Não foi uma bofetada forte, foi antes um leve tapa, mas para tudo há um limite. Obviamente, o grupo todo ficou contra o americano, nem mesmo as duas garrafas vazias de Veuve Clicquot o salvaram. Quanto a Laura, voltou tranquilamente para a mesa e sentou sem pronunciar palavra.

John agradeceu a noite tão prazerosa, mas também disse:

— Amanhã talvez não devamos ser tão prolixos.

Bill abandonou a mesa, assim como Mark e Evelyn. Creio que os dois jovens americanos praticamente fugiram, com medo de que saísse outra briga. Mario havia se retirado antes que Laura derramasse a jarra d'água.

Passei a mão na face esquerda de Laura.

— Está doendo? — perguntei.

Negou com a cabeça.

— Pareceu ter batido com força.

Laura disse:

— Você tem que estar disposto a perder a si mesmo, Frank.

— O quê?

— O que você perde não é nada, comparado com o que ganha.

À luz das velas da mesa, fitei o olho castanho. Bem lá dentro do pigmento castanho, uma fina linha verde lutava para não ser devorada pelo castanho. Perguntei:

— E o que ganho em troca?

— Ganha tudo o que há.

— “Tudo o que há” — repeti.

Ela assentiu.

— O que você perde pode parecer grande e importante, mas não passa de uma ilusão compulsiva.

— O eu, você quer dizer. É isso, a ilusão?

— Só o pequeno eu, cavalheiro. Só o eu ilusório. Além do mais, já está quase perdido. Mas você tem um eu maior.

Ouvi uma figura se aproximar na escuridão, e, instantes depois, nos derramaram uma jarra d’água na cabeça. Não creio que foi por acaso que a maior parte caiu em mim, embora estivéssemos sentados bem juntos naquele momento. Antes que tivéssemos tempo de reagir, a figura escura desapareceu.

— Idiota... — disse Laura, ressumando desprezo.

Levantei-me fazendo um gesto negativo com a cabeça. Minha camisa estava empapada, do mesmo modo que a blusa de Laura. Sentia-me perplexo em ver como a blusa se colava em seu corpo.

— Bem, já é hora de ir dormir, não acha?

Fitou-me com o olho verde.

— Tem certeza?

— Absoluta — respondi.

Mais tarde, me dei conta de que sua pergunta deveria ter sido interpretada como um convite.

Devo confessar que naquela noite sentia vontade de voltar logo para o meu chalé e ver Gordon. Na realidade, era um bom rapaz, e talvez

tivesse razão de achar que não adianta nada tomar doses e doses de gim pouco antes de ir para a cama.

Ele tinha sentado no grande espelho à direita da mesinha de cabeceira, e quando fechei a porta, ouvi-o andar de um lado para outro no espelho. É claro que eu não podia ter plena certeza de que se tratava de Gordon, porque devia haver mais gecos no quarto, mas não me agradava nem um pouco começar tudo do zero e me apresentar a outro geco. Ao acender a luz, vi que era ele. Sempre tive uma habilidade especial para descobrir a expressão individual de um vertebrado, e os gecos são sem dúvida tão individuais quanto os seres humanos, pensei; como nós, são indivíduos únicos. Pelo menos era um pensamento a que a representante do World Wildlife Fund da ilha teria aderido. Além do mais, Gordon era um verdadeiro jumbo-geco, sem dúvida, o mais forte da sua escola.

— Bem, vou me deitar — falei. — Digo isso para que você não se ofenda por eu não ficar de pé batendo papo a noite toda.

Abri a mala, peguei a garrafa de gim e a abri. Tomei um bom gole, com o único propósito de conseguir dormir.

— Francamente, não posso acreditar — disse Gordon.

— Em quê?

— Que vá dormir. Aposto que vai beber mais.

— Não penso em fazê-lo.

— Teve uma noite agradável?

— Não quero falar no assunto. Se começar a falar, não sei se vou conseguir parar, e então vai ser como ontem. Entende o que quero dizer?

— Só perguntei se teve uma noite agradável.

— Laura é panteísta — afirmei. — É uma monista radical, quase uma monista simplista, eu diria.

— Uma senhora esperta, então. Não deve andar por aí aos tropeções, meio adormecida, como certas pessoas que conheço. E com certeza não escova os dentes com gim.

— Ela disse alguma coisa sobre *maya*. Já tinha ouvido falar disso antes, sabe, portanto não preciso de nenhuma explicação.

— *Maya* é a aparência ilusória deste mundo — disse Gordon. — É ela que, com magia, cria essa amarga ilusão de ser apenas um pobre ego separado do Grande Eu, ao qual, ainda por cima, sobram apenas

alguns meses ou anos de vida. Também é o nome de uma antiga civilização da América Central, mas aí já é outra coisa, claro...

— Eu disse que não precisava de explicações. Mas José teve uma reação muito curiosa quando o inglês pôs um dedo na testa de Ana, como se quisesse revelar o verdadeiro eu dela. “O nome desse espírito é Maya”, disse o inglês, e depois acrescentou alguma coisa sobre uma “obra-prima”. Foi um comentário curioso, muito curioso. E ela também reagiu de modo estranho, como se não suportasse que tentassem revelar sua identidade.

— Maya agarrou alguns com tanta força que para eles o despertar pode ser doloroso. É mais ou menos como acordar de um pesadelo.

— Bobagem. Você não tem a menor ideia do que estou falando. Não estava lá...

— Eu estou em toda parte, Frank. Só existe um eu.

— Faça-me o favor de parar já com essa besteira!

— Só acabo de expressar o enunciado mais simples e mais óbvio do Universo.

— E qual é esse enunciado?

— Só existe um mundo.

— De acordo. Só existe um mundo.

— E esse mundo é você.

— Pare com isso.

— Você vai ter que cortar as amarras do eu. Não pode, pelo menos, tentar tirar os olhos do seu umbigo e olhar para fora, para a natureza que o rodeia? Olhar para essa cachoeira ininterrupta de realidade mágica?

— Tento olhar.

— E o que vê?

— Vejo um coqueiral no hemisfério sul.

— É você.

— Depois vejo Ana sair nua da banheira sob a cachoeira Bouma.

— É você.

— Reconheço a cabeça dela, mas não o corpo.

— Concentre-se.

— Vejo um planeta vivo.

— É você.

— Depois vejo um Universo aterrorizante com bilhões de galáxias e

amontoados de galáxias.

— Tudo isso é você.

— Mas quando olho para o Universo, olho também para trás, para a história do Universo. Na realidade, estudo acontecimentos que têm até bilhões de anos. Muitas das estrelas para as quais olho, e no instante em que olho para elas, já se transformaram há tempo em gigantes vermelhas ou em supernovas. Algumas já se transformaram em anãs brancas, raivosas estrelas de nêutrons e buracos negros.

— Você está contemplando seu próprio passado. É isso que se chama memória. Tenta se lembrar de alguma coisa de que se esqueceu. Mas tudo é você.

— Sou um sistema caótico de luas e planetas, asteroides e cometas.

— Tudo é você, porque só há uma realidade.

— Mas eu lhe disse que estava de acordo com isso.

— Só há uma substância, só há uma matéria.

— E sou eu?

— É você.

— Então não sou pouca coisa.

— Só se você conseguir se dar conta disso, se conseguir se entregar.

— Correto. E por que é tão difícil assim?

— Porque você não quer renunciar ao seu pequeno eu, é simples.

— Até as soluções simples podem ser difíceis de levar a cabo. Por exemplo, é muito simples se suicidar.

— Você não é tão primitivo.

— Primitivo?

— Além do mais, isso supõe que você tenha um ego a perder.

— É verdade. E o paradoxal é que eu poderia chegar a tirar minha própria vida por puro medo de levar mais tempo me desprendendo daquilo de que tiro a vida. Às vezes uma criança come um chocolate só por medo de que outra pessoa o coma. Mas disso também já falamos. Você pode se desfazer do seu rabo, se for atacado, mas eu não posso me desprender de duas ou três circunvoluções cerebrais. Não posso entrar num hospital e exigir que me façam uma lobotomia para que perca o medo cósmico.

— Isso não resolveria de maneira nenhuma o problema. Só transformaria você num debiloide, e nunca mais você teria a possibilidade de voltar a despertar. Acho que você precisa de todas as

suas circunvoluções cerebrais para esse processo.

— É você quem diz isso?

— De certo modo, você vai ter que morrer. Tem que cometer esse pequeno ato ousado.

— Mas você não acabou de dizer que essa não seria a solução?

— Quando falo que vai ter que morrer, falo em sentido figurado. Não é você que tem que morrer. Essa ideia ampla demais de um “eu” é que tem que morrer.

— Estou fazendo uma confusão tremenda com o uso que você faz dos pronomes pessoais.

— Pode ser. Talvez precisemos de um novo pronome.

— Tem alguma sugestão?

— Com certeza já ouviu falar do *pluralis majestatis*.

— Claro. É quando um rei ou um imperador fala de sua excelsa pessoa denominando-se “nós”. Plural majestático, é assim que se chama.

— Acho que além dele necessitamos de um singular majestático.

— Para quê?

— Ao dizer “eu”, você apenas se aferra a uma ideia do ego que ainda por cima é falsa.

— Você está dando voltas em torno do mesmo ponto.

— Tente pensar em todo este planeta e, além disso, em todo o Universo de que este planeta é uma parte orgânica.

— Estou tentando.

— Pense em tudo o que você é.

— Estou pensando em tudo o que sou.

— E em todas as galáxias, em tudo o que explodiu há quinze bilhões de anos.

— Sim, em tudo.

— Então diga “eu”.

— Eu.

— Foi difícil?

— Um pouco. Mas foi divertido também.

— Pense em tudo o que você é. Depois diga em voz alta: “Isto sou eu!”.

— “Isto sou eu”...

— Não achou libertador?

- Um pouco.
- É porque você empregou a nova forma, *singularis majestatis*.
- Não diga!
- Acho que você está no caminho certo, Frank.
- O que quer dizer? Que eu devia estar muito contente com esta aula, sabe?
- Acho que você vai poder ser como eu. Em outras palavras, livre de qualquer perigo, e totalmente despojado de neuroses ontológicas.
- Não encha. Não seja ordinário.
- Abri a mala e tomei um bom gole de gim. Sabia que ele faria um comentário sarcástico. Não demorou muito para dizer:
- Confesse que você se conhece mal.
- Depende da forma de emprego do pronome a que você está se referindo.
- Há pouco, você garantiu que ia dormir e que em hipótese alguma tomaria mais gim.
- Mas depois você começou a falar. Quase me pegou. Quase conseguiu fazer que eu desejasse ser um geco.
- Você está ouvindo o que está dizendo?
- Eu disse que você começou a falar.
- E eu pergunto se você tem consciência do pronome que está usando. Quem começou a falar?
- Esperto, o sujeito. Tinha me enganado de novo. Pensando bem, eu é que havia puxado conversa.
- Como está vendo, você se conhece mal — falou. — Além disso, tem sérios problemas para se decidir pelo que quer.
- Admito certa fraqueza — assinalei.
- Pensei que não arriscava nada com essa confissão. Afinal de contas, não há necessidade de esconder muitas coisas de um geco.
- Mas tem outra coisa.
- O quê?
- Você fala sozinho.
- Será que você tem que me lembrar disso?
- Está mordendo seu próprio rabo, Frank. Eu lhe recomendaria uma autotomia.
- Cale a boca!
- Você fala sozinho.

— Como?

— O espírito universal também.

— Quem?

— O espírito universal fala sozinho porque só há um espírito universal.

— E qual é o nome desse espírito?

— Você mesmo.

Fiquei refletindo sobre o que acabava de ouvir. Depois disse:

— Na minha próxima vida talvez estude gramática. Que acha deste título para uma tese de doutorado: “Identidade e status ontológico. Uma análise da recentíssima forma de emprego do pronome eu, o *singularis majestatis*”?

— Acho excelente. Então a linguística teria chegado por fim a seu estado positivo, porque todas as outras formas de emprego de pronomes não são mais que *maya*, sabe?

— E Ana é *maya*.

— Também é, sim.

— Porque fala sozinha.

— E quem eram os que dialogavam, digamos, no século iv antes de Cristo?

Respondi:

— No princípio de tudo foi Sócrates e seus discípulos. Depois veio Platão com seus alunos, mais tarde foram Aristóteles e Teofrasto. Com certeza tiveram estupendos diálogos sobre gecos hemidáctilos na ilha grega de Lesbos...

— Você acha?

— Não vai me dizer que a história também é uma ilusão...

— A história é o espírito universal que fala sozinho. Também falou na Antiguidade, embora desvairando. Ele mal tinha começado a acordar.

— Passeavam pela ágora de Atenas. Sócrates foi um homem de carne e osso, um homem condenado à morte por buscar a verdade. Seus amigos o rodearam, chorando. Você não sente nem uma pitada de empatia?

— Eu não disse que o espírito universal sempre esteve reconciliado consigo mesmo. Também não disse que esteja sempre feliz.

— Besteira.

— Retrocedamos mais, se você quiser. Quem eram os que se reuniam na praça há cem milhões de anos?

— Você está cansado de saber. Eram os dinossauros.

— Pode citar um só deles pelo nome?

— Claro que sim. Muitos.

— Cite, então.

— Está se referindo a nomes de espécie, ordem ou família?

— Claro que não, está maluco? Estou falando de nomes próprios.

— Nomes próprios, não, senhor. É uma época pré-histórica.

— Isso não importa, porque não passavam de um ambicioso abrigo do espírito universal. Foi antes que *maya* começasse a deitar raízes, antes dessas duas ou três circunvoluções cerebrais a mais e, assim, antes da ilusão mental do ser humano de que exista um eu e um você. Nessa época, o espírito universal era inteiro e indiviso, e tudo era *brahman*.

— Os dinossauros foram *brahman*. Mas não estavam cegos por *maya*?

— É exatamente o que quero dizer.

— Hoje são Shell e Texaco. Os tetrápodes anônimos entraram no circuito, são o sangue negro do espírito universal. Já pensou nisso? Já pensou que nossos automóveis rodam com o sangue do Cretáceo no tanque?

— Você é um reducionista incorrigível. No entanto, está tocando num tema importante.

— Lá vem você! Eu também quero chegar no fundo desse assunto.

— Se você tivesse estado presente neste planeta há cem milhões de anos, teria tido, por causa dessas circunvoluções cerebrais a mais, uma falsa ilusão de que todos os répteis da Terra eram um amontoado de indivíduos e teria considerado os maiores como enormes animais egocêntricos.

— Tenho um bom olho para o individual, sim. Quanto aos animais, isso fica por sua conta.

— Mas hoje estão afundados num enorme poço de petróleo. Agora são Shell e Texaco. Oito coroas o litro, sim, senhor!

— Isso fui eu que disse.

— O mesmo destino o espera: oito coroas o litro!

— Entendo, se não despertar e entender outra coisa.

— Isso mesmo.

— Estou começando a ficar com pressa. Não pertenço a este lugar. Sou um anjo em apuros encarnado demais.

Dirigi-me mais uma vez para a mala preta e disse:

— Amanhã será outro dia.

Levei a garrafa à boca e tomei um ou dois decilitros. Ao contrário das primeiras vezes, dessa vez fui generosíssimo e, além do mais, não tinha nenhum peso na consciência. Com as perspectivas esboçadas por Gordon, eu não tinha escolha. E o que era uma pequena ressaca no dia seguinte comparada com essas perspectivas que abarcavam milhões e bilhões de anos? A única possibilidade real de fuga das tremendas perspectivas da noite era dormir. Depois começaria outro dia, com ou sem ressaca.

Preparei-me para uma grande reprimenda. Mas Gordon se limitou a dizer:

— Estou decepcionado, Frank. Quero dizer, você está decepcionado. Está decepcionado consigo mesmo.

— Muito bem, então melhor estarmos nós dois um pouco decepcionados. E teremos que compartilhar a responsabilidade.

— Vou me deitar, você disse. Depois acrescentou que não beberia mais dessa garrafa.

— É verdade. E você disse que não acreditava.

— Apesar disso, estou decepcionado.

— É fácil para você dizer isso. Para alguém que não é propenso aos excessos e que, além do mais, não tem acesso a eles, é fácilimo ser puritano. Não foi você que recebeu o big bang como presente de batismo. Não é você que está condenado a medir os anos-luz do Universo com uma cabeçorra descomunal, cheia de neurônios. Não é você que sente as distâncias do Universo pressionarem seu cérebro como um camelo que pressionasse o buraco de uma agulha.

Tirei a camisa e me deixei cair na cama. Depois falei:

— Acha que ganho um tesouro no céu se vender todas as galáxias e dividir o lucro entre os pobres?

— Não sei — respondeu ele. — Mas talvez não seja mais fácil para um primata pós-moderno se despedir deste mundo do que foi em seu tempo para um rabino judeu salvá-lo.

— O.k., o.k. Blá, blá, blá... Vou dormir.

— Mas você nunca dorme totalmente.

— Acho que sim. Na verdade, normalmente eu me viro com um decilitro e meio, embora esta noite tenham sido necessários pelo menos três. Já chega.

— Quero dizer que estou acordado mesmo se você dormir.

— À vontade.

— Assim sendo, você não dorme de todo.

— Bah!

— Porque não há nenhum “eu” ou “você”. Só há um dos dois.

— Acorde-me para o café da manhã.

— Pois não, cavalheiro. Mas, na realidade, é você que se acorda por conta própria.

Com essas palavras, deixou o espelho e subiu pela parede até o teto, bem em cima do meu travesseiro.

— O que foi agora? — perguntei.

— Você não me disse que o acordasse para o café da manhã?

Limitei-me a me virar na cama, pensando que tinha sido um dia bem longo. Mas não gostava nada da ideia de que o espírito universal pudesse defecar em cima de mim.

A POMBA COR DE LARANJA

ADMITO QUE ÀS VEZES AINDA ME DÓI rememorar minhas duras pelejas com Gordon Geco, embora não tenhamos perdido totalmente contato; também aqui em Madri tive o duvidoso gosto de conversar durante um longo tempo com ele altas horas da noite. Costuma acontecer com conhecidos que em determinado momento provocaram algo em você; podem voltar à memória anos depois de o contato físico ter se rompido.

Fiquei a noite toda acordado, escrevendo. Depois de dormir cerca de duas horas, dei um rápido passeio até o Parque del Retiro, passando pelo Ritz. Em seguida voltei para cá e tomei o café da manhã na Rotunda. Basta eu me pôr à janela da cozinha, e passados alguns minutos recebo dois ovos fritos de ambos os lados, duas fatias de bacon e uma colherada de ervilhas com tomate.

Parte do meu último dia em Taveuni dediquei a um agradável encontro com os anciãos do povoado de Somosomo. Ainda não tinha abandonado de todo minhas pesquisas e quis me inteirar das medidas que haviam sido tomadas nos últimos anos na ilha para proteger os antigos habitats e, assim, uma série de espécies vegetais e animais endêmicas. Contaram-me que o primeiro governador inglês das ilhas Fiji foi o lendário sir Arthur Gordon, cuja administração se estendeu de 1875 a 1880. É possível que eu tivesse ouvido seu nome em alguma ocasião, mas não gostei nada de recordá-lo bem naquele momento, porque fez que a “Garden Island” soasse cada vez mais como “Gordon Island”. Como você sabe, minha predileção pelo Gordon’s London Dry Gin vinha de muito tempo antes. Sim, sim, Vera, eu sei, e com certeza você não vai acreditar em mim, mas a verdade é que isso quase só acontece quando estou viajando. Não sei se me faz muito bem estar só. Você tinha se encarregado de delegar parte da responsabilidade a Gordon: ouvi-lo era como escutar a sua voz, Vera.

Estava um pouco enjoado quando entrei na loja de Somosomo para perguntar se vendiam vitaminas. E quase perdi o equilíbrio ao dar com Ana e José no pequeno estabelecimento, repleto de gente do lugar.

Saímos juntos da venda, e como podia ser a última vez que estivéssemos os três juntos, me armei de coragem e tentei um derradeiro confronto com os espanhóis. Eles estavam notoriamente reservados naquela tarde, o que sem dúvida tinha a ver com o comportamento incompreensível do inglês na noite anterior, mas não havia escolha: eu iria embora na manhã seguinte, e o mais provável era que nunca mais voltasse a ver Ana e José.

Já na rua, José acendeu um charuto, e Ana abriu uma garrafa de água mineral. Interpretei isso como um leve convite a conversar um pouco, antes de seguirmos nossos respectivos caminhos, e fui direto. Fixei os olhos escuros de Ana e disse:

— Talvez pareça um pouco estranho, mas tenho constantemente a sensação de já tê-la visto antes.

José respondeu apertando-a contra si, num gesto muito parecido com o que eu observara na noite anterior, na mesa do jantar. Ana olhou para ele, como se necessitasse do seu consentimento para me responder.

— E não se lembra onde? — perguntou.

— Passei um bom tempo na Espanha.

— A Espanha tem cinquenta e duas províncias.

— O mesmo número das circunscrições eleitorais para a assembleia nacional de Fiji — comentei.

Ana replicou em tom de piada:

— Quem sabe você não passava as férias nas ilhas Canárias?

Neguei com a cabeça.

— Foi em Madri que fiquei a maior parte do tempo. Será que foi lá que a vi?

José deve ter achado que aquela breve troca de frases estava se transformando num interrogatório, porque assinalou:

— Há muitas morenas na Espanha, sabe, Frank? E em Madri também.

Não parei de fitar Ana. Haveria nela algum sinal de reação? Será que percebi um lampejo na sua íris que podia ser interpretado como uma afirmação de que não havia nenhum problema com a minha memória?

Perguntei:

— As pessoas costumam reconhecê-la?

Outra vez ela olhou para José, como se pedisse licença para me deixar participar de um segredo, e foi como se ele a negasse sem mover um só músculo. Mas Ana sorriu amavelmente para mim ao responder:

— Então talvez você tenha me visto em Madri. Sinto não poder corresponder à sua atenção.

A resposta me pareceu evasiva, mas diplomática. Ela sabia perfeitamente por que eu tinha lhe feito essa pergunta.

Estavam de carro e iam para Vuna Point, a sudoeste da ilha. Apesar disso, se ofereceram para me levar de volta a Maravu, mas eu lhes agradei a oferta dizendo que preferia percorrer a pé os quatro quilômetros.

Depois de passar pelo povoado de Niusawa, alcancei uma moça de tranças negras e mochila de lona. Era Laura, que estava de traje esporte, com uma calça cáqui larga, uma blusa justa de mangas compridas e uma espécie de chapéu de explorador. Estava suja e suada, porque tinha subido até o pico des Voeux, a segunda montanha mais alta de Taveuni, mil e duzentos metros acima do nível do mar. Parecia exausta. Quando me aproximei dela, deu-me um amplo sorriso, e a primeira coisa que disse foi:

— Eu a vi!

E se pôs a pular de impaciência como uma menina, com uma expressão de quem acabava de ver a luz divina ou talvez uma sarça ardente.

— É alucinante — prosseguiu. — Eu a vi no cume, logo depois do nascer do sol.

Eu continuava sem saber onde Laura estivera, mas ela acrescentou:

— Vi a pomba cor de laranja!

— Tem certeza?

— Absoluta.

— No pico des Voeux?

Fez que sim com a cabeça e quase deu uma pirueta ao dizer:

— E tirei... fotos... com a teleobjetiva!

Compreendi a que se referia. Se o que contava era verdade, tratava-se de uma verdadeira façanha, pois a pomba cor de laranja não só era raríssima, como, segundo eu lera, nunca ninguém havia conseguido fotografá-la.

— Então pode ser que você seja a primeira — falei.

— Eu sei.

— Talvez também seja a última.

— Eu sei.

— Pelo menos poderia me mandar uma cópia da foto — disse com inveja.

Ela respondeu me dando a mão, o que interpretei como uma promessa. Todavia, isso implicava que eu teria de lhe dar meu endereço, coisa que não costumo fazer quando viajo.

Recomeçamos a andar.

— Você podia ter me levado — falei.

Laura riu.

— O senhor não me deu tempo para sugerir isso, cavalheiro! Estava com uma pressa danada de deixar a mesa e ir dormir.

Laura me contou que se levantara cedinho, ainda escuro. No dia anterior havia pedido um carro, que a levou até Wairiki, de onde iniciou a longa escalada de seis quilômetros, uma hora antes do nascer do sol, equipada com um facão e uma lanterna presa na testa. Laura tinha ido à ilha unicamente por causa da pomba cor de laranja.

Do pico des Voeux havia contemplado o lago Tagimaucia, situado numa cratera vulcânica no centro da ilha. O lago, repleto de uma vegetação flutuante, era o único lugar onde crescia a flor nacional, a chamada tagimaucia ou *Medinilla waterhousei*, uma flor vermelha com pétalas brancas. Enquanto caminhávamos pela estrada poeirenta, pulando de um lado para outro para não pisar nos sapos, Laura perguntou:

— Sabe de onde surgiu a flor tagimaucia?

Respondi que não, e ela me contou o mito da tagimaucia. Havia muitos e muitos anos, vivera em Taveuni uma princesa. Seu pai, o chefe, tinha decidido que sua filha se casaria com o homem que ele escolhesse para ela, mas a princesa amava outro homem e, desesperada, fugiu para as montanhas. Exausta, adormeceu à margem de um grande lago. Enquanto dormia, chorava desconsoladamente, e as lágrimas que rolavam por suas faces se transformaram em lindas flores vermelhas. Foram as primeiras tagimaucias, e *tagimaucia* significa “chorar dormindo”.

Achei que ela havia apenas contado uma história comovente, mas em

seguida afirmou:

— Vivi a mesma experiência.

— A de chorar dormindo?

— Não, casamento combinado.

— Já foi casada?

Fez um gesto afirmativo.

— Mas existe outra versão do mito da tagimaucia.

E voltou a contar:

— Há muitos e muitos anos atrás, viveu em Taveuni uma moça que desobedecia constantemente à sua mãe, brincando em vez de trabalhar. Um belo dia a mãe perdeu a paciência, deu uma surra na filha com um feixe de folhas de palmeira e mandou que ela sumisse da sua vista, porque não queria vê-la nunca mais. A moça, arrasada e em pranto, distanciou-se o mais que pôde de casa. Nas profundezas da floresta, viu uma árvore ivi envolta por uma parreira. Subiu nela, mas se emaranhou tanto que não conseguia mais descer. Chorava desconsoladamente, e as lágrimas que lhe rolavam pelas faces se transformaram em sangue, que, ao cair nos cachos de uva, se transformou em lindas flores. A jovem acabou conseguindo se soltar e voltou correndo para casa. Sua mãe tinha se acalmado, e a história teve um final feliz. O povo de Taveuni acredita que essa flor rara provém das lágrimas dessa moça.

— Você passou por essa experiência também? — perguntei brincando.

Laura fez que sim com a cabeça, muito séria e sem o menor sinal de ironia.

— Ficou emaranhada numa parreira?

— Não, fui rejeitada por minha mãe.

Parou e se virou para mim.

— Vou lhe confessar uma coisa, Frank.

— Fale.

— Fui uma filha não desejada.

E por acaso não é o que acontece com a metade da população do mundo?, pensei.

Não pude deixar de perceber uma pequena lágrima aparecer no olho verde. Aproximei-me de Laura e deixei que pousasse a cabeça em meu ombro. Ficamos assim alguns segundos, até que ela ergueu a cabeça e

me olhou nos olhos. Passei um dedo por seus lábios, e quando sua língua roçou meu dedo, inclinei-me e a beijei. Apertei-a com força contra o meu corpo e não a soltei até a natureza avisar que por razões de decoro deveria fazê-lo.

Continuamos andando, e então foi minha vez de lhe contar alguns mitos que ouvira sobre aquelas ilhas da Oceania. Ficara sabendo, por exemplo, de inúmeras variantes de histórias sobre o que podia acontecer com uma mulher que se aproximasse demais de um gecko: segundo uma delas, a mulher corria o risco de parir um sáurio. Também contei a Laura o trágico mito de Verana.

Verana era uma bonita moça que, por ter muitos pretendentes, não conseguia se decidir por nenhum deles e vivia se queixando de que precisava de mais tempo para escolher. Um belo dia, um mago lhe deu uma bebida mágica. Se ela bebesse a metade, viveria eternamente, explicou-lhe o mago. Desse modo, teria bastante tempo para procurar e encontrar o homem com quem compartilharia sua vida. Quando o encontrasse, a única coisa que devia fazer era lhe dar a outra metade da bebida, para que ele também vivesse eternamente. Verana se apressou a tomar a bebida mágica e viveu por muito tempo, sem, no entanto, conseguir se decidir por nenhum homem. Transcorreram cem anos, e Verana continuava jovem e bela, mas conforme os dias passavam, era cada vez mais difícil para ela se decidir pelo homem a quem se entregaria. A jovem entendeu que a bebida mágica havia dificultado ainda mais a tomada de decisão, não apenas porque apareceu um número muito maior de homens entre os quais poderia escolher, mas porque ela podia contar com um tempo enorme para se decidir. Também não lhe facilitava nada a escolha o fato de que o eleito estaria a seu lado não só uma vida inteira, e sim eternamente. Passados perto de duzentos anos, Verana conhecera tantos pretendentes que já não era capaz de amar nenhum e, todavia, estava condenada a viver eternamente na Terra. Assim, continua vagando pelo mundo. Quando um homem se apaixona por uma mulher incapaz de se decidir, deve ficar atento, porque pode ter sucumbido aos encantos da fria e infeliz Verana. Foram muitos os homens que entregaram seu coração e sua juventude a Verana, mas nenhum jamais a terá.

Laura me encarou e se limitou a dizer:

— Que sina!

— Pois é, que sina — repeti.

Quando chegamos a Prince Charles Beach, fomos até a beira do mar, tiramos os sapatos e catamos conchas, com as quais presentearmos um ao outro. Depois ficamos contemplando uma estrela-do-mar azul-marinho. Laura achou que devia ter sido essa a espécie que dera origem ao nome da classe de equinodermos *Asteroidea*, porque ela parecia mesmo uma estrela. Talvez exista um mito sobre uma estrela que caiu do céu e se transformou em estrela-do-mar, disse Laura, se não, poderíamos inventar um nós mesmos, porque nunca é tarde demais para inventar mitos.

Nesse dia não houve espaço nem para *maya* nem para a ilusão universal. Pensei que a mente de Laura estava tão dividida quanto a cor dos seus olhos, e supus que o olho verde é que vira a pomba de peito cor de laranja e o castanho é que lera filosofia hindu. Pelo menos teria de ser o olho verde o que descobrira a estrela-do-mar azul, e o castanho o que não via o valor do indivíduo humano.

Enquanto subíamos a íngreme encosta até o coqueiral, Laura disse que naquela mesma noite haveria uma grande festa em Maravu, a que compareceriam mais de cem convidados de toda a ilha. Era o que chamavam de uma *gunusede*, isto é, uma festa para a qual todos pagavam uma contribuição, e o dinheiro que sobrasse era destinado a uma finalidade social. No caso, o dinheiro iria para a escolarização das crianças pobres do povoado. Naturalmente, os hóspedes do Maravu estavam convidados.

— Você tem que sentar comigo — afirmou Laura.

Algumas horas depois eu me encontrava a uma mesa com Laura, John e Mario. Todas as mesas pequenas estavam postas, e ia chegando mais gente conforme a noite avançava.

Bill apareceu no restaurante pouco depois de Laura se apressar a oferecer a cadeira livre ao navegador italiano. O mal-humorado americano não apenas teve de aceitar o fato de que a mesa estava completa, como teve de sentar com gente que não conhecia. Apesar disso, essa sua derrota logo se transformou em vitória, pois o caso é que ele dividia a mesa com o próprio Kapena, que imigrara do Havaí com a mulher, Roberta, e um homem divertidíssimo chamado Harvey Stolz.

Kapena, um sujeito forte, de corpo musculoso e bronzado, maçãs do rosto salientes e grandes dentes brancos, foi o personagem central da noite. Era um célebre pescador, que já aos vinte e três anos tinha ganho o primeiro prêmio do Lahaina Jackpot Tournament por capturar um enorme marlim-azul de quase quinhentos quilos. Agora, aos quarenta e poucos anos, já havia se aposentado. Mudara-se para Taveuni, onde levava em seu barco high-tech, o *Makaira*, os turistas pescadores ao estreito de Somosomo. Naquela mesma manhã, ele havia pescado todo o peixe que seria consumido no jantar, o que constituía sua contribuição para o *gunusede* daquela noite. Com ele no barco, além do mestre Harvey, fora Kai, o cozinheiro do Maravu, que tinha fervido o peixe conforme rezavam as regras da gastronomia. Foi Bill que, no correr da noite, nos apresentou a Kapena, Roberta e Harvey, e assim, sem querer, fomos envolvidos nos assuntos que um engenheiro de petróleo e um pescador de alto-mar poderiam ter em comum.

Ana e José estavam sentados na outra ponta do restaurante, em companhia de Mark e Evelyn. Ao escolher a mesa, o casal espanhol dera a impressão de querer compartilhá-la com os dois jovens americanos; talvez fosse a maneira que escolheram de se afastar.

Após o jantar, formou-se um pequeno coro e orquestra, composto de empregados do Maravu — como os jardineiros Sepo, Sai e Steni, o barman Enesi, e as camareiras Kay e Vere — e de músicos dos povoados da comarca. Acompanhados por violões e *ukeleles*, cantaram melosas canções a várias vozes sobre a tagimaucia, Maravu e todos os personagens de outras partes do mundo que tinham chegado à ilha através das nuvens. Também se representaram vários *mekes*. Um *meke* é uma forma tradicional de dança folclórica, durante a qual alguém, sentado, recita antigas lendas fijianas num misto de canto, mímica e movimentos marcantes dos braços.

Depois da dança folclórica, Jochen Kiess se aproximou da nossa mesa a fim de nos convidar para a cerimônia da *kava*. A *kava* ou *yaqona* é uma bebida estupefaciente elaborada com a raiz levemente narcotizante da pimenta *Piper methysticum*. Foi servida num grande recipiente redondo de madeira, e a tomamos em meias cascas de coco. John provara a *kava* em outra ocasião e recusou a oferta, mas Laura tinha lido no *Lonely Planet* que não se podia recusar um convite na cerimônia da *kava*, porque indicava falta de delicadeza; assim, Laura,

Mario e eu sentamos no chão, diante do recipiente de *kava*. Cada vez que esta era servida a alguém em seu meio coco, os presentes aplaudiam e gritavam “bula!”.

A *kava* não era nada agradável ao paladar. Parecia água suja e tinha gosto de água suja. Após duas rodadas, senti os lábios um tanto intumescidos, mas na rodada seguinte notei que estava um pouco mais relaxado do que antes, embora ao mesmo tempo bastante sonolento. Lembro de ter visto Bill dar voltas desrespeitosamente ao redor do círculo da *kava*, e numa delas comunicar a Laura que a *kava* era pura tapeação e totalmente inadequada para moças.

Laura me olhou nos olhos, creio que dessa vez com o olho castanho.

— Tem gosto de quê? — perguntou.

Quase falei que equivalia a cinco miligramas de Valium, nem mais nem menos.

Laura disse:

— Não percebe como a ilusão se desfaz?

— Um pouquinho, talvez — respondi caçoando. — Só existe um mundo.

— Só existe uma consciência, *purusam*...*

— Isso é bioquímica — assinalei. — É “religião instantânea”.

Não sabia se ela havia entendido o que eu quisera dizer, mas Laura respondeu:

— A consciência cotidiana também. Pura bioquímica. E nos faz crer na ilusão da matéria, em *prakriti*.**

— Que palavra mais curiosa.

— É mais ou menos a mesma coisa que *maya*. Felizmente, existem algumas substâncias químicas que conseguem anestesiá-las partes do cérebro que nos fazem crer na ilusão universal.

Pensei que devia ser o caso das duas ou três circunvoluções cerebrais a mais, mas não creio que eu o tenha dito.

Laura falou muito mais. Sou incapaz de lembrar frase por frase, mas lembro que me confessou que, depois do *vedanta*, a filosofia *sankhya**** era a que mais lhe agradava.

Notei que a *kava* tinha, além do mais, um grande efeito diurético, idêntico nos dois sexos, porque Laura foi a primeira a confessar que sentia uma necessidade imperiosa de ir ao banheiro. Concordamos que era bastante curioso que o espírito universal precisasse fazer xixi mal

havia encontrado o caminho de regresso a si mesmo.

Um pouco mais tarde nos aproximamos da mesa a que John estava sentado diante de uma cerveja. O inglês achava que algum hóspede do Maravu deveria ter contribuído para o espetáculo.

— Ana é uma grande dançarina de flamenco — falou. — Procurei na internet; não sei espanhol direito, mas não foi difícil descobrir que ela é a grande estrela atual de Sevilha: *La Estrella de Sevilla*.

Não sei se a *kava* tinha alterado minha orientação no tempo, mas me pareceu que só levamos meio segundo para nos deslocar até a mesa do casal espanhol. Foi Laura que apresentou nossa petição coletiva: poderia Ana contribuir com uma breve exibição de flamenco? Não só seria uma grande experiência para todos nós, mas também uma espécie de agradecimento aos dançarinos de Fiji.

— A resposta é não — disse José.

— Mas *La Estrella de Sevilla*... — tentou John.

José não se alterou.

— Já disse que a resposta é não — repetiu quase rosnando.

E o rosto de Ana adquiriu uma expressão profundamente magoada e dolorida. Mas por quê? Por que reagiu com tanta dor à amável pergunta sobre se não gostaria de dançar um pouco de flamenco? Ou José é que a tinha magoado com sua recusa tão severa em nome dela? Eu só teria a resposta para essas perguntas meses depois.

Abrandamos a situação com alguns comentários gentis e voltamos à nossa mesa.

Logo depois começaram as danças de salão. Não eram muito diferentes das danças nos hotéis dos fiordes do meu país, a Noruega, com um solista cantando suas próprias versões dos grandes sucessos internacionais, o que, no fundo, não passa de uma variante ocidental do karaokê. Muitos habitantes do povoado se achavam na pista, e era óbvio que a *gunusede* estava sendo um grande sucesso. Quando, mais tarde, houve várias tentativas de brigas entre os homens, era quase como estar de volta à minha cidade natal, Tønsberg, numa alegre noite de verão. A única diferença era que em Tønsberg a noite teria sido muito luminosa, e em Tåveuni era muito escura.

À mesa, estávamos John, Mario, Laura e eu. Depois Mark e Evelyn se aproximaram com suas cadeiras, porque a mesa deles fora retirada para ampliar a pista de dança. Ana e José estavam sentados no chão

em torno do recipiente de *kava*. Bill não demorou a chegar com várias garrafas de vinho tinto.

— Por conta da casa! — exclamou.

Era quase meia-noite quando Laura se virou para mim e disse:

— Vamos embora!

Não tive nada a opor à proposta. Continuava um pouco tonto por causa da água suja sedativa, tinha andado muito, e além disso não havia razão nenhuma para prolongar a estada em meio àquela multidão ruidosa. Na manhã seguinte começaria minha volta para casa, do lado oposto do planeta. Levantamo-nos e agradecemos por aquela noite tão agradável.

— Já vão? — perguntou Bill.

— Pois é — respondeu Laura. — Já vamos.

— Para onde?

Pareceu-me uma pergunta estranha. Além do mais, não tinha resposta. Embora você deixe um lugar, nem sempre sabe para onde vai. Passearíamos no coqueiral? Tomaríamos um banho de mar noturno em Prince Charles Beach? Ou deveríamos nos contentar com um último drinque, na *bure* de Laura ou na minha? Como quer que fosse, não deveria ser da conta daquele senhor americano de certa idade. Ele tinha sido muito amável ao oferecer vinho a todos nós, se bem que, tendo trabalhado com Red Adair e, ainda por cima, salvado a Apollo 13 do naufrágio no espaço, certamente podia se dar a tal luxo. Mas não deveria pensar que podia comprar amigos, pensei, muito menos Laura.

— Vamos ver o herbário de Frank — disse Laura.

— Não creio que seja uma boa ideia — replicou Bill.

— Eu já acho que não é da sua conta — objetou Laura.

Não falou com agressividade, mas antes de maneira amistosa ou carinhosa.

— Vocês podem continuar conversando aqui — insistiu Bill.

— Conversaremos onde acharmos melhor — rebateu Laura, e pensei que faltava pouco para que ela soltasse uma gargalhada ante o atrevimento insólito daquele homem.

— O vinho está aqui — prosseguiu o americano. — Um excelente Rioja, sem dúvida.

— Só vamos precisar de uma garrafa — disse Laura, pegando uma

das garrafas e saindo em direção ao coqueiral.

— Ponha na minha conta — falei, e fui correndo atrás de Laura.

Depois, sentamos na minha varanda e verificamos que Bill tinha razão em seu comentário sobre o Rioja. O denso ar tropical era como um fino véu em que nos banhávamos.

Fui o primeiro a falar:

— É realmente um sujeito original.

Ela negou.

— Típico é o que ele é.

— Vocês se conheceram no aeroporto de Nadi?

— Não vamos perder tempo falando desse sujeito, Frank. Não vale a pena.

— De todo modo, não lhe falta cara de pau.

Ela pensou um instante e disse:

— Bill é meu pai.

Soltei o copo e assobieei.

— Claro que é seu pai! — exclamei. — E eu sou um idiota.

Ela não respondeu, mas voltou de repente a cabeça para mim, e vi o olho verde. Algo me levou a pensar que Laura tinha nascido com os dois olhos verdes, e que depois, conforme ela foi crescendo, um dos dois foi ficando castanho. Talvez o outro também corresse o risco de sofrer o mesmo processo.

Fiquei irritado por não ter me dado conta de que Bill e Laura simplesmente eram pai e filha em férias na Oceania. Por isso ela lia com tanto afincio o *Lonely Planet*, por isso ele tinha sentado à mesa dela na primeira noite, por isso ele lhe oferecera o vinho, por isso havia conseguido acalmá-la só pondo a mão na sua nuca, por isso ela o empurrara dentro da piscina, por isso ele havia sentado na espreguiçadeira com a toalha dela, e por isso ela derramara uma jarra d'água nele quando o homem não foi capaz de disfarçar que não suportaria ouvi-la discorrer mais uma vez sobre *maya* e a alma universal. Além do mais, por isso ele a tinha prevenido contra a *kava* e, é claro, por isso havia tentado evitar que ela saísse do restaurante comigo. Perguntei:

— Foi ele quem casou você contra a sua vontade?

— Organizou tudo. Organizou minha vida desde que eu era pequena. Depois arranjou para mim um formidável homem de negócios, um

colega dele, também do mundo do petróleo. E eu fui boa e obediente. Casei-me de branco numa cerimônia com duzentos e sessenta convidados, a maior parte da sua companhia.

— Não imaginava que essas coisas ainda acontecessem.

— Mas eu fui boa e obediente. Não quis decepcionar meu pai.

— Apesar de ser uma filha não desejada?

— Nunca tive mãe. Só tive meu pai.

— Você não me disse que sua mãe a rejeitou, como a da moça da tagimaucia?

— É por isso que nunca tive mãe.

— Mas ela ainda vive?

Fez um gesto afirmativo.

— E vive com seu pai?

Fez novamente um gesto afirmativo.

— Quanto tempo faz que você se divorciou?

— Duas semanas.

— Que você se divorciou?

— Que fui embora de casa. Fui viver em Adelaide. E meu pai foi para Adelaide e quis que fizéssemos uma viagem juntos.

— Ele quer que você volte para seu marido?

— Claro; me vendeu a ele.

— Foi seu pai que lhe deu a bolsa. Ele é a fundação, não é?

— É.

— Gosta dele?

Laura ergueu o copo e tomou um gole de vinho. Depois respondeu com ênfase:

— Muito.

Bebeu outra vez e, com um sorriso, acrescentou algo que me fez compreender quanto ela amava o pai:

— Mas ele é um bobo. Um bobo perdido.

Compreendi que Bill e Laura constituíam um caso extremo de superproteção, fixação no pai e um claro complexo de Electra. No fim das contas, minha ideia do domador e do tigre não estava muito longe da verdade.

Enquanto isso, esvaziávamos a garrafa de Rioja, falávamos da alma universal, e ela me fitava invariavelmente com o olho castanho. Eu entendera que nem seu compromisso com a causa ambientalista nem a

filosofia hindu calavam muito fundo nela. Mas, claro, ela possuía um olho só. Tinha um absolutismo filosófico de um olho só. Era uma moça de um olho só, sensual e vitalista, com muito interesse pelas aves raras, pelas lendas antigas e pelas estrelas-do-mar azuis. Tanto seu olho castanho como seu olho verde tinham me desafiado, cada qual a seu modo, fazendo-me refletir.

Quando a garrafa acabou, entramos no chalé. E, bem... Laura passou a noite comigo.

Já antes, quando eu havia entrado por um instante para pegar um copo, percebera Gordon encostado na parede. Enquanto Laura estava no banheiro, aproximei-me dele, olhei-o fixamente nos olhos e lhe disse:

— Esta noite, bico calado, entendeu? Esta noite quero ficar livre de você.

Não toquei na garrafa de gim, e não foi só para não irritar Gordon.

Talvez você esteja se perguntando por que lhe conto tudo isso sobre Laura, mas não se esqueça de que foi você mesma que deixou claro que você e eu não estávamos mais amarrados um ao outro, e de que fui eu que sugeri que deixássemos passar este ano de separação antes de iniciarmos novas relações.

Com as perspectivas tão enormes traçadas repetidas vezes por Gordon, foi maravilhoso se entregar a outra pessoa. Não suportava a ideia de mais uma noite em companhia de Gordon, e era justamente disso que queria lhe falar em Salamanca quando você desatou a rir porque aponte para Ana e José dizendo que estivera com eles em Fiji.

Quando acordei na manhã seguinte, Laura tinha sumido, e nunca mais voltei a vê-la. Durante o café da manhã, fiquei sabendo que saíra bem cedo com Bill, rumo a Tonga. Eu lhe dera meu endereço e meu e-mail, e alguns dias antes de ir para Salamanca recebi por correio uma foto bem nítida da rara pomba de peito cor de laranja. Não vou lhe ocultar que está aqui na minha mesa, no Palace. Na carta anexa, Laura dizia que tinha voltado para o homem de negócios, supostamente porque ele havia mudado por completo, tinha até começado a ler o *Bhagavad Gita*.

Eu partiria por volta das duas da tarde, num avião de Matei a Nadi, de onde voaria pela Air New Zealand para Los Angeles, às oito e

meia da noite. Comecei a arrumar a mala antes de ir tomar o café da manhã. Claro, Gordon teve de aparecer de novo, talvez porque eu tenha me permitido um pequeno gole de gim, já que não havia tocado na garrafa na noite anterior. Estava sentado no mesmo lugar em que eu o vi quando nos deitamos.

— Pois é — disse ele.

Eu sabia exatamente a que se referia, e me desagradou além da conta o fato provável de que Gordon tivesse estado a noite toda na parede nos vigiando com seus olhos abertos. Ele não só possuía excelente visão noturna, como a natureza o fizera incapaz de fechar os olhos diante do que quer que fosse. No entanto, falei:

— Não dá para ser mais preciso?

— Você é exatamente como nós.

— Nunca pretendi dizer nada diferente disso. Sempre mostrei as cartas, ressaltando que não passo de um vertebrado. Sobre esse ponto sempre fui claro como água. Sou um primata prestes a envelhecer.

— O que pergunto é o seguinte: até que ponto você a conhecia?

— Vim a conhecê-la.

— Não era casada?

— Sua situação era muito triste.

Gordon replicou:

— Vocês adoram inventar pretextos.

— Deixe de bobagem.

— Em geral gostam de se vestir.

— Pensei que estivéssemos falando do contrário.

— Entendeu muito bem o que quero dizer.

— Entendo tudo o que você quer dizer.

— O que mais os distingue de nós é que, em quase tudo o que fazem, usam uma espécie de disfarce.

— Se você quer que esta seja uma conversa de verdade, sugiro que seja um pouco mais direto.

— Mas esse disfarce exterior não passa de uma tentativa de camuflar o fato de que vocês são natureza, porque chegaram nus à Terra, tal como nós, e também não permanecem muito tempo nela. Voltam à massa.

— Não precisa ser tão explícito assim.

— Voltam a ser amassados na matriz de Gaia e se transformam em

comida para minhocas e baratas.

— Acho que sou um dos que menos precisam ser lembrados desse tipo de coisa.

— Mas vocês estão sempre tentando se justificar.

— Eu não.

— Não é uma loucura serem chamados de “macacos nus”?

— É.

— Vocês, a espécie mais “vestida” do mundo, cujas “vestes” vão dos trajes de gala aos mais curiosos títulos honoríficos e espelhos ostentatórios na lareira. Para não falar de todos os diplomas e condecorações, da ética e da etiqueta, dos ritos e dos rituais. Refiro-me a todo esse verniz, esse verniz excessivamente espesso de cultura, de “civilização”, de não natureza.

— Você não deixa de ter alguma razão.

— Com certeza conhece a “roupa nova do imperador”...

— Claro que sim.

— Até mesmo um geco percebe que tudo é uma empulhação. Dizemos: mas se estão nus! Estão tão nus quanto nós. E o senhor fala e gesticula tanto, cavalheiro! Apesar disso, por baixo de toda essa pompa, o relógio biológico faz tique-taque, sempre andando, até que um dia o mundo para repentinamente.

— Você também usa palavras em demasia.

— E vocês dizem besteiras do gênero: nas atuais circunstâncias, neste momento, acrescentam, já que sempre é importante ressaltar esse fato, ainda que muitas das pinceladas do jovem Picasso também possam ser encontradas no Picasso adulto; aqui tem muita coisa que lembra Schönberg; pena que Puccini não tenha conseguido terminar *Turandot*, porque é sua melhor ópera; a propósito, sabia que Verdi escreveu *La Traviata* em apenas algumas semanas?, comparada com Puccini, eu me atreveria a denominá-la música ligeira...

Tinha conseguido me provocar, e o interrompi:

— Nascemos dentro de uma cultura, e somos expulsos dela. Não somos apenas hóspedes da Terra. Também somos hóspedes dessas moradias chamadas Bach e Mozart, Shakespeare e Dostoiévski, Dante e Shankara. Entramos na Antiguidade e na Idade Média, no Renascimento e no Rococó, no Romantismo e no Modernismo, e somos expulsos de lá. Nisso nos distinguimos dos gecos, é bem

verdade, porque, se bem me lembro, ainda não se fundou nenhuma universidade de gecos e nenhuma faculdade dedicada ao estudo das geconidades.

— Não seja maldoso.

— Quando desaparecemos, não perdemos apenas todo o cosmos, embora também isso possa ser sentido como uma dolorosa perda, mas nos despedimos de muitos milhares de almas que conhecemos. Se existem mil almas individuais, talvez sejamos facetas da mesma alma universal...

— Obrigado, mas espero sinceramente que você não tenha se convertido num desses monistas simplistas. Será que é contagioso? Quero dizer, será que se transmite sexualmente? Só pretendo assinalar que vivemos em grande harmonia com nosso meio, que nos contentamos em ser o que somos, isto é, natureza, única e exclusivamente natureza. Comemos mosquitos, defecamos e nos reproduzimos. E fazemos tudo com o maior prazer. Não nos deixamos seduzir por ouro falso e embustes espirituais. Não nos pomos a dissertar sobre tesouros artísticos ou contrapontos musicais só porque estamos nos aproximando da aposentadoria e não temos netos.

— Como eu já disse, você emprega muitas palavras. De vez em quando, chega a ser poético.

— Tudo o que diz vai recair sobre o senhor mesmo, cavalheiro.

— Eu me perguntei se os poetas bebem porque são poetas, ou se se tornam poetas porque bebem.

— Eu acho que, antes de mais nada, pensam demais. Não se pode parar de pensar? Quero dizer: não se pode simplesmente fechar a torneira?

— Não é tão simples. Um ser humano está condenado a pensar a vida toda. Até certo ponto, talvez sejamos capazes de dirigir nossos pensamentos, mas não podemos cortar o processo de pensar. Para tanto, seria necessário entrar numa dessas escolas de meditação, com tudo o que isso implica de superestruturas pseudoreligiosas. Nem mesmo podemos descansar durante a noite, pois é aí que nos expomos a tudo o que possa nos ocorrer em matéria de sonhos. Não apenas vivemos numa barulhenta sociedade de cultura ligeira, como a natureza fez de nós um cenário para os psicodramas enquanto dormimos.

— Você acabou dormindo, mas o primata fêmea não. Desculpe se

digo assim tão cruamente, mas ele se foi enquanto você dormia.

— Não a censuro por isso.

— Lembra com que sonhou?

— Sim, lembro. Sonhei que era incapaz de lembrar se tinha dezesseis ou vinte e quatro anos, e me incomodava, me incomodava muito não lembrar a minha idade. Contudo, acabei pensando que dava na mesma ter dezesseis ou vinte e quatro anos, porque de qualquer maneira tinha a vida toda pela frente. Então acordei de repente e tive que reconhecer que estava me aproximando dos quarenta.

— E pode se presumir que então você teria perdido dezesseis ou vinte e quatro anos? É o que pretende dizer?

— Ora, já chega — limitei-me a falar.

Arrependi-me de ter me deixado enganar de novo. Deveria ser capaz de evitar que essa sorte de pensamentos de gecos me arrastasse depois da noite compartilhada com Laura. Poderia ter deixado esse sonho em paz.

Perguntei:

— Acha que pode haver uma espécie de dimensão reconciliadora num encontro amoroso?

— No quê?

— É meio complicado explicar. Não acredito que os gecos tenham uma grande vida amorosa. Talvez seja algo exclusivo dos seres humanos, ou pelo menos dos primatas evoluídos.

— Não sei se o que testemunhei esta noite merece a denominação de “evoluído”.

— Quero dizer que a única coisa capaz de conquistar essas duas ou três circunvoluções cerebrais a mais, isto é, de reprimir a consciência da morte, é o amor. Talvez tenha o mesmo efeito agradável que o gim e a *kava*, só que muito mais forte e duradouro.

— Talvez você tenha razão. O amor é o ópio do povo.

— Só quero dizer que ser dois é bem diferente de ser um.

— Ah, é? Pretende que o amor seja uma espécie de matemática sutil?

— Não.

— Além do mais, constatamos que ela era casada, o que significa que, para começar, já temos três.

— Laura está separada.

— Você também não está separado?

— Estou.

— Então já temos quatro. Tem ainda mais gente implicada nessa “dualidade”?

— Vera e eu não vivemos mais juntos.

— Então, por fim você terminou com ela? Quando voltasse da longa viagem pelo Pacífico, terminaria definitivamente com ela, você disse. Ou terá esquecido de que foi esse o acordo que fez consigo mesmo?

— Não, não.

— Consequentemente, com Vera está tudo acabado.

— Não disse isso.

— Ah, não? Não disse que a partir de agora só vai ter na cabeça uma monista simplista com fixação paterna, tranças compridas e um olho verde e outro castanho?

— Não.

— Então é o que eu pensava.

— E o que é?

— Que vocês são tão promíscuos quanto nós.

— Besteira. Você tira conclusões depressa demais.

— Mas você vai ter que saber se deseja voltar para Vera.

— Não é tão simples assim, a vida emocional das pessoas é bem mais elevada do que os instintos dos répteis. Não se deixa dirigir pela lógica binária.

— Então vou tentar ajudá-lo. É bom ter alguém com quem conversar, não é?

— Prefiro não responder a essa pergunta.

— Se você pudesse escolher entre Vera e Laura, quem escolheria?

— Para toda a vida?

— Sim, para toda a vida. Ou seus grandes ideais já começaram a desmoronar?

— Vera ou Laura?

— Sim, escolha, cavalheiro!

— Laura foi um namoro de férias.

— E Vera?

— Vera, eu vou encontrar numa conferência em Salamanca.

— Quem sabe ela não se torna um namoro de conferência? Qual das duas você julga que tem mais qualidades?

Enquanto conversava com Gordon, eu me movimentava pelo quarto arrumando as malas. Nesse momento, dei um soco na mala recém-fechada. Odiei a mim mesmo por aquele gole de gim. Sabia muito bem a que podia me levar.

— Chega! — exclamei. — Vou tomar café.

— E eu fico aqui esperando. Tenho tempo de sobra.

— Mas vou embora daqui a mais ou menos duas horas.

— Engraçadinho. Quer dizer que o homem vai embora de si mesmo?

— De qualquer forma, vou para casa.

— E eu o acompanho na bagagem. Não lembro se tive tempo para me apresentar. Eu lhe disse que sou irmão gêmeo do seu senso de decência?

— Com certeza não.

— Esses gêmeos são extremamente móveis, senhor. Quase tão móveis quanto a sombra de uma pessoa que tenta se afastar de si mesma correndo.

No café da manhã, encontrei-me com o inglês e também com os dois espanhóis. Foi John que disse que Laura e Bill tinham ido embora, e eu me limitei a responder que já sabia. John entendera, é claro, que eram pai e filha, no mínimo pelo comportamento de Bill quando Laura e eu nos retiramos do restaurante. Mas não se falou nada a respeito, e ele evitou comentários infantis, típicos dos britânicos, sobre a garrafa de Rioja que Laura e eu tomamos na varanda.

O casal espanhol estava muito mais bem-humorado essa manhã do que no dia anterior, o que talvez tivesse a ver com o fato de que eu ia embora. Fizeram piadas e riram, e se puseram a contar episódios divertidos da festa, na qual ficaram até as duas da madrugada. Decidi tentar falar sério com eles pela última vez antes de partir, e dessa vez em espanhol, fossem quais fossem as consequências.

Mas não tive oportunidade. José estava olhando para o lado quando me dei conta de que Ana empalidecia subitamente. Deixou o ovo quente no prato, ficou com a pele acinzentada, e, de repente, a dançarina de flamenco desabou sobre a mesa, lançando para longe uma xícara de café.

José se levantou bruscamente.

— Ana! — gritou, com o mesmo tom desesperado de Rodolfo ao chamar Mimi na última cena de *La bohème*.

Ergueu-a da cadeira e lhe aplicou uma bofetada, depois outra.

— Ana! Ana!

Ao cabo de alguns segundos, Ana recobrou a cor e se pôs a chorar. Inclinou-se sobre José e, apoiada nele, seguiu cambaleando pelo coqueiral. Depois flutuaram em câmara lenta entre os coqueiros, a caminho do chalé.

Foi a última vez que os vi na ilha. Quando, após algumas horas, fui à recepção fechar a conta, vi John sentado a uma das mesas, escrevendo. Perguntei-lhe se tinha notícias dos espanhóis, e ele disse que um médico fora ver Ana e que ela, ao que parecia, já estava bem melhor.

— *Kava* demais? — sugeri.

— Talvez — limitou-se a responder.

Avisaram-me que o carro já havia chegado.

— Para onde vai? — perguntou John.

— Para casa — respondi.

Expliquei-lhe meu itinerário de Nadi a Oslo.

— Mas daqui a alguns meses vai àquele congresso de Salamanca?

— Por quê?

Não entendi absolutamente o motivo da pergunta.

— E quanto a Vera?

Dei de ombros, sem dizer nada. John perguntou:

— Você vai passar por Madri, não?

— Com certeza.

Era incrível como o homem de repente insistia.

— E estando em Madri talvez vá dar uma volta pelo Museu do Prado, não?

Com esta última pergunta me pareceu que a conversa adquirira um caráter bem singular. Depois lembrei que havia lhe mencionado meu gosto pela arte, que Madri tem uma das coleções mais importantes do mundo e que eu tinha uma predileção especial pelo Prado.

— Talvez — respondi.

— Tem que ir — insistiu. — Não se pode passar por Madri sem visitar o Museu do Prado.

— Não sabia que compartilhávamos essa paixão — comentei. — Por que não me disse antes?

— Diga-me uma coisa: prefere El Greco ou Bosch, Velásquez ou Goya?

Sentia-me alheio àquela conversa quase excêntrica bem no final da estada, no momento de nos despedir decerto para sempre, quando eu tinha em perspectiva dois voos intercontinentais e na hora em que o motorista pegava minha mala. Pensei na breve conversa com Gordon naquela mesma manhã. Pensei na roupa nova do imperador. Pensei, além disso, na indisposição súbita de Ana e nos implacáveis primeiros socorros de José.

— Prefiro o edifício inteiro — respondi.

— Então você deveria reservar tempo bastante para ver detalhadamente toda a coleção.

O motorista apontou para o relógio. Faltava apenas meia hora para o avião decolar.

— Promete se despedir de Ana e José por mim? — perguntei.

— Com muito prazer. Se for a Londres...

— O mesmo digo eu. Encontrará meu nome na lista telefônica. Mas prometa que lhes transmitirá meus cumprimentos especiais. E deseje melhoras à doente!

O motorista buzinou, e cerca de duas horas depois eu estava no segundo andar do Jumbo com destino a Honolulu e Los Angeles.

* Homem, ser humano. Designação da pessoa primordial, suprema e eterna. (N. T.)

** Natureza, matéria. A matéria primordial de que se constitui o Universo. (N. T.)

*** Um dos seis sistemas filosóficos do hinduísmo. Sua doutrina sustenta que o Universo surge da união da *prakriti* com o *purusam*. (N. T.)

VOCE OPTOU POR DIVIDIR A DOR EM DUAS

JÁ DE VOLTA A OSLO, comecei imediatamente a trabalhar no relatório, e há duas semanas cheguei a Salamanca. Não parava de me perguntar se você ia mesmo aparecer e, sobretudo, se tinha conhecimento de que eu também estava inscrito no congresso. Continuo sem saber qual de nós dois se inscreveu primeiro, mas eu havia feito uma espécie de inscrição com salvaguarda antes de ir para o Pacífico, e quando liguei de Taveuni a fim de confirmar minha presença, você já constava da lista de participantes. Ao retornar a Oslo, recebi o pedido para apresentar uma palestra sobre migração e biodiversidade.

Será que você teria se inscrito no congresso porque isso nos daria a possibilidade de nos reencontrar? Ou seu interesse se devia exclusivamente a razões de ordem profissional, apesar de você ter de contar com a possibilidade de se encontrar comigo? De todo modo, você poderia ter cancelado a inscrição se não quisesse me ver de jeito nenhum.

Não sei se me expressei com muita clareza, mas, como deve ter entendido, eu não me atrevia a dar por certo que fôssemos nos ver. Lembro-me muito bem da sua breve carta do mês de novembro, assim como da conversa telefônica posterior. Foi a última vez que nos falamos.

Mas você foi, e não soube que ia se encontrar comigo, até ver o programa definitivo. Então pensou exatamente como eu. Embora não pudéssemos viver juntos, pelo menos compartilhávamos uma dor profunda, e isso era algo que estávamos condenados a compartilhar para sempre. Condenados, você disse, mas a compartilhar. Fazia oito meses que tínhamos perdido Sonja, e meio ano que você tinha arrumado as malas na rua Sogn e voltado para Barcelona, para junto da sua família.

Você também deve ter feito algumas reflexões sobre o fato de voltarmos a nos ver num congresso científico. O círculo se fechava. Fazia quase dez anos que nos víamos pela primeira vez naquele grande congresso de Madri e, apenas alguns meses depois, iniciáramos

nossa convivência em Oslo.

Quando a vi no saguão do Gran Hotel de Salamanca, você me pareceu mais maravilhosa do que nunca. Como quer que fosse, não era a mesma que eu recordava das últimas terríveis semanas em Oslo. Primeiro ficamos nos olhando, e você assinalou, como de costume, que eu não tinha me barbeado direito. Depois me levou para um canto, nos abraçamos e choramos. Não creio que as lágrimas que derramamos tenham sido apenas por Sonja.

Você me disse que haviam lhe dado uma bolsa de pesquisa, e alguma coisa me fez pensar, ou por causa dessa história de bolsa, ou simplesmente porque você estava tão bonita, que você tinha conhecido outro homem. Naquele primeiro momento do nosso reencontro, você falou que havia algo que gostaria de deixar bem claro desde o início. Disse que estava contente em me ver de novo, mas que não devíamos cogitar uma reconciliação, porque tinha plena certeza de que nunca mais voltaríamos a conviver como marido e mulher. Lembro que me limitei a lhe dar razão, porque estava muito feliz em revê-la. Eu também, menti, tinha chegado à conclusão de que seria impossível vivermos juntos novamente.

Não sei se se pode dizer que a situação estava bloqueada, porque não há nada menos bloqueado do que quando duas pessoas estão totalmente de acordo sobre o que não vão fazer. De todo modo, seria o caso de nos indagarmos a respeito do grau de sinceridade dos propósitos de cada um de nós. Será que a situação poderia ter evoluído de outra maneira se um dos dois tivesse ousado imaginar uma alternativa? Se você e eu temos uma só característica em comum, com certeza é o orgulho.

Não há necessidade de falar muito do congresso em si, apesar de eu não ter tido oportunidade de lhe agradecer o apoio que me deu quando aquele bioliberal americano começou a argumentar que já não tinha o menor sentido frear a migração de espécies animais e vegetais. Deixemos que a natureza resolva!, disse ele. É o que a natureza sempre fez. Depois você pediu a palavra. Os seres humanos também são natureza, lembrou, e então quis pôr os pingos nos is. Assinalou que o dr. Gibbons não havia entendido minha intervenção. Talvez fosse útil ele estudar de novo a matéria de ecologia do colegial, você disse. Acrescentou ainda que a humanidade suspendera a seleção natural e

chamou a atenção para o fato de que nem no Jurássico nem no Cretáceo houvera voos intercontinentais, nem sequer comunicação por barco entre a Gonduana e a Laurásia. Lembra-se do que ele respondeu? *Laissez faire*, disse. *Laissez passer*.

Vários dos presentes sabiam que você e eu tínhamos sido casados, e também por que havíamos nos separado. Tenho certeza de que muitos outros ficaram sabendo disso depois da sua ardente defesa da minha exposição. Suponho que nós dois tenhamos pensado que não devíamos ficar demasiado juntos a tão poucos meses da nossa separação. Isso poderia dar lugar a fofocas que queríamos evitar. Quanto mais nos vissem juntos, mais falariam de nós, e mais especulações fariam sobre o acidente. Penso que fomos muito hábeis em nos esconder durante aqueles dias, e agora vou me limitar a descrever em poucas palavras como vivi aquela última tarde e aquela última noite.

Eu já estivera algumas vezes em Salamanca, mas você não conhecia o lugar, e antes do jantar insistiu que eu lhe mostrasse a antiga cidade universitária. Como você sabe, fiquei em Salamanca depois que você partiu, e não vou esconder que fiz o mesmo percurso na tarde do dia seguinte. Iniciamos o passeio pela plaza Mayor, que você disse que devia ser a mais bonita e a mais antiga da Espanha, e descemos até o Palácio de Monterrey, que na atualidade pertence à duquesa de Alba. Já na praça, entre o palácio renascentista e a igreja da Puríssima, começamos a falar de pequenos episódios da vida de Sonja. Quase não fizemos comentários a respeito dos antigos edifícios de arenito ferruginoso, que haviam adquirido um cálido matiz avermelhado à luz dourada do crepúsculo. Naquela tarde, os bonitos palácios históricos só serviram de cenário para uma conversa sossegada sobre uma filha que já não estava no mundo.

Lembro ter me ocorrido que, não fosse o acidente, talvez você e eu estivéssemos passeando por Salamanca com uma menina de cinco anos entre nós, porque o congresso teria nos interessado do mesmo modo se tivéssemos uma criança para cuidar, e não teríamos motivo para não levar Sonja conosco.

Nesse caso, teríamos continuado desde a praça que havia entre a igreja e o palácio renascentista até a Casa de las Conchas, com suas quatrocentas conchas talhadas na pedra em sua impressionante fachada, e tenho certeza de que Sonja teria corrido para o belíssimo pátio e

subido no poço, enquanto eu admiraria a biblioteca e a sala de leitura. Pouco depois, ela teria atravessado correndo a rua e subido as escadas do mosteiro dos jesuítas, a Clerezia, e ao atravessar a plaza de San Isidoro, talvez jogasse a cabeça para trás, apontando para as altas torres, antes que tentássemos levá-la pela estreita calle de los Libreros, a caminho da antiga universidade. Sei que ela teria se sentido à vontade no Patio de las Escuelas e que talvez perguntasse quem era o homem da estátua da praça. Você teria explicado que era frei Luis de León, que tinha sido professor da universidade fazia muitíssimo tempo e que passara cinco anos na prisão por acreditar em algo diferente do que a Igreja ensinava. Ao sair da prisão, iniciara sua nova etapa de mestre com as palavras: “Como dizíamos ontem...”. Ao ouvir isso, Sonja teria rido às gargalhadas, porque fazia cinco anos que aquele senhor não dizia nada a seus alunos, e cinco anos não equivaliam a ontem, mas a tantos anos quantos Sonja vivera, e isso era muito, demais, quase sempre; e era todo esse tempo que aquele senhor havia estado no cárcere. E você, Vera, teria respondido a Sonja com outra pergunta, porque era o que costumava fazer quando ela não entendia alguma coisa. Talvez perguntasse: por que você acha que ele disse “Como dizíamos ontem...” se tinha passado cinco anos na prisão? E Sonja talvez respondesse que era porque ele tentava esquecer todos aqueles tristes anos na prisão, ou talvez fizesse outra pergunta, ou desviasse a atenção para todos os medalhões, escudos e figuras de animal que adornavam a impressionante fachada da universidade. Teria descoberto nessa fachada, muito antes de nós, o famoso relevo da caveira com o sapo, e você não teria dito que esse motivo simbolizava o contraste entre a morte e o desejo sexual. Também não teria dito que com essa figura se pretendia prevenir os jovens estudantes contra os excessos sexuais; talvez dissesse que os sapos são muito vivos e brincalhões, como muita gente também é, mas que um dia todas as brincadeiras vão acabar. Antes que você e eu terminássemos de admirar a suntuosa fachada plateresca, Sonja teria corrido na frente e entrado no pátio típico do século xiv das Escuelas Menores. Enquanto você e eu conversávamos, ela teria se metido por conta própria no Museu da Universidade e teria parado boquiaberta debaixo da abóbada celestial, de um azul intenso, com todas as constelações. Talvez não conseguíssemos que ela entrasse conosco na sala de aula de frei Luis

de León, e nesse caso também teríamos perdido o Paraninfo, com os tapetes flamengos e o retrato de Carlos V pintado por Goya, assim como a célebre biblioteca, com seus incunábulos valiosos. Mas creio que, agarrada às nossas mãos, teria entrado solenemente nas duas catedrais, não sem depois exigir um sorvete pelo esforço, e teríamos esperado até o dia seguinte para visitar o Convento de San Esteban, com os dois grandes ninhos no alto da fachada, o Convento das Dueñas, com seu precioso claustro, e o palácio renascentista de Fonseca, que abriga o pátio estilizado, o qual, ao que parece, serviu outrora de praça de touros.

Nós dois achamos que tinha sido bom falar de maneira tão exaustiva de Sonja aquela tarde, e creio que conseguimos fazê-lo com tal naturalidade por estarmos rodeados pela vida passada de tantos séculos. Você queria que eu lhe mostrasse a antiga cidade universitária, mas só falamos de Sonja. Assim, ela foi conosco a Salamanca, apesar de tudo. Eu sei, ela já não vive, Vera, e não quero dizer que temos de aprender a aceitar isso. O que quero dizer é que só você e eu podemos criar um espaço vital, uma esfera de repercussão, para todas as lembranças da nossa filha.

Você me contou uma série de pequenas histórias sobre minha filha que eu nunca ouvira, e isso foi doloroso para mim, porque me arrependi de não ter compartilhado com ela cada minuto que estive no mundo, embora haja compreendido ao mesmo tempo que ainda tinha uma possibilidade de conhecê-la melhor. Você virava seguidamente o rosto para enxugar uma lágrima, Vera, eu vi, e você deve ter imaginado que quando eu escondia o rosto voltando-o para a velha fachada da universidade em que você acabava de mostrar o sapo e a caveira, não era para estudar os relevos mais de perto. E várias vezes me ocorreu, durante o longo passeio, que você continuava sendo a mãe de Sonja. Talvez lhe doa eu recordar isso, mas naquela tarde era a mãe de uma menina que me acompanhava. A menina não chegou a fazer mais que quatro anos e meio, só seus pais se tornam inexoravelmente mais velhos, fazem quarenta, cinquenta e sessenta anos, mas viverão com a Sonja de quatro anos e meio o resto da vida. Você continuava sendo a mãe, Vera, e eu continuava sendo o pai da sua filha.

Depois do jantar oficial de encerramento, deixamos a festa, e você de

novo sugeriu que fôssemos passear. Suponho que não deve ter esquecido que foi você que insistiu em me mostrar o rio. Disse que tinha passeado sozinha à margem do Tormes na tarde da sua chegada. Da velha ponte romana, havia contemplado os passarinhos, os cisnes e os gansos, e se sentira vitimada pela síndrome de Stendhal* ao ouvir um rouxinol cantar bem na hora do pôr do sol, com Salamanca às suas costas como uma rubra pedra preciosa.

A noite já estava bem escura, e quando saímos do hotel em direção ao rio, não falamos de Sonja. A conversa corria um pouco lenta no início, mas logo comecei a falar de você e das suas coisas, e você de mim e das minhas coisas. Você me fez muitas perguntas sobre a longa estada na Oceania, e creio que lhe contei alguns acontecimentos de Taveuni, de qualquer modo acho que contei, não sem certa autoironia, a história da noite em que não me atrevi a afugentar um gecko que tinha sentado na garrafa de gim, com medo de que ele a derrubasse. Perguntei sobre o seu projeto de pesquisa e me lembro que concluí dizendo que talvez você fosse a melhor especialista da Espanha em antropologia paleontológica, pelo menos quanto às migrações pré-históricas. Você então sorriu, Vera, ao menos não ouvi nenhum protesto. Você estava orgulhosa por ter ganho aquela bolsa.

Quando chegamos ao rio, subimos naquela ponte que estava ali havia dois mil anos. Talvez os cisnes é que de novo a tenham levado a pensar em Sonja. Em todo caso, você começou a falar da nossa vida familiar em Oslo, e tudo parecia um tanto mítico. Falou dos passeios ao lago Sogn e ao Chalé de Ulleval, e de Sonja, que levou o regalo dela quando foi nadar pela primeira vez na praia de Huk, e daquela vez em que ela demorou quase uma hora para atravessar o grande labirinto do parque de Vigeland. Quando saiu, pediu um prêmio, e nós lhe compramos um sorvete enorme no Café Herrergardskroen.

Deixei-a falar, enquanto pensava na promessa que tínhamos nos feito de não conversar sobre uma possível reconciliação dessas duas terças partes de família que restavam. Compreendi que talvez não houvesse caminho de volta para nós dois e, no entanto, pensei que seríamos covardes se não tentássemos traçar um novo caminho. Eu também me sentia dividido, e a ideia de voltarmos tinha seus prós e seus contras. Mas enquanto você falava do modo como Sonja havia saído do labirinto, pensei que deveríamos conversar para fazer prevalecer a

razão.

Você deve ter reparado no meu silêncio, porque num certo momento me perguntou em que eu estava pensando, e você sabia muito bem que quando eu me calava por pensar em alguma coisa, era que pensava em alguma coisa triste. Eu disse que estava pensando em nós, e suponho que você respondeu que eu não deveria fazê-lo, ou algo assim. A única razão por que tínhamos voltado a nos entender em Salamanca, você ressaltou, era Sonja. Respondi que isso se devia ao fato de que Sonja também estava pensando em nós, mas você já tinha engatado outra comprida história sobre como Sonja, recém-nascida, quase fora trocada por outra menina quando você recebeu alta do hospital. No fim você disse: nesse caso, não teria sido a minha filha a desaparecer. Nesse caso, ela teria continuado entre os vivos.

Pensei nas muitíssimas vezes em que você tinha me contado o que aconteceu na rua Sogn, sempre em câmara lenta, embora o que aconteceu tenha acontecido muito depressa. Você teve de prestar depoimento na polícia duas ou três vezes. Depois disso, o desenrolar dos acontecimentos se transformou num tema tabu, num “aquilo” ou num “o que aconteceu”, e creio que naquele momento, em Salamanca, nós dois tivemos medo de voltar àquelas cenas pavorosas. Seria como abrir velhas feridas, e com isso não me refiro apenas à ferida que a perda de Sonja em si nos causou, mas a todas aquelas que causamos um ao outro.

“O que aconteceu” foi tão simples e cotidiano que justamente por isso se mostrou ainda mais incrível. Você tinha ido buscar Sonja na creche e, depois de instalá-la na cadeirinha dela, saiu com o carro, mas logo se deu conta de que havia deixado os chinelinhos da menina no armário da entrada. Você desligou o motor e tirou a chave do carro, mas esqueceu de puxar o freio de mão, e o carro estava em ponto morto. Voltou em seguida com os chinelinhos, e nesse momento o carro começou a andar, porque, como você repetia incessantemente, o destino teve o prazer especial de obrigá-la a assistir a tudo, só permitindo que você reconhecesse que não podia fazer nada. Sabemos o que aconteceu naquela curva trezentos metros abaixo. Sabemos o que aconteceu três dias depois. E sabemos que, aconteça o que acontecer entre nós, você e eu nunca mais voltaremos a falar do desenrolar dos acontecimentos.

Já disse isso muitas vezes, mas tenho de dizer mais uma, e desta vez você vai ter o que eu disse por escrito, para sempre: não é mais uma questão de perdoar. Você está perdoada muitas, muitas vezes, e faz muito, muito tempo. Tudo aquilo acabou, desapareceu. Reconheço que, em meu desespero, insultei-a, gritei com você, e uma ocasião mandei você à merda, embora tenha me posto a chorar depois de fazê-lo. Pedi perdão por minha dor tão destrutiva, e você é que acabou optando por me deixar. Eu tinha feito as mesmas perguntas vezes demais, as mesmas que a polícia fizera. Por que deixou Sonja no carro? Por que não puxou o freio de mão? Por que, pelo menos, não engatou uma marcha? E por que tinha de levar os chinelinhos, custasse o que custasse? Que diabo queria fazer com aqueles chinelinhos?

E houve algo mais. Você tinha saído da comemoração do fim do ano letivo em seu departamento, onde tomara três ou quatro taças de champanhe, e ao entrar no carro teria cerca de 0,52 de álcool. Ninguém a acusou de nada, e a polícia alegou que você já havia recebido castigo de sobra. Foi o que disseram: castigo de sobra, porque a polícia foi mais humana em sua perseguição do que as alegações que você fez. Se você continuar se culpando do que aconteceu e de ter esquecido de puxar o freio de mão num momento de distração, deve saber que tem maior razão ainda para culpar a mim de derramar constantemente sal na sua ferida aberta e imensa. Fiz de propósito, muito de propósito.

Pois bem, de algum modo conseguimos acabar com aquilo tudo, é o que estou tentando dizer, no fim nos reconciliamos. Não foi por eu não a ter perdoado que você voltou para Barcelona: eu até disse que poderia ter acontecido perfeitamente o contrário, que poderia ter sido eu a esquecer de puxar o freio de mão por distração, acho que todo mundo pode ter uma vez na vida um momento de distração; você havia tido tamanho sucesso em sua atuação no departamento... E, de vez em quando, uma desgraça terrível cai sobre uma pequena família tão cegamente quanto um raio.

Nós nos reconciliamos totalmente, Vera. Não foi por não se sentir perdoada que, no fim, você acabou fazendo as malas e indo embora. Você fugiu da minha dor, não suportava viver com a minha dor, pois mal suportava viver com a sua, porque você levava consigo a mesma dor, mas dela era mais difícil fugir. Quando eu continuava tão infeliz,

você não soube distinguir minha dor das velhas recriminações. Mas eu também não sabia o que fazer durante aquelas semanas e, se tivesse uma família em outro país, talvez também tivesse ido embora. Então a viagem à Oceania se mostrou muito oportuna. Havia dor demais em casa, dor demais sob um mesmo teto, e você optou por dividir a dor em duas.

Tínhamos parado na velha ponte para olhar o curso do rio, e quando você terminou a história sobre aquela vez em que Sonja voltou para casa com uma nota de cem coroas dizendo que a tinha encontrado no bolso de uma das professoras da creche, por pouco não quebrei a promessa solene que tínhamos nos feito no hotel naquela mesma tarde. Não é preciso falarmos disso agora, eu ia lhe dizer, mas podemos nos perguntar se não deveríamos tentar recomeçar, só que teria de ser um caminho diferente, não deveríamos voltar a trilhar aquele caminho doloroso que nos obrigara a nos separar.

Nós dois tínhamos considerado o que aconteceu depois da morte de Sonja como algo inevitável. Mas por acaso toda intenção e todo propósito aponta apenas numa direção? Não pode uma coisa que acontece aqui e agora apontar para trás e dar um novo significado a uma coisa que aconteceu antes? Não sei se são muito ousadas as perguntas que lhe faço, mas não poderíamos tentar fazer algo nós dois, a fim de dar um novo significado à morte de Sonja?

Na ponte só pude lhe perguntar se você tinha um novo namorado. E nem sequer lhe dei tempo de responder, porque naquele instante descobri aqueles dois lá embaixo, na margem. Seguiam abraçados, como duas figuras fundidas numa, e os vi nitidamente, porque por alguns minutos passaram diante dos intensos focos que iluminavam a ponte onde estávamos. Lançavam sombras enormes sobre nós, mas pude distinguir uma mulher de vermelho e um homem de preto. Estava convencido de que se tratava de Ana e José. Eu os vira juntos, e naquele momento me senti transportado para o coqueiral de Maravu.

Pus a mão no seu ombro e sussurrei com grande agitação, apontando para eles: “São Ana e José”.

Você olhou para mim com um sorriso gozador. Perguntei-me se aquele sorriso quente e travesso saíra assim porque de repente eu citei nomes que você nunca ouvira ou se se deveu à pergunta que eu havia lhe feito: se você tinha um novo namorado.

Eu mal tinha falado, e então coube a mim: comecei a contar coisas em grande velocidade sobre aquele estranho casal que conhecera em Taveuni, e quanto mais eu contava, mais você ria.

Foi maravilhoso ouvi-la rir de novo! A última vez que eu a ouvira rir tinha sido naquela manhã em que você estava toda nervosa porque ia participar da comemoração de fim de ano do departamento, no cabaré. Falei das frases crípticas que eles haviam recitado em todos os lugares, contei que os espionara na cachoeira Bouma e disse também que Ana era uma célebre dançarina de flamenco, mencionei sua repentina indisposição e com certeza contei muito mais, pelo menos disse que Ana e José eram videntes e que por isso ganharam todas as partidas. Além disso, e era o mais importante, eu tinha absoluta certeza de ter visto Ana antes de conhecê-la em Taveuni, mas era incapaz de descobrir onde. E você ria às gargalhadas; era como se andasse reprimindo por muito tempo o riso, à espera de uma oportunidade para soltá-lo. Você estava convencida de que eu estava brincando. Primeiro falou que eu apontara para o casal porque havia me arrependido de ter perguntado se você tinha um namorado, e não me atrevia a esperar a resposta. Depois você disse que eu tinha começado a inventar histórias com o único fim de retê-la junto do rio. Uma terceira teoria era que eu apontara para um casal de namorados como pretexto para quebrar uma promessa solene. Mas também propôs uma quarta explicação, a que você mais apreciava, e essa você guardou até irmos dormir. Você disse que eu inventara aquelas histórias incríveis com o único propósito de fazê-la rir. E que ficou muito contente com seu próprio riso, você estava radiante por ter reencontrado um tesouro que pensava perdido para sempre. Pois bem, pode tomar nota de que todas as suas explicações tinham algo em comum: eram todas igualmente frívolas.

Lembro de ter me perguntado se devia sair correndo atrás de Ana e José, porque já subiam da margem e se dirigiam para o centro. Mas eu estava com você, e alguma razão você tinha quando dizia que eu queria retê-la o máximo possível junto do rio Tormes sob o suave céu noturno. Era a última noite que estaríamos juntos, e eu estava prestes a iniciar uma das conversas mais importantes da minha vida, até mesmo a quebrar uma promessa. Mas houve outra coisa também. Eu resistia a intervir nessa estreita intimidade de que mais uma vez havia

sido testemunha. E se de repente tivesse desatado a correr, você teria interpretado a corrida de pelo menos quatro maneiras, e com certeza eu teria provocado uma nova gargalhada sua.

Quanto você riu, Vera. Suponho que eu estava aturdido demais e com certeza parecia um palhaço. Como você ria!

Só uma vez consegui penetrar naquele espesso manto do seu riso. Quando Ana e José desapareceram em direção ao centro da cidade, eu repeti muito sério que os reconheceria, mas você falou: “Não passam de ciganos, Frank”.

Quando retornávamos ao hotel, já havia dois assuntos proibidos: o primeiro era Ana e José; o segundo, Frank e Vera.

Na manhã seguinte você voltou para Madri de trem, a fim de seguir viagem para Barcelona. Eu lhe dissera que talvez ficasse outra noite em Salamanca. Você continuava não acreditando em mim, suponho que tinha sua teoria para explicar por que eu queria ficar mais tempo do que havia pensado.

Acompanhei-a até a sua porta nessa última noite. Fazia apenas alguns meses que não dormíamos na mesma cama, e me pareceu triste e absurdo não compartilharmos mais o mesmo quarto. Nós nos sentíamos mais estranhos do que nos sentiríamos se não tivéssemos nos conhecido antes.

Na manhã seguinte dormi até tarde. Depois saí à procura de Ana e José. Primeiro passei a esmo pelas ruas, em alguns lugares perguntei se alguém conhecia um tal de José e uma tal de Ana, ao que parecia um jornalista de televisão e uma dançarina de flamenco, respectivamente, mas era claro que minha busca não daria resultado se eu não soubesse o sobrenome deles.

Não havia chegado a tempo de tomar o café da manhã no hotel, assim entrei no turbulento café da plaza Mayor, onde havíamos almoçado juntos na véspera e você tinha emitido sua opinião sobre a crítica de Gibbons à minha palestra. Pedi uma *tortilla* e uma cerveja. Tive uma sorte absurda porque, pouco depois, Ana entrou apressadamente no local. Não notou minha presença, e quando me virei, descobri José sentado atrás de uma coluna no fundo da sala, esperando-a. Talvez ele também não houvesse me visto.

Apurei os ouvidos e percebi que sussurravam algo, mas a distância era grande demais para que eu pudesse entender o que diziam. Resolvi

terminar a *tortilla* e me aproximar para cumprimentá-los. Afinal de contas, era uma estranha casualidade termos nos encontrado a tanta distância de Maravu. Naquele instante, ouviu-se no local uma música flamenca, e pensei que talvez fosse em homenagem à dançarina de flamenco. De todo modo, cantaram com voz rouca sobre amor e abandono, vida e morte, e eu me virei para correr os olhos pelo interior do salão. Pareceu-me que Ana estremecia, e lembro de ter pensado que talvez tivesse de se conter para não se levantar e ir dançar ao som daqueles ritmos profundos.

E de fato se levantou, mas não foi para dançar. De repente, saiu tão depressa quanto havia entrado. Virou-se para José e gritou:

— Quero ir para casa! Está ouvindo? Quero ir para Sevilha!

Pensei que em todas as famílias se fazem cenas de muita emoção, mas não tive tempo de refletir sobre isso, porque, ato contínuo, José também saiu correndo do café. Ergui-me de um pulo e me pus diante dele.

— José? — disse.

— Frank! — ele exclamou.

Seus olhos soltavam faíscas, e ele estendeu os braços como se quisesse dizer “Deus me proteja!”, ou algo do gênero. Mas também estava muito apressado, e voltando a correr disse apenas:

— Precisamos conversar, Frank! Costuma ir de vez em quando ao Prado?

Isso foi tudo, Vera. Passei o resto do dia passeando por Salamanca, mas não voltei a ver Ana e José.

“Precisamos conversar, Frank! Costuma ir de vez em quando ao Prado?”

O que significava aquilo? Por que o Museu do Prado? Tive a sensação de já ter ouvido algo parecido. E lembrei de repente da despedida de John no Maravu Plantation Resort. Ele também havia se despedido convidando-me para ir ao Museu do Prado. Eu não precisava de tais conselhos, pois fui eu que em primeiro lugar dissera ao autor inglês que gostava especialmente dessa pinacoteca.

Pois bem, pude adivinhar algumas coisas. Quando parti de Maravu, após a indisposição repentina de Ana, John me prometera cumprimentar Ana e José por mim. Com certeza deve ter lhes dito que eu gostava da arte espanhola; se você é espanhol, suponho que

goste de ouvir que outros gostam da arte espanhola. Mas por que o Prado, e não o Thyssen ou o Rainha Sofia, por exemplo? E por que quis que eu lhe dissesse se gostava mais de Goya, Velásquez, El Greco ou Bosch? Que eu devia reservar tempo bastante para ver tudo bem detalhadamente, dissera John.

Na manhã seguinte peguei cedinho o trem para Madri. Sentado no vagão, contemplava as cercas de pedra, enquanto avançávamos pela meseta castelhana. Havia alguma coisa naquela paisagem cultural que me fez pensar na alta montanha norueguesa.

Ao avistar as fantásticas muralhas de Ávila, pensei em Santa Teresa, e dela meus pensamentos retrocederam a Laura no Maravu Plantation Resort, associando o misticismo religioso a seu olho castanho, embora não vá negar que foi o olho verde e o carinho que Laura me dedicou que mais tempo permaneceu em meu corpo. A doce recordação foi imediatamente interrompida por algo que nunca pude esquecer: a outra vez em que eu estivera em Salamanca, tinha visitado a igreja do convento de Alba de Tormes, onde se guardam, coisa um tanto macabra na minha opinião, os restos de Santa Teresa. Vi um braço atrás de uma porta à esquerda da sacristia, e seu coração atrás de uma porta à direita. No convento também pudera estudar o dedo indicador de São João da Cruz, o outro grande místico espanhol. Os dois tiveram intensos pensamentos e visões, depois haviam sido enterrados. *Rest in pieces*,** pensei.

Ao chegar à estação de Chamartín, peguei um trem para Atocha, de onde fui andando até o Hotel Palace, onde pedi um quarto por tempo indefinido. Tinha a sensação de não poder voltar à Noruega antes de me recuperar. Além do mais, não era nada fácil abandonar a Espanha sabendo que você estava em Barcelona. Em Oslo eu só tinha a mim mesmo — nada, em outras palavras.

* Reação física que pode se produzir no corpo ante a beleza. (N. T.)

** Trocadilho que joga com a homofonia *peace/piece: rest in pieces*, “descanse em pedaços”, por *rest in peace*, “descanse em paz”. (N. T.)

BELLIS PERENNIS

EU MESMO ERA UM ENIGMA, porque, afinal de contas, não tinha visitado o Museu do Prado até quase duas semanas depois da minha chegada. Tantos comentários, só porque me ocorreu mencionar que costumava dar uma volta por esse generoso museu quando ia a Madri, pareceram-me muito exagerados, e eu não gostava de receber ordens de ninguém, muito menos de ir até lá forçado. No entanto, visitei o Thyssen e o Rainha Sofia no correr dessas duas semanas, museus que não visitava fazia anos.

Trouxera muito material para minha conferência em Salamanca, e continuei trabalhando em meu quarto do Palace nesse relatório em que me debruçava havia meses. Aproveitei a oportunidade para visitar alguns colegas da Universidade Complutense, passei algumas manhãs na Biblioteca Nacional e visitei pela primeira vez o zoológico da Casa de Campo.

Em duas noites fui a duas diferentes casas de flamenco, não por esperar encontrar Ana lá, mas porque tinha a esperança de ver seu nome em algum cartaz ou folheto. Mais cedo ou mais tarde teria de voltar a vê-los, mas também não queria investigar demais, pelo menos não ainda, era melhor deixar o tempo passar em Madri. Também não era muito improvável que algum dia eu topasse casualmente com um jornalista da televisão sob a cúpula do Palace.

A hospedagem no Palace me levou rapidamente o salário do mês, e se continuo neste hotel tão exclusivo não é apenas por velhos hábitos, nem na realidade porque você e eu tenhamos recordações muito especiais deste lugar, mas é porque é o único hotel da cidade em que haveria uma probabilidade mínima de você me procurar. Confesso que mantinha viva a esperança de que um dia você ligaria para mim em Oslo, em parte por causa do que acontecera na última noite em Salamanca, onde pelo menos conseguira fazê-la rir de novo. Se não me encontrasse em casa, talvez acabasse telefonando para meu departamento na faculdade, embora isso fosse com certeza lhe custar um enorme esforço. Lá diriam a você que eu estava em Madri. Passada uma semana, eu fizera a secretária do departamento saber em

que hotel estava hospedado.

Um dia acordei repentinamente do que hoje considero um estado de hibernação. De repente, uma bela manhã me dei conta de que era um idiota e de que havia me descuidado muito. Tinham me sugerido abertamente que visitasse o Museu do Prado, não para vagar a esmo, mas em busca de algo muito concreto. No que concernia ao inglês, fora uma indicação de alguma coisa, como se ele quisesse me dar uma pista, e da parte de José fora quase uma súplica. Era óbvio que o Prado era uma pista, e não apenas um eco da minha conversa sobre os tesouros do museu, no quarto temos um Monet e penduramos um espelho barroco na lareira...

Isso aconteceu terça-feira, faz dois dias. Atravessei a passo decidido a plaza de Cánovas del Castillo, ou “de Neptuno”, como a chamamos, porque no centro dela há um chafariz com uma escultura de Netuno. Ao me aproximar da entrada do Prado, apreciei a estátua de Goya, com o suntuoso Hotel Ritz ao fundo. Agora estava chegando perto da solução do mistério.

Comecei pelo térreo, onde me demorei um bom tempo, inclusive estudando os visitantes. Então cheguei ao quadro caleidoscópico *O jardim das delícias*, de Hieronymus Bosch. Se tivesse de escolher uma pintura que resumisse meu sentimento vital relacionado com a situação do ser humano como vertebrado, escolheria essa. Junto de mais de cem figuras humanas enfeitiçadas, o pintor também pôs em seu quadro outros tantos animais vertebrados. Se estivesse participando de um jogo de associações e a palavra-chave fosse *imaginação*, eu teria dito sem vacilar “Bosch”. Se a palavra-chave fosse *Bosch*, eu teria dito sem pensar “*O jardim das delícias*”. Se a palavra-chave fosse *O jardim das delícias*, eu teria dito “frágil”, e se tivesse a oportunidade de responder com uma frase inteira ou, melhor ainda, com uma breve declaração, teria dito que a vida é maravilhosa e misteriosa, mas, ai, tão frágil e decrépita...

Permaneci diante do *Jardim das delícias* pelo menos meia hora, o que não é nada do outro mundo, porque o quadro mereceria pelo menos uma semana inteira. Estudei alguns detalhes menores, em várias ocasiões tive de deixar outras pessoas se porem na minha frente. E então, Vera, então ouvi uma voz conhecida às minhas costas.

— Precisa-se de bilhões de anos para criar um ser humano — disse

a voz. — E ele só precisa de alguns segundos para morrer.

Virei-me lentamente para José, e compreendi no mesmo instante que o que ele acabava de me dizer não pretendia ser a interpretação de um quadro pintado quase quinhentos anos antes, mas que Ana tinha morrido.

Ana tinha morrido: Ana, que não quisera revelar onde eu a vira antes, Ana, que não quisera dançar flamenco, Ana, que sofrera uma indisposição repentina na mesa do café da manhã, Ana, que fazia apenas alguns dias havia deixado aquele café de Salamanca com uma acalorada exclamação de que queria voltar para a sua Sevilha.

Não foi apenas o breve aforismo que me fez entender o que acontecera. Encarei um rosto pálido e doentio que havia estado num lugar muito, muito distante, e que ainda não tivera tempo de procurar um caminho de volta. Uma velha impressão visual passou velozmente por minha cabeça. Em Salamanca, José tinha me lançado um olhar quase de pânico ao exclamar: “Precisamos conversar, Frank! Costuma ir de vez em quando ao Prado?”. Nesse momento, inclinou-se diante do quadro e apontou para a esquerda, para um casal de amantes dentro de uma bola de vidro. Sussurrou, alterado e agitado:

— A felicidade é tão frágil quanto o vidro.

Não falamos mais nada por um bom tempo, mas eu tinha certeza de que ele sabia que eu havia entendido suas palavras. Começamos a passear devagar pelas salas e subimos ao primeiro andar. De repente ele falou:

— Éramos inseparáveis.

Não consegui dizer nada, mas olhei em seus olhos resignados e creio que minha fisionomia e minha expressão revelaram meu espanto e minha compaixão. Ao mesmo tempo eu estava me aproximando da solução do enigma, porque José me guiou até a coleção de Goya, e de repente nos encontramos diante dos quadros da *Maja desnuda* e da *Maja vestida*. Por pouco não desmaiei, e José certamente percebeu, porque me agarrou com força pelo braço esquerdo. Era Ana!

Era Ana, Vera. Era ali que eu a tinha visto antes, tantas vezes. Eu havia me perguntado se a vira num filme ou encontrara com ela num sonho. Cheguei até a pensar que a teria conhecido numa outra realidade. Mas ali estava. Ali estava Ana, recostada numa chaise-longue do estúdio de Goya, ali estava ela, pendurada na parede do Museu do

Prado, nua e vestida. Em torno dos quadros pululavam turistas curiosos.

Enquanto José continuava me segurando pelo braço, voltei mentalmente alguns segundos para a cachoeira Bouma em Taveuni, onde por um instante eu espiara Ana nua às escondidas. Foi aí que cheguei à conclusão de que só reconhecia seu rosto, e nesse momento entendi por quê: porque Ana era notavelmente mais esbelta do que a *maja* de Goya, e talvez por isso eu não houvesse conseguido identificar as duas. Pois bem, quando vi pela primeira vez Ana com o vestido vermelho, tive dois pensamentos simultâneos: tinha certeza de tê-la visto antes, mas tinha ao mesmo tempo certeza de que havia algo que não encaixava.

Agora muitas coisas começavam a encaixar. John falara algo sobre a internet; com certeza não seria difícil encontrar na rede os quadros mais importantes de Goya. Depois, ele me sugerira que visitasse o Prado. Mas por que não tinha me contado tudo?

José e eu retrocedemos alguns passos. Eu me sentia comovido, confuso e assustado. Não tivesse Goya pintado aqueles quadros duzentos anos antes, eu juraria que Ana era o modelo deles, ou pelo menos do rosto da retratada.

Havia algo mais. Ana não gostava que a reconhecessem, e era óbvio que isso também não agradava nem um pouco a José. “Há muitas morenas na Espanha, sabe, Frank? E em Madri também.” Sua resposta ficara gravada na minha memória. Agora eu podia imaginar como devia ter sido chato Ana ser reconhecida constantemente. E, sobretudo, devia ter sido duríssimo ser reconhecida como uma mulher que vivera na Espanha duzentos anos antes.

E a situação não melhorou quando John Spooke pôs um dedo na testa de Ana dizendo: “E o nome desse espírito é Maya!”. Ele se referia à filosofia vedanta, à miragem, à ilusão e à alucinação, mas talvez pensasse também na *maja* de Goya. E não tinha se referido a Ana como uma “obra-prima”? E ali estava eu, no Museu do Prado, sendo testemunha da maior miragem que eu jamais tivera.

Uma coisa monstruosa me passou pela cabeça. Por que Ana tivera aquela súbita indisposição em Maravu? E por que tinha morrido meses depois? Poderia haver uma relação entre o fato de ela se parecer com a *maja* de Goya e de ter morrido tão jovem?

Falei:

— É idêntica.

José negou com a cabeça.

— É ela — disse.

— Mas isso é impossível.

— Claro que é impossível. Mas é Ana.

Ficamos um bom tempo no fundo da sala conversando em voz baixa.

José me perguntou:

— Conhece a história desses quadros?

— Não — respondi.

Acho que eu continuava boquiaberto. Ele prosseguiu:

— Ninguém conhece, não totalmente, mas alguma coisa se sabe.

Eu estava impaciente.

— E o que é que se sabe?

— A *Maja desnuda* é mencionada pela primeira vez por Juan Agustín Ceán Bermúdez e pelo gravador Pedro González de Sepúlveda, que descreveram o quadro no ano de 1800, quando estava pendurado num gabinete privado do palácio de Manuel Godoy junto com outros quadros clássicos de mulheres nuas, como *Vênus e Cupido* de Velásquez, além de uma *Vênus* italiana do século xvi. Ambos os quadros foram roubados da duquesa de Alba pela rainha e seu amante Godoy.

— Godoy tinha uma predileção especial pelos nus femininos?

— Ao que parece, tinha. No mesmo gabinete também havia uma cópia da *Vênus* de Ticiano. Nessa época, os quadros com nus femininos eram malvistos, embora os nus mais idealizados de figuras mitológicas, como *Vênus*, não fossem considerados tão censuráveis quanto *La maja desnuda*.

— Por quê?

— Como você pode ver, a *maja* de Goya é muito diferente das figuras mitológicas. É uma mulher de carne e osso, e, obviamente, é a reprodução de um modelo vivo, e por isso mesmo era um quadro mais picante, ou decadente, se preferir, do que, por exemplo, as *Vênus* de Ticiano e Velásquez. Era considerada pornografia.

— Entendo.

— Por exemplo, Carlos iii ou Carlos iv pensou em destruir todos os quadros desse gênero que faziam parte da coleção real, mas parece que se concedeu a Godoy um privilégio especial para conservar seus

quadros, embora apenas em seus aposentos.

— Também tinha *La maja vestida*?

— Sim. É bem provável que *La maja vestida* tenha sido pintada depois de *La maja desnuda*, porque não foi mencionada antes de 1808, num catálogo elaborado pelo pintor francês Frédéric Quilliet, que era agente de José Bonaparte. Esse catálogo cita *La maja vestida* junto com *La maja desnuda*.

Baixou a voz para que os que passavam diante de nós não ouvissem. Depois acrescentou:

— Sabe o que é uma *maja*? Goya pintou várias.

— Uma camponesa? — sugeri.

— Ou uma mulher bonita do povo, uma mulher bonita e vestida para uma festa. O correspondente masculino é *majo*.

— Poderíamos dizer que Ana era uma *maja*?

José fez um enérgico gesto negativo com a cabeça.

— Ana era cigana. Por certo, é duvidoso que *La maja* fosse o título original dado por Goya. Quando Fernando VII confiscou as propriedades de Goya em 1813, as mulheres de ambos os quadros foram qualificadas de “ciganas” num catálogo, o que é bem diferente de uma *maja*. Também em 1808 se dizia que as mulheres dos quadros eram ciganas. Não devemos esquecer que eles haviam sido pintados só alguns anos antes, o pintor ainda gozava de boa saúde e ainda faltava muito para que fosse viver, para não dizer se exilasse, na França. Já em 1815 as mulheres dos quadros foram chamadas de *majas*, uma denominação que desde então acompanhou as pinturas.

José fez uma pequena pausa, e eu lhe pedi que continuasse. Não entendia que importância podia ter o fato de a mulher dos quadros ser uma *maja* ou uma cigana. Isso não alterava em nada o fato de que Goya havia pintado um rosto nada menos que duzentos anos antes de esse rosto poder ser contemplado sob o céu. Ele prosseguiu:

— No mês de março de 1815, Goya foi chamado pela Inquisição por causa dos dois quadros. Pediram-lhe que reconhecesse tê-los pintado, que esclarecesse por que os pintara, a pedido de quem e com que fim. Essas perguntas nunca foram respondidas, e até hoje ninguém sabe com certeza a pedido de quem os quadros foram pintados.

Já não havia tanta gente diante das *majas*, e voltei a contemplá-las. Falei:

— Não é difícil entender por que você estudou tão a fundo a história desses quadros...

José recomeçou:

— Há muitos indícios, como eu já disse, de que a versão nua tenha sido pintada primeiro. Os dois quadros estavam no palácio de Goya, e ele também teve, no fim das contas, que se haver com a Inquisição. Talvez *La maja vestida* tenha sido pintada com a finalidade de ser posta sobre a nua. Além do mais, há indícios de que os quadros fizeram parte de uma espécie de brincadeira: primeiro aparecia a mulher vestida, e depois, mediante um mecanismo, o quadro girava, e então aparecia a mulher nua. Desnudar as mulheres é, como sabemos, um velho esporte.

Senti-me transportado outra vez para a cachoeira Bouma. Naquela ocasião, eu havia separado intencionalmente os dedos com que tapava os olhos.

José prosseguiu:

— Entre 1836 e 1901, estiveram na Academia de Belas-Artes de San Fernando, mas ali nunca foi exposta ao público a versão nua. Desde 1901, os quadros se encontram no Museu do Prado, e mesmo aqui *La maja desnuda* esteve de início exposta numa sala de acesso limitado.

Quis saber mais, porque, embora tivesse registrado tudo o que ele contara, eu só pensava em Ana.

— E se sabe quem foi o modelo dos quadros? — perguntei.

Ele arqueou as sobrancelhas.

— Ou modelos — precisou.

Voltei a contemplar os quadros.

— Mas são tão idênticos...

— Aproxime-se mais e observe bem, antes de emitir uma opinião.

Obedeci. Podia parecer que *La maja vestida* fora pintada mais depressa e com menos detalhes do que a nua; a mulher estava mais volumosa e mais maquiada do que na variante nua. Já sabemos que a *maja* nua foi pintada antes, e talvez Goya tivesse se apressado em pintar uma equivalente vestida para cobrir a nua. Mas era a mesma mulher, e as duas eram Ana, embora só cabeça, rosto e cabelos fossem de Ana. E essa era a chave, claro. De repente me pareceu óbvio que Goya tinha pintado primeiro o corpo nu de uma mulher, depois o rosto de outra mulher em cima do nu. Com bastante atenção, qualquer

um podia ver que a figura da mulher estava dividida em duas partes: cabeça e corpo. E isso era apreciado com mais nitidez na mulher nua.

Eu estava olhando para o rosto de Ana, mas não para o corpo. Era como se a cabeça de Ana tivesse sido transplantada para o modelo nu.

Voltei para junto de José.

— Utilizou dois modelos — observei. — Um para o corpo e outro para a cabeça.

Ele fez um gesto afirmativo e não sorriu, aquilo não era um jogo para ele. Disse:

— O modelo do nu por certo era uma mulher honesta, e obviamente Goya não podia pintar seu rosto.

— E não se tem nenhuma ideia de quem podia ser essa mulher honesta?

— Existem várias teorias. Uma, muito conhecida, é que os quadros foram encomendados por Godoy, que era o favorito da rainha, e que o modelo, isto é, o modelo do nu, foi sua amante, Pepita Tudó. Nesse caso, seria especialmente importante esconder sua identidade, está claro. Mas também existe outra teoria.

— E qual é?

— Sabemos que a duquesa de Alba manteve por algum tempo uma estreita relação com Goya, e entre 1796 e 1797, época em que ele pintou *La maja desnuda*, Goya viveu na casa de campo da duquesa, em Sanlúcar de Barrameda, na foz do Guadalquivir. Já em princípios do século XIX, corria um insistente rumor de que a duquesa de Alba era o modelo da *Maja desnuda*. Por trás do boato podia haver conhecimentos de primeira mão, e quanto mais antigo um boato, mais razão há para acreditar nele.

— Entendo — falei. — Entendo!

— Se você viu outros quadros que Goya pintou da duquesa, tanto o famosíssimo de 1797, como o desenho da duquesa se penteando, também de 1796 ou 1797, não há nada na mulher que impeça que ela também possa ter sido o modelo de *La maja desnuda*.

— Tiveram um relacionamento amoroso?

— Isso ninguém sabe, ainda que haja muitos indícios de que Goya não teria nada contra um relacionamento com tais características. Numa carta de 1795 conta que a duquesa o visitou em seu estúdio para que ele a maquiasse. E acrescenta: “Isso me agradou mais do que

pintá-la em tela”. Na pintura a óleo realizada em Sanlúcar, ele a pintou de preto com xale, e ela usa dois anéis com a inscrição “Alba-Goya”. Tem mais: a duquesa aponta com um dedo autoritário para um ponto no chão de areia em que se vê gravado: “Só Goya”. A duquesa de Alba era, sem dúvida, uma mulher bonita e atraente, e enviuvou no dia 9 de junho de 1796, quando o duque de Alba morreu em Sevilha.

— Então por que não poderiam ter mantido um relacionamento amoroso?

— O quadro da duquesa pertenceu ao próprio Goya, e pode se tratar mais de fantasias e desejos do que de fatos reais. Embora, ao que consta, a duquesa fosse uma mulher muito liberal, parece improvável que tivesse aceitado um retrato que mostrava tão impiedosamente sua arrogância. E, por outro lado, que probabilidade havia de que uma bela mulher de trinta e quatro anos se apaixonasse por um cinquentão, meio debilitado e, ainda por cima, completamente surdo?

— Ah, é verdade, ele teve aquela doença...

— No entanto, não há nada que exclua a possibilidade de essa mulher ter sido o modelo do quadro em questão. Os desenhos que Goya fez da duquesa podem indicar que ele teve uma quase total liberdade de movimento dentro da esfera da sua intimidade. Mas nunca se saberá que tipo de relação houve entre ambos, e hoje isso já não tem a menor importância. O que se sabe com certeza é que uma grande amizade uniu os dois por certo período.

Eu continuava olhando fixamente para o rosto da mulher, porque era incapaz de parar de pensar em Ana.

— Até agora só falamos da mulher que pode ter sido o modelo do corpo — notei. — Não dissemos nada sobre quem possa ter sido o modelo da cabeça.

Não sei se percebi o leve sinal de um sorriso. Ele replicou:

— É uma história muito mais comprida, e muito mais complicada também. Portanto, é muito mais difícil de entender. Vamos embora?

Concordei.

— Já viu bastante, não?

Aproximei-me dos quadros pela última vez e olhei nos olhos de Ana. Exatamente daquela maneira ela havia me olhado muitas vezes em Taveuni, com a boca estreita fechada e os olhos negros de soslaio.

Fui atrás de José e nos afastamos da coleção Goya, descemos as escadas até o térreo e saímos na plaza de Murillo. José se dirigiu decidido para o Jardim Botânico, tirou duzentas pesetas do bolso para a entrada, e eu fiz a mesma coisa, limitando-me a segui-lo.

Pusemo-nos a passear pelo jardim e fomos imediatamente envolvidos por uma sinfonia de aromas de todas as plantas e árvores em flor. Estávamos no início de maio. Os pássaros também se achavam muito atarefados, era praticamente impossível diferenciar seus trinos.

No começo, José andava mais ou menos dois passos à minha frente, mas logo me deixou alcançá-lo. Sem se virar, disse:

— Ana adorava este oásis de Madri. Sempre que visitávamos a capital, exigia vir aqui pelo menos uma vez por dia, fosse qual fosse a época do ano. Enquanto eu assistia a reuniões, ela era capaz de passar meio dia sozinha aqui, e se eu fosse a alguma reunião às dez, vinha buscá-la na hora do almoço. Ela sempre descobria alguma coisa nova. Era uma espécie de jogo eu ir procurá-la entre as árvores. Toda vez tinha que me perguntar onde a encontraria naquele dia, quanto tempo levaria para encontrá-la e, sobretudo, que novidade ela teria para me contar. Quando ela me via primeiro, brincava de esconder ou até de me seguir escondida enquanto eu a procurava. Pouco a pouco fui aprendendo os nomes de todas as árvores e arbustos, e no fim sabia exatamente a que árvore pertencia cada passarinho.

— Mas vocês viviam a maior parte do tempo em Sevilha, não é?

Primeiro ele fez um gesto afirmativo, depois se contradisse:

— Há sete ou oito anos comecei a trabalhar numa série de televisão sobre a história dos ciganos na Andaluzia. Quis buscar novo material sobre o desenvolvimento da cultura cigana no velho crisol de tradições ibéricas, gregas, romanas, celtas, mouras, judias e, claro, cristãs. Foi assim que conheci Ana em Sevilha, onde já era uma destacada *bailaora* de flamenco, na verdade já o era desde os dezesseis anos. Ao cabo de algumas semanas tínhamos ficado inseparáveis, e desde então não nos separamos mais nem por uma noite.

Eu continuava tão petrificado com a assombrosa semelhança entre Ana e a *maja* de Goya, que tinha de me esforçar para ouvir o que José dizia. Ele prosseguiu sem olhar para mim:

— Ela se chamava Ana María. Era o que punha nos cartazes, e era assim que sua família a chamava. Se eu a chamava de Ana, era para

ter meu jeito carinhoso de chamá-la.

— E qual era seu sobrenome?

José fez um enérgico gesto afirmativo, como se esperasse a pergunta, e respondeu:

— Maya.

— Como disse?

— Seu nome completo era Ana María Maya.

Emudeci. Ana não apenas era idêntica à *maja* de Goya, como também se chamava Maya. Voltei a pensar em Taveuni, quando John Spooke pôs um dedo na testa de Ana, manifestando desse modo que conseguira descobrir que ela se chamava Maya. José não tinha gostado daquilo.

— Não é possível — exclamei.

Reafirmou o que havia dito.

— Não é um sobrenome raro entre artistas de flamenco na Andaluzia. O mais conhecido é o *bailaor* Mario Maya. Mas também sua filha, Belén Maya, ficou famosa, assim como seu sobrinho, Juan Andrés Maya. Ana pertencia a outra família Maya, pelo menos a outro ramo da família.

— Quer dizer alguma coisa?

— Maya é o nome de uma planta da família das compostas, a belamargarida, em latim *Bellis perennis*. Não sei por que essa flor se chama *maya* em espanhol, talvez provenha do mês de maio; em alguns países é chamada de “flor-de-maio”. O nome em latim indica que é perene. Por outro lado, em espanhol a palavra *maya* também pode designar uma moça que preside os festejos populares nas festas de maio, ou uma mulher enfeitada, ou mascarada.

— Quase como a outra palavra — notei. — Quer dizer, tem praticamente o mesmo significado que *maja*.

— Sim. E as duas palavras têm a mesma origem indo-europeia. A mesma raiz está na palavra *maio*, no nome da deusa romana da primavera e da agricultura, Maia, também em todos os derivados do latim *magnus*, “maior”, como em “plaza Mayor”, em derivados da palavra grega *megas*, numa série de palavras indo-europeias que significam “muito”, ou, por exemplo, na palavra sânscrita *maha*.

— Como em *mahatma*, a alma universal?

Ele assentiu com a cabeça.

— De que Laura tanto falava em Maravu — comentei. — Laura falava de *Gaia* e *maya*, e na Espanha se fala de *Goya* e *maja*. Era como se houvesse conexão entre certas coisas.

— Tudo está relacionado — postulou José, e quando ouvi isso foi como se ouvisse a voz de Laura.

Ele continuava sem me fitar. Estávamos rodeando um chafariz de mármore quando falou:

— Ana María era a filha mais nova de uma família cigana, com uma grande tradição, que vivia no bairro sevilhano de Triana desde o início do século passado, e lá continuam vivendo seus pobres pais e dois de seus avós. Um ramo da família descenderia do legendário *cantaor* de *cante jondo* El Planeta, fundador do que seria esse estilo tão particular da escola de Triana. Ele era natural de Cádiz e viveu entre 1785 e 1860, aproximadamente. Supõe-se que seu apelido se deva ao fato de que acreditava na influência das estrelas e dos planetas, pelo menos há uma porção de alusões aos corpos celestes nas suas canções. Seu nome também pode estar relacionado à sua condição de “errante”: uma “estrela errante”. No começo do século XIX chegou a Sevilha, onde trabalhou nas forjas de Triana, um ofício muito comum entre os ciganos da época. Segundo a família, era tataravô de Ana, embora eu não tenha conseguido encontrar nenhuma confirmação desse parentesco, fora da própria tradição esotérica da família. Bem, depois de sete gerações, não duvido que tenha centenas, até milhares de descendentes, e por que Ana não seria um deles?

— Continue.

— Em apenas algumas semanas, Ana e eu nos unimos por laços muito fortes, excepcionalmente fortes, e ela abriu para mim toda uma tradição familiar que não só me interessou muito mas que também me era bastante útil, para a série de televisão em que estava trabalhando. É claro que nunca a terminei.

— E por que não?

— Eu mesmo me transformei em cigano andaluz, pelo menos num entusiasta e amante dos mistérios da cultura flamenca. Sentia-me um genro adorado naquela família tão consciente das suas tradições e, claro, não podia fazer uma série de televisão sobre minha própria família, pois começava a ficar sabendo coisas demais, porque, como já comentei com você, havia também certos aspectos esotéricos nessas

tradições familiares. O que os ciganos andaluzes melhor souberam fazer por mais de quinhentos anos foi guardar segredos. Durante longos períodos também tiveram que se esconder debaixo da terra para escapar da Inquisição. Pois bem, na família de Ana se contava por muitas gerações uma história muito especial, uma história incrível que remontava a El Planeta e que, além disso, se relacionava com a morte do bisavô de Ana numa briga, em 1894. A questão é se essa história cigana, chame-a lenda se quiser, pode esclarecer o que aconteceu com Ana. Agora, não há dúvida de que essa história anuviou sua vida.

— Conte, conte.

Parou no caminho de cascalho e me olhou nos olhos.

— Primeiro vou contar o que aconteceu.

Continuamos andando, e ele contou:

— Mais ou menos dois anos depois de nos conhecermos, constatou-se que Ana tinha uma lesão cardíaca, uma lesão leve, dificilmente operável, pelo menos não sem um risco sério. Teria que viver com esse problema o resto de seus dias, mas não precisaria tomar medidas especiais na vida cotidiana. Contudo, com o passar dos anos, de vez em quando sua circulação sanguínea piorava tanto que Ana perdia a cor, embora isso só durasse um ou dois minutos, o que, segundo os médicos, não era em si muito alarmante, mas, bem, era o suficiente para nos deixar, a Ana e a mim, aterrorizados. Seu primeiro acidente sério ocorreu há pouco menos de um ano, quando ela desabou no palco e teve que ser levada de ambulância para o hospital. Os médicos continuaram emitindo suas mensagens tranquilizadoras, mas determinaram que ela parasse de se apresentar. O flamenco é uma dança muito apaixonada, sabe, muito apaixonada. Também lhe recomendaram, e não sei qual das duas notícias foi pior, que não tivesse filhos.

— Como Ana reagiu a isso tudo?

Ele bufou, quase com desdém.

— Pessimamente. O flamenco era a alma de Ana. E ela também queria ter filhos, chegava até a comprar roupa de criança quando via alguma de que gostava muito.

— E então foram para Fiji?

José não respondeu.

— Depois você e eu nos encontramos em Salamanca — falou. —

Ana e eu já vivíamos em Madri, mas tínhamos ido a Salamanca visitar minha família. No café da plaza Mayor, de repente começaram a tocar flamenco, e o grupo que tocava era um com que Ana havia trabalhado em Sevilha alguns anos antes. Vi como a vontade de dançar deixava seu corpo tenso; ela começou a bater ritmicamente na mesa, e eu pedi que parasse com aquilo, não queria que se torturasse. Nesse momento, levantou-se bruscamente e disse que queria voltar à sua Sevilha. Temi não ser capaz de mantê-la afastada da dança, mas fomos a Sevilha e passamos uns dias com seus pais, em Triana. Fazia seis meses que não íamos para lá, e enquanto lá estivemos demos longos passeios pelo Parque de María Luisa, pela plaza de España, pelos jardins do Alcázar e pelo bairro de Santa Cruz. Mas não consegui levá-la à plaza de Santa Cruz, onde ela dançara todas as noites nos últimos anos e de onde saíra de ambulância na última vez que se apresentou. Não falou nada disso então, nem uma palavra sobre seu problema cardíaco, mas cada vez que nos aproximávamos da velha cruz de ferro forjado da praça onde antes se erguia a velha igreja, ela me pegava pelo braço e me conduzia por alguma ruela que levava a outro lugar.

José e eu já tínhamos chegado ao extremo do Jardim Botânico, onde um rochedo coberto de plantas confina com a calle Claudio Moyano e sua longa fileira de caixas de livros antigos e usados, onde há alguns anos você comprou uma velha tradução de *Victoria*, de Knut Hamsun, lembra? José sentou na beira do chafariz de mármore, e eu o imitei. Continuou:

— Gostávamos muito de passear pelos jardins do Alcázar; eu os mostrei a Ana porque, embora ela tivesse sido criada em Sevilha, nunca estivera no Alcázar antes. A partir de então, esse lugar se tornou seu refúgio em Sevilha, e em certas épocas passeávamos pelos jardins pelo menos duas vezes por semana. Bem, no terceiro dia em Sevilha, passeamos pelos jardins como tantas outras vezes. Esse espaço fechado nos parecia um mundo à parte, e naquele dia dizíamos brincando que iríamos nos enclausurar nos jardins do Alcázar e viver ali o resto da nossa vida. Talvez não devêssemos ter dito isso. Não deveríamos ter dito isso!

— E depois? — eu quis saber. — E depois?

— Sentamos num banco perto do café, e, de repente, Ana viu um anão. Primeiro apontou para a Puerta de Marchena e disse que tinha

visto um anão aparecer na Galería del Grutesco. “Tirou uma foto minha”, falou, como se isso fosse uma ofensa mortal. E no mesmo instante nós dois vimos a pequena figura olhar para nós de uma das ameias do comprido muro que divide os jardins do Alcázar em duas partes, a velha e a nova. De novo o anão tirou uma foto nossa com sua máquina. “Olhe, ele está ali!”, exclamou Ana. “O anão dos guizos!”

— Quem? — interrompi. — Que anão?

José não respondeu, limitando-se a continuar seu relato:

— Ana se levantou bruscamente do banco e saiu correndo atrás do anão, que voltamos a ver aparecer na Puerta de Marchena. Creio que tentei retê-la, mas afinal optei por segui-la, porque desde que conhecia Ana, tinha ouvido falar de um anão. Perseguiu-o primeiro para a esquerda, passando pela porta de ferro forjado e em frente ao tanque com a estátua de Mercúrio, depois desceu as escadarias até o Jardín de la Danza e o Jardín de las Damas, passou pelo chafariz de Netuno, pelo grande portão e deu a volta pelo caramanchão de Carlos v, entrou no Labirinto com suas cercas vivas altíssimas, voltou a sair e continuou correndo pela Galería del Grutesco, para depois virar à direita, atravessando a Puerta del Privilegio, e finalmente descer até o Jardín de los Poetas. Tanto o anão como Ana corriam mais que eu, e além do mais tive que suportar vários gritos, pois devia parecer que Ana e eu estávamos perseguindo um pobre anão, embora na realidade fosse o contrário: ela decidira ir atrás dele para acabar com aquela história de uma vez por todas. No Jardín de los Poetas, Ana desabou sobre a cerca viva, junto do último tanque, a pouca distância da plaza de Santa Cruz, pois só havia um muro alto que a separava do *tablaó* flamenco Los Gallos, onde ela fora uma figura de destaque durante muito tempo. Antes de eu conseguir chegar, muita gente havia se agrupado em torno dela. Ana não tinha perdido a consciência, mas seu rosto estava praticamente azul, e ela respirava com dificuldade. Levantei-a e a coloquei alguns minutos no grande chafariz de mármore a fim de refrescar seu corpo febril. Gritei que ela sofria do coração e creio que não demorou muito, chegou uma ambulância, de onde tiraram uma maca, rapidamente, se bem que eu não estivesse em condições de apreender o tempo real dos acontecimentos.

José continuava sentado, contemplando o Jardim Botânico de Madri. Não se via mais ninguém, mas os passarinhos cantavam tão alto que

quase abafavam o barulho do tráfego do Paseo del Prado. Era como se eles cantassem também por sua amiga morta.

— E o anão? — perguntei.

— Ninguém reparou nele. Foi como se a terra o tivesse tragado.

— E Ana?

— No hospital, deram-lhe várias injeções, e ela teve certa melhora nas primeiras horas, mas não voltou a se levantar. Os médicos disseram que a operariam quando recobrasse o pulso normal, mas não foi possível. Ela morreu há menos de uma semana, e sexta-feira será celebrada uma missa de sétimo dia na igreja de Santa Ana, em Triana.

Olhou para mim e disse:

— Gostaria que você comparecesse.

— Claro que vou — respondi.

— Ótimo.

— E o que disse Ana durante esses dias no hospital? Ficou consciente o tempo todo?

— Estava mais lúcida do que nunca. Contou-me coisas que eu ignorava do anão, falou de El Planeta, do bisavô, que morrera em consequência daquela briga fatal, e também me contou muitos segredos sobre o flamenco. A última coisa que disse, antes de seu coração parar de bater de repente, foi: “Precisa-se de bilhões de anos para criar um ser humano. E ele só precisa de alguns segundos para morrer”. Eram minhas próprias palavras, e a expressão da minha percepção da vida, uma percepção da vida que também havia deixado marcas nela, do mesmo modo que eu tinha me tornado um fã do flamenco. As últimas palavras de Ana foram ao mesmo tempo uma despedida e uma declaração de amor.

Não tive tempo de perguntar a José o que queria dizer com o comentário, porque ele se levantou bruscamente e começou a andar. Segui-o de novo.

Enquanto o ouvia falar de Ana, não podia evitar de ver dentro de mim os dois quadros do Museu do Prado. Poderia existir uma conexão entre o que ele tinha contado do anão e a estranha semelhança entre Ana e a *maja* de Goya? Eu disse:

— Quando você conheceu Ana, há muitos anos...

Mas ele não percebeu o que eu queria dizer e me interrompeu:

— Não, não pensei em Goya. Creio que reagi exatamente como

você. Tinha certeza de tê-la visto antes, mas essa sensação podia se dever apenas ao fato de que estava loucamente apaixonado por ela.

Assinalei:

— Talvez haja alguma coisa em nós que se nega a identificar uma pessoa contemporânea com outra que viveu há duzentos anos.

Ele se limitou a dar de ombros.

— E o que acha disso hoje? — perguntei.

Seu semblante se tornou sério.

— Não eram só parecidas — observou. — Na minha opinião, eram idênticas. Desde a adolescência, Ana foi cada vez mais se dando conta da sua estranha “desvantagem”, e em Sevilha, nos últimos anos, a chamavam de “La Niña del Prado”.

— Você disse “cada vez mais”?

— Ia se tornando cada vez mais parecida com a cigana de Goya.

Tapei a boca com a mão, e José continuou:

— E morreu quando ficou idêntica ao modelo do pintor. A obra estava concluída, e ela não foi nem um só dia mais velha.

— Como você explica essa misteriosa semelhança?

— Existem várias explicações possíveis. Melhor dizendo: podem-se enumerar várias explicações diferentes, mas todas são igualmente impossíveis.

— Gostaria de ouvir todas.

Girou para a direita, junto do Pavilhão, depois disse:

— A tataravó de Ana pode ter sido o modelo do rosto que Goya pintou sobre o corpo nu...

— E...?

— Mas que probabilidade há de que fosse tão parecida com uma das suas descendentes? Ou, ao contrário, que probabilidade há de que uma mulher tenha um aspecto idêntico ao da sua tataravó? Você é biólogo: isso é possível?

Neguei com a cabeça e respondi:

— Depois de sete gerações, não. Se o pai de Ana também descendesse da mesma tataravó, o que não é improvável, talvez existisse a possibilidade de elas terem semelhanças em alguns traços bem determinados, mas... serem idênticas? Creio que é mais provável ganhar na loteria sete vezes seguidas, o que não acontece.

— Então tem que ser um acaso extraordinário — comentou José. —

Ana e a cigana de Goya eram idênticas, é simples. Já sabemos que sua semelhança é um fato.

Fitei-o sem compreender.

— Não existem pessoas idênticas. Já rejeitamos a possibilidade devida ao parentesco, não é? Você tem outras teorias?

— Tenho, muitas outras, e refleti a fundo sobre todas elas.

Eu não entendia quais poderiam ser as outras possibilidades, mas ele prosseguiu:

— A teoria mais simples de todas é que Ana tenha sido o modelo desse quadro que você acabou de examinar no museu.

— Mas ele foi pintado há duzentos anos.

— É o que dizem.

Hesitou um instante, depois acrescentou:

— Tive que me obrigar a considerar todas as possibilidades, as pensáveis e as impensáveis. Pode ser que, na realidade, Ana fosse tão velha quanto o quadro, quando morreu.

Contemplei a palidez do seu rosto. Se não houvesse conhecido Ana algumas semanas antes, teria pensado que José sofria de um grave transtorno mental ou, pelo menos, que tinha perdido o juízo.

— Não acho que se deva brincar com essas coisas — falei.

— Não estou brincando. Mas não vou negar que estou pisando em areia movediça, e mais do que você possa imaginar. Fui o único que estive sentado com Ana num banco dos jardins do Alcázar no dia em que ela estava idêntica à cigana de Goya. Naquela manhã até seu cabelo estava penteado igualzinho ao da mulher do velho quadro, a própria maquiagem era a mesma. Entende?

— Acho que sim.

— É óbvio que, empiricamente, é impossível que Ana tenha sido o modelo do velho pintor, mas não é impossível do ponto de vista da lógica.

— Com premissas tão abertas não duvido que tenha mais teorias.

Coçou a testa e pigarreou duas vezes antes de responder:

— Como a cigana de Goya foi pintada em fins do século XIX, poder-se-ia pensar que, de algum modo, Ana foi formada à imagem do modelo.

— Como assim, “formada”?

— Estou tentando ordenar minhas ideias. Tenho certeza que já ouviu

a história de Pigmalião.

— *As metamorfoses* de Ovídio — repliquei. — Pigmalião se apaixonou por uma estátua de mulher realizada por ele mesmo. Afrodite acabou ficando com pena dele e deu vida à estátua. Mais teorias?

Deteve-se um instante e olhou para mim como de bem longe. Falou:

— Eram tão parecidas que Ana poderia ter passado por gêmea do modelo.

— Sem dúvida — concordei, se bem que não entendesse direito aonde ele queria chegar.

Perguntou:

— Você diria que é completamente impossível que há duzentos anos atrás tenha vivido um homem de aspecto idêntico ao meu? Com as mesmas impressões digitais e tudo?

— Não — respondi. — Impossível, não. Dê-me algumas células vivas e um bom congelador, e não creio que seja demasiado difícil fabricar um clone seu daqui a duzentos anos. Mas me permita acrescentar que um “renascimento” desse tipo não lhe adiantaria grande coisa.

Eu mesmo não percebi o alcance do que acabava de dizer, e ele acrescentou:

— Então seria possível alguém ter tirado uma amostra de tecido do modelo de Goya e esse tecido, certamente de uma maneira espantosa, ter sido conservado durante quase duzentos anos até o material genético de uma célula ser implantado num óvulo sem material genético, há cerca de trinta anos.

Senti um calafrio, semelhante ao que experimentei quando Ana e José chegaram pelo coqueiral dizendo algo sobre a criação do homem e a falta de espanto de Adão.

— Entendo o que quer dizer — afirmei. — Claro, na realidade seria uma possibilidade, pois nos últimos trinta anos aconteceram muitas coisas dentro da microbiologia e da ciência no que concerne à fertilização. Para não dizer durante os dois últimos séculos.

— Isso seria bem improvável — concluiu.

— Pois é, muito improvável. Faríamos melhor se pensássemos que se trata de uma coincidência completamente casual, embora em si seja muito provocador, porque implica algo que eu em princípio havia negado: que a natureza encontre vários caminhos paralelos que levem a um resultado idêntico. A natureza não funciona assim. Não dá saltos

repentinos, tampouco persegue uma meta determinada.

— Já discutimos isso antes.

— O quê?

— Se a natureza tem uma finalidade ou não, algo a consumir, algo a mostrar ou decretar. Discutimos, além disso, se uma coisa que acontece hoje pode ser entendida, de alguma maneira, como causa de algo que aconteceu faz muito tempo.

Ele estava se referindo à “cúpula no trópico” que o inglês organizou. Depois aconteceram muitas coisas, mas nesse momento me ocorreu algo novo a respeito do problema:

— Talvez cometamos um erro ao supor que Goya usou um modelo vivo para o rosto. Precisava pintar um rosto sobre o nu a fim de ocultar a identidade do modelo. Tratava-se, portanto, de produzir uma simples camuflagem.

José sorriu. Estava claro que ele também havia pensado nessa hipótese antes.

— E daí?

— Poderia ser um acaso aparecer duzentos anos mais tarde uma mulher idêntica à da imagem mental do artista.

Resignado, negou com a cabeça.

— Isso seria quase a mesma coisa que voltar a Pigmalião. Um dia, Deus deu vida à imagem de Goya.

— Eu disse expressamente que tinha que se tratar de uma casualidade. Embora uma casualidade muito insólita, admito.

— Então a “casualidade” é uma possibilidade. Ou talvez Goya tenha sido capaz de contemplar os planos de Deus. Quero dizer, não existe a possibilidade de o artista ter sido meio vidente?

Havíamos chegado ao busto do naturalista sueco Lineu, que está no jardim.

— Tem mais teorias? — perguntei. — Ou o estoque acabou?

Respondeu-me com um ar triste e resignado:

— Sim, o estoque acabou. Estou como que falido.

Fez uma pausa de alguns segundos antes de prosseguir:

— Mas existe outra explicação completamente diferente, aquela em que Ana e sua família apostavam. Foram ciganos por várias gerações. Eu só fui cigano por alguns anos.

Olhou de repente para o relógio e, no instante em que eu ia lhe

perguntar pela explicação que Ana dava para o fato de ser idêntica a uma mulher que vivera neste planeta havia duzentos anos, disse:

— Pena que eu tenha que ir. Já vou chegar quinze minutos atrasado a um encontro importantíssimo.

Senti-me frustrado, e ele deve ter percebido, porque, antes de desaparecer correndo, pôs a mão no meu ombro e disse:

— Tenho muitas coisas para acertar estes dias. São obrigações muito tristes, mas algumas muito agradáveis também. Além disso, tenho outras coisas em que pensar.

E se dirigiu a toda a pressa para a saída do Jardim Botânico.

Restavam-me muitas perguntas sem resposta. Eu ainda não sabia quem era o anão de Sevilha, não sabia qual era a explicação da própria Ana para sua semelhança com os retratos, não sabia nada mais sobre El Planeta, nem sobre o bisavô da moça, que morrera em consequência de uma briga em 1894. Precisava também de uma explicação para tudo o que se referia às curiosas frases recitadas constantemente por Ana e José em Taveuni. Nem sequer tínhamos marcado outro encontro, José e eu. Ou ele saberia que eu estava hospedado no Palace? Eu chegara a mencionar isso?

A única coisa que havia ficado certa era a missa de sétimo dia na sexta-feira seguinte, na igreja de Santa Ana. Claro, outra vez uma daquelas irritantes coincidências de nomes.

Senti-me tão sozinho nesse momento no Jardim Botânico que me ocorreu que talvez pudesse lhe pedir que viesse passar o fim de semana comigo em Sevilha. Na minha opinião você me deve isso, depois de ter rido tanto quando reconheci Ana e José na margem do Tormes. Pelo menos você poderia fazer o favor de me acompanhar a uma missa de sétimo dia a que me parece importante assistir.

Como você ria, Vera. Mas o riso nunca está muito longe do pranto, porque a felicidade é frágil como vidro. Isso nós dois aprendemos muito bem.

Contemplei o busto de Lineu. Vai ver que foi ele quem batizou a *maya* com o nome de *Bellis perennis*. Foi um dos que tentaram entender algo mais deste surpreendente mundo em que cada um de nós está de passagem.

Antes de retornar ao hotel, entrei de novo no Prado e me dirigi às salas de Goya. Tinha de voltar a estudar como era exatamente Ana

María Maya naquele dia em que saiu correndo atrás de um anão nos jardins do Alcázar. A “Niña del Prado” não havia mudado muito durante os meses passados desde que eu a vira em Taveuni. Em Salamanca só a tinha visto um instante, quando saiu apressadamente do café. Mas o anão, aquele anão, havia tirado uma foto de Ana na Galería del Grutesco.

Para que ele queria a foto?

Comi alguma coisa num bar e vaguei pelas ruas antes de voltar ao hotel. Quando por fim cheguei ao quarto, aproximei-me da janela e admirei a plaza de Neptuno, o Ritz do outro lado e o edifício do Prado. Ali dentro estavam os quadros de Ana María Maya.

Nesse momento resolvi fazer o possível para levá-la comigo a Sevilha; para tanto, eu teria de lhe contar a longa história que há dois dias e duas noites martelo na memória do meu computador portátil.

Sentei-me à escrivaninha, liguei o computador, anotei a data — 5 de maio de 1998 — e comecei a trabalhar no texto, parágrafo por parágrafo. Primeiro fiz um rascunho de tudo o que tinha visto e vivido na Oceania entre novembro e janeiro, relatei o voo de Nadi a Matei, descrevi brevemente Taveuni e o Maravu Plantation Resort, e contei meu primeiro encontro com Ana e José. Foi assim que comecei a escrever a carta, antes de voltar a ver José no Parque del Retiro na manhã seguinte, antes de saber o que havia acontecido com El Planeta em Marselha quase no início do verão de 1842 e o que acontecera no cais de Cádiz certo dia de inverno em 1790.

Hoje é quinta-feira, 7 de maio, são quatro da tarde, e não faltam muitas horas para que eu pegue o trem rumo a Sevilha. Tenho diante de mim uma porção de fotografias, e o mais curioso não são as imagens em si, mas o que Ana escreveu no verso de cada uma das fotos. Consegui também uma explicação insólita para a incrível semelhança de Ana com um retrato pintado há duzentos anos.

Desde que entrei no quarto do hotel, depois de ter estado com José no Jardim Botânico, passaram-se, como vê, dois dias com suas duas noites, durante os quais ficou cada vez mais importante para mim mandar esta carta. Não me atrevo a correr o risco de que você não a receba, porque você irá comigo a Sevilha amanhã, tem de ir, e espero que se decida quando ler isto. Aqui e agora acabo de tomar a decisão

de ligar para você, e na longa carta vai constar que tentei contatá-la antes de mandar tudo o que escrevi; assim, você deve escolher suas palavras cuidadosamente, porque daqui a algumas horas elas irão aparecer na tela do seu computador.

Estou à escrivania, pego o fone e digito seu número de Barcelona...

É óbvio que não me lembro de cada uma das palavras que pronunciamos, mas a seguir reproduzo como acho que nossa conversa telefônica transcorreu.

— Alô?

— Sou eu.

— Frank?

— Ana morreu.

— Eu sei.

— O que disse?

— Que já sei que Ana morreu.

— Mas você nem a conhecia!

— Não exatamente, não a conheci.

— Então como sabe que morreu?

— Que história é essa, Frank?

— Como diabos você sabe que ela morreu?

— Não estou entendendo. Juro que não entendo por que você montou tudo isso.

— Nem eu... quero dizer, não compreendo o que quer dizer com “tudo isso”.

— Ora, não encha!

— Estou sozinho num quarto de hotel faz quase duas semanas. Preciso falar com alguém. Preciso dizer a alguém que Ana morreu.

— Foi você quem deu meu telefone a ele?

— Ele quem?

— Disse que se chamava José.

— Como?

— Acaba de me ligar um sujeito que disse que tinha se encontrado com você no Parque del Retiro. Depois disse que tinha lhe dado um presente, para você e para mim.

— Disse isso?

— Depois disse que Ana tinha morrido.

— Disse a você?

— Não sabia que ele tinha me telefonado?

— Não!

— E o que é esse “presente”?

— É verdade que mencionou algo assim. Disse que era para nós dois.

— Acho que vou desligar.

— Espere!

— Se você não me disser o que é esse “presente”, desligo agora mesmo.

— Não entendo por que está sendo tão agressiva.

— Não estou sendo agressiva.

— Então, irritada, se prefere.

— Não estou irritada. Só perguntei sobre esse “presente”.

— São umas fotos. Depois, tem uma espécie de manifesto.

— Um o quê?

— Um manifesto.

— Muito bem. Pode ficar com tudo, Frank.

— Juro que não sabia que ele tinha telefonado para você.

— Pois deve estar sabendo muito bem, se deu meu telefone a ele.

— Não lhe dei seu telefone.

— Então lhe disse meu nome.

— Isso pode ser.

— Um manifesto?

— Mas não é por isso que estou ligando.

— É por quê, então? Tenho muitas coisas para fazer, sabe?

— Você se lembra como riu?... Por que não responde?

— Foi uma noite maravilhosa, Frank, verdade. Você tem que me desculpar se estou um pouco irascível, pensei que você é que tinha pedido que ele me ligasse para falar sobre esse presente para nós dois, entende? E meia hora depois você liga...

— Não tinha a menor ideia de que ele ia ligar.

— Sim, claro que lembro de ter rido. Claro que pensava que você estava inventando tudo. As duas coisas são típicas de você.

— As duas coisas?

— Inventar histórias e fazer que tipos como esse liguem para mim para falar de um presente.

— Sobre a última parte, já falamos bastante. Se continuar insistindo nisso, eu é que vou desligar...

— Espere!

— Tenho estado escrevendo dia e noite.

— Sobre nós?

— Sobre Ana e José.

— Mande para mim, se quiser. Eu leio.

— Mas o tempo urge, ouviu? Ligue o computador esta noite. Preciso de mais algumas horas.

— Tudo bem.

— Nessa carta tão comprida vou lhe pedir uma coisa, nem que seja a última que você faça por mim.

— Que coisa tão importante assim é essa?

— Se eu disser agora, você vai me responder que não.

— Diga.

— Quero lhe pedir que venha comigo ao funeral de Ana amanhã à tarde. Vai ser em Sevilha.

— Você já me pediu isso.

— Eu?

— Se não foi você, foi o sujeito que me ligou. Dá na mesma.

— Ele pediu a você que fosse a Sevilha?

— Vai me dizer que não sabia?

— Não! Não sabia de nada. Ele deve ter descoberto seu número ligando para Informações.

— Disse a ele que esta sexta era difícil para mim. Eu não a conhecia, Frank.

— Mas conhece a mim.

— Felizmente não foi você que morreu.

— Pois no enterro de Sonja havia muita gente que você nunca tinha visto.

— É diferente.

— Não se eu lhe disser que Ana foi uma amiga íntima minha.

— Não estou entendendo. Não vivemos mais juntos.

— Você não irá ao enterro da minha mãe?

— Agora está sendo bem macabro.

— Não vamos discutir qual dos dois é mais macabro.

— Não estou discutindo, não estou mesmo. Já está tudo acabado

para mim. Você e eu já nos dissemos adeus, Frank. Quando vai entender isso?

— Você tem um novo namorado?

— Foi o que você me perguntou na ponte. Depois começou a contar todas essas histórias.

— Tem um namorado?

— Acho que você não tem nenhum direito de me perguntar isso.

— Não seja assim. Só estou perguntando se tem um namorado.

— Não.

— Não o quê?

— Não vou me casar de novo nunca mais.

— Como pode ter tanta certeza?

— Apesar disso, tenho muitos bons amigos. Espero que você também tenha.

— Aqui na Espanha, nem tantos. É justamente por isso que seria tão importante para mim que você fosse comigo a Sevilha. Eu pago todas as despesas, é claro.

— Não sei, Frank. Juro que não sei.

— Então deixemos isso de lado por enquanto. Mas promete que vai ler o que vou mandar esta noite?

— Já disse que sim. Vou reservar tempo para ler.

— Ótimo. Então vamos ver se você muda de ideia.

— Sobre o que está escrevendo? Sobre tudo o que me contou na ponte?

— Em parte, mas então eu não sabia quase nada.

— Está me deixando intrigada. Não poderia fazer um resumo?

— Não, é impossível. Quero que saiba tudo de uma só vez. Ou tudo, ou nada.

— Então espero até hoje à noite.

— Vou lhe propor um enigma, para que você tenha alguma coisa sobre a qual especular.

— Um enigma?

— Como é possível que uma pessoa que vive hoje seja idêntica a outra que viveu há duzentos anos atrás?

— Não sei. Além do mais, ninguém sabe com exatidão que aspecto tinham as pessoas que viveram há duzentos anos atrás.

— Existem retratos pintados.

— Mas nenhum ser é idêntico a outro, Frank. Você não me disse que tinha estudado genética?

— Eu disse que se tratava de um enigma.

— Você bebeu?

— Não me venha de novo com essas besteiras.

— Acho que não é bom para você beber tanto.

— Sabe quem você me lembra?

— Perguntei se bebeu.

— Você me lembra um geco.

— Essa é boa!

— Estou me referindo a um certo geco.

— Será que você não está com o sistema nervoso alterado?

— Acredita em anões?

— Se acredito em anões?

— Esqueça. A missa de sétimo dia será celebrada em Triana, na igreja de Santa Ana, às sete da noite.

— Vamos ver. De qualquer forma, vou ler o que você está escrevendo.

— Estou hospedado no Palace.

— Está louco! Ainda bem que não dividimos mais as despesas.

— Eu não teria nem escrito nem ligado se ainda não me preocupasse um pouquinho em saber como você está.

— E eu não acho que teria aguentado tanto tempo uma conversa telefônica tão absurda se não tivesse sentimentos parecidos.

— Até logo, Vera.

O ANAO E O RETRATO MAGICO

NA MANHÃ DE QUARTA-FEIRA cheguei ao Prado por volta das nove, apenas alguns minutos depois de o museu abrir. Dirigi-me para lá na esperança de encontrar José de novo, porque não tínhamos marcado nenhum lugar determinado. A ocasião seguinte seria na igreja de Santa Ana, mas lá haveria muita gente.

Passei outra vez em frente ao *Jardim das delícias* e fiquei um instante nessa sala, pois tinha sido lá que eu encontrara José na véspera. Depois subi até o primeiro andar e parei diante das duas *majas*. Permaneci um bom tempo fitando Ana nos olhos, e foi arrepiante constatar que ela me retribuía o olhar. Não teria me surpreendido nem um pouco se Ana piscasse para mim.

Uma hora depois saí do museu, subi pela movimentada calle Alfonso XII e entrei no Parque del Retiro. Nos gramados, abundavam *mayas* amarelas, brancas e vermelhas, as *Bellis perennis*. Passeei pelo grande parque vendo as crianças com seus uniformes escolares, os casais de estudantes, os aposentados e os avós com seus netos e, muitas vezes, com um saco de comida para os esquilos. Notei um forte contraste entre quão maravilhosa é na realidade a vida cotidiana e quão normal e corriqueira parece ser aos que nela estão envolvidos. Lembrei-me de algo que Ana e José tinham dito em Taveuni: “Os elfos estão agora no conto, mas são aquilo para o que não há palavras. Seria o conto um verdadeiro conto se fosse capaz de ver a si mesmo? Causaria impacto a vida diária se estivesse constantemente se explicando a si mesma?”.

Eu tinha decidido voltar ao Prado, mas antes sentei num banco diante do Parterre, com suas flores dispostas metodicamente e os arbustos aparados como se fossem esculturas. De repente, José apareceu na minha frente, como se alguém o tivesse informado de meus passeios diários no Retiro.

Sentou a meu lado no banco, e ali ficamos por várias horas. Trazia nas mãos um jornal e um grande envelope sépia. Disse que ia para Sevilha no trem do meio-dia, e eu voltei a confirmar que iria à missa na sexta-feira. Tenho absoluta certeza de que não lhe disse nada sobre a minha esperança secreta de que você me acompanhasse. Por outro

lado, pode ser que tenha mencionado seu nome em Fiji, mas só seu nome, embora é possível que o inglês tenha dito em algum momento seu sobrenome, e ele continuou em Maravu depois que eu fui embora.

José ficou alguns minutos calado. Não somente a pele do seu rosto estava pálida, mas toda a sua aparência se revelava de repente quase fantasmagórica. Lembro que me veio à mente a história de Orfeu, que tinha subido do reino dos mortos mas sem conseguir trazer Eurídice consigo.

Resolvi finalmente falar:

— Você deve estar passando dias bem difíceis.

Segurou com força o que tinha nas mãos.

— Estive pensando na espantosa semelhança entre Ana e a mulher dos quadros de Goya — prossegui. — Tentando aceitar a ideia de que se trata apenas de uma extraordinária casualidade.

Assentiu com a cabeça, e parecia estar se concentrando para me dar uma resposta. Eu me adiantei a ele:

— Mas você disse que Ana e a sua família tinham uma explicação bem diferente.

Voltou a assentir com a cabeça.

— É, trata-se de algo relacionado com uma velha história, ou melhor, uma mentira, na minha opinião. Tudo começou com algo vivido por El Planeta na França.

— Conte — falei. — Conte!

— Na primavera de 1842, segundo a lenda, ele empreendeu uma longa viagem de Cádiz ao santuário de Les-Saintes-Maries-de-la-Mer, na Camargue, entre os dois braços principais do delta do Ródano. Ao que parece, chegou a Marselha no dia 26 de maio desse mesmo ano e trabalhou ali uma temporada como estivador, no porto, a fim de ganhar dinheiro para a viagem de volta. Semanas depois, diz a história, aconteceu com ele o que foi contado de geração em geração, até hoje. Diga-se de passagem que se trata de uma história que ouvi pouquíssimo tempo depois de conhecer Ana e sua família. E lhe digo desde já que a história que vou contar tem muitas variantes dentro da própria família Maya. Pertence a uma tradição oral, para não dizer a um “circuito” de mitos. Não consegui encontrar nenhum documento escrito referente a essa tradição andaluza, nem mesmo de tempos mais recentes. Mas, ao que tudo indica, também existe uma tradição suíça,

totalmente independente da andaluza, que se supõe ser tão antiga quanto esta. Vou tentar ser breve, e acho que devo me concentrar nos elementos mais comuns.

— Continue!

— Na tarde de um dos primeiros dias de junho de 1842, El Planeta estava no cais de Marselha pronto para descarregar uma escuna que ia atracar. A escuna apresentava sinais de ter sofrido os estragos de uma tempestade. Dizem que era um barco norueguês. Antes de baixarem a escada de desembarque, um homenzinho subiu na borda, pulou para terra e desapareceu correndo entre os armazéns do porto.

— Um homenzinho?

— Um anão, um anão vestido de bufão. Ao que parece, usava um traje violeta e um gorro verde e vermelho, com as pontas para cima. Atados ao gorro e à roupa trazia guizos que soavam quando ele corria entre os armazéns do porto para se esconder. E desapareceu, como já disse. Muita gente que estava no cais o viu, e os marinheiros da escuna fizeram vários comentários sobre a possível identidade do homenzinho.

— O que disseram?

— A escuna vinha do golfo do México, e em algum lugar ao sul das Bermudas havia recolhido o taciturno anão e um marinheiro alemão de um bote. O marinheiro contou que vinham do veleiro *Maria*, que naufragara dias antes, e que eles dois eram com certeza os únicos sobreviventes.

— Não disse mais nada?

— O marinheiro alemão também foi bastante parcimonioso em palavras. Além do mais, houve problemas de compreensão no cais de Marselha naquela tarde de junho, porque o alemão não falava nem francês nem espanhol, e passados alguns instantes desapareceu, como o anão. De acordo com certas versões, o marinheiro se estabeleceu como padeiro num povoado suíço.

— Alguém voltou a vê-los?

— O anão, sim. El Planeta não tinha onde dormir senão entre os armazéns do cais, pois queria regressar a Cádiz assim que ganhasse algum dinheiro. Quando acabaram de descarregar a escuna, foi dormir e, escondido entre alguns tonéis de vinho vazios, descobriu um homem que chorava desconsoladamente. El Planeta se aproximou dele e viu

que se tratava do infeliz anão.

— O que ele contou?

— Só falava alemão, um idioma tão desconhecido para o cigano de Cádiz quanto o espanhol para o homenzinho. Mas pelo menos uma das histórias que se contam sobre esse encontro entre El Planeta e o anão diz que o homenzinho fantasiado tentou se cobrir.

— Como assim, se cobrir?

— Cobrir seu traje de bufão. Parecia querer ocultá-lo do mesmo modo que um preso fugitivo quer ocultar seu uniforme. Não queria ser reconhecido como bufão. Supõe-se que El Planeta lhe emprestou um casaco, e aqui terminam todos os vestígios do anão em Marselha.

— El Planeta nunca mais voltou a vê-lo?

— Sobre esse ponto, a tradição se divide. Algumas versões contam que El Planeta e o anão conviveram por uns dias entre os armazéns do porto de Marselha e que, certa noite, o anão tentou contar sua história por meio de mímica e de alguns desenhos.

— Desenhos?

— Desenhou um baralho, um baralho francês com copas, ouros, paus e espadas. Depois, ao que parece, recitou um pequeno verso, em alemão é claro, para cada uma das cinquenta e duas cartas do baralho. El Planeta se lembrava de alguns, embora tivessem sido recitados numa língua que não entendia. Só existe um único retrato de El Planeta, uma gravura em cobre de D. F. Lameyer, e muitos dizem que ele representa um curinga ou, em outras palavras, um anão. O caso é que ele levou consigo para Sevilha a história do anão enigmático. Era muito conhecida ali, quando aconteceu com o bisavô de Ana uma coisa muito estranha, exatamente cinquenta e dois anos depois, isto é, no mês de junho de 1894.

— Faz cento e quatro anos agora — comentei.

— Pois é, cento e quatro anos. O bisavô de Ana se chamava Manuel e, como seu próprio bisavô, era um respeitado *cantaor* que vivia em Triana, na época já chamado de “bairro cigano”. Manuel viveu no que agora se denomina a idade de ouro do flamenco, com o aparecimento dos chamados “cafés cantantes” em Sevilha. Foi também uma pessoa mítica para a família. Apelidaram-no de El Solitario, Manuel el Solitario, talvez porque fosse um sujeito esquisito, um marginal ou pensador, talvez também porque fosse muito solitário. Várias canções

dele versam sobre a solidão do ser humano. Além disso, era um bom jogador de cartas, dizem, e gostava de jogar *solitario*.^{*} Parece ter sido um artista versátil e um mestre na arte de ler as cartas. Talvez tenham sido as cartas que...

José parou de repente, como se tivesse esquecido de contar algo importante, e tentei levá-lo a retomar o fio da narração.

— O que aconteceu com as cartas? — perguntei.

— Talvez seja melhor começar pela outra ponta da história.

— Não importa por que ponta você comece, contanto que os fios soltos se amarrem no fim.

E ele continuou:

— Certa noite do verão de 1894, Manuel el Solitario estava passeando pela margem do Guadalquivir, como fazia todas as noites depois de cantar no café cantante de Silverio Franconetti. A mãe de Silverio tinha antepassados ciganos, embora Silverio fosse considerado um *payo*,^{**} e o fato de os *payos* se dedicarem ao *cante flamenco* era uma novidade...

— “Certa noite do verão de 1894, Manuel el Solitario estava passeando pela margem do Guadalquivir” — repeti.

— E nessa noite, conta a tradição, viu uma estranha figura se mover na escuridão junto do rio, para ser mais preciso, entre a ponte de Triana e a de San Telmo, a apenas alguns metros da igreja de Santa Ana. Talvez eu tenha a oportunidade de lhe mostrar o lugar exato neste fim de semana, porque a calle Betis continua sendo uma zona que merece ser visitada, com sua magnífica vista para o rio até a praça de touros, a Torre del Oro e a Giralda. Bem, a figura na escuridão era, ao que parece, um anão.

— Lá também? — deixei escapar.

— Lembre-se que Manuel conhecia a velha história do encontro de El Planeta com o anão em Marselha...

— Mas, logicamente, não podia se tratar do mesmo anão.

José olhou fixamente para o Parterre. Depois disse num tom bem baixo, talvez mais para si mesmo do que para mim:

— Não, claro que não, não podia se tratar do mesmo anão.

— Se fosse o mesmo anão, teria que ser muito velho.

José negou com a cabeça.

— Não era. E Manuel ficou olhando para ele, segundo a avó de

Ana, porque se lembrou da viagem de El Planeta a Marselha. De repente, o anão o cumprimentou com o indicador: exatamente o mesmo gesto que El Planeta faz na gravura de cobre. Manuel se aproximou do homenzinho, que usava um traje normal e comum entre os *payos* da época. “Passeando?”, perguntou o anão, e assim se iniciou uma animada conversa entre os dois.

— Esse anão falava espanhol, não?

— Sim, com sotaque andaluz até, embora de uma maneira que indicava claramente que ele não tinha nascido nem em Sevilha nem em nenhum outro lugar da Andaluzia, nem mesmo na península Ibérica.

— E de que falaram?

— Não espere grande coisa, pois estamos nos referindo a uma conversa que ocorreu há mais de cem anos, e devo ressaltar que ouvi muitas versões distintas dela. Mas *conversa* talvez não seja a palavra mais adequada. O anão falou das suas origens. Ouvi essa história de primos-irmãos e primos em segundo grau de Ana, e até agora nunca ouvi a mesma história ser contada do mesmo modo duas vezes.

— Escolha uma, ou conte todas!

— Farei uma combinação de todas elas. Nesta versão resumida, tocarei apenas nos pontos que coincidem em todas as versões. Além do mais, não temos muito tempo.

Interessava-me ouvir o mais possível e temia que ele não tivesse tempo, como acontecera no Jardim Botânico. Aquele pálido espanhol de cabelos louros e olhos azuis me parecia cada vez mais enigmático, e eu não sabia até que ponto podia confiar nele. Se estivesse zombando de mim, gostaria de detê-lo antes que me fizesse cair no ridículo.

— Continue! — pedi.

— O anão se fez passar pelo mesmo personagem a quem cinquenta e dois anos antes El Planeta havia emprestado um casaco, e pelo visto soube desde o primeiro momento que estava falando com um bisneto daquele homem. Abriu uma sacola, tirou dela um casaco velhíssimo e o entregou a Manuel, como uma espécie de prova de que estava dizendo a verdade. Quando o anão abriu a sacola, Manuel ouviu um leve som de guizos sob o traje do homenzinho.

— E o anão não era particularmente velho?

— Não, estava na flor dos anos.

— Começo a intuir a relação que essa história pode ter com Ana. E o que mais o anão contou?

— Era verdade que a escuna em que chegou a Marselha o tinha recolhido de um bote ao sul das Bermudas, no qual ia também um marinheiro alemão. Mas não haviam sido resgatados do mar por causa de um naufrágio.

— Por que então ele estava num bote no meio do mar?

— O anão vinha de uma ilha vulcânica que de repente afundara no mar. O marinheiro alemão estava fazendo apenas alguns dias na ilha, depois do naufrágio do *Maria*.

— E o anão?

— O anão tinha chegado à ilha em companhia de outro marinheiro já em 1790, e viveu ali cinquenta e dois anos, antes de abandonar a remo a ilha, que começara a se fender para acabar afundando.

Ri com sarcasmo.

— Entendo — falei. — O anão tinha chegado a uma ilha no Atlântico cento e quatro anos antes de se encontrar com Manuel em Sevilha. E continuava na flor dos anos.

Mas José nem sequer esboçou um sorriso, muito pelo contrário, porque replicou:

— Outros cinquenta e dois anos depois, numa noite de junho de 1946, foi visto de novo na plaza de la Virgen de los Reyes, diante da catedral de Sevilha. Essa praça, graças à Giralda e aos muros altos que rodeiam o Alcázar, tem uma acústica especialmente boa, e dizem que soaram guizos quando o anão cruzou correndo a praça na direção do Arquivo Geral das Índias e da Puerta de Jerez.

Ele continuava muito sério, mas não pensei um só instante que eu me houvesse deixado enganar. Talvez José estivesse louco, no mínimo era um contador de histórias, e, nesse caso, podia ser até que Ana não tivesse morrido.

— Vai me dizer agora que esse anão era o mesmo que Ana perseguiu nos jardins do Alcázar?

Ele pôs o indicador direito nos lábios, negou com a cabeça e respondeu:

— Ana achava que sim. Estava totalmente convencida. A primeira coisa que disse quando a alcancei no Jardín de los Poetas foi: “Ouvi os guizos!”. Repetiu essa frase muitas vezes antes de morrer. Estamos

em 1998, e se passaram exatos cinquenta e dois anos desde 1946.

Fiz as contas. Ao que parecia, a cada cinquenta e dois anos surgia uma história relacionada com o anão.

— Então teremos que esperar para ver o que acontece em 2050 — comentei alegremente. — Mas você não acredita nessas histórias, acredita?

Tive a sensação de que ele não quis me responder diretamente, porque se limitou a repetir:

— Ana acreditava firmemente. A vida toda se perguntou o que poderia acontecer em Sevilha justo neste ano.

— Você disse que Manuel morreu por causa de uma briga?

— Mais ou menos dois anos depois do encontro com o anão em Sevilha, ele estava jogando cartas com alguns amigos e ganhava continuamente. Gostava de se fazer passar por uma espécie de mago com faculdades especiais para ganhar nas cartas sem esforço, e naquela noite contou todas as histórias sobre o anão da ilha que afundou no mar, o encontro do anão com El Planeta e seu próprio encontro com o anão à margem do Guadalquivir.

— Contou algo além do que você me disse?

— Falou também da origem do anão...

— Ah!

— ... e foi justamente esse ponto da história que deflagrou a malfadada briga em Triana. A polícia me confirmou que um certo Manuel foi morto a socos em Triana nessa época, o que significa que essa parte da lenda é histórica, pelo menos no que se refere à briga.

— Continue!

— Eu contei que o anão havia chegado à ilha após um naufrágio em 1790. Isso só é verdade em parte.

Dei risada.

— Ou se chega a uma ilha em 1790 ou não se chega. Não se vai nem se chega em parte, ora essa.

— Calma. Estou apenas tentando repetir uma velha história, isto é, a história que o anão contou a Manuel el Solitario. Nessa ilha que depois afundou no mar, veio bater um marinheiro solitário, também alemão, após um naufrágio em 1790, e a única coisa que o homem trazia no bolso da camisa quando chegou era um baralho. Viveu completamente só na ilha por cinquenta e dois anos, sem outra

companhia além do baralho. Era um baralho muito elaborado, em que cada carta trazia pintada a figura inteira de uma pessoa. Tratava-se de personagens de contos, porque todos eram baixotes e se pareciam bastante com os elfos que aparecem neles.

— Será que não se pareciam com os seres humanos do *Jardim das delícias*? — sugeri.

— O que disse?

Repeti a pergunta, e José respondeu:

— Pode ser. Mas no quadro de Bosch as pessoas estão nuas, e os elfos do baralho usavam requintados trajes da época da Ilustração. Do anão, dizia-se que usava um traje violeta e um gorro com as pontas para cima. Atados ao traje, tinha guizos capazes de anunciar o mais sutil movimento do bufão.

— Não sei se...

— O marinheiro náufrago preenchia seus longos dias jogando paciência, exatamente como Napoleão no seu desterro em Santa Helena. Passado algum tempo, começou a sonhar com as figuras do baralho, pois foram a sua única companhia durante muitos anos. Sonhava tão intensamente com os elfos humanos do baralho que julgava vê-los também durante o dia. Pareciam voar em torno dele como espíritos imponderáveis. Desse modo, começou a manter longas conversas com eles, mas obviamente era o marinheiro solitário que falava consigo mesmo. Certa manhã, no entanto...

— Sim?

— Um belo dia, os elfos conseguem sair da imaginação do marinheiro e entrar no mundo real numa ilha deserta do Caribe, a mesma a que ele havia chegado depois do naufrágio. Os elfos tinham conseguido abrir a porta do espaço criador da consciência do marinheiro para o espaço criado sob o céu. Assim, foram aparecendo um após o outro, como se saíssem pulando da frente do marinheiro, e, ao cabo de alguns meses, o baralho estava completo. O último a sair foi o Curinga, que veio como esses filhos que nascem muito mais tarde que o resto dos irmãos. O marinheiro já não estava sozinho: vivia num povoado rodeado por cinquenta e dois elfos vivos, além do pequeno bufão.

— Devia estar tendo alucinações, ou havia enlouquecido após tantos anos de solidão na ilha. Não é nada difícil entender isso.

— Ele se fez a mesma pergunta, se se tratava de alucinações. Mas depois, em 1842, chegou à ilha aquele jovem marinheiro que sobrevivera ao naufrágio do *Maria*. O curioso era que o recém-chegado também via os cinquenta e dois elfos. No entanto, ele percebeu que aparentemente os elfos não tinham a menor consciência de quem eram ou de onde vinham. Apenas estavam na ilha, o que era para eles tão normal e comum como é para a maior parte dos seres humanos o fato de que haja um mundo em que vivemos. A única exceção era o Curinga. Ele não era exatamente como os outros elfos, sabe? Soube penetrar o véu da ilusão e por fim entendeu quem era e de onde vinha, compreendeu que, de algum modo milagroso, tinha chegado a um mundo e que se encontrava no meio de um inconcebível conto de fadas. Para o Curinga, o mundo parecia um imenso milagre. Ou, empregando suas próprias palavras, e sempre de acordo com Manuel el Solitario: “De repente ele se encontrou num mundo e viu um céu e uma terra”. Os elfos davam por inquestionáveis ambas as coisas, quando estavam ali. Mas o Curinga era diferente, era o marginalizado que via tudo aquilo a que os outros elfos eram cegos. Ou, como ele próprio exprimiu: “O Curinga ronda intranquilo entre os elfos de açúcar como um espião num conto de fadas. Faz suas reflexões, mas não tem nenhuma autoridade a quem informar. Só o Curinga é que vê. Só o Curinga vê o que é”.

— Você falou que depois a ilha afundou no mar?

José me fitou com seus olhos azuis, e eu já não pude acreditar que tudo aquilo era invenção dele. Prosseguiu:

— E também afundaram o marinheiro e os cinquenta e dois elfos. Só o marinheiro alemão e o Curinga conseguiram escapar a tempo num barco a remo. Mas tem outra coisa que você precisa saber para compreender o que aconteceu depois.

Consultei o relógio.

— Conte — falei. — Conte!

Ele levou alguns segundos para continuar:

— Nem o Curinga nem os elfos mudaram o mínimo que fosse durante os anos que conviveram com o marinheiro na ilha. O marinheiro, sim, envelheceu, mas os elfos não tinham nenhuma ruga na pele, nenhuma mancha em suas fantasias coloridas. Porque eram espíritos. Não eram de carne e osso como nós, mortais.

— E a briga?

— Manuel el Solitario ganhou todas as partidas de cartas e, quando lhe perguntaram por que ganhava sempre, contou que havia aprendido alguns truques com o anão que El Planeta encontrara em Marselha. Isso bastou para que um dos jogadores, que tinha perdido a noite toda e que além do mais estava bêbado de tanta *manzanilla*, avançasse sobre ele e o socasse sem parar. Manuel morreu dias depois por causa dos ferimentos. Deixou mulher e dois filhos pequenos, um menino e uma menina. Alguns acham que só recebeu o apelido depois de contar a história do marinheiro e do baralho mágico.

— Não sei se devo aplaudir ou dizer apenas: “Entrou por uma porta, saiu pela outra, quem quiser que conte outra”.

— Não tem que fazer nenhuma das duas coisas. Mas você mesmo exprimiu seu espanto pela semelhança de Ana com a *maja* de Goya.

Havia me esquecido de que tudo o que ele contara também tinha a ver com Ana e pensei que, de algum modo, também com essa minúscula parte do mistério de que eu mesmo fora testemunha. Disse:

— Você ia me contar qual era a explicação de Ana e da sua família para essa semelhança.

— Mas agora que você conhece o pequeno bufão que percorre a história, talvez seja capaz de adivinhar qual a relação entre as duas lendas. Também sabe que faz só alguns dias que ele tirou uma foto de Ana nos jardins do Alcázar... Bem, tenho que pegar o trem.

— Espere um pouco — falei. — O anão chegou a Marselha em 1842, encontrou-se com Manuel em Triana em 1894 e atravessou a plaza de la Virgen de los Reyes em 1946. E Ana disse que se tratava do mesmo anão que apareceu nos jardins do Alcázar neste ano de 1998.

— Sim, é isso que diz a história.

— Mas, nesse caso, o anão não pode ter se encontrado com Goya. O velho mestre morreu muito antes de El Planeta chegar a Marselha.

— Goya morreu em 1828.

— E mesmo que o anão tivesse chegado a conhecer Goya, só conheceu Ana muito, muitíssimo tempo depois de o grande artista ter pintado suas *majas* nua e vestida.

— Vamos por partes.

— Então vamos! Você me prometeu que, no fim, vai amarrar todos

os fios soltos.

— O marinheiro que levou o baralho mágico para a ilha que afundou no mar saiu num navio de Cádiz, no início de 1790. Era um bergantim espanhol chamado *Ana*, nome nada incomum para um navio naquela época. *Ana* navegou primeiro até Veracruz, no México, e na viagem de volta a Cádiz foi a pique com uma grande carga de prata. Tudo isso aconteceu de fato, comprovei em velhos anais e registros de barcos.

— Você comprovou que um bergantim chamado *Ana* naufragou realmente com uma grande carga de prata em 1790, quando ia para Cádiz?

— Isso. Embora, segundo os anais, o navio tenha naufragado com todos a bordo. Nada indica que tenha havido sobreviventes.

— Digamos que não houve mesmo, já que o marinheiro voltou a naufragar na ilha deserta cinquenta e dois anos depois, sem ter podido voltar à civilização.

— Vejo que está prestando atenção. Mas quando saiu de Cádiz, em 1790, levava consigo um baralho. Não sei se preciso contar que existe uma lenda própria sobre esse estranho baralho, melhor dizendo, sobre como o marinheiro o conseguiu.

— Conte, conte — pedi. — Quero ouvir também essa história.

— O navio, procedente de Sanlúcar de Barrameda, antes de se fazer ao mar em 1790, passou um breve tempo no cais de Cádiz, onde, como de costume, havia ciganos vendendo de tudo, de laranjas a azeitonas, até charutos, fósforos e baralhos para os marinheiros que iam cruzar os grandes mares. A lenda conta que nosso marinheiro comprou o estranho baralho de um menino cigano de cerca de seis anos, chamado Antonio, que muito mais tarde seria conhecido como o lendário *cantaor* El Planeta.

— E a idade coincide?

— El Planeta nasceu em Cádiz por volta de 1785. Pode verificar isso em qualquer enciclopédia.

— Seja como for, é uma grande história — exclamei. — Os ciganos são muito engenhosos.

— Naquele dia, também estava no cais um anão, o que não é em si muito surpreendente, mas a tradição sustenta que debaixo da sua roupa normal ele trazia guizos, isto é, como um bufão.

Fitei o rosto macilento de José.

— Acho que o último trecho da história deveria ser suprimido — falei.

— Por quê?

— Porque ele estava no baralho. Estava no bolso do marinheiro. Por isso não podia estar ao mesmo tempo no cais vendo o navio partir. Além do mais...

Nesse momento senti na cabeça algo parecido com um estalo e me interrompi.

— Além do mais? — repetiu José.

— Mesmo se eu estivesse disposto a aceitar que esse anão do baralho mágico não envelhecesse como os mortais, porque era de espírito e não de carne e osso...

— Sim?

— ... ele não poderia ter retrocedido no tempo. Só chegou à Europa em 1842, não foi?

Acendeu-se uma centelha em seus olhos azuis. Ele respondeu:

— Não pode retroceder no tempo o que é só de espírito?

— Pode, mas só no espírito. O que é de espírito pode se mover para trás e para a frente no tempo.

José aquiesceu com ar aprovador.

— Você está se aproximando da chave do enigma. Mas ainda falta uma curva no caminho. Pode chamá-lo de um epícolo épico, se quiser. A tradição assinala justamente que o anão era de certo modo fantasia, e o fantástico não envelhece como nós. Por isso o anão podia ser tão velho. Além do mais, diz-se que o que é de espírito pode se mover para trás no tempo, mas não além da sua concepção, por isso não existe nenhuma história sobre o Pequeno Príncipe ou Alice no País das Maravilhas antes de Saint-Exupéry e Lewis Carroll as terem contado, embora desde então haja em toda parte um sem-fim de referências a essas histórias.

— Eu havia entendido que o anão fora “concebido” por um marinheiro do outro lado do mar, e depois de o bergantim *Ana* ter partido.

José aguardava essa pequena objeção.

— O Curinga provinha de um baralho impresso na França em fins da década de 1780. Desde então há pelo menos uma pessoa no Velho

Mundo que teve uma visão dele, e até esse momento preciso ele pode retroceder no tempo. Por outro lado...

— Sim, diga!

— Dizem que foi visto pelas pessoas no cais de Cádiz naquele dia de inverno de 1790, mas aí se perdem todos os vestígios. Não há nenhuma lenda que vá mais atrás no tempo do que esse dia. Não há rastro dele no tempo anterior a esse dia.

— E Ana acreditava em tudo isso?

José fez um gesto negativo e disse:

— Ela conhecia todas as histórias sobre El Planeta, Manuel el Solitario e seu tio-avô, que morreu faz alguns anos, e não digo que acreditava em tudo isso, até se mostrava um pouco perturbada de vez em quando por essas “histórias de ciganos” com as quais fora criada, porque, como você sabe, as pessoas costumam relacionar os ciganos com vigarices e mentiras. Mas tinha certeza de que havia sido o anão dos guizos que ela perseguira pelos jardins do Alcázar. “Ouvi os guizos”, disse ela. Por isso correria atrás dele. Foi como se tivesse restabelecido a credibilidade da família.

— E a *maja* de Goya?

— Agora chegamos a ela. Quando o Curinga está no cais vendo o bergantim *Ana* se afastar, no bolso do seu casaco há uma coisa esquisita, algo de que, parece, se via obrigado a lançar mão quando precisava escapar dos bêbados que escarneciam dele por ser anão.

— O que era?

— Um pequeno retrato de uma jovem.

— É mesmo?

— Tratava-se de uma miniatura, pintada com uma técnica completamente desaparecida. Não era uma gravura em cobre, nem uma pintura a óleo, e tinha uma superfície tão lisa que lembrava a seda. E, sobretudo, tratava-se de um retrato tão real, que diziam que o anão era um artista genial com faculdades sobrenaturais. A imagem que ele mostrava reproduzia o que as pessoas podiam ver.

Mais uma vez me desloquei mentalmente até o Prado, onde estavam dois quadros de uma mulher que estivera sentada num banco dos jardins do Alcázar apenas algumas horas antes de morrer, e lá chegara um anão que havia tirado uma foto dela...

— Sei a que retrato está se referindo. Mas essa foto só foi tirada há

alguns dias.

— Para nós, sim. Para as pessoas do cais de Cádiz, era um retrato mais novo ainda.

— O que quer dizer?

— Pertencia a um futuro distante, por isso as pessoas o viveram como magia. Dizia-se que tinha que ser obra do diabo.

— Existem realmente tradições antigas que falam de um anão que levava consigo um retrato perfeito de uma bela mulher?

— Como histórias inventadas, sim, como imaginação de cigano. Não creio que as pessoas acreditassem em tais histórias, mas a lenda manteve seu brilho apesar dos pesares. A história do “Anão e o retrato mágico” é uma dessas lendas. Até hoje não entendemos quão estranha é a velha história do anão com o retrato mágico porque a história em si é muito mais antiga do que a arte da fotografia.

— E Goya?

— O grande ídolo de Goya foi Velásquez, que viveu no século xvii, era originário de Sevilha e veio a ser o pintor da corte de Filipe iv. O velho mestre pintou muitos anões e bufões, pois vivia rodeado deles, já que, como se sabe, nos tempos de Velásquez era comum haver na corte anões e bufões.

— E...?

— Quando Goya encontrou esse pequeno bufão em Sanlúcar de Barrameda, na primavera de 1797, tentou levá-lo à força a seu estúdio para retratá-lo.

— E o anão resistiu?

— Gritou e protestou tanto quanto pôde, mas o grande pintor, como sabemos, era surdo como uma porta e não ouvia os gritos do anão. Por fim, quando o homenzinho misterioso tirou do bolso o retrato de Ana María Maya, o artista o soltou, porque nunca vira nada igual. Estava terminando *La maja desnuda* e pintou o rosto de Ana sobre a figura nua, para ocultar a verdadeira identidade do modelo.

O banco em que José e eu estávamos tinha assentos de ambos os lados do encosto, e nesse momento um senhor de idade sentou do outro lado. José esperou alguns instantes antes de prosseguir, dessa vez sussurrando:

— Nunca foi fácil para Ana ser identificada com a mulher do velho quadro, às vezes era um verdadeiro peso. Mas pode-se imaginar que

isso também não teria sido nada fácil para um modelo vivo nos tempos de Goya. Uma mulher cigana que se deixasse retratar nua nessa época corria o risco de perder a vida.

Refleti alguns segundos, depois perguntei:

— Existe realmente uma tradição cigana que relate essa história de Goya e do anão do retrato misterioso?

Notei no rosto de José algo que podia parecer um sorriso. Ele negou com a cabeça e respondeu:

— As histórias se limitam a contar que o anão dos guizos esteve no cais de Cádiz quando o *Ana* partiu e que mostrou o retrato de uma mulher tão detalhado e natural que as pessoas ficaram mudas de espanto. Um dos que ali estavam era o pequeno Antonio, que viria a ser o tataravô de Ana. Assim, a única coisa que se pôde constatar foi que o retrato já se encontrava em Sevilha desde 1790, isto é, vários anos antes de Goya pintar sua cigana ou *maja* nua. Para mim, isso parece mais que suficiente.

José consultou o relógio e disse que precisava ir para a estação. Sugeriu acompanhá-lo parte do trajeto.

Subimos lentamente pelo Paseo de Paraguay até a plaza de Honduras, no meio do grande parque. José continuava levando o jornal e o grande envelope sépia. Nem me ocorreu que o que ele tinha nas mãos poderia estar destinado a mim. Eu ia meditando sobre tudo o que ele havia dito a respeito dos naufrágios, de El Planeta, de Manuel el Solitario e daquele pequeno anão que aparecia em toda parte.

A história era a seguinte: um anão se encontra no ano de 1790 no cais de Cádiz dando adeus a um bergantim prestes a cruzar o mar em direção ao México. Leva no bolso a miniatura de uma jovem cigana. Parece que o artista conseguiu pintar a mulher exatamente como seus olhos a viram num grande jardim ou pátio, porque as cores e os detalhes são mais nítidos do que nos melhores tapetes de seda. Mas que tipo de técnica ele utilizou, se o papel da pintura tem uma espessura de apenas um milímetro? Não é uma aquarela, nem um óleo, nem uma gravura em cobre colorida. O mais estranho no minúsculo quadro talvez seja a superfície extremamente lisa, como se tivesse sido polida com cera ou resina. Também pelo cais corre um garoto cigano de cinco ou seis anos. É o tataravô da mulher do retrato, e é ele que, muitos anos mais tarde, levará a Sevilha o *cante flamenco*. Mais de

cinquenta anos depois, voltará a se encontrar com o anão em Marselha. Então não se lembrará de ter visto esse mesmo anão muito, muitíssimo tempo antes, ou talvez se lembre, sim. E ainda: no convés do bergantim, os marinheiros começam a arriar as velas, e um deles se vira e acena um adeus para o anão e o menino cigano, de quem acaba de comprar um baralho. Numa das cartas há um retrato em miniatura do mesmo anão do cais. Quando o marinheiro abre o baralho numa ilha deserta, após um naufrágio semanas depois, verá esse retrato e, nos anos seguintes, o estudará de perto várias vezes. Mas será que lhe passará pela cabeça que se trata do mesmo anão que estava no cais quando ele partiu de Cádiz?

José disse:

— Desde menina, Ana tinha ouvido todas essas lendas do anão do cais de Cádiz, do anão que pulara fora de uma escuna em Marselha, do anão que se encontrara com Manuel el Solitario em Triana e do anão que atravessara tão depressa a plaza de la Virgen de los Reyes que os guizos costurados em seu traje soaram como uma passacale.

— Devo supor que não tinha ouvido nenhuma lenda sobre esse mesmo anão dos jardins do Alcázar?

José negou com a cabeça, pensativo.

— Mas durante os últimos anos estive bem atenta ao que poderia suceder em 1998. Entre todas as histórias, a favorita de Ana era a do anão que conseguira salvar a pele mostrando o retrato mágico de uma moça. Pela maneira como o retrato era descrito nos velhos contos, Ana imaginava que tinha que se tratar de uma fotografia, apesar de o episódio no cais de Cádiz ter ocorrido muitíssimo antes da invenção dessa técnica. E havia mais uma coisa, algo bem diferente...

— O quê?

— Desde que Ana era adolescente, diziam-lhe que se parecia com uma mulher de um quadro de Goya. Isso a fazia fantasiar, a lisonjeava, embora ela também sentisse certa vergonha de se parecer com uma mulher nua. Depois foi se tornando cada vez mais parecida com a cigana do quadro, e chegou o dia em que a maneira de se maquiar ou de se pentear já não adiantava. Ela havia se transformado na “Niña del Prado”, e uma não podia mais se dissociar da outra.

— Espere aí — interrompi. — Você passou depressa demais por um ponto essencial.

— Do que está falando?

— Embora Ana tivesse conseguido mudar de aspecto com a maquiagem ou o penteado, não tinha conseguido se afastar nem um milímetro do rosto representado no quadro de Goya.

— E por que não?

— Porque, nesse caso, o quadro de Goya também teria um aspecto diferente.

José refletiu um instante, depois replicou:

— É, tem razão. O destino não se deixa retocar. Não é mais que uma sombra do que acontece. E talvez eu devesse acrescentar... bem...

— O que está esperando?

— Só naquela manhã em que Ana perseguiu o anão pelos jardins do Alcázar, repito, só naquela manhã desde que a conheci, ela passou ruge, o que fazia apenas muito raramente, quando dançava.

Detive-me bruscamente e disse:

— Era a única coisa que lhe faltava! Faltava-lhe o ruge nas faces!

José olhou quase assustado para mim, e eu acrescentei:

— Se Ana tivesse usado ruge em Fiji, eu teria pensado imediatamente no quadro de Goya.

Voltamos a caminhar.

— Mas por que ela passou ruge justamente naquele dia? — perguntou José. — Entende? Dessa maneira ficava ainda mais parecida com a mulher do velho retrato, ficava idêntica a ela.

— Há algo que se chama “sentença do tempo” — comentei. — Além disso, sua pergunta equivale a indagar o que vem primeiro, o ovo ou a galinha.

— Também existe uma coisa que se chama “amar seu destino”.

— Ana alguma vez relacionou sua semelhança com a *maja* de Goya às velhas histórias de Cádiz sobre o anão e o retrato mágico?

— Com o tempo, sim. Um tio dela foi o primeiro a interpretar o retrato perfeito da velha lenda do anão como uma moderna fotografia em cores. Mas, nesse caso, teria que se tratar da foto de uma pessoa que viveria na Terra muitíssimo tempo depois de o anão mostrar a misteriosa imagem no cais de Cádiz. Porque uma fotografia não mente, sempre tem um modelo vivo. E desde então isso se tornou parte da própria história. A família já sabia que o anão não envelhece como nós, mortais. Mas o fato de que ele também fosse capaz de retroceder

no tempo era uma novidade. Nos últimos anos, os familiares chegaram até a especular sobre qual das filhas dos numerosos descendentes de El Planeta poderia ser a mulher do retrato, e insinuavam também que a fotografia talvez tivesse sido tirada em algum momento do ano de 1998. E começaram a ficar atentos aos anões.

— E ao fato de Ana ficar cada vez mais parecida com o quadro de Goya...

— Sim, alguns opinaram que o círculo se fechara, e surgiram algumas histórias completamente novas dizendo que o anão tinha vendido seu retrato mágico ao grande pintor. Uma delas sustenta que a mulher que na verdade posou para Goya foi decapitada por ter se deixado retratar nua. Segundo a tradição, sua cabeça teria sido pendurada numa estaca e exposta ao escárnio público. Não se falava abertamente disso tudo, pelo menos não quando Ana estava presente.

— Mas ela devia pensar do mesmo modo!

— Não dava muita importância para essas histórias. Era capaz de rir disso tudo. Mas, sim, pensava do mesmo modo. E isso não tornou mais fácil para Ana a convivência com a enorme semelhança que tinha com o famoso retrato de Goya. Às vezes não queria sair. Em Sevilha nem tanto, mas em Madri as pessoas paravam na rua e apontavam para ela, algumas reagiam quase com espanto. Não sei, mas talvez por isso se sentisse tão à vontade no Jardim Botânico. Creio que se escondia lá. Ana estava estigmatizada. Era como se tivesse uma grande mancha de nascença no rosto.

— Para não dizer de morte — acrescentei.

O rosto pálido de José se contraiu, e ele disse:

— Porque tem mais uma coisa. Durante cinquenta anos, pressagiou-se que a moça da imagem mágica morreria quando chegasse à mesma idade da *maja* de Goya, mas...

Hesitou, e com gestos eu o incitei a continuar.

— Isso só aconteceria se ela se entregasse a um homem. Era, por assim dizer, o castigo por ter se deixado pintar nua. Contava-se que ela havia se entregado a muitos homens e que já não era uma mulher honesta, assim o destino cuidaria de castigá-la se, apesar de tudo, tentasse ter uma vida amorosa.

Virei-me para ele.

— Parece-me meio insensato, para não dizer injusto. A mulher que

se deixou retratar nua não era a mulher da foto. Você não disse que Goya pintou a cabeça dela sobre o corpo nu de outra mulher?

Ele assentiu com a cabeça, como se pesasse o que eu acabava de lhe dizer.

— O destino não é justo nem injusto — observou —, simplesmente é iniludível. É como é. Por isso sempre acaba tendo razão.

Lembrei-me da lesão cardíaca de Ana e falei:

— Você insinuou que Ana morreu porque já era idêntica à mulher do quadro de Goya, e, assim, tudo se consumara. Não poderíamos dizer que o modelo de Goya era idêntico a Ana quando morreu porque quis o acaso que a foto fosse feita apenas horas antes de ela morrer?

— Dá na mesma. Isso também é como a história do ovo e da galinha, um enigma que nunca se pode solucionar, seja qual for a ponta por onde se comece. Quando o anão tirou a fatídica foto de Ana, a história sobre a foto do anão se confundiu com a história da semelhança de Ana com a *maja* de Goya. O círculo estava fechado. Todo esse enredo de mitos relativo ao anão havia começado de alguma maneira nos jardins do Alcázar. E ali também acabou.

Tentei dizer mais uma coisa:

— Eu não disse que acredito nessas histórias, e acho que você também não...

José fez um gesto para que eu continuasse.

— Pergunte o que quiser.

Falei:

— Ana sofria de uma lesão cardíaca. Não podia dançar nem ter filhos, porque não aguentaria grandes esforços. Não foi essa perseguição pelos jardins do Alcázar tão intensa quanto dançar flamenco?

— Pelo menos seria sua dança de morte. Mas por que saiu correndo atrás do anão? Porque ele havia tirado uma foto. Ninguém, salvo Ana, sairia correndo atrás de um anão só porque ele havia tirado uma foto. Mas essa foto que o anão tirou a perseguiu a vida toda. Ana tinha sido criada com ela.

Havíamos parado a cada metro e meio desde que nos levantáramos do banco do Parterre, e sempre que cruzávamos com alguém, José tomava o cuidado de baixar a voz. Andamos um tempo sem dizer

nada. Quebrei o silêncio:

— Você disse que o anão de Marselha desenhou um baralho para El Planeta e que, além disso, recitou um verso para cada uma das cartas desse baralho.

Ele já andava um pouco mais rápido.

— El Planeta se lembrava de alguns desses versos, apesar de terem sido recitados numa língua desconhecida dele, e dizem que os anotou num pedaço de papel tal como os ouviu. Parece que esse pedaço de papel foi preservado pela família até os tempos de Manuel.

— Verdade?

— E quando o anão encontrou Manuel em Triana, não apenas exibiu um velho casaco que El Planeta lhe emprestara, como lhe entregou algumas folhas em que havia anotado os cinquenta e dois versos, dessa vez em espanhol. Manuel el Solitario pôde verificar que os versos anotados em alemão por El Planeta eram idênticos a alguns dos que o anão lhe dera em espanhol.

— E hoje não existe nenhum desses versos?

José me lançou um olhar misterioso. Depois disse:

— Agora podemos começar a amarrar os fios soltos.

De início não entendi direito o que ele quis dizer, mas logo voltei a me deslocar mentalmente para Taveuni: estava sentado na varanda do chalé do Maravu e de repente ouvi vozes no coqueiral. Recitei:

— “A experiência de ter sido criado não é nada em comparação com a incrível sensação de quem criou a si mesmo do nada e pode ficar de pé sem a ajuda de ninguém.”

José arregalou os olhos.

— Bravo! — exclamou. — Você não só tem uma memória impressionante, como fala um espanhol bastante bom.

Mordi a língua. Nesse momento me dei conta de que desde o dia em que nos encontráramos casualmente em Salamanca tínhamos falado em espanhol.

— Vocês sabiam? — perguntei.

José riu.

— Soubemos desde o primeiro momento. Mas me deixe começar pela outra ponta. Aqueles cinquenta e dois versos que o anão entregou a Manuel em Triana estiveram com a família desde então. Além disso, algumas das frases se incorporaram a canções de flamenco que são

cantadas por toda a Espanha. Ana conhecia esses textos desde criança.

— Eram os textos que vocês...

Interrompeu-me:

— Cada verso correspondia a uma carta do baralho. Ana e eu de vez em quando jogávamos cartas com os amigos, e sempre éramos parceiros, e como eu também havia aprendido de cor os velhos textos, tínhamos uma linguagem secreta relacionada com os naipes e os números do baralho.

— Vocês trapaceavam?

— Às vezes sim. Podíamos murmurar algumas palavras soltas durante o jogo, e assim comunicávamos um ao outro as cartas que tínhamos na mão.

— Que caras de pau! Então o italiano tinha razão.

— Em parte. Mario tinha uma explicação mais esotérica para o fato de que ganhávamos sempre. Dizia que éramos videntes.

— Mas desde o início era tudo trapaça e engano?

Ele não respondeu à pergunta, e continuou:

— Quando Ana parou de dançar, passávamos muitas noites jogando cartas com amigos. Ana ficava feliz como uma criança quando ganhava, e bem... já que não podia mais dançar, pensei que merecia ganhar. Eu a ajudava a obter esse pequeno triunfo, mas, para dizer a verdade, acho que eu também fui ficando obcecado pelo jogo. Não tínhamos filhos, mas compartilhávamos um jogo infantil. Compartilhávamos uma linguagem secreta, que ninguém mais conhecia.

— Nunca ninguém descobriu?

— Tínhamos que nos renovar constantemente, por exemplo, mudando de vez em quando as palavras-chaves. Isso, somado a outra circunstância, nos levou a burilar os velhos versos e a inventar outros novos.

— Qual foi essa “outra circunstância”?

— Quando se descobriu a lesão cardíaca, nós dois adquirimos uma atitude muito sensível ante a realidade. Cada segundo que passávamos juntos era para nós uma dádiva do céu. Quando a proibiram de dançar flamenco e, ainda por cima, a aconselharam a não ter filhos por causa do risco que isso implicaria, tratamos de redefinir o sentido da vida.

— E Ana encontrou um novo sentido?

— Não é que tenha se dedicado a bordar ou fazer crochê, por assim

dizer, seu temperamento era forte demais para isso. Mas tínhamos um ao outro e compartilhávamos um sentimento especialmente intenso da vida. Os médicos procuravam nos tranquilizar, mas quando uma *bailaora* célebre é repentinamente proibida de dançar, ela fica, poderíamos dizer, à beira do precipício. Era assim que Ana María se sentia, e eu também, mas com uma diferença importante: Ana estava convencida de que esta vida não é a única. Tinha uma fé cega na vida após a morte. O que compartilhávamos era uma vivência quase transfigurada do milagre que é a vida em si, e transformamos num jogo o encontro de novas palavras e expressões para o que pensávamos e vivíamos. Foram crescendo assim as antigas frases correspondentes a cada carta do baralho. Guardamos algumas das fórmulas do anão e descartamos as outras. Dessa maneira, criamos nosso pequeno manifesto sobre a vida. E devo acrescentar que pretendíamos criar juntos algo que talvez sobrevivesse a nós. O manifesto deveria ser nosso testamento espiritual.

— Quer dizer que vocês continuavam construindo novas frases?

— Sim, o tempo todo, todos os dias. O “manifesto” estava em constante transformação, era um processo eruptivo. Até o último momento inventamos novas frases que substituíam as velhas.

— Era quase... uma espécie de loucura.

José negou com a cabeça.

— De jeito nenhum. Nem é tão estranho quanto parece. Os ciganos da Andaluzia sempre colecionaram pequenas frases sobre a vida, a morte e o amor. Assim, desde os tempos de El Planeta foram nascendo as letras do *cante flamenco*.

Recitei:

— “Se existe um Deus, ele não só é um ás em deixar vestígios, mas, sobretudo, um mestre em se esconder. E o mundo não é dos que falam além da conta. O firmamento continua calado. Não há muito mexerico entre as estrelas...”

Aí tive de me calar, porque era só isso que eu recordava das palavras de Ana e José, pronunciadas no coqueiral naquela primeira noite em Maravu. Mas José recitou o resto:

— “Mas ninguém ainda se esqueceu da grande explosão. Desde então, o silêncio reinou ininterruptamente, e tudo o que existe se afasta de tudo. Ainda é possível topar com a Lua. Ou com um cometa. Não espere que o recebam com amáveis clamores. No céu não

se imprimem cartões de visita.”

Aplaudi simbolicamente. Em seguida perguntei:

— Essa referência à “grande explosão” ou “big bang”, como também se diz, não é do anão que encontrou El Planeta em Marselha, certo?

— Por que não?

— Porque tanto o conceito como a própria teoria são muito mais recentes.

Olhou para mim com um ar pedante e disse:

— Acho que esse espertalhão é capaz de levar e trazer muitas coisas através dos séculos. Na minha opinião, ele representa essa ânsia que o ser humano tem de entender cada vez mais o que é este mundo. Acho confortador pensar que existe um representante nosso capaz de correr entre os séculos em ambas as direções, levando e trazendo certas mensagens e recados.

Olhei boquiaberto para ele, e José se apressou em acrescentar:

— Mas você tem razão. No manifesto do anão só existem as primeiras palavras: “Se existe um Deus, ele não só é um ás em deixar vestígios, mas, sobretudo, um mestre em se esconder”.

Já tínhamos deixado a plaza de Honduras para trás e descíamos pelo Paseo de la República de Cuba.

— Talvez seja hora de fazer um resumo — observei.

— Pois faça!

— Quando cheguei a Taveuni naquela manhã de janeiro, sentei-me um instante na varanda. De repente vi se aproximar pelo coqueiral um homem e uma mulher abraçados, que pararam na trilha e recitaram um para o outro estranhas máximas em espanhol; apurei os ouvidos. Vocês não sabiam que eu estava na varanda, sabiam?

Ele sorriu.

— John tinha nos avisado da chegada de um norueguês que talvez pudesse fazer parte da mesa de bridge, já que naquele mesmo dia fora embora um holandês que nos últimos dias havia jogado com Mario contra mim e Ana. O inglês nos disse em que chalé você estava e, além disso, nos contou que o vira na varanda.

— Mas vocês não podiam saber que eu entendia espanhol!

— Ainda não, é verdade. Se bem que você há de convir que essa não é exatamente uma língua minoritária. Meio mundo a fala.

— Espere aí. Que a metade da arte do mundo é espanhola, vá lá,

mas, quanto à língua, não vamos exagerar.

Durante alguns instantes vislumbrei uma expressão divertida no rosto macilento de José. Prossegui:

— Depois toparam comigo na praia.

— E você nos falou brevemente do motivo da sua estada naquela parte do mundo, despertando nossa curiosidade, pois, como vivíamos elaborando novas máximas para o manifesto, pensamos que talvez pudéssemos tomar emprestadas de um biólogo evolutivo algumas ideias sobre a existência. O que foi ainda mais tentador para nós, porque, por alguma razão, você optou por nos falar em inglês, embora aparentemente entendesse o espanhol.

— Aparentemente?

— O mais importante para um ator é assumir o seu papel.

— E eu não fiz isso?

— Você se traiu já na praia. Nem Ana nem eu estávamos usando relógio, mas perguntei a hora a Ana em espanhol. Você então se apressou a olhar para o seu e respondeu que era meio-dia e quinze.

Não consegui dizer nada.

— Mas, claro, não podíamos ter certeza apenas por um episódio isolado. Bem, seguiram-se muitos exemplos de sua falta de concentração. Costuma-se dizer que quem mente deve ter boa memória. Lembre-se que Ana e eu éramos experientes jogadores de cartas e, além do mais, peritos em dissimular.

— Por que não me desmascararam?

— Ana achava emocionante ter... um... bem...

— Um o quê?

— Digamos, um público. Estávamos orgulhosos do manifesto que havíamos elaborado. Melhor dizendo, do produto que estávamos constantemente melhorando. Foi uma delícia bancar um pouco os misteriosos.

— Pois conseguiram.

— Também queríamos arrancar algo sobre a sua teoria da evolução, e para isso primeiro tínhamos que nos tornar interessantes para você. Tínhamos que jogar a isca...

— A teoria da evolução não é minha.

— Justamente por isso. Ana e eu concordávamos que poderia haver algo a que as ciências naturais estavam totalmente cegas.

— Isso eu entendi. E a que, na sua opinião, as ciências naturais estão cegas?

— Já falamos a esse respeito. Elas se negam a ver as inter-relações, o fato de que a existência tenha uma finalidade em ambas as direções. O big bang não foi um acaso.

— Desculpe, mas não estou entendendo o que quer dizer.

— É porque você não enxerga o mundo como um mistério.

— É assim que eu o vejo. Mas não vejo além de um enigma, um enigma que nem você nem eu somos capazes de decifrar.

— Também é possível encontrar um sentido para o que não compreendemos.

— Por acaso você não está pondo uma finalidade onde não há?

Com um brilho no olhar, ele respondeu:

— Volte ao Devoniano. O que vê?

Depois de tudo o que eu tinha ouvido, minha memória estava um tanto deteriorada, assim deixei-me pegar imediatamente.

— Vejo primeiro os anfíbios — respondi.

Ele assentiu com a cabeça.

— Hoje por fim conseguimos ver o sentido do que aconteceu então. Se tivéssemos sido testemunhas da vida na Terra há quatrocentos milhões de anos, teríamos vivido essa experiência como uma monstruosa exibição do absurdo. Mas o mistério também tem uma coordenada temporal, e à luz da consciência do homem a vida do Devoniano está repleta de sentido. Foi nosso prelúdio, foi o prelúdio do conceito da vida no Devoniano. Não fossem os girinos dessa época, nunca teria existido uma consciência da vida na Terra, nem antes nem depois. Não basta honrar os pais. É preciso honrar os filhos também.

— Então, o homem é a medida de todas as coisas?

— Não foi o que eu disse. Mas agora nossa consciência é que decide o que tem significado ou sentido, para nosso intelecto, entenda-se. Assim, a formação de um sistema solar pareceu, naquela época, um processo bastante nauseabundo quando ocorreu. Mas foi apenas um prelúdio.

— Um prelúdio?

— Sim, um prelúdio. E o paradoxo é que somos capazes de reconhecer esse prelúdio, ainda que só tenhamos aparecido muito, muitíssimo mais tarde. Assim, a história desse sistema solar morde o

próprio rabo.

— Como a história da *maja* de Goya, que começou nos jardins do Alcázar há apenas alguns dias e ali também acabou?

— A mesma coisa se pode dizer do Universo. O aplauso à grande explosão só chegou quinze bilhões de anos depois de a explosão ocorrer.

Meneei a cabeça, cético.

— É uma forma muito peculiar de explicar.

— Mas nós, que só aparecemos quinze bilhões de anos mais tarde, “lembramos” do que aconteceu quinze bilhões de anos antes. Dessa maneira, o Universo pôde por fim ter consciência de si mesmo, embora com muito atraso, do mesmo modo que só se ouve o trovão de um raio distante muito depois de se ver sua luz rasgar o céu.

Tentei rir, mas não consegui.

— Você é sábio a posteriori — comentei.

Olhou-me nos olhos, com um olhar quase transfigurado.

— A sabedoria a posteriori também é uma forma de sabedoria. Pode ser sábio olhar para trás. Somos mais nosso passado do que nosso futuro.

— Entendo a ideia de que algo que ocorre aqui e agora só terá significado ou sentido à luz de algo que acontecerá muito mais tarde.

— Se existir um “antes” ou um “depois”. O que vemos muito distante no espaço, isto é, bilhões de anos-luz para trás na história do Universo, é ao mesmo tempo a causa dos acontecimentos do momento presente. O Universo é ao mesmo tempo o ovo e a galinha.

— Como Ana — comentei. — Ou como a foto que o anão tirou.

José não retrucou, mas disse em seguida:

— Não sabemos para onde vamos. Sabemos apenas que iniciamos uma longa viagem. Quando chegarmos ao fim do caminho, encontraremos a causa ou a explicação para o início dessa longa viagem. Pois bem, essa viagem em si pode se estender ao longo de muitas gerações. Dessa forma, nos achamos sempre em estado fetal. Muito daquilo para o que não encontramos hoje um sentido mostrará sua finalidade na próxima encruzilhada. Até o fato mais insignificante poderá se mostrar uma condição necessária. Explico: quem teria dado importância a um menino cigano vendendo um baralho a um jovem marinheiro?

Parei de repente, porque enfim estava me aproximando da chave. Não eram esses pensamentos os mesmos que o inglês expressara em Taveuni? Não tinha sido ele que denominara o Devoniano de “estado fetal da razão”? José continuaria em contato com ele? Teriam mantido estreita colaboração, não apenas em Fiji mas também posteriormente? Eu já não era capaz de distinguir as ideias de um das do outro.

Havíamos chegado à calle Alfonso XII, e nós dois consultamos o relógio. Faltavam quinze para o meio-dia.

Acompanhei-o até a estação.

— No fim, vocês desapareceram da nossa vista — comentei. — Vocês se isolaram por completo.

— É, quando se começou a falar muito da semelhança de Ana com alguém, e sobretudo quando lhe pediram que dançasse, nós nos retiramos, é verdade. Não creio que você possa imaginar o quanto ela teria gostado de se apresentar.

— Depois ela desabou na mesa do café da manhã, e você lhe deu uma bofetada.

— Eu entrava em pânico sempre que isso acontecia.

— Não me admira.

Já estávamos junto da entrada do AVE, e voltei a lhe dizer que estaria em Sevilha para a missa. Ele então me entregou o envelope sépia e disse:

— Isso é para Vera e para você.

— Para Vera?

— Sim, para os dois.

Nesse caso, não havia dúvida de que ele falara com John. Eu tinha certeza, porque eu só falara de você com John.

— O que há neste envelope para Vera?

— Ainda não entendeu? — Parecia realmente espantado.

Neguei com a cabeça. José prosseguiu:

— É um presente, mas também um fardo. É algo que tem que ser compartilhado por duas pessoas. É algo que não é aconselhável para um homem da sua idade não compartilhar.

Olhou outra vez para o relógio e correu para o trem.

Abri o envelope enquanto voltava a pé para o hotel. Dentro dele havia uma porção de fotografias tiradas por Ana em Taveuni. Já no quarto, virei as fotos e vi que havia algo escrito no verso de cada uma

delas. Era o manifesto, Vera. Era isso que devia ser compartilhado por duas pessoas. Era o manifesto que não era aconselhável para um homem da minha idade não compartilhar.

* Paciência. (N. T.)

** Na linguagem dos ciganos, um “não cigano”. (N. T.)

A LOGICA E POBRE DEMAIS EM AMBIVALÊNCIA

É ASSIM QUE TERMINA A CARTA A VERA. Foi enviada por correio eletrônico na noite de quinta-feira, 7 de maio de 1998, e só depois de um ano eu conseguiria uma cópia.

Prometi acrescentar um amplo epílogo. Já o farei, mas primeiro vejamos como Vera reagiu à carta de Frank. O que é possível graças ao fato de que Frank mandou novo e-mail a Vera depois que esta leu a longa carta e por fim telefonou para ele no hotel.

Estou em minha casa, em Croydon, numa noite de verão, sentado à escrivaninha com uma longa missiva diante de mim, mas não devo deixar de mencionar que me encontrei com Frank no Hotel Palace no mês de novembro desse mesmo ano, isto é, meio ano depois de, também no Palace, ele escrever a carta a Vera. Lembrava-me como ele estava ansioso ante a possibilidade de revê-la em Salamanca, e quando me encontrei com ele em novembro, não sabia se por fim tinham se visto nem, em caso afirmativo, como transcorreria o encontro. Eu não tivera nenhum contato com o norueguês desde que nos despedimos em Fiji.

Seria possível que Frank e Vera estivessem novamente juntos? Ou Frank estava de passagem em Madri e sua visita não tinha nada a ver com Vera?

Eu estava sentado sob a cúpula, tomando chá com sequilhos e ouvindo a nostálgica versão para harpa da *Bela Adormecida* de Tchaikóvski, exatamente como Frank, segundo ele descrevera, numa ocasião anterior. Da minha cadeira junto do bar vi de repente o norueguês entrar na Rotunda. Estremeci, porque me pareceu uma imensa casualidade encontrar-me com ele no Palace, tão longe de Fiji e de Londres. Teria sido mais provável que o encontro houvesse ocorrido em Oslo, onde eu estivera justo algumas semanas antes.

Achei Oslo uma cidade aprazível, e o que mais me impressionou foi o fato de Frank viver numa capital europeia e, no entanto, a apenas por volta de cem metros de uma terra completamente virgem. Dei um longo passeio até uma cabana no bosque, chamada Ullevalseter, e de lá

caminhei até o restaurante Frognerstet sem cruzar com ninguém.

Encontrar-me com Frank no Palace foi como ser pego em flagrante, e fiquei tão atônito que não me levantei imediatamente para cumprimentá-lo. Além do mais, era óbvio que ele estava procurando alguém na Rotunda. Passados alguns instantes, descobriu-me e correu para a minha mesa.

— John! — exclamou. — Que surpresa!

Sentou-se alguns minutos comigo, e depois chegou a mulher com quem, ao que parecia, ele tinha um encontro. Eu estava quase certo de que não se tratava de Vera, mas só tive absoluta convicção disso uma hora depois. Então, e por razões bem particulares, eu fizera uma ideia clara da aparência de Vera, e isso sem nunca tê-la visto. Talvez soe um tanto críptico, mas no epílogo eu explico em detalhes.

Frank teve tempo de me dizer que estava passando uns dias em Madri, e combinamos para tomar uma cerveja naquela mesma noite.

— Assim poderemos rememorar os velhos tempos — falou. — Senão, dias como aqueles acabam sendo esquecidos depressa demais.

Quando ele se foi, esse comentário sobre a necessidade de rememorar ficou girando na minha cabeça, e tracei um plano bem engenhoso. A única coisa necessária foi um par de telefonemas estratégicos, um mais ousado que o outro. O que eu precisava saber era se realmente conseguiria arranjar tudo e se seria possível tentar Frank para que viesse. Eu tinha plena consciência de que corria o risco de armar uma tremenda encenaca, não apenas para mim, mas também para todos os que inevitavelmente estariam envolvidos.

Não vou dizer que essas coincidências tão casuais sejam “desejadas”, nem pelo destino nem por qualquer outra forma de consciência sobrenatural, mas uma oportunidade como aquela só se apresentaria uma vez na vida, e eu não podia deixá-la escapar. Achava-me numa situação precária, embora deva confessar que hoje não teria a carta de Frank na mão se houvesse subestimado aquela ocasião que me foi oferecida inesperadamente naquela tarde em Madri.

Você está com a palavra, Frank. Você escreveu mais uma nota a Vera, e agora só falta o final. Depois desse último alô, não houve mais correspondência. Mas um de nós dois tem de relatar o que aconteceu em Sevilha. Cuidarei disso no epílogo.

Querida Vera,

depois da longa carta, mais este alô.

Quando, na quarta-feira ao meio-dia, eu ia da estação ao hotel com um grande envelope sépia na mão, estava com a cabeça cheia de tudo o que queria lhe contar. Resolvi não deixar o quarto no hotel enquanto não acabasse de escrever, porque precisava das horas que restavam até a quinta-feira à noite para que você tivesse tempo de ler tudo antes de, na melhor das hipóteses, se preparar para ir a Sevilha.

Liguei o computador, mas antes de sentar abri o envelope com as fotos de Fiji. Havia treze de Prince Charles Beach, treze da linha de mudança de data, treze da cachoeira Bouma e treze do coqueiral de Maravu. Creio que tanta coincidência me levou a virar uma das imagens.

Sob o título 9 DE COPAS, estava escrito: *Éons depois de o Sol se transformar numa gigante vermelha, ainda se podem perceber alguns sinais de rádio dispersos na nebulosa. Pôs a camisa, Antonio? Vem já com a mamãe! Faltam só quatro semanas para o Natal.*

Virei outra foto. Tratava-se do 3 DE PAUS: *A voz é articulada aqui e agora pelos descendentes dos anfíbios. Sai com a tosse dos sobrinhos dos sáurios terrestres na selva de asfalto. Os descendentes dos mamíferos peludos perguntam se existe alguma razão além deste vergonhoso casulo que não para de crescer em todas as direções.*

Eu percebia as batidas do coração. No verso da terceira foto, vinha o 5 DE ESPADAS, onde li o seguinte: *O Curinga acorda numa almofada dentro de um disco rígido orgânico. Nota como tenta chegar à praia de um novo dia a partir da cálida corrente de miragens mal digeridas. Qual é a energia nuclear que acende os corações dos elfos? Quais são as turbinas que propulsam os fogos artificiais da consciência? Qual é a força atômica que une as células cerebrais da alma?*

Fui virando assim as cinquenta e duas fotos. Era o manifesto, Vera, eu tinha o manifesto completo nas mãos. Era para nós dois, e sentei imediatamente para escrever a carta. Escrevi sem parar e não me levantei da escrivaninha, a não ser para dormir poucas horas, tomar rapidamente uma xícara de chá sob a cúpula e dar um pulo ao Retiro quando a camareira chegou para arrumar o quarto. Depois mandei tudo para você por e-mail, na quinta à noite. Acrescentei uma transcrição do manifesto e precisei que havia optado por organizar o

texto em quatro colunas, conforme as quatro cores do baralho, e na ordem de paus, ouros, copas e espadas. Porém, depois de ter enviado o manifesto, idealizei um sistema muito melhor para ordená-lo, mas voltarei a isso quando nos virmos.

Na breve nota explicativa eu lhe pedia que telefonasse para o hotel quando houvesse lido tudo, não antes. E você ligou no meio da noite.

Eu não estava deitado. Não saí do quarto o tempo todo, embora bem que teria gostado de descer um pouco ao bar, depois de ter passado um dia e meio metido ali, quase sem interrupção. Dava voltas pelo banheiro e pelo quarto, e devo confessar que, quando por fim você ligou, eu já tinha esvaziado as duas minigarrafas de gim do frigobar e as duas de vodka também.

A primeira coisa que você disse foi:

— Você é um vigarista, Frank. Sabia?

— Leu tudo? — perguntei.

— Sim, cada palavra. Você é um vigarista.

— Por quê?

— Quem são “Ana” e “José”?

— Acha que eu os inventei?

— Não exatamente. Acho que são seus cúmplices.

— Meus cúmplices? Em quê?

— Em Salamanca aconteceu uma coisa que não lhe contei.

— Acho que em Salamanca aconteceram muitas coisas que não nos contamos.

— Que coisas?

— Comece você.

— Por quê?

— Porque foi você que acabou de dizer que em Salamanca aconteceu uma coisa que você não me contou.

— É que não estou cem por cento certa de que você não participou dela.

— Não sei do que está falando. Amanhã vou a uma missa de sétimo dia, Vera. Você vai?

— Sim, Frank, vou a Sevilha. E aí de você se não marcar presença. Meu avião sai às dez e meia.

— Fico muito contente.

— Mas tenho a sensação de estar sendo vítima de uma espécie de

conto do vigário.

— O que está querendo dizer?

— Ele ligou de novo.

— Ele quem?

— O tal de “José”.

— É um absurdo. Concordo. O que ele disse?

— A mesma coisa que você. Sempre diz a mesma coisa que você. Voltou a me pedir que fosse à missa. E disse que já era certo que você também iria.

— Ele disse a você que o manifesto era para nós dois. Alguma coisa ele deve querer dizer com tudo isso.

— O quê?

— A verdade é que não sei. Juro que não.

— Não foi você quem mandou que ele ligasse?

— Você acha?

— Mas você estava a par do que aconteceu em Salamanca?

— Não tenho a menor ideia do que você está falando.

— Não entendeu por que eu ria tanto. Acho que devemos começar por aí.

— Está despertando a minha curiosidade.

— Bem, a verdade é que não sei...

— Diga. Fico muito feliz em saber que vou vê-la.

— Eu tinha conhecido Ana e José... Frank? Está ouvindo?

— Você já os conhecia?

— Você não sabia?

— Mas quando nos falamos da última vez você me disse que não iria comigo à missa porque não conhecia Ana!

— Eu sei, Frank, eu sei.

— Sabe?

— Eles me pediram que não lhe contasse nada. Disseram que em hipótese alguma você deveria saber que eu havia falado com eles.

— Quando, pô? Quando?

— Em Salamanca. Espere um instante. Na noite em que fomos ao rio... Tinham passado pelo hotel à tarde. Só foram até a recepção e perguntaram se eu era Vera.

— Como poderiam saber?

— Ora, Frank, ora...

— Que resposta é essa?

— Você e eu tínhamos almoçado naquele café da plaza Mayor, quer dizer, no mesmo lugar em que você os encontrou no dia seguinte. Eles tinham nos visto ali e passaram pelo hotel para comprovar que eu era Vera.

— Eram assim em Fiji, também. Gente esquisita. De certo modo, eram bastante intrigantes... Lembre-se que foi apenas alguns dias antes de ela morrer.

— Não paro de me lembrar.

— E você confirmou que era Vera?

— Depois me disseram que tinham estado com você em Fiji. E me pediram um pequeno favor... Está ouvindo?

— Estou esperando que você continue.

— Pareceu-lhes curiosíssimo terem voltado a vê-lo em Salamanca. Queriam pregar uma peça em você, disseram. Eu deveria levá-lo até o rio, e eles passariam ao longe lentamente, para que você os visse, claro. Mas tive que prometer que não contaria que eles tinham falado comigo. Disseram que poderia ser terrível se você ficasse sabendo. Assim, cumpri minha promessa.

— Nunca na minha vida ouvi nada parecido.

— Você não estava sabendo de nada?

— Não, de nada.

— Eram muito bonitos, claro. Também houve outra coisa. A primeira coisa que pensei ao vê-los entrar na recepção foi que ela se parecia muitíssimo com a *maja* de Goya.

— E você não me disse!

— Não.

— Quer dizer que pensou nisso o tempo todo e não me disse nada?

— Fiz uma promessa.

— E ali à beira do rio não me deixou dizer absolutamente nada. Não me deixou falar.

— Eu não parava de rir. Estava morrendo de rir e, claro, não podia dizer nada.

— Você falou que eu estava inventando histórias para retê-la.

— E você ficou desesperado. Falou pelos cotovelos. Mas talvez eu tenha feito bem em não ouvi-lo.

— Por quê?

- Senão, você não teria escrito sobre o que aconteceu.
- E o que acha?
- Espantoso... Mas não acredito, Frank. Nesse ponto estou tão inflexível quanto em Salamanca.
- Não acredita em quê?
- Concordo que ela se parecia com *La maja desnuda*. Mas não creio que existam bufões que se movam para a frente e para trás na história. E você também não.
- De todo modo, acredito que ela morreu em Sevilha.
- Tem certeza?
- Você não?
- Pretendo verificar amanhã.
- Testemunhei o ataque que ela sofreu em Taveuni. Vi como estava irascível em Salamanca e como José estava arrasado quando me encontrei com ele no Prado. Quero dizer, ninguém mente sobre a morte da própria mulher.
- Não, suponho que não...
- Não, isso não se faz.
- Não me entusiasmou o tal primata fêmea da Austrália. Você poderia ter me poupado essa, Frank.
- É que eu estava me sentindo condenadamente só. Foi o que tentei exprimir. Estou condenadamente só.
- Não foi nesse sentido que falei.
- Foi em que sentido então?
- Não tenho escrúpulos morais, se é o que você acha. Só estou dizendo que não gostei nada da tal “Laura”.
- Não deve pensar nela.
- Não lhe pareceu uma mulher muito infantil?
- Claro que sim. Às vezes eu também me sinto uma criança.
- Não gostei. Para ser sincera, achei-a um pouco repulsiva.
- Já imaginava.
- Não compreendo por que você escreveu sobre ela. Foi para ver se eu ficava com ciúmes?
- Na realidade não foi por isso. Sinto falta de você.
- Mas gostei do manifesto.
- É para nós dois.
- Está aqui diante de mim. Espere um momento... Este, por

exemplo, me agrada muito: *A teia de aranha dos segredos da estirpe se estende dos micropuzzles da sopa da matéria aos crossopterígio videntes e anfíbios de vanguarda. Répteis que põem ovos, prossímios acrobáticos e nostálgicos antropomorfos foram prestando com muito cuidado seu testemunho. Escondia-se uma autopercepção ultralatente bem dentro do cérebro do réptil? Algum antropomorfo excêntrico percebia de vez em quando um adormecido indício do plano geral?*

— Sim, roubavam como corvos.

— Não seja tão mesquinho... Ou este: *No globo ocular colidem a visão e a percepção, a criação e a reflexão. As esferas oculares de Jano são uma porta giratória mágica em que o espírito criador encontra a si mesmo no criado. O olho que olha para o Universo é o olho do próprio Universo.*

— Eu tinha me esquecido desse.

— Devem ser pessoas bem esquisitas.

— Foi o que pensei desde o momento em que os conheci.

— Mas, é claro, não acredito nessas ideias.

— Está pensando em alguma delas em particular?

— Você não terá esquecido que tem certas obrigações profissionais, Frank? Quero dizer que, como teoria científica, tudo isso lhe daria uma bela suspensão.

— Já não tenho tanta certeza.

— Não vai me dizer que acredita seriamente que uma coisa que acontece hoje pode influir numa coisa que aconteceu há muito tempo, não é? Ou virou esotérico?

— De jeito nenhum. Mas, ao contrário de antes, agora sinto que a vida tem um significado.

— Você me surpreende.

— Se uma pessoa que vive hoje pode ser idêntica a outra que viveu há muito tempo, pode ser que não se trate de mera casualidade.

— Repito: você me surpreende.

— Não há nada mais surpreendente do que a existência do mundo. Vivemos, Vera! Surpresa, surpresa!

— Nisso estou de acordo.

— Mas não tivemos uma espécie de dogma básico que reza que a existência do Universo parece mais uma casualidade monstruosa? Pelo menos não tem nenhum “sentido”.

— Você está ficando pesado demais.

— Acho que o Universo tem uma finalidade.

— Virou religioso?

— Chame assim, se quiser. Mas sem outra confissão específica a não ser a de vislumbrar um sentido tanto na minha vida como no mundo que me rodeia.

— Não é pouca coisa. E você não é capaz de definir com mais precisão esse “sentido”?

— Não estou brincando, Vera. Sabemos como a vida na Terra evoluiu durante bilhões de anos, e as ciências naturais não se cansam de qualificar em uníssono essa imensa criação como uma longa série de processos físicos e bioquímicos, cegos e casuais, e no fundo totalmente carentes de sentido. Já não vejo as coisas assim.

— Então teria que se reciclar em sacerdócio ou curandeirismo.

— Ouça isto: o ser humano é um complicado processo bioquímico que, na melhor das hipóteses, dura por volta de oitenta ou noventa anos, e que no sentido mais profundo não passa do enganoso âmbito da luta de algumas macromoléculas para se multiplicar. O único fim que se pode atribuir à vida humana é o que tem lugar dentro de cada uma das células, isto é, a autorreprodução em massa dos genes. Pois um “ser humano” não passa da máquina de sobrevivência dos genes. A finalidade em si é o gene, não o organismo. Então, a finalidade da existência é a sobrevivência dos genes, e não o que estes dirigem. A meta é o ovo, e não a galinha, porque a galinha nada mais é que um produto do ovo. Não é mais que o gameta do ovo. Por isso podemos encerrá-la numa gaiola!

— Você parece um pouco exaltado. Mas vou deixar passar o que acaba de dizer e tomá-lo como um resumo aceitável.

— Não deveria. Daqui a cinquenta anos a maior parte dos seres humanos rirá de uma visão do mundo como esta. Pertencemos a uma geração de biólogos que comete coletivamente uma *reductio ad absurdum*.

— Qual é então a finalidade da vida?

— Já disse que não sei. Só digo que o Universo não carece de sentido. A evolução da vida na Terra é um processo muito mais espetacular do que o mito de criação mais grandiloquente.

— Você está esquisito, muito esquisito.

— Concorda que você tem uma alma?

- Não sei. Não sei se empregaria essa palavra.
- Mas concorda que tem uma consciência?
- Claro que sim. Se dissesse que não, seria uma contradição.
- Então você tem uma consciência do Universo.
- E de mim mesma. *Cogito, ergo sum.*
- Podemos retroceder até aí, até Descartes, porque foi quando tudo começou a descarrilar. Existe uma matéria e uma consciência da matéria. Penso que a consciência constitui uma parte tão essencial da natureza do Universo que não pode ser apenas um casual produto secundário.
- Primeiro, foi a matéria.
- Pode ser.
- Ainda não vi uma consciência se manifestar materialmente, mas o contrário, sim, eu vi.
- Espere aí. Você diz que ainda não viu uma consciência se manifestar materialmente?
- Digo.
- Exceto o mundo, Vera, exceto o mundo.
- Entendo. Mas você já não se pronuncia como um cientista.
- Nesse caso, talvez fosse importante falar de algo que não fosse ciência. Para mim, a consciência é uma parte mais essencial da natureza do Universo do que todas as estrelas e cometas juntos.
- Mas a matéria *é* antes da consciência. Na verdade, ela é primária em relação a conversas como esta.
- Pode ser, já disse. Mas para mim está cada vez mais claro que a matéria cósmica levava em suas entranhas a consciência. A consciência não é um aspecto menos universal da realidade do que as reações nucleares nas estrelas.
- Juro que não sei. É evidente que você pensou mais que eu nisso tudo.
- O sangue também é antes do amor.
- O que acabou de dizer?
- Que o sangue tem que fluir pelas veias antes de sermos capazes de nos amar. E isso significa que o sangue é mais importante que o amor.
- Talvez também ocorra com isso como com o ovo e a galinha.
- Como assim?

— Se não fosse pelo sangue, não haveria amor. E se não fosse pelo amor, não haveria sangue.

— Era o que eu queria dizer.

— Podemos continuar conversando em Sevilha. São quase três da madrugada.

— Eu só quis dizer que acabei com esse reducionismo desmedido que pesou sobre este século como um pesadelo. Já é hora de uma mudança de milênio.

— E eu me limito a dizer que você está ambíguo demais. A única coisa que temos para embasar a ciência são as forças da natureza.

— Bah! Tiramos conclusões que ultrapassam em muito o que as quatro forças da natureza dariam de si.

— Tem algum exemplo?

— O Sol não é apenas uma estrela, a Terra não é apenas um planeta, o ser humano não é apenas um animal, um animal não é apenas terra, a terra não é apenas lava, e Ana não está morta.

— Qual foi a última coisa que você disse?

— Sei lá. Escapou, encaixa bem na frase.

— Pelo ritmo?

— Sim, pelo ritmo.

— Também gostei desta: *O Curinga só está presente em parte no mundo dos elfos. Sabe que vai embora, e por isso acertou suas contas. Sabe que vai desaparecer do todo, e por isso já está meio desaparecido. Vem de tudo o que há e não vai para lugar nenhum. Quando chegar ao destino, não poderá nem sonhar em voltar. Irá para o país onde nem sequer se dorme.*

— Então você tem certeza absoluta de que existe o País do Nada?

— Infelizmente, sim. Na medida em que se possa dizer que “nada” é algo que realmente existe.

— Então é ainda mais importante nos vermos. Vivemos poucos anos demais.

— Concorde.

— Na minha opinião, é justamente disso que o manifesto trata.

— Na minha opinião, trata de que fazemos parte de algo muito importante.

— Vou buscá-la no aeroporto de Sevilha.

— Reservou hotel?

— Reservei um quarto no Doña María. Fica na plaza de la Virgen

de los Reyes, em frente à catedral e à Giralda.

— Reservou para mim também?

— Claro. Contava que você fosse, depois de tanto lhe suplicar, sabe?

— Suplicar?

— Sim, supliquei. Você imprimiu?

— Na mesma hora. Detesto ler na tela.

— Eu também.

— Agora entendo por que você me disse que eu o fazia pensar num gecko. Achei muita graça no Gordon.

— Imagino.

— Você precisa que lhe falem com severidade.

— Mas não é você que se parece com Gordon. Gordon é que se parecia com você. Causa e efeito, Vera!

— Muito engraçadinho... Então, reservou dois quartos?

— Reservei as duas coisas.

— O que quer dizer com isso?

— Reservei um quarto e dois quartos... Alô?

— Perdi a voz.

— Por quê?

— Você é muito estranho. E ficou muito descuidado com os princípios da lógica.

— Dá para ser um pouco mais precisa?

— Não se pode reservar um quarto e dois quartos. Nesse caso, foram reservados dois.

— A lógica é pobre demais em ambivalência. Por isso também não se presta muito para resolver conflitos ou processos em geral. A lógica está completamente morta, Vera.

— É mais ou menos como não se poder chegar “em parte” a uma ilha deserta. Ir ou vir é uma coisa que se faz ou não se faz. Está aí algo que você deveria levar em conta. É isso, é algo que você deveria levar em conta, Frank.

— Não sei se já estou tão certo disso. Por um lado, o anão chegou à ilha com o marinheiro, mas, por outro, só apareceu mais tarde.

— Creio que estamos mantendo um diálogo de bobos. Eu sou a ilha deserta.

— Vera?

— Amanhã nos vemos.

- E logo veremos de que modo nos vemos.
- Trata-se de uma ideia profunda?
- Talvez haja um céu acima deste.
- Essa foi mais profunda ainda?
- Sei lá. Já não sei o que estou dizendo. É como se alguém pusesse as palavras na minha boca.
- É o que se chama eludir responsabilidades.
- Acabo de me lembrar de uma coisa que Ana disse em Fiji.
- O quê?
- “Há alguma coisa fora disto”, falou.
- Sim, sim, é verdade. Espere um instante...
- O que está fazendo?
- Nada, espere, estou olhando... “Vocês vão pensar que foram a um funeral”, ela disse, “mas na realidade vão assistir a um nascimento.” Acha que ela estava profetizando?
- Já lhe disse que não sei. Só sei que vou pegar o AVE das oito.
- Escute... voltei a estudar o quadro de Goya. Estremeci ao vê-la em Salamanca.
- Você mereceu.
- Mereci o quê?
- Estremecer um pouco.
- Até amanhã.

EPILOGO DE JOHN SPOOKE

QUANTO A MIM, estremeço quando vejo a grande foto colorida de Sheila. Está numa moldura preta em cima da escrivaninha em que estou trabalhando, e aí se encontra desde que a tirei há alguns anos diante do velho prédio da prefeitura de Croydon. Sheila devia estar olhando diretamente para a objetiva no momento em que eu tirava a foto, porque é como se olhasse para mim. Às vezes tenho a sensação de que pensou que assim me vigiaria se morresse antes de mim.

Sempre me pareceu doloroso observar fotos nítidas em cores de pessoas que já não vivem. Para não dizer o contrário: há duzentos anos deve ter sido muito chocante para um andaluz qualquer topar com o retrato da formosa cigana nos jardins do Alcázar que o anão levava consigo.

Passados três anos, continua me parecendo impossível que eu nunca vá ver Sheila de novo. Mas como posso estar tão certo de que não vou me reunir a ela? Estou quase certo, mas não de todo. Com a simples existência do mundo, os limites do improvável já foram superados. Se o mundo existe, por que não haveria de existir outro mundo depois?

Porque somos de carne e osso, como os sapos e os morcegos, teria dito Frank. Sim, concordo, e se há algo que me aborrece, é justamente a circulação sanguínea. Já sou um primata bastante idoso. Mas não sou também um ser de espírito?

Nunca aceitei totalmente a ideia de que a alma do ser humano não passa de um absurdo fenômeno baseado em proteínas, como o pescoço da girafa ou a tromba do elefante. Com minha consciência, sou capaz de perceber todo o Universo. Já não estou tão convencido de que a alma seja apenas uma secreção bioquímica.

Sabemos que existem outras galáxias. Talvez existam também outros Universos, muitos astrônomos assim creem. Por que a sucessão de um nível de realidade a outro seria menos provável do que uma sucessão no tempo e no espaço? Ou, dito de outro modo: por que seria impensável a sucessão de um nível a um metanível? É possível despertar de um sonho.

Não sabemos o que é este mundo. Imagino que seja fácil se deixar

enganar pelos limites que o nível de realidade em que você se encontra neste momento lhe impõe. E Ana não tinha morrido.

Quando cheguei a Taveuni para participar de um programa de televisão sobre o futuro do ser humano, fazia anos que não escrevia nenhum romance. Durante a doença de Sheila fui incapaz de produzir o que quer que fosse, e também não consegui começar nada novo nos primeiros anos depois da sua morte. Nunca deu certo para mim ter dois pensamentos ao mesmo tempo. É curioso o quanto um homem da minha idade pode se sentir amarrado a uma mulher. É quase aterrador verificar a que ponto nossa força vital pode se debilitar com a ausência de um ser querido.

Eu sentia necessidade de encontrar pessoas novas para poder voltar a escrever, e em Taveuni topei com gente bem diferente da que costumo conhecer aqui em Croydon. Eu precisava me exercitar com novas ideias e pensamentos. Talvez por isso tenha convidado os hóspedes do Maravu para uma cúpula no trópico.

Também em ocasiões anteriores eu havia tomado situações reais como ponto de partida para um romance. Nunca me faltou imaginação, mas muitas vezes foi difícil para mim inventar personagens realmente vivos.

Antes de encontrar Frank, eu já havia escolhido Ana e José como personagens do romance que ia escrever. Ana era uma mulher impressionante, de cerca de trinta anos. Era meia cabeça mais alta que José, tinha uma longa cabeleira negra, olhos escuros e se movia como uma deusa. Ele era mais velho que ela, com olhos azuis e uma tez clara demais para ser espanhol. Apresentaram-se como jornalistas de televisão, mas José mencionou em algum momento que Ana também era uma conhecida *bailora* de flamenco. Eu fora enviado pela BBC à ilha, para me colocar na linha de mudança de data e dizer algumas palavras sobre ética global e o futuro do planeta. Supunha-se que o casal espanhol estava lá para preparar uma reportagem semelhante para um canal de televisão espanhol, razão por que nos encontramos algumas vezes no meridiano de cento e oitenta graus. Um grande número de equipes de televisão já havia passado pela ilha, apesar de que ainda faltassem quase dois anos para a comemoração.

Eu tinha me fixado no casal espanhol por vários motivos. Quando estavam sozinhos, ou melhor, quando agiam como se estivessem

sozinhos, costumavam recitar um para o outro estranhas máximas. Faziam-me pensar nas pessoas que falam sozinhas, e digo isso embora fossem dois, porque não davam a impressão de dizerem algo que o outro não soubesse. Eu não entendia espanhol, mas ouvia os estranhos sussurros com grande interesse, antes de Frank fazer a mesma coisa. A diferença entre mim e Frank era que ele entendia o que diziam. Era uma diferença essencial. Eu havia reagido à forma, não ao conteúdo. Já durante o jantar da primeira noite, observei como Frank escutava disfarçadamente os dois espanhóis. Quando ele me pediu emprestada a esferográfica, o prazer foi meu. De alguma maneira imaginei que lhe dera uma tarefa, sem que ele soubesse.

Houve algo mais, e creio que foi isso que me fez reagir ou, melhor dizendo, espionar o casal espanhol. Desde o primeiro instante, tive a sensação de ter visto Ana antes. Depois Frank chegou à ilha. Quando comentou que ele também tinha certeza de tê-la encontrado antes, pus-me a investigar, e não vou negar que estremeci ao descobrir a verdade. Fiquei estupefato, e a partir desse momento passei a ver Ana de maneira bem diferente.

Optei por não me precipitar. Também não quis dizer nada a Frank, para não deixá-lo ainda mais aturdido do que já estava. Limitei-me a lhe dar uma pequena pista no dia em que partiu de Maravu. Depois continuei na expectativa. Era uma história que eu queria levar para casa.

Jamais gostei de falar do que estou escrevendo, pelo menos enquanto não comecei o processo de escrever. E eu temia que os comentários pudessem estragar tudo, se meu projeto se transformasse em assunto de conversa durante os jantares em Maravu.

Quando chegou a Taveuni, Frank já estava no Pacífico Sul fazia dois meses. Praticamente todos os conhecimentos que possuo sobre essa parte do mundo provêm dele. Conforme o fui conhecendo, foi ficando mais claro para mim que ele teria de ser o narrador do romance que eu queria escrever. Tive a impressão de que ele e eu faríamos uma boa dupla, apesar da grande diferença de idade. Claro, devo dizer que o sonho que Frank relatou a Gordon, ele tomou emprestado de mim. Eu é que tive um pesadelo certa noite em Maravu, sonhando que não me lembrava se tinha dezoito ou vinte e oito anos. Acordei logo e não

tinha os alarmantes quarenta anos de Frank, mas os alarmantes sessenta e cinco meus. Levantei-me de um salto e me pus diante do espelho grande do armário. Eu era o primata entrado em anos.

Nenhum ser humano é idêntico a outro, e é óbvio que existe toda uma variada flora de caracteres. No entanto, a meu ver não há mais que duas categorias de pessoas: uma, que abarca a enorme maioria, sente-se contente em viver setenta, oitenta, noventa anos. Suas razões podem variar. Alguns pensam que ao cabo de oitenta ou noventa anos terão vivido uma rica e longa vida, e que, então, ficarão contentes em se estirar de boca para cima e morrer tranquilos e satisfeitos; outros sustentam que em nenhuma circunstância querem ficar velhos, necessitar de toda sorte de cuidados e se transformar assim num fardo para os demais; outros desejam viver mais de oitenta ou noventa anos, o que é pouco sensato, já que a natureza é feita de tal forma que não chegamos a muito mais que isso. Depois vêm os que — talvez o maior subgrupo — consideram um horror a ideia de ter de estar no mundo durante centenas ou milhares de anos. Bem, está certo e em conformidade com a natureza das coisas. Mas há outra categoria de pessoas completamente diferentes, um reduzido número de indivíduos que deseja viver eternamente. São pessoas que padecem de uma anomalia, no sentido de que não são capazes de entender como poderá continuar existindo um mundo quando elas tiverem desaparecido. Frank era destes últimos, razão por que me interessou desde o primeiro momento. Essa era, além disso, uma condição necessária para que eu o transformasse no narrador do romance. Nunca me senti identificado com os medrosos que repelem a ideia de viver na Terra eternamente. Quando era mais moço, essa qualidade era uma das que eu sempre buscava nas fases iniciais do meu relacionamento com outras pessoas. Costumava perguntar: se você pudesse escolher, gostaria de viver eternamente? Fui montando assim minha pequena estatística informal. E cheguei à conclusão de que a maioria dos seres humanos deseja morrer. Ótimo! Ainda bem que a natureza está organizada de uma maneira muito sábia!

Nem sempre coincide de serem os que mais aproveitam a vida os menos dispostos a abandoná-la quando chega a hora. Ao contrário, os que mais se divertem costumam ser os que têm uma atitude despreocupada diante do fato de que a vida vá acabar um dia. Isso

pode parecer um paradoxo, mas não é, o que se deduz quando se estuda a questão mais a fundo. Os que se negam a aceitar que a vida se acaba já estão no limite. Sabem que logo vão desaparecer, portanto já estão meio desaparecidos. Por conseguinte, o importante não é se só lhes restam cinco ou cinquenta anos de vida. É nesse ponto que se distinguem dos que aceitam o fato de que um dia terão de abandonar esta vida — sempre que tal fato não se consume cedo demais. Os que querem viver sempre não são os primeiros a se lançar na pista de dança. Não são os que aproveitam a vida. Os dançarinos estão tão absorvidos na dança da vida que não se deixam distrair pela ideia de que um dia a festa chegará ao fim.

Em sua carta a Vera, Frank conta como viveu o breve voo de Viti Levu a Taveuni. Já nesse relato se vê claramente a que categoria de pessoas pertence. Levaria um bom tempo para eu ler os pensamentos que ele havia tido naquela primeira manhã na ilha, mas creio que já então intuí por que circuitos eles se moviam, e iria entender ainda mais nos dias seguintes. Frank pertencia a um raro grupo de pessoas. Era dos que se sentem oprimidos na Terra pela falta de duração e espírito do mundo.

Frank conclui a descrição do voo de Nadi afirmando que “provocou em mim a sensação iniludível de não ser nada mais que um frágil vertebrado no zênite da vida”. Isso é o que ele acha, pensei, e não porque me custasse reconhecer-me em seus pensamentos, mas porque eu tinha quase trinta anos mais do que ele, quer dizer, a mesma idade do piloto. Agora, debruçado sobre a escrivaninha em Croydon, uma caprichosa ciática me faz sentir de vez em quando pontadas incômodas. Não é preciso ser especialista em vertebrados para notar que estou carregando um esqueleto enfraquecido. Faço, além disso, tratamento para uma angina do peito e sei que cada segundo que continuo no mundo deve ser considerado uma dádiva divina. É como viver com uma pistola na nuca. É como se o tempo que me resta na Via Láctea eu fosse passar num teco-teco caixa de fósforos com instrumentos defeituosos. Não estou nem sequer acompanhado por uma amiga com quem possa ler o mapa no último trecho da viagem.

Faz três anos que Sheila morreu, e mais alguns meses que ela foi capaz de atravessar o quarto e pôr sua mão reconfortante na minha nuca. Fazia mais de quarenta anos que nos conhecíamos quando ela

morreu. Permito-me mencionar algo tão íntimo para assinalar por que agi com tanta resolução quando me encontrei com Frank em Madri um ano depois.

Ao tomar o café da manhã com os espanhóis no dia em que acabava de pegar Frank no aeroporto, mencionei que um norueguês havia chegado no voo matinal e que os noruegueses são considerados excelentes jogadores de cartas. Com certeza isso tem algo a ver com os invernos longos, notei. Eu observara que Ana gostava de ficar até tarde jogando. Era sempre a mais interessada em arranjar parceiros com os quais competir. Naquela mesma manhã tinha ido embora um holandês que jogara contra eles. Quem ocuparia agora sua cadeira à mesa do bridge? Eu não, é claro, porque não sabia jogar cartas nem queria aprender.

O baralho é uma coisa que associo a Sheila. Ela era capaz de passar tardes inteiras jogando paciência enquanto eu trabalhava na mansarda. Sempre ficava contente quando eu descia à sala de estar depois de acabar meu trabalho. Para se dar importância, fazia-me esperar até o final do jogo, e quando ela estava de bom humor e queria brincar, eu tinha de embaralhar as cartas para que jogasse mais uma paciência. Ao terminá-la, levantava por fim a cabeça e olhava para mim.

Reparei no chalé que deram a Frank quando ele chegou. Além disso, como nem sempre havia pessoal na recepção, aproveitei a oportunidade para anotar seu endereço, sua data de nascimento, e vi que seu passaporte fora expedido em Oslo. Depois indiquei aos espanhóis a *bure* em que o norueguês estava hospedado e acrescentei que o tinha visto na varanda. Creio que ele se sente bastante só, falei. A intenção foi boa.

Devo dizer que nem tudo o que aconteceu em Maravu naqueles dias de janeiro aconteceu por acontecer. Não que eu me dedicasse a bancar o alcoviteiro, apenas ajudei a pôr em movimento certos processos sociais cujo andamento, não fosse isso, teria exigido pelo menos uma semana.

Como disse, em primeiro lugar, fui eu que insinuei a Ana e José a possibilidade de que Frank estivesse disposto a substituir o holandês no bridge. Fiz isso muito mais por Ana. Em segundo lugar, fui eu que indiquei o chalé em que o norueguês acabava de se instalar. E, em terceiro lugar, sugeri aos espanhóis que tentássemos arrancar do

biólogo evolutivo informações sobre o estado em que se encontrava sua ciência na atualidade, quase cento e cinquenta anos depois da *Origem das espécies* de Darwin, pois me pareceu que devíamos aproveitar a ocasião. Na noite anterior, José e eu tínhamos confraternizado numa teoria mundana que dizia ser o homem moderno demasiado pobre no que optamos por chamar de “imaginação do conhecimento”.

Se a carta a Vera — inclusive o epílogo que a segue — realmente acabar numa cápsula do tempo na linha internacional de mudança de data, daqui a mil anos terei de responder por brincadeiras como essa, e já está se montando o patíbulo. Contudo, naquela altura terão prescrito todas as acusações, até mesmo do que fiz em Sevilha quase um ano mais tarde. Porque a história de Ana e José ainda não terminou, e o relato sobre Frank e Vera também não.

Sou capaz de achar consolo no fato de que, apesar do que fazemos ou deixamos de fazer, daqui a um tempo tudo terá sido esquecido. A vocês, que lerão isto daqui a mil anos, peço que a história de Ana não se afogue no entusiasmo da entrada em outro milênio.

Li há algum tempo no *Daily Telegraph* que está sendo planejada a construção de um Monumento ao Milênio em Taveuni. Por quinhentos dólares, quem quiser pode escrever uma saudação ao quarto milênio e colocar a nota numa cápsula de vidro. A cápsula será introduzida no oco de um tijolo, que após selado fará parte do próprio monumento. Depois, uma fundação tratará de conservá-lo durante o próximo milênio e de garantir que sua cápsula seja aberta no ano 3000.

Passar-se-ão mil anos, e então a história de Ana María Maya será lida nesse lugar, onde o meridiano de cento e oitenta graus cruza Taveuni. Quando tento imaginar como serão as pessoas que estarão na linha de mudança de data daqui a mil anos, sempre imagino um anão sentado no monumento lendo estas linhas.

A carta a Vera se inicia com uma apresentação exaustiva que Frank faz da ilha a que havia chegado, e não entendo muito bem por que dedica tanto tempo a ela. Explico: o homem está num quarto de hotel em Madri, tem apenas alguns dias para relatar a Vera a história de Ana e José, e se põe a discorrer sobre sapos e morcegos! Não sei que espaço existe nas cápsulas que se podem comprar por quinhentos dólares, só sei que são introduzidas no oco de um tijolo. Se na minha mensagem para o futuro não couber tudo o que Frank escreve, terei

de tirar algumas páginas daqui e dali. Por outro lado, quando a carta a Vera for lida em Taveuni no dia 1o de janeiro de 3000 — no que estou pondo todo o meu empenho —, nossos descendentes terão também um amplo relatório de como era “The Garden Island” mil anos antes. Pobre gente! Talvez nos odeiem. Duvido que a pomba cor de laranja continue com seus voos matutinos sobre o lago Tagimaucia. Duvido que reste algo do frondoso bosque tropical. Por esse motivo ainda não arranquei as páginas que Frank escreveu sobre as condições naturais em Fiji. Na pior das hipóteses, vou me contentar em colocar um disquete no tijolo selado. A questão é se ele será compatível daqui a mil anos. Por via das dúvidas, procurarei introduzir algumas folhas com o manifesto impresso. Ele não requer muito espaço.

Sinto calafrios quando uma vez ou outra me pergunto o que poderia ter acontecido se Vera realmente houvesse recebido a carta de Frank. Pois bem, como vou acrescentar um epílogo, darei um jeito para que a leia em alguma ocasião. Talvez a ajude a entender melhor o que aconteceu em Sevilha. Se ela insistir que mais gente deveria ter a possibilidade de ler a história de Ana, pode ser que no fim das contas eu me desfaça dessa ideia da cápsula do tempo. Não adianta nada pôr um escrito numa cápsula do tempo que só poderá ser aberta daqui a mil anos se seu conteúdo já circulou entre as pessoas de nossa época. Nesse caso, tudo já estará dito, e o mundo decidirá o que deve ser recordado pela posteridade e o que cairá no esquecimento. Sempre zumbem muitas vozes nas pegadas deixadas pelos seres humanos, vozes demais. Se fôssemos escutar sobrepostas todas as vozes das gerações anteriores em forma de fundo sonoro verbal, a situação seria insustentável. Ou se guarda um segredo durante mil anos, ou se opta por deixar de fazê-lo.

Fui eu quem começou a falar com Frank dos gecos, porque pensei que dariam mais asco a mim do que a ele se me tocassem enquanto eu dormia, por exemplo. Pensei que Frank, que se apresentara como um especialista nessa classe de criaturas, talvez pudesse pronunciar algumas palavras tranquilizadoras sobre a coexistência pacífica entre os homens e os répteis, especialmente um homem rabugento como eu. Mas ele me deu a entender que também preferia ver seu quarto livre dos gecos, embora não tenha me dito por quê. No entanto, observou

que até então só tinha visto um geco, mas que tivera a precaução de abrir a porta o menos possível para que não entrassem mosquitos no quarto, truque que eu desconhecia. Foi esse geco que recebeu o nome de Gordon, tomado de uma nobre bebida londrina pela qual sempre senti grande apreço, a tal ponto que Sheila não parava de fazer comentários a esse respeito. Quando giro a tampa de uma garrafa — particularmente se não foi aberta antes —, ainda me parece que Sheila está me observando.

Frank não apenas pertencia à categoria de pessoas que se sentem apressadas pela Terra por causa da pouca duração e do pouco espírito da existência. Também pertencia aos que sempre ouvem vozes na cabeça.

Sobretudo depois da morte de Sheila, também ouço vozes. Continuo tendo longas conversas com ela, e nem sempre tenho consciência se falo em voz alta ou se se trata apenas de algo que penso. Pelo menos sei que uma vez ou outra falo em voz alta, e ela me responde em meus pensamentos.

Sempre foi fácil conversar com Sheila, mesmo quando ela vivia. Quando eu me pronunciava sobre algo, sabia sempre de antemão o que ela diria, não apenas a opinião que tinha sobre isto ou aquilo, mas exatamente o que iria dizer, palavra por palavra. Nós nos conhecíamos muito bem.

Acho que todo mundo tem sua própria linguagem, e talvez sejamos particularmente individualistas em nossa escolha das palavras e expressões mais frequentes, como “está vendo”, “propriamente dito”, “por assim dizer”, “está me entendendo?”, “sempre achei que”, “não vê que está dizendo besteira?” etc. Quando estou com outras pessoas, costumo prestar atenção em algumas dessas frases que eram de Sheila e que fazem que, de algum modo, ela continue ao meu lado.

Respondo em voz alta especialmente quando me altero com algo que Sheila diz, embora saiba de antemão que ela vai dizer isso que me altera. Nesse nível, nenhuma mudança dramática se produziu na minha vida. Pode soar curioso na minha idade, mas sinto falta do corpo dela. Grande parte das outras formas de convivência se mantêm de certa maneira intactas, não apenas porque continuamos a conversar, mas por todas as lembranças que compartilhamos, pois também nelas Sheila ocupa um lugar de destaque. Sinto falta até mesmo de que me peça

que embaralhe para ela as cartas da paciência.

Sheila sempre gostou de paciência, desde quando era jovem, e essa característica tão curiosa foi uma das coisas que me levaram a me apaixonar perdidamente por ela. Mais tarde podia odiá-la exatamente por essas excentricidades. Às vezes detestava que passasse tardes inteiras jogando paciência. Lembro de uma vez ter lhe dito que jogar paciência é considerado um jogo da morte. Ela se ofendeu muitíssimo. Também me irritava flagrá-la trapaceando para conseguir fechar a paciência. E agora que ela não está mais aqui, sinto falta daquilo por que a odiava. Assim se fechou o círculo, que não é vicioso. É mais fácil amar um ser que você não alcança do que amar alguém de quem você não se livra.

Tenho um vizinho que diz que falo sozinho. Isso significa que é fácil enganá-lo. Alegro-me que ele nunca ouça o que Sheila diz, mas suponho que chegará o dia em que não serei capaz de guardar as palavras de Sheila só para mim. Sei que começo a ficar velho. Talvez seja cedo demais, mas já padeço de algo que eu chamaria de incontinência verbal. Isso pode piorar.

Enquanto as vozes ficarem na minha cabeça, não terei de que me envergonhar. Nunca me senti envergonhado diante de Sheila por continuar conversando com ela. Isso seria inverter as coisas. Foi ela que deixou atrás de si tanta ressonância. “Está na hora do chá, John. Você vem?” “Não me diga que vai pôr esse terno! Faz dois meses que lhe digo para levá-lo à tinturaria.” “Achei que poderíamos convidar Jeremy e Margareth para jantar uma noite dessas. Faz tanto tempo que não os vemos...”

Não me estenderei mais comentando a versão que Frank dá dessa cúpula no trópico que encenei com tanta frivolidade. Em geral, considero sua descrição bastante verídica. Só convém matizar um ponto.

Frank escreve que Ana resumiu sua visão da realidade com três asseverações. Primeiro disse: “Existe uma realidade fora desta. Quando eu morrer, não terei morrido. Todos acreditarão que morri, mas não estarei morta. Logo voltaremos a nos encontrar em outro lugar”. Depois disse: “Vocês vão pensar que foram a um funeral, mas na realidade vão assistir a um nascimento”. E, por fim: “Há alguma coisa

fora disto. Aqui não somos mais que efêmeros espíritos, que estão de passagem”.

Se disse algo do gênero, não nego, e é óbvio que é impossível lembrar quais foram as palavras exatas de uma conversa que teve lugar há mais de um ano. Pois bem, as circunstâncias me obrigam a assinalar que o amigo Frank vai longe demais ao ressaltar que Ana relacionou sua visão dualista do mundo com sua própria vida, morte e funeral. Ela utilizou frases muito mais gerais para expressar sua fé numa realidade fora desta e numa vida depois da morte. Lembro-me que relacionou isso a algum assunto comentado tanto por Laura como por mim mesmo, porque disse textualmente: “Talvez voltemos a nos ver em outro lugar e lembremos disto como um sonho”.

Se eu não tivesse voltado a me encontrar com Frank meses depois em Madri, a carta a Vera não conteria tantos pedantismos. Mas saber exatamente como Ana tinha se exprimido seria muito mais importante do que imaginamos. Eu também acho — como Frank — que ela chegou a comparar um funeral com um nascimento. Também posso confirmar que José derramou uma lágrima enquanto Ana falava, e não creio que fosse porque tivesse caído um cisco no seu olho. Mais tarde tive de me perguntar se havia alguma relação entre essas lágrimas e a repentina indisposição de Ana um dia depois.

Frank tem razão quando diz que me retirei logo que o casal espanhol saiu cambaleante em direção ao coqueiral, e por isso não sei quanto tempo ele ficou ali sentado. Não obstante, tenho motivos para pensar que se deixou seduzir pela mística naturalista de Laura, o que também se depreende da sua conversa noturna com Gordon. Tive a sensação de que Frank estava travando uma batalha interior com a finalidade de se livrar de uma imagem demasiado mecanicista do mundo. Para tanto, as doces perspectivas da moça de tranças negras e olhos estranhos talvez tenham se transformado numa grata tentação.

Frank relata como se despediu na última noite que passou na ilha. Lembro-me de que acompanhei Frank e Laura com o olhar até que sentaram na varanda. Devo precisar que não tenho nenhum outro ponto de referência do que aconteceu o resto da noite, à parte o que Frank deixa entrever em sua carta a Vera.

Voltei para Londres um dia depois de Frank ir embora, mas, ao contrário dele, fui para oeste, para Sydney, e então prossegui via

Cingapura e Bangcoc. Por fim, durante esses longos voos, pude fazer uma espécie de imagem geral de tudo o que registrei em Maravu.

Ana passou mal de novo quando o norueguês se afastou. Aconteceu no coqueiral, diante da piscina, logo depois de tê-lo cumprimentado. Durou apenas alguns minutos, mas dessa vez também José reagiu com pânico. Beliscou-a no braço, pronunciou seu nome repetidas vezes e tentou levantar os pés dela e apoiá-los no tronco de um coqueiro, no qual estava pendurado um cartaz com uma advertência inequívoca de que caíam cocos.

Eu havia transmitido a Ana a preocupação de Frank com a saúde dela e seus votos de pronta recuperação. Também fiz alguns comentários sobre o amor do norueguês pela arte espanhola e de que ele tinha mencionado o Prado como uma das melhores pinacotecas do mundo. É possível que eu tenha acrescentado que seu favorito entre os mestres era Goya. Mas não obtive a reação desejada, porque José se mostrou bastante agressivo e disse: “Muito bem. Agora por que não nos deixa em paz?”.

Ana parecia tolerar mais do que ele a iniciativa de falar de Goya. Mas, claro, foi ela que desabou na grama diante da piscina quinze minutos depois. Durante o jantar só os vi de longe e, além do mais, já tinham chegado novos hóspedes.

Em sua carta, Frank não diz nada do que fez em Oslo até fins de abril. Se continuava vivendo na rua Sogn, deveria ser penoso subir a última ladeira para casa ao voltar a pé da universidade. E, se ia de carro, também teria de passar pelo lugar do acidente várias vezes por dia. Se eu me visse na mesma situação, acho que teria me mudado. Em Croydon, faço longos desvios para evitar passar em frente ao hospital em que Sheila foi internada pouco antes de morrer.

Frank e eu tínhamos um sentimento da vida bem parecido, mas me incomodava o fato de que ele e Vera fossem incapazes de conversar. Tinham perdido uma filha, mas também a tiveram juntos. Sheila e eu tentamos por muitos anos, mas nunca tivemos um filho. Ela contava com as cartas da paciência. E eu, com os romances.

Com isso, deixei claro que grande parte do que Frank conta sobre Fiji se baseia na realidade.

Se tenho um programa literário, é o seguinte: sempre me baseio em

situações reais, na medida em que tenho acesso a essas situações. Mas nós não conseguimos ter conhecimento de tudo, e nessas zonas cinzentas a fantasia adquire certa liberdade de ação. No que concerne às questões históricas, tais como os modelos de Goya, a coleção de arte de Manuel Godoy ou os pioneiros do *cante flamenco*, o material de que se dispõe é limitado. No entanto, acho necessário acrescentar que pode acontecer de um romancista dar com alguma fonte que até então tenha estado oculta dos historiadores. E mais ainda: pode até acontecer que o romancista consiga ter acesso a fontes mais ou menos herméticas capazes de lançar nova luz sobre fatos históricos. Desta vez houve vários desses golpes de sorte. Se ressalto isso, é porque quero deixar bem claro que muito do que Frank contou sobre Fiji e a Espanha é autêntico.

Pareceu-me inexplicável a enorme semelhança de Ana com a *maja* de Goya, e li sobre a *maja desnuda* no catálogo do Museu do Prado que “esse quadro, cujo enigma ainda não foi resolvido, é um exercício de pintura intimista”. “Cujo enigma ainda não foi resolvido”, está escrito, não que “nunca será resolvido”. Mas está escrito “intimista”. Faz duzentos anos que o quadro foi pintado, e a verdade é que na Espanha ainda se conservam velhas cômodas que guardam segredos de duzentos anos atrás, por exemplo, em Sanlúcar de Barrameda.

Encontrar-me com Frank em Madri foi perturbador para o meu trabalho. No meio da preparação do meu romance, aparece de repente seu protagonista no Palace e, ainda por cima, no lugar da ação, porque eu tinha me hospedado no nobre hotel somente porque o imaginara como o lugar em que Frank escreve sua longa carta a Vera.

Na semana anterior eu havia cometido a imprudência de ir a Sevilha. Não devia ter ido, pois ali também ocorreram coisas inconvenientes para o projeto do romance.

Tive de evitar o ofício fúnebre, o que não fora minha intenção no início. Ao contrário, tinha a ilusão de poder descrever uma multidão de ciganos de luto por Ana María, que havia morrido por perseguir um anão que tirara uma foto dela.

O que aconteceu em Sevilha?

Às vezes acontece que nossas vidas, até mesmo no que têm de mais cotidiano, superam em muito qualquer história inventada.

Quando desci ao bar do Palace, Frank já se achava ali sentado, diante de uma cerveja. Estávamos na metade de novembro, quase um ano depois do nosso encontro em Fiji. Eu ainda tinha bem nítida a imagem que fizera dele, como uma pessoa um tanto desanimada, no dia em que o peguei no pequeno aeroporto com dois americanos.

Agora fazia pouco mais de meio ano que ele escrevera a longa carta a Vera no Palace. Ou, para deixar bem claro: fui eu que imaginei Frank sentado num quarto do hotel em Madri escrevendo uma longa carta a Vera depois de tê-la visto na conferência de Salamanca. Começa a ser importante manter separadas as duas histórias. Já em novembro de 98, eu tinha escrito parte da carta, mas não estava me saindo bem. Que fosse encontrar Frank no mesmo hotel era algo que eu nem sequer havia considerado como uma possibilidade remota. Sabia que ele vivia em Oslo, e embora ele tivesse estado estreitamente ligado à Espanha durante alguns anos, a possibilidade de encontrá-lo em Madri era mínima. Além do mais, não tinha sido ele que me falara do Palace; o hotel me fora recomendado por Chris Batt, da nova biblioteca de Croydon.

Quando sentei à mesa, o norueguês sorriu expectante e tirou do bolso do paletó uma hidrográfica Pilot dizendo:

— Não lembrei de devolver a hidrográfica que você me emprestou. Aqui está!

Ri, e por duas razões, porque era eu que deveria estar agradecido a ele.

— Eu havia dito que podia ficar com ela — comentei.

Mas em todo caso a aceitei, porque me pareceu que tinha certo valor afetivo.

— Como vai seu relatório? — perguntei.

— Bem, está quase pronto. E seu romance?

— Acho que posso responder a mesma coisa.

— Está em férias na Espanha?

Eu já estava preparado para a pergunta.

— Não exatamente.

— Pesquisando, quem sabe?

— De certo modo, sim.

— Está escrevendo sobre algum tema espanhol?

Pus um dedo nos lábios.

— Nunca falo sobre o que estou escrevendo. E você?

— Posso falar do relatório, se você quiser.

— O que está fazendo em Madri?

Como ele não respondeu imediatamente, acrescentei:

— Veio se encontrar com Vera?

— Ela mora em Barcelona.

— É verdade, lembro de você ter me dito. Acabou encontrando com ela na conferência de Salamanca?

Fez um gesto afirmativo.

— Mas não têm muito contato, têm?

— Logo veremos — limitou-se a responder.

— Está bem, logo veremos — repeti. — Não era com ela que você estava hoje?

Negou com a cabeça, pensativo. Era óbvio que pensava no que estávamos falando.

— Aquela era uma velha companheira de estudos. Há muitos anos estudei algum tempo aqui, em Madri.

— E agora está passando uns dias de férias?

Começou a se mexer na cadeira, incomodado:

— Sim, um fim de semana improvisado, por assim dizer. Quando criança morei um tempo em Madri. Meu pai foi correspondente de um jornal aqui durante quatro anos. Há sempre alguma coisa que me faz voltar.

— Talvez Vera também? Vai se encontrar com ela?

Eu tinha conseguido levá-lo até aí, mas não deu para ir mais longe, porque ele respondeu com um sorriso:

— Isto está começando a parecer um interrogatório, não acha?

Pois é, estava começando a parecer um interrogatório. Mas eu precisava saber como iam as coisas. Além disso, precisava arrancar dele se tinha alguns dias livres. Fiz um pequeno rodeio.

— Vai visitar o Prado ou lugares assim?

Seu rosto se iluminou, e não creio que tenha sido apenas por eu ter mudado de assunto.

— Na verdade tinha pensado em ir até lá amanhã — respondeu. — Se você tiver tempo, poderíamos ir juntos. Sabe? Há dois quadros que gostaria de lhe mostrar — acrescentou.

Ah, sim, pensei, dois quadros. Perguntei:

— Goya ou Velásquez?

Seu rosto tinha um ar misterioso naquele lugar cheio de fumaça de cigarro.

— Goya — afirmou.

— Em que quadros está pensando?

Olhou-me nos olhos, e creio poder afirmar que suas pupilas bailavam de emoção ao dizer:

— Você precisa vê-los. Gostaria de observar sua expressão quando os tiver diante dos olhos.

Deixou transparecer um certo orgulho, como se parte do mérito do que ia me mostrar fosse dele. Mas logo ficou de pé atrás.

— Ou sabe a que estou me referindo?

Naturalmente, tinha uma ideia de quais eram os quadros que ele queria me mostrar. Ainda em Taveuni, eu havia me antecipado. Jochen Kiess me emprestou seu computador portátil e um modem, e não demorei nem três minutos para conseguir várias fotos nítidas dos quadros mais famosos de Goya. Levei um susto tão grande que por pouco não abri a porta, saí para o coqueiral em trajes íntimos e gritei “Heureka!”. Mas recuperei a calma e encontrei na internet alguma informação sobre o flamenco em Sevilha. Assim, foi fácil descobrir que Ana era uma conhecida *bailaora* de flamenco e que se chamava Ana María Maya. Depois tudo aconteceu por si mesmo. Não foi curioso que Laura começasse a falar do velho conceito hindu de *maya* no mesmo dia em que fiquei sabendo que o sobrenome de Ana também era Maya? Não pude resistir à tentação de pôr o dedo em sua testa e chamá-la pelo verdadeiro nome. Qualifiquei-a inclusive de “obra-prima”. Foi exatamente assim que aconteceu, tal como Frank relata na carta a Vera. Ana era tão parecida com a *maja* de Goya que devia estar farta dos comentários que as pessoas faziam sobre isso, e talvez por esse motivo José tenha se irritado tanto ao ver que eu descobrira o sobrenome dela. Desse momento em diante se isolaram cada vez mais. Em seguida Ana teve aquela indisposição, que se repetiu depois de Frank ir embora. Imaginei que ela estava gravemente doente.

— Há muitos quadros de Goya no Prado — falei.

Assim ele concluiria que eu não sabia a que quadro estava se referindo. Respirou aliviado.

— Acho que vai se surpreender — observou.

Foi assim, cheia de rodeios, que transcorreu a conversa por mais alguns instantes. Acabei optando por ir direto ao assunto.

— Amanhã vou a Sevilha — falei. — Na realidade, estive lá alguns dias atrás, mas irei outra vez este fim de semana antes de voltar para a Inglaterra.

— Dê lembranças. Cumprimente as laranjeiras por mim.

— Está prometido.

Eu não sabia se ele estivera em Sevilha, mas ele falou:

— Nesta época do ano a Andaluzia deve estar linda.

É agora, pensei. É minha chance. Fitei-o em seus olhos castanhos:

— Por que não vem também?

Ele olhou para mim um pouco confuso, como que pensando: “Que história é essa?”.

Acrescentei:

— Tem uma coisa em Sevilha que eu gostaria de lhe mostrar.

Ele riu ruidosamente, e disse:

— O que pode ser?

Pus outra vez um dedo nos lábios.

— Você tem que ver, Frank.

Estávamos quites no que queríamos mostrar um ao outro. Frank olhou para o relógio e voltou a se mexer na cadeira, incomodado.

— Acho que não — respondeu. — Tanto por falta de tempo como de orçamento.

Tive uma sensação de triunfo.

— Do orçamento cuido eu. Não é problema.

— Para dizer a verdade, eu tinha pensado em passar por Barcelona na volta para a Noruega. Mas terei que ligar antes, sabe como é... fui adiando.

— Pode fazer as duas coisas — sugeri. — Primeiro fica um dia ou dois em Sevilha, depois volta para Oslo via Barcelona. Em Sevilha você talvez se bronzeie, o que é sempre bom.

O norueguês pediu outra cerveja e ficou pensativo. Enquanto isso, falei por falar:

— Prometo que não vai se decepcionar. Acho que vai ter uma surpresa.

Ele fez uma expressão interrogativa que revelava que tinha se dado conta de que eu estava imitando suas frases. Perguntei:

— Ou será que você sabe a que estou me referindo?

Dedicou-me um amplo sorriso, mas negou com a cabeça. Eu me apressei a acrescentar:

— É uma coisa impressionante. Acho que entrará para a história da sua vida como a coisa mais bonita que você já viu.

Encolheu os ombros, percebi que estava prestes a se decidir.

— Quando você contava ir?

— Amanhã ao meio-dia. O AVE sai quase de hora em hora. Almoçaremos no trem.

Frank hesitou.

— Talvez seja uma boa ideia. Na verdade nunca estive em Sevilha. Mas você há de compreender que não aceito que pague minha viagem.

— Pode aceitar minha oferta. Para mim não será apenas um prazer, trata-se também de uma valiosa pesquisa.

Voltou a rir ruidosamente, como os escandinavos costumam fazer. Falou:

— Espero que não seja eu o objeto da pesquisa.

Acendi um cigarro e disse:

— Nunca se sabe. Poderíamos conversar um pouco sobre répteis e coisas assim, ou sobre as espécies em perigo de extinção na Oceania. Preciso repassar muitas coisas.

— Claro. Pode perguntar o que quiser.

Ficamos sentados no bar até bem tarde, o que nos deu tempo de repassar boa parte da biologia evolutiva. E Frank também contou a trágica história do acidente que custou a vida da filha.

Horas depois estávamos no trem, a caminho de Sevilha. Eu sabia que me arriscava muito, e devo confessar que me sentia capturado na minha própria rede. Mas os dados tinham sido lançados.

Quando o trem parou em Córdoba, Frank jogou de repente a cabeça para trás e bateu na testa como se tivesse esquecido de algo.

— Acabei não lhe mostrando aqueles quadros! — exclamou.

Mas se negou a me dizer que quadros eram. Só repetiu que eu teria de vê-los.

Eu reservara três quartos no Hotel Doña María, e Frank perguntou por que eu tinha reservado três e não dois. Expliquei que tinha reservado um para um amigo meu que chegaria depois, embora não

estivesse totalmente certo de que o terceiro quarto seria necessário. Disse-lhe que à noite lhe mostraria uma coisa de que ele nunca se esqueceria. Mas ainda era cedo, e tínhamos bastante tempo para ver a capital andaluza.

Levei-o à catedral e ao Patio de los Naranjos, e enquanto passeávamos entre as fileiras simétricas de laranjeiras carregadas de frutas maduras, Frank me contou que Laura tinha mandado a foto que tirara em Taveuni da rara pomba de peito cor de laranja. Achei graça, porque ele não sabia o que eu havia escrito sobre sua pequena história na ilha.

Subimos na Giralda, que foi inicialmente construída como minarete, depois reformada e transformada em campanário. Dali se tinha uma vista magnífica sobre a cidade branca de ambos os lados do rio Guadalquivir. Cruzamos a plaza de la Virgen de los Reyes, onde charretes puxadas a cavalo estavam estacionadas numa longa fila, e entramos nos jardins do Alcázar, com seus tanques e chafarizes refrescantes. Por toda parte havia palmeiras, e achei curioso que Frank e eu estivéssemos passeando de novo por um palmeiral, era quase como se estivéssemos de volta aos coqueirais de Taveuni.

Depois de percorrer a parte mais antiga dos jardins, passamos pela Puerta del Privilegio para contemplar o romântico Jardín de los Poetas, com seus dois tanques rodeados de altas sebes. Frank se deteve de repente e exclamou num ímpeto:

— Isto é... incrivelmente lindo.

Vi lágrimas brotarem no canto dos olhos dele e pus a mão no seu ombro. Quem sabe não tinha sido vítima da síndrome de Stendhal, pensei, porque esfregou os olhos. Talvez para atenuar a emoção, falou:

— É como se eu já tivesse vivido este momento.

Andamos ao longo da muralha e sentamos num banco na praça de cascalho, diante da Puerta de Marchena. Fazia muito calor, e entrei no café para comprar alguma coisa para bebermos.

Instantes depois aconteceu uma coisa muito estranha, e, de certo ponto de vista, foi justamente aí que tudo começou, embora de outros pontos de vista também tenha começado diante de uma creche em Oslo, no pequeno aeroporto de Taveuni, nas ilhas Fiji, na ponte sobre o rio Tormes, entre armazéns miseráveis do porto de Marselha, no bairro de Triana na margem oeste do Guadalquivir, no cais de Cádiz

mais de cem anos antes ou na propriedade da duquesa de Alba em Sanlúcar de Barrameda, para não citar o que aconteceria em Sevilla mais tarde, naquele mesmo dia. De um ponto de vista superior, e para mim o mais importante de todos, o mais correto seria retroceder até o Devoniano, quando os primeiros anfíbios subiram a terra nas suas quatro patas tão primitivas, mas, ai, tão vanguardistas. E por que não retroceder até a grande explosão de quinze bilhões de anos atrás, quando foram criados o tempo e o espaço? Num instante, os princípios de todas as histórias couberam num núcleo compacto de uma força criadora ainda não detonada.

O que aconteceu foi o seguinte: de repente, um anão entrou correndo pela Puerta de Marchena. Usava um traje esquisito, como se viesse de um baile à fantasia. Postou-se com grande decisão diante de nós, encarando-nos fixamente. Segundos depois, sacou uma máquina fotográfica e tirou fotos, primeiro de mim, depois de Frank.

— Você viu? — disse Frank.

O anão deu meia-volta bruscamente e meio minuto depois estava olhando para nós de uma janela do alto, no mirante. De novo apontou a câmara para nós e tirou mais fotos.

— Que sujeito estranho, não? — disse Frank.

— Pelo menos, se comportou de maneira estranha — comentei.

Mas o norueguês não se deu por vencido, levantou-se do banco e foi decidido atrás do anão. Através das aberturas da muralha, vi-o correr em cima da Puerta del Privilegio, e quando voltou, minutos depois, limitou-se a abrir os braços.

— É como se a terra o tivesse tragado.

Eram quatro e meia, e o Alcázar estava quase fechando. Saímos de novo para a plaza de la Virgen de los Reyes e entramos nas ruelas estreitas do velho bairro judeu de Santa Cruz. Espiamos às escondidas os frescos pátios e, quando erguíamos os olhos, víamos uma sinfonia de balcões e floreiras de ferro forjado. Eu estivera ali fazia menos de uma semana, e pude contar a Frank que as grades que cobriam as janelas e os pátios tinham um duplo objetivo. Deixavam ver dentro e fora, contribuindo para criar uma sociedade mais aberta — o que impediria talvez a delinquência —, mas estavam sempre fechadas por motivo de segurança. Antigamente, as jovens donzelas sentavam atrás das grades de ferro forjado, e o pretendente tinha de ficar do lado de

fora, às vezes dias inteiros, sussurrando ternas palavras à amada; assim, vinha-lhe aquele desejo irrefreável, e ele tinha de se contentar em “comer barra de ferro”. Nos meses de verão, grande parte da vida ainda transcorre no pátio, expliquei, e quando o sol esquenta, costuma-se estender uma lona sobre o espaço aberto.

Tomamos uma cerveja na plaza de la Alianza, admirando uma frondosa buganvília que trepava por uma fachada atrás da qual se erguia uma palmeira altiva; através das folhas dessa palmeira, vislumbrávamos a Giralda. Como todas as praças do bairro de Santa Cruz, também essa era rodeada de laranjeiras.

Uma hora mais tarde seguimos até a plaza de Doña Elvira, com seus elegantes bancos de cerâmica, e de lá levei Frank pela estreita ruela “Susona”. Disse que ia lhe mostrar o segredo de Santa Cruz. Saímos numa pracinha, que originalmente havia sido um pátio coberto, e ali lhe mostrei um azulejo com uma caveira pintada. O azulejo estava grudado na parede em cima de uma janela e debaixo da caveira trazia escrito SUSONA.

— Esse é o segredo de Santa Cruz? — perguntou o norueguês.

Fiz que sim com a cabeça.

— Susona foi uma moça judia que viveu no século xv — contei. — Encontrava-se às escondidas com um namorado cristão e ficou sabendo que sua família, a dela, estava planejando uma sangrenta revolta contra os principais cristãos da cidade. Seu amado estava entre os que seriam assassinados, e ela o pôs a par da conspiração. O pai dela acabou sendo condenado à morte, e o amado de Susona a abandonou pouco tempo depois. Quando Susona morreu, após uma vida miserável, declarou no testamento que sua cabeça deveria ser separada do corpo e pendurada do lado de fora da casa onde ela vivera, como exemplo de seu comportamento vergonhoso. A caveira esteve pendurada aí até o século xix, quando foi substituída pelo azulejo.

Na praça havia duas laranjeiras, e Frank me perguntou se eu sabia distinguir se uma laranjeira dá frutas doces ou azedas. Como eu não sabia, ele pegou uma folha de uma delas e me mostrou que debaixo da folha havia outra folha estreita saindo do mesmo talo, o que significava que a fruta daquela árvore era azeda.

Aproximamo-nos da plaza de los Venerables, onde antigamente existia um asilo para padres aposentados. Junto da praça havia dois

restaurantes. Sentamos a uma das mesas com um cálice de xerez, antes de pedir o jantar. De novo conversamos sobre a evolução da vida na Terra, e creio que foi Frank que puxou a conversa, talvez para que eu recebesse alguma coisa em troca do dinheiro que investira na viagem a Sevilha. Grande parte da conversa foi posteriormente de muita utilidade para mim. Ele me falou também do tuatara da Nova Zelândia. Pensei que até ali havia sido uma extraordinária coincidência eu ter topado com Frank em Madri. Mas a batalha decisiva estava se aproximando, porque já eram quase nove horas. Depois de pagar a conta, levei Frank pelas estreitas ruelas até a plaza de Santa Cruz. Mostrei-lhe como estávamos perto da grande muralha que nos separava dos jardins do Alcázar, concretamente, do Jardín de los Poetas.

— Acho que você está com os olhos vendados — falei.

Ele não entendeu, e eu lhe disse que olhasse bem à sua volta. Apontou para a grande cruz de ferro forjado no meio da praça, e eu comentei que os franceses tinham queimado a antiga igreja que havia naquele lugar e que dava nome à praça e ao bairro. Demos uma volta e meia pela praça que rodeia a grande cruz barroca. De repente ele reparou em algo. Olhou para mim com um brilho nos olhos e entrou rapidamente no *tablao* flamenco Los Gallos.

— Nos últimos tempos não pensei em outra coisa a não ser nos quadros de Goya — exclamou, batendo na testa. — Tinha esquecido que ela era uma das mais famosas *bailaoras* de Sevilha!

Dei-lhe uma palmada amistosa no ombro.

— Vai ser muito divertido — ele falou, mas eu não estava tão certo disso.

À parte um grupo de japoneses, não havia muita gente no *tablao*. Sentamos a uma mesa que eu reservara bem perto do palco. Pedimos um conhaque cada um, e Frank, sem dizer nada, ergueu seu copo para brindar.

O espetáculo se iniciou pouco depois. Primeiro desceram pela escada, vindos de uma galeria no outro extremo da casa, três homens vestindo calça preta e camisa branca. Caminharam em meio ao público e se postaram no palco. Um deles trazia um violão, e os outros dois tinham como único instrumento os rítmicos dedos das mãos e uma voz roufenha. O violonista começou a tocar, e os outros dois a bater

palmas e estalar os dedos.

Então apareceu Ana. Graciosa e poderosa como uma deusa, desceu majestosamente ao palco por uma escada de caracol, acompanhada pelos entusiasmados aplausos dos japoneses. Era evidente que sabiam quem ela era, já que fora em parte por sua causa que haviam feito o longo caminho desde Tóquio, Kioto e Osaka. Ana trajava um vestido vermelho, um xale de seda rosa e sapatos de um tom vivo de vermelho. Trazia os cabelos negros presos num coque em que se via uma rosa.

— Ana! — sussurrou Frank no momento em que ela desceu ao palco.

Assenti com a cabeça e disse:

— Ana María Maya.

— É esse o nome dela?

Voltei a balançar a cabeça afirmativamente.

— Maya?

— Silêncio!

Ana começou a dançar acompanhada pelo violão e pelas vigorosas palmas. Era uma dança apaixonada e mais coreografada do que a que eu tinha visto no mesmo lugar na semana anterior. Registrei um forte contraste entre sua expressão tensa e concentrada e os suaves movimentos dos braços, para não falar no elegante bailado de seus dedos, que me fazia pensar numa dança hindu que vi certa vez nos templos de Orissa.

Depois vieram outros números com outros *bailaores*, mas Ana María Maya era a grande estrela da noite. Ana dançava com os braços e as mãos, com os pés e os dedos, o ventre e os quadris: era orgulhosa, séria, coquete e recatada. Ana era o que eu queria mostrar a Frank em Sevilha. Queria lhe mostrar a suntuosa celebração das extremidades elásticas do vertebrado pós-animal. Os primeiros anfíbios deveriam ver, pensei, que agora seus bisnetos dançam flamenco em Sevilha, e para isso eram necessárias todas as extremidades do tetrápode, todos os músculos e vértebras, e todas as sinapses coordenadoras do cérebro. Mas o que sabiam os primeiros anfíbios, quando andavam ignorantes pela semiescuridão do Devoniano entre fetos e lycopódios a caminho de seus encontros amorosos junto de lagoas e charcos cobertos pela vegetação? Estávamos contemplando uma dança triunfal, ativa e

exibicionista, e Proto Amphibia e Proto Amphibius poderiam se sentir orgulhosos de todos aqueles girinos que foram enchendo o lago dos Fetos e a lagoa dos Equissetos, porque não haviam derramado seu sêmen em vão. Estávamos sendo testemunhas não só de uma dança triunfal, mas também da dança da morte do efêmero vertebrado, porque depois cantaram funda e dilacerantemente sobre o amor e a morte, a traição e a repressão.

Houve um intervalo. Após os aplausos, Ana acompanhou o resto do grupo até a galeria. Mas, de repente, José apareceu junto a nossa mesa. Trazia um bebê nos braços, e Frank o encarou, boquiaberto. O bebê não devia ter mais que dois meses. Antes de cumprimentar José, Frank olhou para a criança e em seguida para ele.

— É... seu? — gaguejou.

José aquiesceu com muito orgulho e um largo sorriso.

— É o Manuel — falou, e sentou à nossa mesa.

Naquele instante, Ana também veio sentar conosco.

— Que bom ver você, Frank! Que surpresa!

O norueguês estava petrificado.

— Que idade tem? — perguntou, como se a pergunta se dirigisse mais a si mesmo do que aos orgulhosos pais.

— Dez semanas — respondeu Ana.

O biólogo se pôs a contar nos dedos.

— Já sabia em Taveuni?

Não recebeu resposta, porque naquele momento entrou na casa uma mulher elegante, com uma bolsa a tiracolo, que se dirigiu diretamente para nossa mesa. Era Vera. Uma barriga redonda evidenciava que faltavam poucos meses para ela dar à luz.

— Vera?

Pela segunda vez naquele dia, Frank bateu na testa, desconcertado. Talvez a sensação de já ter vivido aquele momento tivesse se repetido, de todo modo não era a primeira vez que ele via Vera com o ventre avultado.

Vera lhe deu um grande abraço. Eu expliquei:

— Andei com o nome de Vera no meu caderninho desde que voltei de Fiji. Liguei para ela de Madri duas vezes, depois que você e eu nos vimos ontem à tarde. Achei que nós cinco deveríamos nos encontrar. Melhor dizendo, nós seis. Ou sete. Ontem à noite tive a ideia de

convidá-la para vir a Sevilha.

Eu sabia que Frank não tinha visto Vera desde que se encontraram em Salamanca. O norueguês pousava o olhar repetidas vezes na barriga da mulher, e quando o retirava, eu intuía nele uma dor profunda. Esforçou-se o mais que pôde para conservar a alegria que a situação requeria quando, apontando para a barriga de Vera, disse num fio de voz:

— Em boa hora.

Segundos depois, virou-se para mim e me olhou nos olhos, como que me censurando por alguma coisa. Não pude adivinhar se era porque eu tinha convidado a futura mamãe para ir a Sevilha ou porque havia mantido o convite em segredo.

Vera sorriu, um pouco tímida, e era óbvio que não estava muito à vontade naquele momento. Senti pena dela, já que era eu o responsável por sua vinda. Não teve tempo para agradecer a felicitação de Frank, porque o violonista e dois *cantaores* voltaram a descer da galeria. De novo atravessaram a sala e subiram no palco. Quando sentaram, a rainha do flamenco desceu pela escada de caracol como uma diva ex machina.

Vera estava entre mim e Frank, e encarou primeiro um depois o outro, dizendo numa voz bem baixa:

— Acho que já a vi antes.

Apesar de aturdido, Frank não pôde deixar de sorrir. Olhou para mim, e suponho que nós dois pensamos como, em Maravu, tentamos cada um de nosso lado recordar onde tínhamos visto Ana antes.

Ele olhou para Vera e disse por fim:

— Pense no Prado.

— No Prado?

— Ou em Goya, se preferir.

Os olhos de Vera fixaram o infinito. Depois ela disse numa voz tão alta que receamos que a tivessem ouvido até no palco:

— *La maja desnuda!*

Tanto Frank como eu assentimos, orgulhosos, como se por magia houvéssemos trazido de volta à vida o mítico modelo de Goya. Assim, Frank não precisaria me levar ao Prado.

— É idêntica! — sussurrou Vera, emocionada.

— Silêncio! — falei, e a dança começou.

Uma hora e meia depois, terminou o espetáculo. Apesar de já ser uma e meia, puseram uma grande mesa com *tapas* e *manzanilla* junto do bar. Ana e José permaneceram ao fundo, enquanto Frank, Vera e eu aproveitamos a ocasião para fazer um resumo, o que já se tornara mais que necessário. Senti-me responsável por tudo o que eu tinha encenado, e supus que iriam precisar de um moderador.

— Não quero que se sintam incomodados com a minha presença — disse. — Mas sou o único que conheço as duas partes do assunto. Isso acontece quando dois adultos não são capazes de conversar entre si.

Os dois estavam igualmente nervosos, como se se encontrassem diante de um severo diretor de colégio, tendo de responder por suas travessuras.

— Talvez tenha razão — comentou Frank, apontando outra vez para a barriga de Vera. — Faz apenas algumas semanas que nos falamos por telefone; foi até uma conversa muito agradável. Você poderia ter dito que estava grávida.

Vera havia ficado muito séria.

— Fui covarde — admitiu. — Não me atrevi.

Frank me olhou de esguelha antes de voltar a encarar Vera. Então falou:

— Suponho que a criança tenha um pai.

— Frank...

— Além do mais, o período de separação já terminou. Quero dizer, tudo bem. Pode voltar a se casar.

Vera me fitou perplexa, mas eu não quis ajudá-la, eles teriam de resolver o assunto por conta própria. Limitei-me a fazer uma expressão grave.

Ela pegou a mão de Frank, mas ele a retirou imediatamente. Com um olhar suplicante, Vera disse:

— O filho é seu, Frank.

O rosto de Frank adquiriu uma cor que me lembrou a cor do de Ana quando ela desabou na mesa do café da manhã em Taveuni. Depois ele enrubesceu e respirou com dificuldade. Quase pude ouvir sua pressão aumentar. Por um instante, receei que ele esbofeteasse Vera. Falou com voz firme:

— Isso é completamente impossível.

Ela perguntou:

— Você não sabe contar?

— Ora... está zombando de mim?

Eles tinham chegado mais ou menos até aí quando fiz um sinal para o garçom e pedi que trouxesse outro conhaque para Frank. Era preciso acalmá-lo.

Vera se apressou a dizer:

— Espero que não tenha esquecido que passamos a última noite em Salamanca juntos. Você não tinha tomado tanto vinho assim, tinha?

Frank se virou para mim e disse:

— Você tem paciência para ouvir essas besteiras?

— Tenho — respondi simplesmente.

Vera prosseguiu:

— Não me atrevi a lhe contar, Frank. Tínhamos feito a solene promessa de não reatarmos. Mas ficamos hesitando diante da porta do meu quarto, lembra-se, você entraria ou não? Concordamos que aquilo a que chamamos de um interlúdio não significaria o princípio de uma reconciliação, porque nosso caso tinha acabado.

— Sim, de fato foi isso que dissemos — admitiu Frank.

— Depois eu falei que não havia risco nenhum, pois aquele era o dia mais seguro do mês. E quando, contrariando todo prognóstico, fiquei grávida, pensei logo em Sonja. Não tinha a menor dúvida: eu queria ter aquele filho. Estava disposta a ser mãe solteira, e o avisaria logo após o parto, claro. Mas tinha que esperar, poderia dar errado desta vez também... Quis deixá-lo livre para escolher se teria contato com a criança ou não, e essa continua sendo a minha ideia.

Frank não tentou ocultar as lágrimas.

— Continue, por favor.

— Então ligou para mim um tal de John Spooke dizendo que estivera com você em Fiji e que por acaso vocês tinham se encontrado de novo em Madri. Este fim de semana você provavelmente estaria em Sevilha, contou, e me convidou para uma coisa que chamou de “o espetáculo de flamenco do século”, no que, com certeza, não exagerou: Ana é fantástica. Pensei que talvez essa fosse a oportunidade para explicar tudo a você. Isso foi ontem à tarde, mas depois ele voltou a telefonar no meio da noite, só para confirmar que você iria a Sevilha. Disse que tinha comprado uma passagem de avião que eu poderia retirar no aeroporto de Barcelona. Disse também que achava que você

ainda gostava de mim. Em seguida me repreendeu pela maneira como você e eu nos arranjamos depois do que aconteceu em Oslo.

Como Frank permaneceu em silêncio, ela prosseguiu:

— Você me perdoa, Frank? Não deve se sentir obrigado a fazê-lo por causa do meu estado, não é isso, mas pode me perdoar?

— Quanto tempo você vai ficar em Sevilha? — perguntou Frank.

— Não sei. A passagem é para domingo às três e meia da tarde. E você?

— Não sei. Talvez até segunda.

Ainda precisavam de um mediador. Intervim:

— Vocês vão ficar aqui o mesmo período e vão ter que decidir se depois voltam para Oslo ou para Barcelona. Senão, exijo que me reembolsem todas as despesas.

Não tive tempo de dizer mais nada, porque nos chamaram para a grande mesa com pratos e copos, *tapas* e *manzanilla*. Percebi, porém, que Frank pôs a mão direita no ventre avultado de Vera e que ela pôs a mão sobre a dele.

Lembrei-me de algo que Ana, de acordo com a carta de Frank, dissera no carro ao voltarem da linha de mudança de data: “Na escuridão dos ventres avultados nadam a todo instante vários milhões de casulos de uma flamante consciência do mundo. Desvalidos elfos de açúcar saem por pressão um a um, quando estão maduros e são capazes de respirar. Ainda não podem tomar outro alimento senão um adocicado leite de elfo que sai jorrando de um par de suaves botões de carne de elfo”. Também me ocorreu outra coisa. Sentados no coqueiral de Maravu, quando todos tínhamos falado de nossas crenças, Ana havia expressado sua fé numa realidade fora desta. “Talvez voltemos a nos ver em outro lugar e lembremos disto como um sonho”, dissera. Mas suponho que pude tomar a liberdade literária de deixar que Frank enfeitasse e ampliasse essa frase em sua longa carta a Vera. Pois ali estávamos reunidos de novo, e Ana não tinha morrido.

Bebeu-se muita *manzanilla*, e rememoramos muitas coisas de Fiji. Além disso, tínhamos uma pessoa a quem contar, e Vera nos ouviu a todos. Riu com vontade quando lhe falamos de Bill e Laura, mas eu não lhe disse que Frank e Laura foram para o chalé de Frank com uma garrafa quando nos despedimos naquela noite.

Ana e José tinham ido a Taveuni para preparar um programa de

televisão sobre o século xxi, e uma das sequências seria gravada na linha de mudança de data. O programa foi feito, fora ao ar fazia tempo, e José deu a Frank um vídeo para que o visse. Ana acrescentou que o programa incluía uma pequena entrevista com Frank em que ele falava da diversidade biológica e da ameaça contra os velhos habitats da Oceania.

Frank e eu contamos que ambos tivéramos a sensação de ter conhecido Ana antes de vê-la em Taveuni.

— Ai, por favor! — riu Ana.

Escondeu a cabeça entre as mãos e disse:

— Vocês nem imaginam quantas vezes me disseram isso.

Expliquei que eu havia entrado na internet e logo encontrara imagens nítidas da *maja* de Goya, além da informação sobre a famosa *bailaora* Ana María Maya.

— E depois você pôs um dedo na testa de Ana, insinuando dessa maneira que tinha encontrado um artigo sobre ela na internet — acrescentou José. — Eu achei que vocês haviam comentado entre si que já a tinham visto antes, e sei como Ana odeia que a reconheçam, seja como a *bailaora* de Sevilha, seja como a *maja* de Goya. Você até usou a expressão “obra-prima” ao falar de Ana, não foi, John? Estávamos em Fiji, raios! Há quem abuse da internet.

— Vocês sabiam que Ana estava grávida? — voltou a perguntar Frank.

Os dois negaram com a cabeça.

— Talvez tenha sido por isso que ela ficou enjoada naquele dia.

José respondeu:

— Soubemos mais tarde. Fiquei com muito medo. Achava que Ana tinha tido um choque anafilático, porque ela sempre foi alérgica a picadas de inseto. Sem refletir, considerei que uma bofetada estimularia a produção de adrenalina.

Assim transcorreu a conversa, e novas garrafas não paravam de aparecer na mesa. Frank lembrou inclusive que tinha separado os dedos para espiar Ana quando ela se banhava nua na cachoeira Bouma.

— Foi aí que me dei conta de que só tinha visto seu rosto — garantiu. — Não sou um voyeur.

Ana riu.

— Com certeza eu fiquei ainda mais parecida com a *maja* de Goya

algumas semanas depois.

Despedimo-nos por volta das quatro da madrugada, e eu acompanhei Frank e Vera pelas ruelas estreitas do bairro de Santa Cruz até o Hotel Doña María. O recepcionista da noite nos comunicou que não havia aparecido nenhum hóspede para ocupar o terceiro quarto reservado. Frank e Vera se fitaram por um instante: talvez tenham se lembrado de uma situação parecida diante de outro quarto de hotel em Salamanca, trinta semanas de gravidez antes. Desataram a rir em unísono.

— Acho que estamos bem servidos de quartos — falei. — Mas o senhor talvez pudesse me arranjar uma esposa.

A última coisa que disse a Frank e Vera antes de nos darmos boa-noite foi que eu tinha um cartão-postal meio rasgado da Sagrada Família guardado na minha escrivaninha de Croydon e que o mandaria um dia desses.

O sol brilhava alto sobre a capital andaluza quando no dia seguinte saímos para passear, como se fôssemos uma grande família. Ana e José haviam chegado ao Hotel Doña María com Manuel num carrinho de listas vermelhas e pretas. Atravessamos a plaza de la Virgen de los Reyes, passamos em frente ao Arquivo Geral das Índias e chegamos à Puerta de Jerez; depois descemos pelo Paseo de las Delicias ao longo do rio Guadalquivir, até a entrada do Parque de María Luisa, o maior dos muitos oásis de Sevilha. Esse parque foi doado pela infanta Maria Luísa à cidade em 1893, e se transformou mais tarde no marco da Grande Exposição Ibero-Americana de 1929. Com seu labirinto de veredas e caminhos de pedestres, caramanchões e pavilhões, grutas e morros artificiais, flores e arbustos, cantos sombrios e milhares de árvores, o Parque de María Luisa é hoje em dia um dos jardins mais frondosos da Europa.

Entre os pavilhões, nos fixamos especialmente no mexicano, inspirado na cultura maia. José contou que o pavilhão tinha sido usado como maternidade depois da Grande Exposição, e tanto a mãe recente como a futura registraram aquilo com muito interesse. Frank comentou que *maya* era uma palavra dos índios americanos, assim como dos hindus, mas era óbvio que não se tratava de um parentesco linguístico. O comentário pareceu gratuito a José, que disse que *flamenco* em espanhol

também é o nome de uma ave pernalta, sem que haja nenhum tipo de parentesco etimológico. Ana e José contaram que certa vez haviam ido em peregrinação a Saintes-Maries-de-la-Mer, onde Ana dançara flamenco num grande encontro de ciganos de toda a Europa. E na Camargue tinham visto todos os flamingos do delta do Ródano.

Fomos à plaza de América, onde se encontra o museu arqueológico. Toda a praça estava coberta de pombos brancos, e Ana comprou um saquinho de sementes de cânhamo. No mesmo instante, ela desapareceu sob uma multidão de brancos e esvoaçantes descendentes dos sáurios, e Frank contou a história da foto que Laura conseguira tirar da pomba endêmica de peito cor de laranja.

Depois entramos no parque. Ana e José se revezavam empurrando o carrinho do bebê, e Frank e Vera estavam mais absortos um no outro do que eram capazes de imaginar, porque Frank sempre espiava Vera às escondidas quando ela olhava em outra direção, e Vera olhava quase sempre para Frank quando ele olhava para o menino ou para Ana e José. A única coisa que evitavam era se olharem diretamente nos olhos.

Pedi a Ana e José que falassem um pouco das raízes do flamenco na Andaluzia. Contaram-nos sobre El Planeta e o célebre aficionado Serafín Estébanez Calderón, que havia recebido o apelido de El Solitario. No livro *Contos andaluzes*, de meados do século passado, ele apresenta uma série de descrições vivas do ambiente flamenco na Sevilha de então, particularmente no conto “Un baile en Triana”. Com razão, El Solitario podia ser considerado o primeiro “flamencólogo”.

— El Planeta e El Solitario? — repetiu Frank.

Ana aquiesceu com a cabeça, e Frank parecia um mestre em fazer conexões, porque falou:

— Isso me faz pensar em Laura. Ela estava lendo *Lonely Planet*.

— Impressionante — admitiu José.

Ficamos apreciando um grande cartaz que mostrava as aves que viviam no parque, e creio que foi então que Frank mencionou que tínhamos visto um curioso anão nos jardins do Alcázar.

Ana deu um largo sorriso.

— Ele vive lá — disse.

— Vive lá?

— É o que dizem. Corre pelos jardins tirando fotos dos turistas com uma polaroide, e depois as vende a preços exorbitantes na saída.

Dizem que vive na Galería del Grutesco. Eu me lembro de sempre tê-lo visto por ali. Ninguém sabe a idade dele.

Sáímos para a plaza de España, que foi construída para a Grande Exposição Ibero-Americana. Tem formato de meia-lua, canais com pontes inspirados nos de Veneza e um grande palácio em forma de semicírculo que serviu para apresentar a indústria e o artesanato espanhóis.

Passamos por uma das pontes, e Ana e José nos levaram até uma arcada à esquerda onde nos mostraram os detalhados mosaicos de azulejos que ilustravam os acontecimentos mais importantes de cada uma das províncias espanholas, assim como os mapas e escudos dessas províncias. José contou que a Espanha tem cinquenta províncias, além das duas cidades autônomas, Ceuta e Melilla, no Marrocos.

— Perfazem um total de cinquenta e duas — disse Frank. — O mesmo número das circunscrições eleitorais fijianas que preenchem seu Parlamento.

Esse jogo de associações entre Frank e José já tinha virado mania, e José replicou:

— O número de cartas de um baralho francês. Demos uma surra em vocês, lembra-se?

Não me faltavam motivos para achar graça de se ter falado tanto, primeiro, da palavra *maya* e, agora, do número 52. Julguei ter superado todos quando intervim:

— Ou como o velho calendário maia. O ano astronômico tinha trezentos e sessenta e cinco dias, mas a cada duzentos e sessenta dias se completava um ano ritual. Para que a conta desse certo, o calendário tinha um ciclo de cinquenta e dois anos.

Ana olhou para mim, e de novo tive a sensação de estar trocando um olhar com a *maja* de Goya.

— Está brincando — disse.

— Não estou, não — objetei. — Cinquenta e dois anos astronômicos somam dezoito mil novecentos e oitenta dias, e se você dividir esse número pelos duzentos e sessenta dias do calendário festivo, terá setenta e três anos rituais. Além do mais, os duzentos e sessenta dias eram repartidos em treze meses.

Já que estávamos falando de calendários, e era eu que tinha a palavra, prossegui:

— Imagino que vocês se lembram como começaram os planos para a comemoração do milênio em Fiji.

— Estávamos lá por causa disso — observou José. — À parte a Antártida e uma estreita faixa da Sibéria, as ilhas Fiji são o único lugar da Terra cortado pelo meridiano de cento e oitenta graus, o único lugar do planeta onde você pode passar de um dia ao outro sem botas de neve.

Assenti pacientemente.

— Mas não ouviram as últimas notícias?

José negou com a cabeça, e eu continuei:

— Em virtude de uma série de questões relativas a linhas de mudança de data, horário de verão e horas do nascimento do sol, houve uma grande polêmica entre várias ilhas do Pacífico sobre qual delas entrará primeiro no ano 2000. Quis o acaso que somente Taveuni e outras duas ilhas Fiji estejam realmente situadas no meridiano de cento e oitenta graus, e a fim de chegar antes de Tonga e da pequena ilha Little Pitt, Fiji introduziu o horário de verão a partir deste ano. Faz só algumas semanas que adiantaram seus relógios uma hora. Mas não é tudo...

— Continue! — pediu Frank. — Não vai me dizer que você construiu um hotel de luxo na linha de mudança de data?

— Não exatamente. Mas no meridiano de cento e oitenta graus, onde Ana e José entrevistaram Frank sobre as espécies em perigo de extinção na Oceania, vai se erguer um Monumento ao Milênio em que todos os que quiserem poderão introduzir uma cápsula do tempo, que só será aberta daqui a mil anos. Você escreve uma saudação ao quarto milênio e a põe numa cápsula de vidro, que é introduzida no oco de um tijolo; este, por sua vez, é selado e coberto de cimento, passando a fazer parte do monumento. Cada cápsula custa quinhentos dólares, e existe uma fundação que vai se encarregar de conservar e manter o monumento nos próximos mil anos, e que, além do mais, garante que as cápsulas serão abertas durante uma cerimônia solene no dia 1o de janeiro de 3000.

— Não sei se tenho algo a dizer — notou José. — Falta muito tempo. E você?

— Estive pensando em pôr na cápsula um manifesto do século xx — respondi.

— Um manifesto? — perguntou José. — Um manifesto político?
Neguei com a cabeça.

— Escrevi uma espécie de relatório sobre aquela cúpula no trópico que organizamos no Maravu Plantation Resort. Não lhes parece que devemos deixar um pequeno resumo de nosso encontro na ilha?

Todos riram.

Ana falou que as províncias espanholas estavam representadas em ordem alfabética, de Álava a Zaragoza, e quando nos aproximamos da arcada, apontou para a balaustrada e recitou:

— Álava, Albacete, Alicante, Almería, Ávila...

Vera a interrompeu:

— Meus pais dizem que fui concebida em Almería, num povoado chamado Vera. E por isso me deram esse nome.

Aproximou-se do mapa de Almería e mostrou um povoado chamado Vera.

Quando chegamos ao de Álava, Ana olhou para José e disse:

— Posso revelar um segredo?

Lembrei-me de repente como, em Taveuni, José a impedia de vez em quando de responder a certas perguntas que lhe fazíamos. Dessa vez se limitou a encolher os ombros, dando a entender que já não restavam obstáculos. Ana contou:

— José e eu passeamos por aqui muitos domingos, e com o passar dos anos fomos inventando uma pequena história para cada província da Espanha. Quando estamos viajando, tentamos lembrar cada história na ordem correta, ou inventamos novas histórias.

Frank e eu trocamos um olhar cúmplice. Por fim se esclarecia o eterno murmúrio do casal. Eu não entendia o que eles diziam um para o outro, e por isso necessitava de Frank como intérprete e mediador, função que ele ignorava por completo.

Passamos por todas as províncias espanholas. Ana e José iam assinalando os mosaicos de cerâmica e contando uma breve história, uma lenda ou uma anedota para cada uma delas.

Agora Frank e Vera é que se revezavam empurrando o carrinho do bebê. Pensei que se um meteorito não houvesse atingido a Terra há sessenta e cinco milhões de anos, talvez estivessem empurrando um carrinho de ovo, porque estou certo de que também os sauroides teriam acabado inventando a roda.

Quando chegamos a Zamora, no outro extremo da praça, os dois estavam empurrando juntos e, por fim, quando nos encontramos diante de Zaragoza e José nos falou da bonita basílica de Nossa Senhora do Pilar, com todos os afrescos de Goya, encheram-se de coragem: ao devolver o carrinho a Ana, deram-se as mãos e se olharam firmemente nos olhos. O semicírculo estava completo. O outro semicírculo era a carta de Frank a Vera. Nunca se pretendera que os dois semicírculos se juntassem num, porque eu não tinha contado me encontrar com Frank na Rotunda do Palace. Quando isso aconteceu, me deu muitas dores de cabeça, mas também novos impulsos.

Em certo momento, José me perguntou como ia o romance para o qual eu tinha começado a tomar notas quando nos conhecemos em Taveuni. Mais uma vez pus um dedo nos lábios e disse que jamais falava de um trabalho em andamento.

— Só perguntei como estava indo — repetiu José.

Agora todos olhavam para mim, e compreendi que todo mundo tinha se aberto e não era razoável que eu continuasse sendo o único a não contribuir com nada, o que acontecia desde que nos encontráramos em Fiji. Os outros até haviam tido tempo de contribuir com dois novos cidadãos para o mundo.

Respondi:

— É ao mesmo tempo uma história autêntica e uma história inventada. E não sei qual das duas é a mais fantástica, talvez porque de certa maneira se entrelacem. São como o ovo e a galinha. Sem a história autêntica, não teria surgido a inventada, e sem a inventada, a verdadeira teria sido inconcebível. Além do mais, é impossível determinar onde começa e onde acaba cada uma das histórias, porque não apenas o princípio define o fim, como o fim define o princípio. Já falamos disso. O aplauso à grande explosão só chegou quinze bilhões de anos depois de a explosão ocorrer.

— Mas de que tratam essas duas histórias? — quis saber Vera.

Refleti antes de responder:

— Tratam de vertebrados.

Frank arregalou os olhos.

— De vertebrados?

Fiz que sim com a cabeça.

— Tratam dos sinápsidos e, em especial, do último rebento da

estirpe, isto é, o primata pós-animal. Eu sou uma dessas estranhas criaturas e já tenho sessenta e cinco anos. É curioso pensar que descendo de um pequeno musaranho que viveu nesta Terra há sessenta e cinco milhões de anos ou, por que não?, também de um anfíbio que viveu aqui há trezentos e sessenta e cinco milhões de anos. É isso. Embora talvez ainda nos encontremos num estado de crisálida.

Fiz uma reverência primeiro ao carrinho do pequeno Manuel, depois à barriga de Vera, e por fim disse:

— Porque a descomunal corrida de obstáculos ainda não terminou. Vai se continuar viajando, meus amigos, vai se viajar para longe de nós, muito longe. Ainda é cedo para saber aonde nos leva essa longa viagem.

Ana concordou em silêncio, e tive o pressentimento de que não se atiraria sobre o romance quando fosse publicado. Talvez fosse melhor assim.

Com a carta de Frank a Vera havia quatro vezes treze fotografias de Taveuni e, no verso de cada uma delas, Ana anotara o manifesto que ela e José tinham recitado um para o outro. Enquanto caminhávamos de um extremo a outro da plaza de España — entre Álava e Zaragoza —, recitei mentalmente o que recordava do manifesto, dedicando uma máxima a cada uma das províncias espanholas. Lembrei que José deveria ter precisado que esse manifesto fora escrito para ser compartilhado por um casal, porque a perspectiva que traça é dificilmente suportável para os que não têm a mão de alguém em que possam se agarrar.

Frank já estava tão abatido como quando conversamos no coqueiral do Maravu Plantation Resort. Imaginei que agora seria um pouco mais fácil para ele suportar o fardo de uma eternidade perdida. Pelo menos não estaria sozinho no encontro com a noite cósmica. Agora tinha alguém com quem compartilhar o duro caminho. Continuava sendo um anjo angustiado, mas a angústia ensina a amar os anjos sem asas.

Despedimo-nos na plaza de España. Ana e José iam para casa, e Frank e Vera admitiram a necessidade de passar a sós o resto do fim de semana em Sevilha.

Assim, fiquei sozinho de novo. Eu me sentia unido a cada um dos meus jovens amigos muito mais do que qualquer um deles teria sido capaz de entender.

Antes de voltar no AVE para Madri e de lá de avião para Gatwick, dei um passeio até o Guadalquivir, atravessei o rio pela ponte de San Telmo e, de repente, me encontrei diante da igreja de Santa Ana, em Triana. A porta estava aberta, e agora eu é que tinha a sensação de já ter vivido aquele momento.

À praça que havia diante da igreja ocre começou a chegar muita gente vestida de preto. Compreendi que estava para celebrar-se um ofício fúnebre e entrei na igreja com o resto das pessoas. Não entendia direito o que o padre dizia, mas era evidente que o ofício homenageava uma mulher jovem que tinha morrido, porque distingui claramente os pais e o marido da falecida.

Enquanto o sacerdote celebrava a missa, eu me perguntei quem seria a pessoa que havia morrido, por que havia morrido e se eu, de alguma maneira, poderia ser o culpado do que acontecera.

Quando nos levantamos e começamos a sair, descobri o anão dos jardins do Alcázar. Ao cruzar a porta, olhou para mim e piscou um olho. Pensei que talvez houvesse me reconhecido, já que nos víamos no dia anterior. Não me lembro se também pisquei para ele, mas o anão fez um sinal para mim com o indicador esquerdo e me afastou do séquito. Enfiou a mão no bolso interno do paletó, tirou dali uma porção de fotografias e me estendeu uma delas. Era uma foto minha, em que eu aparecia sentado na praça que há diante da Puerta de Marchena, nos jardins do Alcázar. Perturbado, procurei nos bolsos algumas moedas para dar a ele, mas o anão as repeliu decidido e disse apenas: “Não é nada, não é nada!”. Agradei efusivamente, mas antes que eu pudesse me aproximar mais dele, tanto ele como o resto das pessoas haviam desaparecido.

Fiquei um bom tempo na praça diante da igreja de Santa Ana, estudando aquela foto minha. Só vi o que sabia, o que sempre soubera. Vi um primata de luto, e não encontrei nenhuma paz naquele rosto desconsolado que me fitava. Assim compreendi que o romance que eu começara a escrever não tratava essencialmente de Frank e Vera, nem de Ana e José. Tratava de Sheila e de suas cartas de paciência. E tratava de mim mesmo.

Quase por instinto virei a foto que acabavam de me entregar, e no verso dela estava escrito: *O ser humano talvez seja o único ser vivo em todo o Universo a ter uma consciência universal. Nesse caso, não só é uma*

responsabilidade global conservar os habitats deste planeta, mas uma responsabilidade cósmica. Um dia, a escuridão poderá voltar a cobrir tudo. E o espírito de Deus já não voará sobre as águas.

MANIFESTO

Existe um mundo. Em termos de probabilidade, isso é algo que esbarra no limite do impossível. Teria sido muito mais fidedigno se, por acaso, não existisse nada. Nesse caso, ninguém teria começado a perguntar por que não havia nada.

Ante um olhar imparcial, o mundo não se apresenta apenas como um improvável fato único, mas como uma constante carga para a razão. Quer dizer, se é que existe a razão, se é que existe uma razão neutra. Assim soa a voz de dentro. Assim soa a voz do Curinga.

A voz é articulada aqui e agora pelos descendentes dos anfíbios. Sai com a tosse dos sobrinhos dos sáurios terrestres na selva de asfalto. Os descendentes dos mamíferos peludos perguntam se existe alguma razão além deste vergonhoso casulo que não para de crescer em todas as direções.

Alguém pergunta: quão grande é a probabilidade que algo tem de nascer do nada? Ou ao contrário, claro: que probabilidade existe de que algo tenha sempre existido? Ou, não obstante: pode-se calcular a possibilidade de que a matéria cósmica de repente, uma bela manhã, acorde consciente de si?

Se existe um Deus, ele não só é um ás em deixar vestígios, mas, sobretudo, um mestre em se esconder. E o mundo não é dos que falam além da conta. O firmamento continua calado. Não há muito mexerico entre as estrelas. Mas ninguém ainda se esqueceu da grande explosão. Desde então, o silêncio reinou ininterruptamente, e tudo o que existe se afasta de tudo. Ainda é possível topar com a Lua. Ou com um cometa. Não espere que o recebam com amáveis clamores. No céu não se imprimem cartões de visita.

No princípio foi a grande explosão, e isso já faz muito tempo. Aqui só se falará do bis da noite. Ainda é possível conseguir uma entrada. Numa palavra: a recompensa consiste em criar o público do espetáculo. Sem a plateia, não teria sentido chamar de espetáculo o que aconteceu. Continua havendo lugares vagos.

Quem pôde se alegrar com os fogos de artifício cósmicos quando nada além de gelo e fogo ocupava a plateia do firmamento? Quem pôde adivinhar que esse atrevido primeiro anfíbio não apenas tinha percorrido de gatinhas um trecho a partir da margem, mas tinha dado um passo de gigante pelo longo caminho até a orgulhosa visão de conjunto do primata sobre o princípio de tal caminho? O aplauso à grande explosão só chegou quinze bilhões de anos depois de a explosão ocorrer.

Criar um mundo inteiro tem necessariamente de ser considerada uma façanha louvabilíssima, mesmo que tivesse causado ainda maior admiração se um mundo inteiro tivesse sido capaz de criar a si mesmo. E vice-versa: a experiência de ter sido criado não é nada em comparação com a incrível sensação de quem criou a si mesmo do nada e pode ficar de pé sem a ajuda de ninguém.

O Curinga nota que cresce por si mesmo, nota-o nos braços e nas pernas, nota que não é simplesmente produto da sua imaginação. Nota que está crescendo esmalte e marfim em seu focinho antropomorfo. Nota o leve peso das costelas do primata sob a camiseta, nota o pulso rítmico que bate sem cessar, bombeando o líquido quente por todo o corpo.

Não é de estranhar que o Criador, segundo dizem, tenha retrocedido um passo ou dois quando modelou o homem, com terra que pegou no chão, soprando-lhe vida pelo nariz para transformá-lo numa criatura viva. O mais surpreendente desse acontecimento foi a falta de espanto de Adão.

O Curinga se move entre os elfos de açúcar em forma de primata. Baixa os olhos e vê duas mãos desconhecidas, acaricia com uma das mãos um rosto que não conhece, toca sua testa e sabe que ali dentro age como um fantasma o enigma do eu, o plasma da alma, a gelatina do conhecimento. Mais perto do núcleo das coisas não poderá chegar. Tem a sensação de ser um cérebro transplantado, logo já não é ele.

Um grande anseio percorre o mundo. Quanto maior e mais poderosa é uma coisa, mais profunda a melancolia após o parto. Quem ouve a melancolia do grão de areia? Quem presta ouvido ao anseio do piolho? Se não existisse nada, ninguém sentiria falta de nada.

Levamos uma alma que não conhecemos e somos levados por ela. Quando o enigma se ergue sobre duas patas sem ter sido solucionado, é que chegou a nossa vez. Quando as imagens sonhadas beliscam o próprio braço sem acordar, somos nós. Porque somos o enigma que ninguém sabe resolver. Somos o conto encerrado em sua própria imagem. Somos os que andamos sem parar e nunca chegamos à claridade.

◆ 1

Há algo que aguça o ouvido e abre os olhos de par em par: subindo dentre as línguas de fogo, subindo da pesada sopa de matéria primitiva, subindo pelas cavernas, subindo por cima dos horizontes das estepes.

O caminho misterioso não vai para dentro, mas para fora, não entra nos labirintos, mas sai deles. O caminho misterioso sobe por frias névoas de hidrogênio, braços de espiral rotativos e supernovas que explodem. A última etapa foi um tecido de macromoléculas autoconstruídas.

A teia de aranha dos segredos da estirpe se estende dos micropuzzles da sopa da matéria aos crossopterígijs videntes e anfíbios de vanguarda. Répteis que põem ovos, prossímios acrobáticos e nostálgicos antropomorfos foram prestando com muito cuidado seu testemunho. Escondia-se uma autopercepção ultralatente bem dentro do cérebro do réptil? Algum antropomorfo excêntrico percebia de vez em quando um adormecido indício do plano geral?

Como uma névoa enfeitiçada, eleva-se a visão de conjunto através da névoa, subindo da névoa. O enfastiado meio-irmão do neandertal toca a testa e sabe que atrás do osso frontal do primata nada a branda massa cerebral, o piloto automático da viagem da evolução, o air bag do festival de proteínas entre coisa e pensamento.

O grande salto tem lugar no picadeiro do circo cerebral do tetrápode. É aí que se informa sobre os últimos triunfos da família. Nos neurônios do vertebrado de sangue quente saltam as primeiras rolhas de champanhe. Primatas pós-modernos chegam por fim à grande visão de conjunto. E não se espantem: o Universo vê a si mesmo em grande angular.

O vertebrado olha de repente para trás e contempla a misteriosa cauda da estirpe na imagem do espelho retrospectivo da noite dos anos-luz. Por fim, o caminho enigmático chegou a seu destino, e seu destino foi a consciência do longo caminho até o destino. Não se pode fazer outra coisa a não ser aplaudir com essas extremidades que são lançadas na conta da carteira genética da espécie.

É natural que o elefante se sinta envergonhado porque seus antepassados de repente se meteram num eterno beco sem saída. Mais honras são concedidas ao próximo. Talvez ele tivesse um aspecto de bobo, mas pelo menos conservou o senso de orientação. Nem todos os caminhos levam ao Curinga.

Dos peixes, répteis e pequenos e mansos musaranhos, o primata chique herdou um par de bonitos olhos com visão de profundidade. Os distantes herdeiros forçados do crossopterígio estudam a fuga das galáxias no espaço celeste e sabem que o olhar demorou bilhões de anos para focalizar algo. As lentes são compostas de macromoléculas polidas. O olhar pode focalizar algo graças a proteínas hiperintegradas e aminoácidos.

No globo ocular colidem a visão e a percepção, a criação e a reflexão. As esferas oculares de Jano são uma porta giratória mágica em que o espírito criador encontra a si mesmo no criado. O olho que olha para o Universo é o olho do próprio Universo.

Os elfos não são virtuais, são vertebrados. Ovas eles são, ovos de sapo, crias mutantes de répteis. Os elfos são vertebrados pentadáctilos, os legítimos herdeiros do musaranho, primatas sem cauda que descem das árvores na reverberação sem graça do pré-histórico toque de tímpano.

Os elfos não vêm de fora, mas de dentro. São teias de aranha microinspiradas das alocadas aranhas de DNA. Colônias de células hiperdiferenciadas eles são. Não são fantasia, mas contos de fada, contos concretos de fada.

O planeta vivo é atualmente administrado por bilhões de primatas superindividuais. Os exemplares provêm em sua totalidade da mesma baía e do mesmo ventre crossopterígio. Jamais dois elfos foram idênticos. Até agora os elfos nunca aterrissaram exatamente no mesmo planeta.

O Curinga se encontra no fim do caminho misterioso. Sabe que usa uma bagagem antiga, não de bolsas e maletas, mas de cada célula do corpo. Vê como o planeta continua soprando suas elaboradas esculturas de DNA conforme medidas internas microinspiradas. Quem é o elefante do ano? Onde está o avestruz do ano? Quem é atualmente o primata mais famoso do mundo?

♥ 1

Os elfos estão agora no conto, mas são aquilo para o que não há palavras. Seria o conto um verdadeiro conto se fosse capaz de ver a si mesmo? Causaria impacto a vida diária se estivesse constantemente se explicando a si mesma?

Os elfos de açúcar estão a todo momento mais vivos do que bem-comportados, mais fantásticos do que confiáveis, mais misteriosos do que são capazes de entender com sua pouca razão. Como besouros enjoados zumbem de flor em flor numa sonolenta tarde de agosto, os elfos de açúcar da temporada se aferram a seus habitats urbanos no espaço celeste. Só o Curinga se libertou.

Os elfos apontam seus radiotelescópios para distantes nebulosas na periferia do conto introvertido. Mas o fantástico não se deixa entender de dentro, e os elfos são a parte de dentro. Os elfos vivem em seu próprio mundo. Estão encapsulados pelo campo gravitacional ontológico desse enigma. São o que há, e para isso não existe compreensão, somente extensão.

A uma altura de quarenta mil pés estão sentados comodamente os primos distantes do peixe, olhando para as luzes das casas de Hansel e Gretel. Ainda que a luz se fosse, continuariam andando ali embaixo na penumbra. Ainda que se apagassem todas as lâmpadas, subiria uma aura do solo.

Inicia-se a manhã em Elfolândia, e ainda está bastante escuro, embora cem mil luzes interiores ardam em fogo baixo antes de se acenderem as lâmpadas elétricas. Os elfos de açúcar começaram a se retorcer para sair de seus sonhos fleumáticos, mas as células de seu cérebro continuam projetando filmes umas para as outras. O filme está sentado na sala vendo a si mesmo na tela.

Os elfos tentam pensar alguns pensamentos tão difíceis de pensar que não são capazes de pensá-los. Mas não conseguem. As imagens da tela de cinema não saltam para a sala de cinema para atacar o projetor. Só o Curinga acha seu caminho entre as filas de cadeiras.

Os elfos representam seus papéis hiperimprovisados no teatro mágico da civilização. Cada um deles se identifica tanto com o papel que o espetáculo nunca tem público. Não há alheios, não há olhares recostados. Só o Curinga dá um passo para trás.

Mamãe Elfo está diante do espelho contemplando os cabelos louros que caem sobre seus ombros delicados. Acha que é o primata mais maravilhoso do mundo. Pelo chão engatinham os nenéns elfos com as mãos cheias de pequenas peças de plástico de cores vivas. Papai Elfo está refestelado no sofá com a cabeça escondida sob um jornal cor-de-rosa. Acha que a vida diária é sólida.

Éons depois de o sol se transformar numa gigante vermelha, ainda se podem perceber alguns sinais de rádio dispersos na nebulosa. Pôs a camisa, Antonio? Vem já com a mamãe! Faltam só quatro semanas para o Natal.

Na escuridão dos ventres avultados nadam a todo instante vários milhões de casulos de uma flamante consciência do mundo. Desvalidos elfos de açúcar saem por pressão um a um, quando estão maduros e são capazes de respirar. Ainda não podem tomar outro alimento senão um adocicado leite de elfo que sai jorrando de um par de suaves botões de carne de elfo.

O guri de açúcar vestindo um macacão azul está para comê-lo. Mamãe Elfo o vê balançar num pedaço de pau preso a um par de grossas cordas que pendem de um galho da grande pereira. Assim ela pode fazer as contas das centelhas vespertinas do grande fogo milagroso. Controla tudo o que há no pequeno jardim, mas não vê a bengala que inter-relaciona todos os jardins.

A Dama de Copas é sua própria flor. Quando quer decorar o salão ou se encontrar com seu amado, colhe a si mesma. Decerto, toda uma mostra de habilidade, sabe que é uma espécie rara. As tulipas estão loucas de vontade de fazer a mesma coisa. As margaridas olham com inveja para ela. Os lírios fazem profundas reverências.

Ao morrer, como quando a cena está fixada no rolo do filme e os cenários foram derrubados e queimados, somos fantasmas na lembrança que nossos descendentes guardam de nós. Então somos fantasmas, querido, somos mito. Mas ainda estamos juntos, ainda somos um passado comum, um passado distante, é o que somos. Debaixo de um relógio de passado mítico ainda ouço a sua voz.

♠ 1

O Curinga ronda intranquilo entre os elfos de açúcar como um espião num conto de fadas. Faz suas reflexões, mas não tem nenhuma autoridade a quem informar. Só o Curinga é que vê. Só o Curinga vê o que é.

Que pensam os elfos no momento de serem paridos e chegarem completos e desenvolvidos a um dia flamejante? Que dizem as estatísticas sobre isso? É o Curinga que pergunta. Ele mesmo tem um sobressalto cada vez que ocorre o pequeno milagre, descobre-se como que num jogo de magia produzido por ele mesmo. Dessa forma comemora a manhã da criação. Dessa maneira saúda a criação da manhã.

O Curinga acorda de sonhos desconexos para uma realidade de carne e osso. Apressa-se a colher os frutos da noite, antes que o dia os amadureça demais. É agora ou nunca. É agora, e nunca mais. O Curinga compreende que não pode sair duas vezes da mesma cama.

O Curinga é um boneco mecânico que se quebra em pedaços todas as noites. Quando acorda, recolhe braços e pernas, e os compõe de novo para que o boneco volte a ser como no dia anterior. Quantos braços havia? Quantas pernas? E, depois, uma cabeça com um par de olhos antes de poder se levantar.

O Curinga acorda numa almofada dentro de um disco rígido orgânico. Nota como tenta chegar à praia de um novo dia a partir da cálida corrente de miragens mal digeridas. Qual é a energia nuclear que acende os corações dos elfos? Quais são as turbinas que propulsam os fogos artificiais da consciência? Qual é a força atômica que une as células cerebrais da alma?

Nota como voa no vazio. Não pode continuar assim. Não terá merecido se aproximar mais um passo? O Curinga faz alguns movimentos obstinados diante do espelho do armário, tenta roubar do duplo da alma um piscar de olhos cheio de compreensão. Mas tudo é como antes. Aperta os dentes, belisca-se o milagre.

♠ 7

De repente está sentado na cadeira de montar numa fila de alfa a ômega condenada à morte. Não se lembra de ter montado a cavalo, mas nota como os potros da vida galopam debaixo dele e é levantado por forças míticas para uma repentina parada.

O Curinga é tão rico em passado que num instante embriagador se sente infinitamente robusto. Quantas gerações pode calcular desde a primeira divisão celular? Quantos partos pode incluir desde o primeiro mamífero? É o momento dos grandes números. Acaso já não havia iniciado essa reflexão matutina quando o primeiro peixe irrompeu na quietude da água? De repente o pequeno bufão se sente incuravelmente enjoado. Rico em passado, sim, ele é. Mas não tem futuro. Rico em história ele é. Mas não é nada depois.

O Curinga é um anjo em apuros. Por causa de um mal-entendido fatal, vestiu-se de carne e osso. Só queria compartilhar as condições dos primatas durante alguns segundos cósmicos, e teve o azar de puxar a escada celestial e descê-la com ele. Se ninguém o recolher já, o relógio biológico andarà cada vez mais depressa, e ficará tarde demais para regressar ao reino dos céus.

A porta do conto está aberta de par em par. Está claro que alguém deveria informar sobre isso, mas não há nenhuma autoridade a quem comunicá-lo. O Curinga é arrastado inexoravelmente para a fria corrente do que não existe fora. Enxuga uma lágrima, não, está chorando de verdade. É assim que o frágil bufão diz seu triste adeus. Sabe que não pode regatear. Sabe que o mundo nunca voltará.

O Curinga só está presente em parte no mundo dos elfos. Sabe que vai embora, e por isso acertou suas contas. Sabe que vai desaparecer do todo, e por isso já está meio desaparecido. Vem de tudo o que há e não vai para lugar nenhum. Quando chegar ao destino, não poderá nem sonhar em voltar. Irá para o país onde nem sequer se dorme.

Quanto mais o Curinga se aproxima da extinção eterna, maior é a clareza com que vê o animal que o cumprimenta no espelho ao enfrentar um novo dia. Não acha consolo no olhar aflito de um primata de luto. Vê um peixe enfeitiçado, um sapo metamorfoseado, uma lagartixa deforme. É o fim do mundo, pensa. Aqui acaba abruptamente a longa viagem da evolução.

Precisa-se de bilhões de anos para criar um ser humano. E ele só precisa de alguns segundos para morrer.

SOBRE O AUTOR

JOSTEIN GAARDER nasceu em 1952, na Noruega. Estudou filosofia, teologia e literatura, e foi professor no ensino médio durante dez anos. Estreou como escritor em 1986, tornando-se logo um dos autores de maior destaque em seu país, e a partir de 1991 ganhou projeção internacional com *O mundo de Sofia*, já traduzido para 42 línguas. Pela Companhia das Letras publicou ainda *Através do espelho*, *A biblioteca mágica de Bibbi Bokken*, *O castelo do príncipe sapo*, *O dia do Curinga*, *Ei! Tem alguém aí?*, *A garota das laranjas*, *Mistério de Natal*, *O pássaro raro*, *O vendedor de histórias*, *Vita brevis* e *O castelo nos Pirineus*. Mora em Oslo, com a mulher e dois filhos.